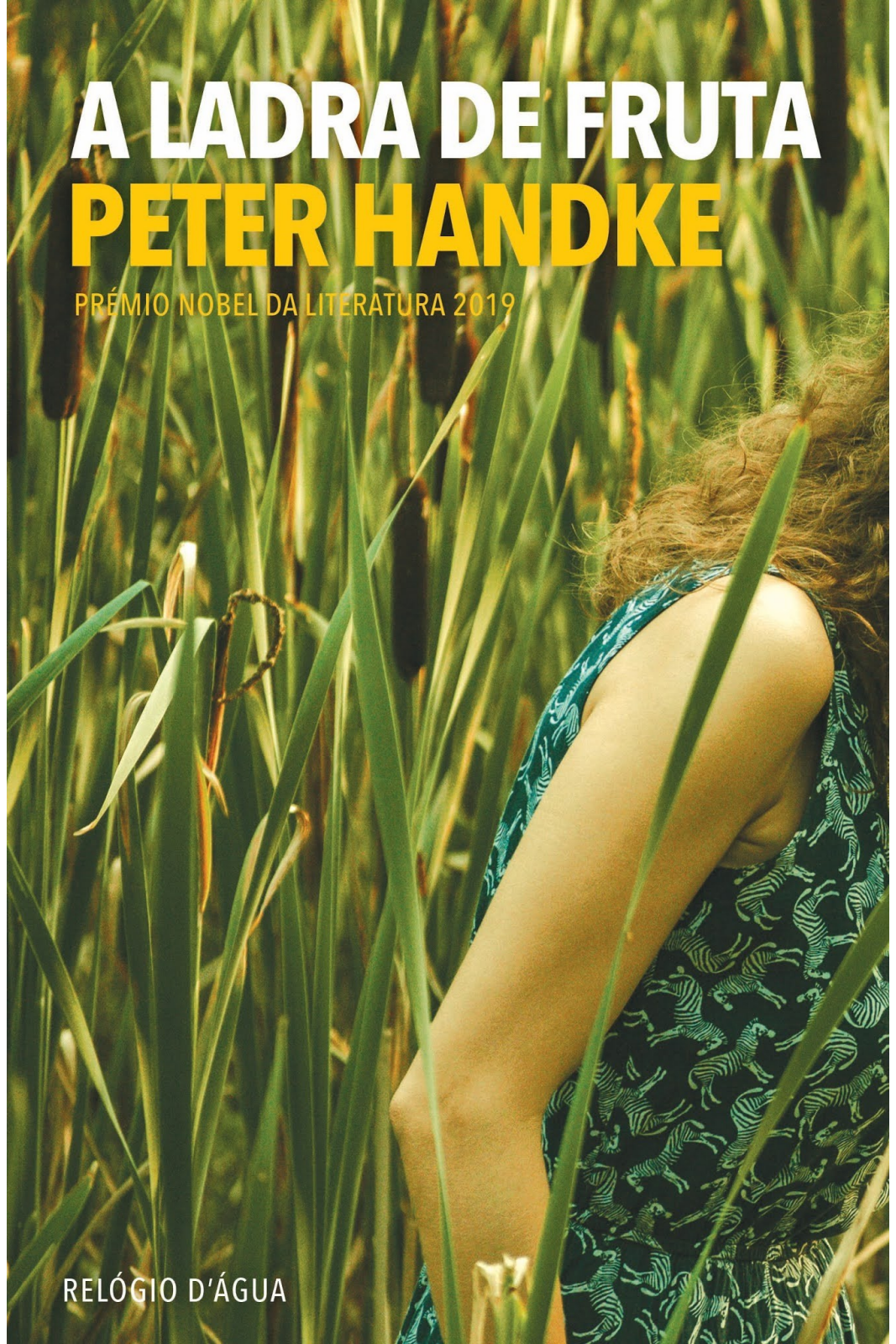




A LADRA DE FRUTA

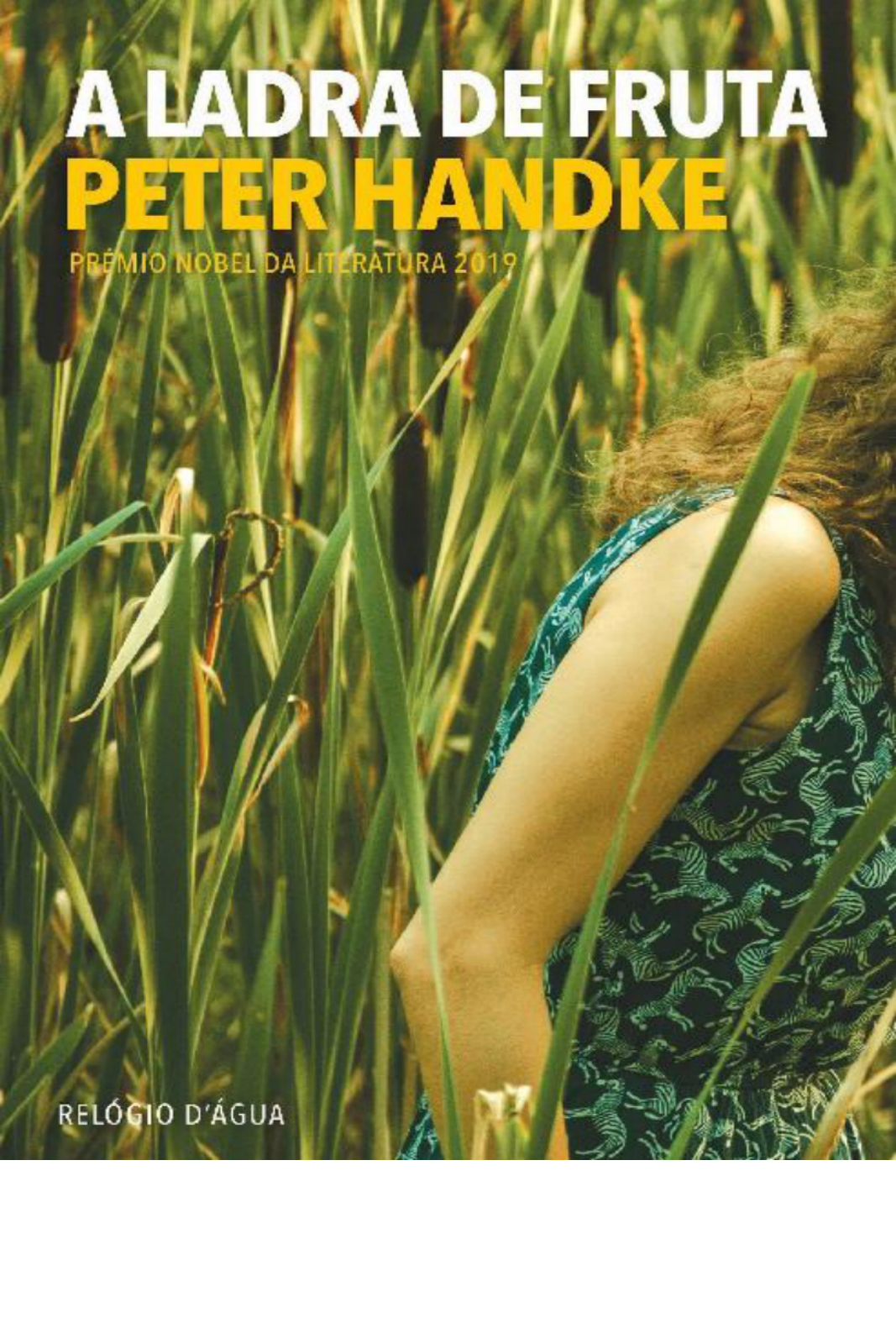
PETER HANDKE

PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA 2019

RELÓGIO D'ÁGUA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A LADRA DE FRUTA

PETER HANDKE

PRÊMIO NOBEL DA LITERATURA 2019

RELÓGIO D'ÁGUA

A Ladra de Fruta

Ou Viagem de Ida ao Interior do País

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

© Suhrkamp Verlag Berlin 2017
Todos os direitos reservados e controlados pela Suhrkamp Verlag Berlin

Título: A Ladra de Fruta — Ou Viagem de Ida ao Interior do País
Título original: *Die Obsdiebin. Oder Einfache Fahrt ins Landesinnere* (2017)

Autor: Peter Handke
Tradução (do alemão) e notas: Helena Topa
Revisão de texto: Ana Cristina Câmara
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, julho de 2020

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Esta edição teve o apoio da Chancelaria Federal da Áustria.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-783-062-4

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Europress, Lda.
Depósito Legal n.º 472311/20

Peter Handke

A Ladra de Fruta

Ou Viagem de Ida ao Interior do País

Tradução de
Helena Tropa

Ficções

VIAGEM DE IDA AO INTERIOR DO PAÍS

A Gare Saint-Lazare — Os dois *clochards* nas margens da via-férrea da Picardia — Os passageiros chineses da excursão fluvial — O campanário de Courdimanche — O faisão entre as árvores da várzea — O gato na selva da várzea — O casal do «Café de l'Univers» — Os peregrinos silenciosos — A professora da escola da aldeia — O dono do albergue — O planalto do Vexin — A carteira — O desenhador da periferia da cidade — Um jogo de futebol — A colónia de barracões dos trabalhadores — Um discurso solene

Man gesach den liechten
summer
in sô maniger varwe nie

(Nunca se vira o verão
luminoso
em cores tão variadas)
Wolfram von Eschenbach,
Willehalm

E se alguém te obrigar
a acompanhá-lo durante uma
milha,
caminha com ele duas.
Mateus, 5,41

Ninguém dava lume no
caminho
nem, no encontro, luz
Fritz Schwegler von Breech

Esta história começou numa daquelas tardes do meio do verão, quando, ao andarmos descalços na erva pela primeira vez no ano, somos picados por uma abelha. Pelo menos, é o que me tem acontecido desde sempre. E sei, entretanto, que estes dias da primeira picada de abelha, muitas vezes a única do ano, coincidem por norma com a altura em que abrem as flores brancas dos trevos, dos que nascem rentes à terra, onde as abelhas dão voltas e brincam, meio escondidas.

Era um dia soalheiro, também isso como sempre, pelo menos ao final da manhã, mas ainda não um dia muito quente, do princípio de agosto, com um azular constante, alto e cada vez mais alto no céu. Mal se via uma nuvem, e, quando aparecia uma, logo se dissipava. Corria uma brisa leve que dava asas, um vento oeste como quase sempre no verão, na imaginação vinha desde o Atlântico, refrescando a baía de ninguém. Não havia orvalho que precisasse de secar. Como já há mais de uma semana, ao passear pelo jardim de manhã cedo, não havia sequer um vestígio de humidade nas solas nuas dos pés, muito menos entre os dedos.

Dizem que as abelhas, quando, ao contrário das vespas, perdem o ferrão ao picar, têm de morrer da picada. Em todos os anos anteriores, sempre que fui picado — quase sempre num pé descalço —, não raras vezes me apercebi disso, pelo menos a ver pelo ferrão com três arpões que parecia arrancado bem do interior do corpo da abelha, tão minúsculo como tremendo, em que se enrolava algo de penugento, gelatinoso, vindo do interior do animal, começando depois perante os meus olhos um encolher, tremer, um agitar-se, o paralisar das asas do inseto.

Mas naquele dia da picadela, quando a história da ladra de fruta começou a ganhar forma, a abelha que me picou, descalço, não sucumbiu à picada. Apesar de ser uma abelha pequena como uma ervilha, peluda, lanuda, com as cores e riscas bem conhecidas das abelhas, não perdeu o ferrão ao picar e fugiu a zumbir depois da picadela, uma picada de abelha como poucas — tão repentina como intensa —, num impulso rápido, não só como se nada fosse mas, além disso, como se, graças àquele ato, tivesse ainda conquistado novas forças.

A mim o ser picado pareceu-me bem, e não só porque a abelha tinha sobrevivido. Havia ainda outras razões. Em primeiro lugar porque, segundo se dizia, as picadelas de abelha eram, ao contrário das das vespas ou dos vespões, boas para a saúde, supostamente, eram boas para o reumatismo, para fortalecer a circulação e para uma série de outras coisas, e uma picada destas, agora — mais uma das minhas imaginações —, era capaz de dar nova vitalidade, pelo menos durante algum tempo, aos meus dedos dos pés, que de ano para ano tinham pior circulação, menos sensibilidade, estavam até

entorpecidos; uma imaginação ou fantasia semelhante fazia também com que arrancasse, quer no jardim da baía de ninguém quer nos terraços da quinta, lá longe, na Picardia, as urtigas com as mãos nuas, aos molhos, aqui do solo limoso, lá do solo calcário.

A picada era bem-vinda por outra razão. Percebi-a como um sinal. Um bom ou um mau sinal? Nem bom nem mau, ou sequer maligno — simplesmente um sinal. A picada deu o sinal de partida. Já é tempo de te pores a caminho. Deixa ficar o jardim e o lugar. Vai-te embora. Está na hora de partir, chegou o momento.

Precisaria eu de um sinal destes? Naquele dia, sim, e fosse ele, de novo, só imaginado ou sonhado num dia de verão.

Arrumei dentro de casa e no jardim aquilo que havia para arrumar, também deixei isto e aquilo expressamente no sítio onde estava ou onde estava pousado, passei a ferro as duas ou três camisas velhas a que tinha mais apego — mal tinham secado estendidas na relva —, fiz a mala, meti no bolso as chaves da casa de campo, muito mais pesadas do que as da casa dos arredores da cidade. E, não era a primeira vez que me acontecia pouco antes de uma partida, rompeu-se um atacador ao atar as botas de cano curto, não encontrava de maneira nenhuma as meias que faziam par, passaram-me pelas mãos dezenas de mapas detalhados, com exceção daquele que eu procurava: a diferença foi que desta vez se romperam os dois atacadores — partira-se a unha do polegar durante a tarefa de atar as botas, que levou um quarto de hora —, acabei por enrolar as meias descasadas aos pares — praticamente só meias descasadas —, e de repente pareceu-me bem ir de viagem sem mapas.

De repente também me libertei da falta de tempo em que me tinha enredado, uma falta de tempo infundada que se abatia sobre mim, bastante asfixiante por norma, não só nas horas de partir, e simplesmente mortífera na hora da partida. Nem mais uma hora. Livro da vida? Livro em branco. Acabou-se o sonho. Acabou-se o jogo.

Coisa inesperada agora: a falta de tempo esfumara-se, não tinha objeto. De repente tinha todo o tempo do mundo. Velho como era, tinha mais tempo do que nunca. E o livro da vida: aberto e ao mesmo tempo bem preso; as páginas, sobretudo as que estavam em branco, resplandecendo no vento do mundo, aqui da Terra, do aqui. Sim, eu iria ver finalmente a minha ladra de fruta, não hoje, nem amanhã, mas em breve, muito em breve iria vê-la, como pessoa, inteira e não apenas por partes, aquelas partes fantasmáticas que me apareceram diante dos olhos envelhecidos durante todos os anos anteriores, a maioria da vezes no meio da multidão, e mesmo assim sempre de longe, infundindo-me outra vez novas energias. Uma última vez?

Então, já esqueceste que não fica bem falar de uma «última vez», tal como não fica bem falar de um «último copo»? Ou, quando muito, como aquela criança que, depois a terem deixado fazer a brincadeira «uma última vez» (digamos, num baloiço ou num balancé), pede: «Só mais esta vez!», e depois: «E só mais uma vez, é a última!» Pede? Grita! — Mas não o manifestaste já

várias vezes? — Sim, mas noutro país. Que importa —

Não meti nenhum livro na mala naquele dia de verão, até arrumei de cima da mesa o que tinha estado a ler naquela manhã, a história medieval de uma jovem que, para se desfigurar e assim se livrar dos homens que a perseguiram, decepou as próprias mãos. (Decepar as duas mãos a si própria? Só em histórias medievais é que aconteciam coisas destas?) Deixei também os meus cadernos e livros de notas em casa, fechei-os à chave, foi como se os escondesse de mim próprio, aceitando não voltar a encontrá-los, pelo menos nos tempos mais próximos, e proibindo-me de fazer uso deles.

Antes de me pôr a caminho, sentei-me com o saco aos pés no jardim, bem no meio, na única cadeira, era mais um banco, a certa distância das árvores e sobretudo longe das mesas, da que está debaixo do sabugueiro, da que está debaixo da tília, da que está debaixo das macieiras, a maior, ou pelo menos a mais larga. Na minha imaginação, personificava, assim, ali sentado, imóvel, razoavelmente direito, uma perna cruzada sobre a outra, com o chapéu de palha de viajante enfiado na cabeça, aquele jardineiro de nome «Vallier» (ou lá como se chamava), que Paul Cézanne pintou e desenhou muitas vezes no final da vida, sobretudo em 1906, ano da morte do pintor. Em todos estes retratos, e não só por causa do chapéu que lhe deixa a testa na sombra, «o jardineiro Vaillier» pouco mostra de um rosto, ou então é um rosto, imagino eu, sem olhos, mesmo o nariz e a boca estão como que apagados. Não tenho na ideia outra coisa que não o contorno do rosto daquele que ali está sentado. Mas que contorno. Um perfil graças ao qual a superfície quase vazia envolvida por ele corporiza, exprime e irradia algo que ultrapassa tudo aquilo que uma fisionomia desenhada com toda a fidelidade e detalhe poderia transmitir — ou pelo menos é e transmite uma coisa diferente, uma coisa diferente desde a raiz — é uma forma de desenhar radicalmente diferente. Não seria possível uma tradução do nome do jardineiro, modificado por mim, de «Vallier» para «Vaillant», algo como «sentinela», não, «vigilante», «vigiador» ou, mais brevemente, «vigia», e isso, contando com os órgãos dos sentidos meio desaparecidos, os ouvidos, o nariz, a boca, e sobretudo os olhos, não corresponderia a todos os retratos do jardineiro Vaillier?

Assim sentado, vigil, ao mesmo tempo como que dormindo, num outro dormir, chegou-me de repente a voar uma voz ao ouvido, perto de mim — mais perto era impossível. Era a voz da ladra de fruta, uma voz interrogativa, tão suave como determinada — mais suave e mais determinada era impossível. E o que me perguntou ela? Se bem me lembro (a nossa história já se passou há muito tempo), não foi nada de muito especial: foi algo como, por exemplo, «Então, como estás?», «Quando partes?» (ou não, ocorre-me agora a memória). Perguntou-me: «O que tem, senhor? O que é que o está a preocupar tanto? *Qu'est-ce qu'il vous manque, monsieur? C'est quoi, souci?*» E foi, na história, a única vez que a ladra de fruta se dirigiu a mim pessoalmente. (Aliás, como me poderia ocorrer pensar que ela me teria tratado por tu desta primeira e única vez?) O que aquele instante teve de especial foi apenas a voz

dela, uma voz que se tomou rara hoje em dia, ou que sempre foi uma raridade, uma voz plena de zelo, sem ter um tom excessivo de preocupação, e sobretudo uma voz, *a* voz, voz da paciência, da paciência como atributo e, ainda mais, como atividade, como um permanente estar ativo, no sentido de «ter paciência», mas também de «levar com paciência»: «Eu tenho paciência e levo-te com paciência, levo-o, levo-a — eu levo com paciência seja quem for ou seja o que for, sem distinção, e, além disso, sem cessar.» Nunca na vida uma voz assim teria uma modulação diferente, e muito menos se converteria noutra, assustadoramente diferente — como me parece ser o caso na maioria das vozes humanas (incluindo a minha própria voz), e de forma mais acentuada ainda nas vozes de mulher. Porém, aquela voz corria sempre o risco de emudecer, possivelmente — Deus não permita!, acudam à minha ladra de fruta, forças poderosas! — para sempre. Com aquela voz ainda no ouvido ao fim de muitos anos, penso que combinava bem com ela uma coisa que um ator respondeu quando lhe perguntaram, numa entrevista, de que maneira a sua voz o ajudava a fazer o papel em cada um dos filmes: sentia, não só com ele, quando uma cena, ou até a história toda, «tinha o tom certo», e acontecia-lhe avaliar a autenticidade de uma cena, do próprio filme, não por aquilo que via, mas por aquilo que ouvia. E o ator acrescentou, ao dizer isto, rindo, uma coisa que fez com que me sentisse no lugar dele por um momento: «Além disso, tenho o ouvido muito apurado, saio à minha mãe.»

Era o pino do meio-dia, o meio-dia que talvez só haja na primeira semana de agosto. Todos os vizinhos em volta pareciam ter desaparecido, e não só desde ontem. Era como se se tivessem mudado, não só para passar o verão nas segundas residências ou chalés, na província francesa ou noutros lugares. Imaginei que se teriam mudado de vez, para mais longe do que longe, muito longe de França, que teriam regressado à pátria dos antepassados, à Grécia, ao Portugal transmontano, à pampa argentina, ao Mar do Japão, à meseta espanhola e, sobretudo, às estepes russas. As suas casas e cabanas na baía de ninguém estavam todas vazias e, ao contrário dos verões anteriores, nos dias e noites antes da minha partida, não ouvi em lado nenhum um alarme a soar, nem mesmo os dos poucos carros estacionados há muito tempo, sem motor, abandonados.

Durante toda a manhã, tal como nas manhãs anteriores, instalara-se um silêncio que, com o passar das horas, ainda se espalhava mais, para lá das fronteiras ou limites da zona da baía; o grasnar episódico dos corvos, por norma em compasso ternário, em vez de interrompê-lo, provavelmente ampliava-o ainda mais. Mas agora, ao meio-dia, rodeado por um sopro sem vento, inaudível e também invisível na folhagem de verão — assemelhava-se mais a uma corrente de ar sem corrente própria, um fluxo de ar adicional, uma torrente que exteriormente não se sentia na pele, nem nos braços, nem nas têmporas; não havia uma única folha que mexesse, nem a mais leve, a da tília; o silêncio espalhado pousou sobre o lugar e pousou com um repente tal, com um impulso tão suave como poderoso, sobre a paisagem terrestre e,

acontecimento único que durava só uns momentos em todo o verão: a paisagem, já antes envolvida no silêncio, pousou ou afundou-se com a ajuda de uma entrada de silêncio descido de súbito das alturas do céu, e continuou, porém, a ser a mesma superfície terrestre conhecida, corcovada, arqueada, que sustenta. Foi para lá do audível, do visível, do palpável, que aconteceu. E, no entanto, foi manifesto.

Afundar-me na terra foi desde sempre um dos meus sonhos acordados. E até agora tinha-se concretizado de cada vez, durante um momento, um único momento de verão, pelo menos durante os mais de vinte e cinco anos de existência que passara naquele mesmo lugar.

E também naquele dia, na hora anterior à partida para o departamento do Oise, além do momento único e longamente esperado no meio do silêncio geral, pousara outro ainda, adicional. Acontecera como sempre. E, no entanto, algumas coisas não foram como sempre, de forma alguma.

Como sempre, quando dirigi o olhar para o alto, vi, no céu por cima de mim, com asas abertas, estendidas em forma de foice, as curvas ascendentes da águia, que até agora continuava a ser, de cada vez, a imagem viva e fiável do momento único, fazendo curvas em silêncio no momento que se seguiu. Na minha imaginação, era a mesma ave de rapina que, ano após ano, se elevava no espaço partilhado com falcões, milhafres, também com abutres e mochos, a oeste, na floresta de Rambouillet, e que estava, agora mesmo, no corredor aéreo em direção a leste, às cercanias de Paris, regressando em espirais sobre a baía do silêncio. Como sempre, vi naquela ave, por assim dizer desenhando os seus círculos propositadamente pensados para aquele lugar, uma águia, embora talvez fosse apenas — porquê «apenas»? — um milhafre ou um milano — como sempre, era eu que decidia: águia. «Olá, águia! Então? Como estás? *Qu'est-ce que tu deviens?*»

O que não era como sempre era o facto de a águia estar a voar tão baixo. Nunca a vira a voar tão perto das copas das árvores e dos telhados das casas. Durante todos estes anos, até as andorinhas, que voam lá no alto azul, navegavam umas unidades espaciais abaixo da águia. Desta vez, contudo, as andorinhas traçavam as suas pistas acima dela e eu vi-as — também isto não era como sempre — a traçar menos as suas pistas, menos lá no alto azul do que habitualmente, pouco acima da águia; disparavam para lá e para cá, cruzando o céu em todas as direções, num voo sacudido.

É verdade que o terreno em volta se afundou como nunca antes nos muitos anos desde que aqui estou. Mas, desta vez, o solo e o subsolo não ficaram firmes e arqueados. Por momentos, naquele pedaço de terra, em vez da bela concavidade ou depressão de sempre — e do meu afundamento nela —, presenciei um engolfamento, um encovamento que não me ameaçava só a mim.

Naquele dia, o silêncio sonhado caiu de facto sobre mim, embora só por um segundo, como a onda de pressão de uma catástrofe de dimensão mundial. E por um instante percebi também claramente as causas, não eram imaginadas

— eram tangíveis, sólidas, irrefutáveis: aquele afundamento do território em volta, o silêncio agora, que, em vez de me pôr em marcha, era uma ameaça e um lamento, era um silêncio ameaçador, ao mesmo tempo um silêncio de terror e um silêncio de morte: terrivelmente silencioso e terrivelmente inerte.

Este silêncio exprimia aquilo que a história dos últimos meses e anos havia agudizado de forma mortífera, agora, na segunda década do, digamos, terceiro milénio, aquilo que fizera aos seres humanos, não só em França, embora ali de forma concentrada; mas isso não era, naquele preciso instante, nem audível nem visível, nem palpável. Em compensação era evidente — evidente de outra forma. Parecia-me que todas as borboletas brancas, que zigzagueavam pelo jardim silencioso, cada uma por sua conta, iam despenhar-se em simultâneo. E depois: atrás do arbusto de ligustro, no jardim vizinho, um grito que me atingiu como um grito de morte.

Mas não: fora com a morte! Nada de mortes aqui: o grito viera da jovem vizinha que, sentada a bordar numa cadeira de vime, em silêncio total, picara o dedo com a agulha. Umas semanas atrás — o ligustro ainda estava a florir e tinha um cheirinho como só os ligustros — eu vira-a por entre a folhagem assim sentada — era mais um palpite do que uma visão de contornos claros — com um vestido claro, pelos tornozelos, esticado na barriga redonda de mulher nos últimos tempos de gravidez. Desde então não houve mais sinais dela, até este grito, agora mesmo, seguido de uma risada, como se a jovem se estivesse a rir de si própria por causa daquela dor insignificante.

E agora seguia-se ao grito um palpar, era mais um vagido, como só pode ser o vagido de um recém-nascido, que o grito de dor da mãe fez despertar do seu sono de bebé. Boa notícia! O vagido agradava-me. Infelizmente, foi de curta duração. A jovem mãe deu-lhe o peito ou outra coisa qualquer. Silêncio atrás do arbusto. Gostaria de ter ficado muito tempo à escuta daquele choramingar, por muito ténue que fosse, como que saído de uma gruta. Vamos lá, mais uma picadela no dedo, *jeune brodeuse*, amanhã à mesma hora! — Só que eu já estaria noutro lugar, bem longe.

Nada foi como sempre naquele dia de verão? Disparate: foi como sempre. Tudo? Tudo. Tudo foi como sempre. Quem disse isso? Eu. Fui eu que decidi. Fui eu que assim determinei. Declarei: foi como sempre. Ponto de exclamação? Ponto. Quando espirei depois pelo arbusto, o meu olhar deparou com um único olho grande, o do bebé, que, sem pestanejar, devolveu o olhar e eu tentei fazer como ele.

Do mesmo modo que, num dia assim, levei a primeira picada de abelha do ano; também assim, de forma similar, *simili modo*, em vez das grandes borboletas esbranquiçadas que despencam lá de cima do espaço aéreo, apareceu, certo como sempre, o casalinho de borboletas, a que dei o nome «as borboletas dos Balcãs». Estas duas receberam este nome porque me foi dado ver pela primeira vez a singularidade do fenómeno do voo em dueto — ao tempo que isso foi —, nos campos dos Balcãs. Mas talvez também tenha sido a insignificância dos pequenos insetos, quando se abanavam ou ficavam

apenas quietos na erva revolvida — mal se viam —, que tenha contribuído para eu ter fixado o nome assim.

Sim, agora um destes casalinhos de borboletas dos Balcãs dançava, uma em volta da outra, pela primeira vez este ano, como sempre. E, como sempre, davam a ver, na sua dança, aquela particularidade que, pelo menos eu, nunca observara noutro par de borboletas. Era uma dança, para cima e para baixo, para um lado e para o outro, mantinham-se algum tempo mais ou menos no mesmo lugar (depois continuavam a dançar da mesma maneira noutro lugar), até formarem, unindo-se num movimento giratório, uma figura triforme. Por muito que os nossos olhos se esforçassem por conseguir distinguir naquela tríade o que já sabíamos de antemão serem apenas duas — eram de facto duas a dançar uma em volta da outra: impossível —, continuavam a ser três, inseparáveis. E também não mudava nada se eu, como agora, me levantasse do banco para, de igual para igual, poder olhá-las ao nível dos meus olhos e tentar descobrir o segredo do fenómeno: mesmo à minha frente, a um escasso palmo dos meus olhos, as duas brincavam uma à volta da outra, embrenhando-se uma na outra, de tal maneira que não era possível destrinchá-las, eram três, talvez fosse possível momentaneamente separá-las com um gesto da mão, fazendo delas claramente duas, ou até separá-las, individualizá-las, mas um instante depois já estavam outra vez a adejar pelos ares a três.

Mas porquê separá-las, porquê querer vê-las como eram na realidade, como duas simplesmente? Oh, tempo. Tempo com fartura.

Sentei-me e continuei a olhar o par de borboletas. Ah, como se iluminavam as duas ao tornarem-se três na dança. *Dobar dan, balkanci*. Eh, vocês! O que vai ser de vocês? *Srecan put*. — E apercebi-me depois, pela primeira vez, de como o par era parecido, nas mudanças rapidíssimas de lugar ao dançar, como aquele jogo dos chapeuzinhos, muito apreciado nos passeios das cidades dos Balcãs. Engano? Ilusão? — Volto a dizer: e se for. *Sve dobro*. Felicidades.

Bem, vamos embora! Antes ainda a habitual ronda de despedida pela casa, pelo jardim, às vezes andando mesmo às arrecuas. Habitual? Desta vez a minha ronda não tinha nada de habitual. Ou: eu rondei a casa, como já fizera tantas vezes, quando pensava ausentar-me durante algum tempo. Mas a minha sensação agora era diferente, como nunca se instalara em mim: uma dor da despedida, embora, uma vez mais, tivesse acontecido muitas vezes, mas agudizada por um *para sempre*.

Não há uma árvore, pelo menos de fruto, que não tenha sido plantada pelas minhas próprias mãos. (Um bocado desajeitadamente — e, aliás, «desajeitado!» sempre foi a palavra que mais vezes me ocorreu para falar de mim desde que me lembro, e não se applicava só às minhas tentativas em termos de manualidades.) Na nogueira, que crescera enviesada, contei, como habitualmente, as poucas nozes, na esperança, impossível de erradicar, de que, além das quatro que conseguia divisar por entre a folhagem, finalmente aparecesse mais uma, a quinta noz até hoje escondida. Nada. Até a quarta foi impossível de encontrar. Pelo menos a pereirinha, também graças a umas

escassas folhas, precoces e enroladas, exibia todas as suas seis peras de origem — pareciam até ter-se desenvolvido e aumentado de volume da noite para o dia, tomando-se semelhantes às formas das peras que se vendem no mercado, ao passo que o marmeleiro, pelo contrário, *le cognassier, dunja*, no ano anterior ainda a árvore de fruto recordista, estava vazia, com as suas folhas oxidadas. Nada que a ladra de fruta pudesse roubar ali, embora eu tivesse voltado, como quase todas as manhãs depois da queda tão brancamente branca das flores, e me tivesse posto diante do marmeleiro com uma intenção um pouco diferente da mera esperança de descobrir ainda, naquele instante, escondido na mais profunda folhagem, um marmelo, mesmo que fosse um único daqueles marmelos tão diferentes na sua forma de pera, tão diferentes no seu amarelo, o absolutamente único e solitário *dunja*.

No dia em questão aconteceu que o propósito «agora vou descobri-lo, aquele fruto único, despercebido até agora na árvore aparentemente sem frutos!» conheceu uma intensificação. Ao andar à volta do marmeleiro, passo a passo, parando, levantando a cabeça, espreitando, andando para trás e para diante, e assim sucessivamente, a minha intenção de ver um fruto cresceu até se transformar numa vontade feroz de penetrar com os meus próprios olhos o vazio acima de mim para ver o fruto que faltava, unicamente com o poder do meu olhar, lá em cima, descortinando-o no meio de todas as folhas lanceoladas, num espaço, por muito exíguo que fosse, «o tal» que sairia à luz do dia, fazendo com que agora, agora mesmo, se arqueasse e ganhasse forma redonda. E, por uma fração de segundo, parecia estar a conseguir o milagre: ali estava ele, o fruto, tão pesado quanto cheiroso. Depois, na verdade... Mas ainda assim — disse para mim — ao olhar para cima, uma vez e outra vez, fortaleci o pescoço, o que ainda me vai ser útil para o que vem a seguir. E, além disso: chega de contar. «O Contador», «Aquele que conta», um dos noventa e nove epítetos do vosso Deus? Eliminar o «Contador», tal como todos os noventa e nove nomes, sobretudo o «Misericordioso» e o alegadamente mais abrangente «Todo-Misericordioso». Fora com o «Todo-Poderoso»! Ou então deixar a Deus um nome afinal: «o Narrador». E talvez ainda este: «a Testemunha», «Aquele que presta testemunho». E talvez ainda aquele outro que, na vossa série de noventa e nove, ocupa o nonagésimo nono lugar: «o Impassível». Portanto, apesar dos números? Não: um nome, e mais outro, e mais outro ainda. As maçãs de uma das árvores e das outras árvores do jardim do Éden não eram inúmeras — incontáveis?

Ao sair, a caminho do portão do jardim, fiz meia-volta e descí à cave. Fiquei lá um momento em frente às sacas de batatas, serrotes de cortar árvores, pás, ancinhos — na memória os seixos faiscantes de outros tempos —, diante da estrutura dos matraquilhos, que se tornara periclitante, da cama de criança sem colchão, do caixote com os papéis e as fotografias dos antepassados, e já não me lembrava do que me tinha levado a ir à cave. Uma coisa era certa: tinha querido ir lá fazer alguma coisa, arranjar, buscar, tratar de alguma coisa, uma coisa de que necessitava, ou que era mesmo necessária,

e com urgência. Não era a primeira vez que me encontrava assim diante de algo, fosse em cozinhas, corredores, casas inteiras, perguntando-me que raio procurava eu ou o que tinha de fazer naquele espaço. E lá estava eu, pela enésima vez, ali no vazio, e a coisa, a ação necessária, aquilo que tinha de fazer, não queria de maneira nenhuma vir-me à ideia. Por outro lado: era forçoso, havia qualquer coisa a ser feita. Ali, na cave, tinha qualquer coisa a fazer — mas o quê ao certo e como? E, em simultâneo, antes de tudo ocorria-me que, com a minha partida dos arredores de Paris para a Picardia, para uma região única do interior, acontecia algo semelhante: havia uma certa coisa a fazer, a tratar, a ir buscar, a providenciar. A caminho do portão do jardim ainda sabia o que era. Só que, naquele mesmo instante, escapara-me. E ao mesmo tempo havia uma coisa que dependia disso — se não tudo, pelo menos alguma coisa. Aquilo que ainda agora fora definido tornara-se de repente indefinido — o que não queria dizer, no entanto, que se tornasse menos premente. Tornava-se tanto mais premente. E, sobretudo, inquietava, tal como o estar ali na cave, de pé, me inquietava. Bem-vinda, coisa indefinida!? Bem-vinda, inquietação!?

Um último olhar, por cima do ombro, para o portão já aberto de par em par, para a casa, a minha. Minha? Fui tomado por um asco, juntamente com fadiga, em relação a todo o tipo de propriedade. Propriedade era uma coisa fundamentalmente diferente de mim próprio. Ou, dito de outro modo: o que me era próprio não tinha nada que ver com a coisa — pensei eu ali — que me pertencia, a que eu tivesse pretensão de pertença. O que me era próprio não era meu nem eu podia apostar ou confiar nisso. E, apesar disso, embora de maneira diferente da pertença, em cada caso, havia de poder adquirido e também fruí-lo, desfrutá-lo, rodeá-lo.

De modo semelhante, cada um dos meus olhares sobre aquilo a que se chama vulgarmente «obra», pelo menos a chamada «própria», sempre me tinha causado repugnância. Até mesmo palavras como «quarto de trabalho» ou «escritório» me provocavam repulsa. Ao longo das décadas fizera as «minhas» coisas em todos os compartimentos da casa, na cozinha, também lá fora, no jardim. Mas evitava deixar escapar mesmo o olhar mais fugidio que fosse para um lugar que corresse o risco de fazer saltar à vista um vestígio, ou, salvo seja, o resultado do meu-ter-estado-ativo. Apesar disso, acontecia-me de vez em quando, involuntariamente e apesar da minha consciência, ser atraído para uma «obra em processo» e eu captá-la, brevemente!, com o olhar, sopesá-la na mão e outras coisas mais. Isso ainda era suportável, era uma coisa que acontecia sem consequências, e farejar a coisa até podia alegrar-me, se não mesmo comover-me, entusiasmar-me e animar-me. Porém, bastava mergulhar e afundar-me literalmente no que tinha feito, para perder a seguir, e não só por momentos, o seu valor e, sobretudo, o seu perfume. A coisa feita perde o aroma e eu enfraquecia na sua voragem poeirenta e seca, enfraquecia como não é possível enfraquecer mais. Por isso, tomou-se hábito tornear estes lugares de trabalho dos primeiros tempos, dentro de casa e no jardim —

mesmo aqueles que ficavam nos bosques junto ao «Regato sem nome», na «Nova clareira», no «Caminho da ausência» — ou passar-lhes ao lado, furtivamente, como quem passa por lugares de possíveis vícios. Só quando sabia que esses espaços ou lugares estavam vazios, sem vestígios e resultados do meu fazer passado, passar por eles deixava de ser um passar furtivo. Pelo contrário, olhando para eles, o meu passo tornava-se mais lento. É verdade que era dominado pela fraqueza. Mas, este enfraquecer, eu não o vivia como um enfraquecer mau, depauperante. Chegava-me como uma forma de ânsia e era a derradeira de todas as ânsias que surgem ao envelhecer, tão diferentes e conflitantes entre si, eu sentia isso, uma ânsia permanente que me ficara e que estava associada — e às vezes também vinculada — ao medo. Ânsia e opressão.

Que alívio era, em contrapartida, em vez de «obra» e «propriedade», a chamada «obra da natureza». No último quarto de século, tinham escavado, levantado, aplanado, nivelado os solos e os terrenos por todo o lado aqui em volta. Só eu, pelo menos assim me dizia de novo a minha imaginação, tinha deixado o solo, o terreno do jardim, em paz, graças à minha preguiça ou graças a qualquer outra coisa. E eis que, nestas poucas décadas, a propriedade que, no momento da minha apropriação, era um terreno relvado completamente liso e plano, tinha sido modelada e transformada, graças à força da água e do clima (mais uma vez «graças»), num terreno radical e uniformemente corcovado, um terreno com altos e baixos na mesma proporção a estender-se, em todos os horizontes (os dos arbustos dos vizinhos), literalmente em vales miniaturais e colinas sucessivas, num padrão encantador, que alegrava o coração: era um Mundo Corcovado¹, como se tivesse sido alongado, na voz passiva, e, ao mesmo tempo, como se se estirasse ativamente. De ano para ano, aquele terreno tinha-se ondulado, para cima e para baixo, em ondas cada vez mais pronunciadas, num ritmo não só visível, mas que se imprimia também, ao andar, vaguear, passear, nas solas dos pés, nos joelhos, subindo mesmo aos ombros. E veja-se: a Natureza, a Grande, tinha ritmado de novo o que estava aplanado, agora o terreno irradiava ritmos e eu imaginava que a ladra de fruta, a caminho por montes e vales, se detinha neste instante numa das cumeadas e protegia os olhos com a mão em pala diante de um panorama vasto, ou então deitava-se na erva e deixava-se rebolar, como nós em crianças, pelo monte abaixo. Sim, aquilo era-me próprio. E no mais profundo do meu íntimo estremecia ao mesmo tempo, em silêncio, e desaparecia logo a seguir, a imagem de uma certa aldeia do Karst; era apenas a parede de uma casa, que, desde que por lá passei em tempos — só agora me dava conta, só agora ganhava vida —, se tornou uma imagem que desde então passou a estar algures dentro de mim, num sítio qualquer, nas células?, em quais?, pronta para esvoaçar, para vir até mim voando. Estas imagens momentâneas, mudas, vazias de gente, de passado, estão sempre a tremular e a abrir-se em chama, ainda hoje; é inexplicável, misterioso, vêm geralmente de um passado muito remoto, sem relação

nenhuma com acontecimentos do dia, sejam eles quais forem, sem que a memória ou uma recordação intencional possam convocá-las; esvoaçam e tremeluzem, cintilam e voltam a desaparecer logo depois, impossíveis de medir por qualquer unidade de tempo, ausentando-se semanas a fio, atravessando-me depois durante um único dia como uma turba de imagens reluzentes, livres de todo o significado ou de quaisquer significações, e apesar disso vivo-as e saúdo-as sempre, sobretudo quando reaparecem depois de longa ausência e em dias de angústia, mesmo que não abram em chama e se ponham só a tremeluzir, a fumar, a dar uma luz mortiça, dizendo: «Ainda nem tudo está perdido!»

Separei três cartas da caixa do correio no portão e enfiei-as provisoriamente, sem abrir, no bolso, para ler depois no caminho. Via-se logo que, quase sempre como acontece no pico do verão, eram cartas dignas desse nome, em que o destinatário não estava impresso, mas sim autenticamente escrito à mão (sem ser uma imitação feita pela máquina). As duas primeiras semanas de agosto eram o período em que podíamos contar por uma vez sermos poupados pelo Estado — apesar de não nos podermos fiar em absoluto. Mas aquelas eram claramente cartas de verão como constava do manual, e se ainda não constavam lá, passam a constar aqui e agora. Desde logo, os envelopes não eram os habituais, o papel, forrado, tinha um toque diferente, crepitava, cheirava a qualquer coisa, tinha relevo, o que prometia. Duas, três das caligrafias nos envelopes eram reconhecíveis como as de amigos e, mesmo assim, pareciam diferentes das caligrafias dos outros meses, eram maiores, com espaços mais afastados. Seja como for: ainda existiam, este amigo e aquele. A terceira carta, sem remetente, tendo por destinatário apenas «Baía de Ninguém», exibia uma caligrafia desconhecida, na minha ideia era uma caligrafia não propriamente de verão. Mas também o seu crepitar era muito promissor, era uma carta mais pesada do que as outras duas. Iria abri-la em último lugar. E ao mesmo tempo quase fiquei com consciência pesada, e não era a primeira vez; já há anos que a carteira, que entretanto ficara com muitos cabelos brancos e seria avó em breve, tinha de fazer um desvio no seu percurso de bicicleta, vinda da estrada departamental, para passar no portão no final da alameda, um dos poucos lugares, pensei eu, em que ainda tinha de entregar o correio habitual, pelo menos de vez em quando.

Já não havia carros a passar pela departamental (a que eu costumava chamar «*Carretem*», «*Magistrale*» e «*Tariq Hamm*»), e era como se fosse assim para sempre. Do mesmo modo, também o último cão das redondezas se calara, e não era por causa do calor do meio-dia. Para lá daquele dia, mesmo para lá do mês, os gritos estridentes das andorinhas tinham-se calado, e também a águia desaparecera, até ao próximo verão — se é que regressaria. E, por outro lado — porquê «por outro lado»? —, este silêncio não era mudo. O silêncio que imperava agora, um silêncio em que não se ouvia um som, entendi-o como um estar calado — um silêncio calado. Não era aquele silêncio dos espaços infinitos, que fizera estremecer Blaise Pascal, mas sim

um silêncio que emanava unicamente do espaço aqui e agora, sim, um silêncio calado, geral, que não vinha de modo algum de uma qualquer intemporalidade usurpada, mas sim de um deter-se e interiorizar-se do tempo, que funcionava também segundo a segundo, enquanto matéria, não como fantasia, mas como um outro tempo real dentro do chamado tempo concreto, em momentos de um silêncio do tamanho do horizonte, mas mais perceptível, ou transferível, do que o habitual, um silêncio que era loquaz, brilhava e fazia estremecer no sentido da frase segundo a qual o estremecer «é a parte melhor da humanidade». Sim, de facto: este silêncio agora entre terra e céu era um silêncio fechado, fechava-se e voltava a fechar-se, mas era um fechamento como o de um punho que, quando se abria, tornava claro: o fechar-se fora mera aparência, o momento antes do mais suave desabrochar. Ainda junto ao portão aberto, pensei para mim, seria impossível interiorizar um silêncio daqueles na Picardia, território escassamente povoado, nem por um segundo vacilante, e não só por causa do rugido, nestas semanas, em todos os campos, de dia, mas também de noite, das debulhadoras. E o meu olhar percorreu o jardim até ao esmalte do umbral da porta de casa, que mandara fazer quando me mudei para aqui, a par da inscrição, meia frase, creio que do Livro do Apocalipse segundo São João, em caracteres gregos: *Ho hios menei en ta oikia, eis ton aiona*. O filho fica em casa para sempre. — Ficar? Regressar a casa? Dei um passo em direção ao portão e fechei-o atrás de mim. Depois, ao contrário do habitual, eu que normalmente só o deixava bater, queria fechá-lo à chave, com duas voltas até. Mas à segunda volta, a chave do portão, bastante enferrujada, partiu-se e lembrei-me de um dia de verão, em tempos, quando me confiaram, era eu adolescente, uma chave para ir buscar qualquer coisa a um automóvel e a chave se partiu nas minhas mãos e, quando voltei, envergonhado, de mãos vazias, a minha mãe disse aos outros, ali reunidos, orgulhosa: «Assim se vê a força que ele tem nas mãos, o meu filho!» E o que pensei eu agora da chave do portão partida? «Isto não aconteceria à ladra de fruta.»

Subindo até à estrada, pela alameda dos ciprestes. Na realidade, nem era bem uma estrada, nem a alameda era uma alameda de ciprestes. Mas eu assim decidi para efeitos desta história e, na minha consciência, seguindo episodicamente uma de Wolfram von Eschenbach, para lá desta história. O que, por assim dizer, «batia certo»: a alameda que levava à estrada subia, de facto, ligeiramente. Sempre me tinha feito bem subir a estrada ao sair de casa, fazia-me sentir o chão debaixo dos pés e fortalecia-me os joelhos. Porém, no dia em questão, o benefício da inclinação não aconteceu e não se devia apenas ao calçado, que, só agora me apercebia, era demasiado ligeiro para os caminhos que se avizinhavam, longos e provavelmente também árduos — que fosse! Voltar para ir buscar o par de botas ou as botas *John Lobb*, acima dos tornozelos, de sola grossa, de eficiência comprovada durante décadas? Voltar estava fora de questão, vá-se lá saber porquê — por causa da chave que tinha ficado encravada na fechadura do portão? Não: também poderia ter voltado a casa pelo buraco escondido no muro do jardim, que só eu conhecia. Não havia

porquês. E agora não era eu que decidia, era a história.

À saída da alameda estava um automóvel, vazio. «Na minha alameda!» De repente tornei-me eu o proprietário que quer retirar o objeto estranho do seu território, atirar uma pedra ao intruso para lhe partir o vidro. A verdade é que só havia uns seixos pequenos e estavam firmemente colados ao chão da alameda. Meu Deus: não seria o carro de um médico, veja-se pelo emblema redondo com a serpente de Esculápio no para-brisas? Será que o carro do médico estará aqui por minha causa? Teria chegado a minha hora? E, involuntariamente, espreitei para ver se, na parte traseira do veículo, não havia uma maca montada, com uma quantidade de cintos para me prender durante o transporte.

Só então me ocorreu que era o carro da enfermeira ou terapeuta que, já há anos, vinha uma vez por semana para tratar do vizinho doente, em sua casa, na esquina da alameda com a estrada departamental. Não havia lugar de estacionamento na estrada nacional e por isso ficara combinado que a senhora estacionaria «na minha alameda». Eu até achava lisonjeiro. Assim podia recompensar o vizinho com algo de bom por uma coisa má, ele que, quando ainda estava rijo, talvez demasiado rijo, ainda tinha os pés firmes no chão — de resto, como é costume hoje em dia, sem qualquer má vontade.

Havíamos-nos aproximado antes da doença dele. A mulher tinha morrido, uma pessoa desde sempre cheia de rugas e que era a única da família — também havia filhos, que depressa deixavam de ter manifestações próprias de crianças — que de vez em quando se dava a ver para além do sair de casa, pôr o carro a trabalhar, arrancar, regressar, abrir a porta de casa, fechar as persianas, dava-se a ver, pronto, a tomar café ou um copo em frente ao bar da estação que dava para uma rua lateral, ou sozinha, sem marido ou filhos, nos bosques da baía, no verão, como agora, quando as amoras ficam maduras, estas, apanhando-as com alguns gestos treinados, pelo meio das silvas, para dentro de um jarro de lata como que escondido na roupa, furtivamente, como se colher amoras daquela maneira não fosse coisa aceitável para ela, esposa de um homem especial e mãe daquelas crianças tão precocemente adultas, e olhando também, uma vez ou outra, furtivamente para mim, que estava à distância, a fazer, ainda mais enfiado no silvado, a mesma coisa, o que na verdade estava abaixo tanto da minha como da sua dignidade, e ao mesmo tempo com uma espécie de cumplicidade, por momentos alegria até, uma alegria secreta, nos cantos dos olhos.

A alameda terminava de facto em frente à minha casa, mas, passando esta, continuava como estrada florestal que desembocava numa ruazinha paralela à estrada nacional, e o vizinho utilizava a alameda com o carro dele como continuação da estrada, para poder passar depois mais depressa para a estrada lateral, em vez de passar pela departamental, que tinha muitas vezes engarrafamentos. Não tinha esse direito, era minha a alameda!, pertencia-me, era a alameda tratada por mim!, com as minhas próprias mãos!, de ancinho!, de cascalho varrido por mim!, arranjada por mim! (Pontos de exclamação

meus.) Achou-se no direito, sem se dar conta, de forma não premeditada. E assim, sobretudo na curva entre a alameda e o caminho que a continuava, onde o meu vizinho aparecia sempre a todo o gás e fazia depois uma travadela rápida, os seixos e a gravilha espalhavam-se, dando lugar a buracos mais ou menos fundos, um mundo corcovado de uma forma completamente diferente da que, por trás, era obra da natureza, a do jardim, e perante esta série de buracos também eu me transformei no alisador e aplanador semanal, de pá e ancinho na mão, de praga na boca, só que, no decorrer da semana seguinte, o alinhamento dos montes e depressões da gravilha até à estrada onde passavam os automóveis saltavam-me à vista com a velha frescura, com outro ritmo, e quando chovia brilhavam como uma série de pequenos lagos e poças de gravilha.

Após a morte da mulher, durante dias a fio, não passou carro nenhum, muito menos a acelerar, pela alameda. Nada a não ser o ruído de fundo da estrada nacional, que sempre me agradou mais, mesmo o rugido ocasional ou até o uivo. E, uma manhã, ouço diante do portão do jardim um raspar no cascalho que não parava. Continuava depois de uma pausa, e de outra, sempre certinho, ora aqui, ora acolá, na alameda. O que era aquilo? O que estava a acontecer ali? E de repente soube o que era, mesmo sem olhar. Abri o portão, atrás do qual o meu vizinho, de ancinho na mão, de longe mais eficiente do que o meu, com um jogo de pés e de braços infinitamente mais profissional do que o meu, preenchia os regos e os buracos dos pneus, ao longo de toda a alameda. Chorava enquanto o fazia, baixinho. Olhou para mim e continuou a chorar, de ancinho, aplanando. Quando me aproximei dele e o abracei, soltou um soluço como nunca ouvi igual.

Durante algum tempo, o meu vizinho e o seu automóvel pouparam a alameda. Quando precisava, atravessava-a a pé, batia no portão quando passava, para cumprimentar, e eu devolvia a saudação. Até o vi ir, pela primeira vez, coisa nunca vista, até à baía, a pé, quando de resto, fosse para ir ao supermercado, umas casas adiante, à loja de equipamentos de jardinagem e bricolage, a dois passos de casa, à imobiliária, onde ia todos os dias para averiguar as oscilações de preços dos terrenos e das casas das redondezas, e que ficava ao virar da esquina, pegava no automóvel; até para ir à missa fúnebre da mulher, na igreja da baía, que ficava a pouco mais de meia dúzia de metros, lá foi ele todo emproado no automóvel, com os filhos adultos e mais outros quantos, da mesma idade que ele, na parte de trás do carro, todos pareciam feitos do mesmo molde, atravessando a alameda.

Que panorama insólito vê-lo depois ir a pé, como que nu, sem invólucro, francamente desajeitado, estranho a si próprio, caminhando pela beira da estrada, de baguete ou sapatos consertados na mão, utilizando o passeio, uma vez até no bosque, não muito longe da clareira das amoras.

Uns tempos depois, ouvi-o a passar de carro outra vez pela alameda, ainda que devagar, como que passo a passo, sem fazer barulho, cuidadosamente. E uns tempos depois tornou a disparar alegremente pelas redondezas, com um

automóvel possivelmente mais pesado, senhor de um motor especialmente preparado para ele, assim que o ligava ronronava, passava pelos seixos e pela gravilha, fazendo com que as pedras do chão da alameda saltassem e fossem atiradas contra os troncos dos ciprestes — até que ficou doente e de tal forma que eu, que cheguei a desejar-lhe a morte quase a sério («se batesses a bota!»), de repente senti compaixão.

Chegou-me depois aos ouvidos, através de um terceiro vizinho, que o outro se tinha queixado de mim: que se sentia incomodado, ameaçado até, com o silêncio que lhe chegava da minha casa e do meu jardim, uma espécie de incômodo, de tortura silenciosa.

Já passou muito tempo desde o abraço dos dois vizinhos na gravilha ondulada a preceito — quem manuseava o ancinho era um jardineiro de templos japoneses — diante do portão. E não me ficou nada daquele abraço. O que perdurou foi outra coisa e continua válida até ao dia de hoje, e há de permanecer, que assim fique, de novo, determinado: o barulho do ancinho (ou da vassoura metálica) no invisível, e também o ancinho que continuava a varrer a gravilha após o abraço, depois de eu, regressado ao jardim, ter puxado o batente do portão atrás de mim.

Um outro arranhar de ancinho, ou de vassoura, ocorre-me agora a este propósito. Aqui não é a primeira vez que o conto — não importa. Este barulho não fui eu que o ouvi, só o conheço de ouvir dizer, de ouvir contar, como uma história de família. E ela trata de um adolescente, ainda praticamente uma criança, o mais novo dos três filhos que os avós tiveram. No período entre as guerras era um aluno que se distinguia, foi levado para um internato distante no princípio de um ano letivo e era o primeiro do clã que iria fazer estudos superiores. Umas semanas mais tarde, os que tinham ficado na casa da aldeia, pai, mãe, irmãos e irmãs — na minha imaginação, estas primeiro — foram acordados de noite, muito antes dos primeiros alvares (assim me chegou a história em criança) pelo barulho de uma vassoura no pátio, e era o filho e irmão que, fugido do internato com as saudades de casa, *domotožje, mal du pays*, calcorreou durante a noite a estrada em que mal passavam carros naquele tempo, sobretudo àquela hora, os quarenta quilómetros, umas quantas milhas, umas tantas léguas, para regressar à aldeia, e agora estava a varrer o terreiro, no meio da noite de breu, como sinal de que o lugar dele era ali e em mais lado nenhum — sem uma «continuação de estudos» imposta, o que viria a ser o seu destino, juntamente com o túmulo de soldado raso na tundra.

Conto isto aqui, repito e associo à história do meu vizinho que varria, passava o ancinho e a pá pelo meu terreno, porque, com os barulhos dele a varrer que me ficaram no ouvido por muito tempo, me apercebo agora do que fica na memória, os acontecimentos, que não são apenas dignos de ser transmitidos, mas pedem, gritam literalmente, para continuar a ser contados, a ser transmitidos, e ultrapassam qualquer fronteira entre povos, países ou continentes; estes episódios, por regra insignificantes, são muito diferentes nas várias partes do mundo e, ao mesmo tempo — em todos os países soberanos?,

não, nos países, que dispensam os soberanos —, são os mesmos.

Houve outra coisa de que me apercebi também: eu próprio, com poucas exceções, não vivi estes acontecimentos, universais, aparentemente insignificantes — pelo menos assim os vejo; eles foram-me contados, como a história do irmão que varria o terreiro, se não propriamente no berço, de certeza quando eu era muito pequeno; como, por exemplo, também aquele, que me persegue constantemente e de que me lembro sempre, da criada demente engravidada pelo patrão que dá à luz uma criança. Esta cresce na propriedade sem saber que a idiota é sua mãe. E um dia, quando fica presa numa sebe que serve de vedação e a criada chega a correr e a liberta, a criança pergunta depois à senhora da casa, a presumível mãe: «Mãe, porque é que aquela tola tem umas mãos tão macias?» — E mesmo estes episódios que não vivi, esta história que conheço de ouvir contar, já a contei há muito a outras pessoas, sem grandes acrescentos, como que naturalmente, para lá das fronteiras europeias, transformada numa balada de *blues*, digamos, no coração da Geórgia ou para lá do rio Ienissei.

Pelo contrário, aquilo que vivi eu próprio e que, ao mesmo tempo, pede para ser contado a outros, é a exceção rara e, possivelmente, ainda mais raro é aquilo que experimento na pele. Mas o que há a experimentar com a história que chega pela mão da ladra de fruta? Esta história está a pedir para ser contada, não é? Uma história assim nunca foi contada? E não é uma história de hoje, como não houve outra igual? Ou é? Ou não é? Já veremos.

Saíra sem pressa, e quando cheguei ao cabo da alameda dos ciprestes, a enfermeira já tinha ido embora. Depois da terapia, ou o que era, o vizinho enfermo conseguira pelo menos arranjar forças, ou o impulso, para levá-la até à saída e estava em frente à porta, no degrau mais elevado, segurando-se com ambas as mãos ao corrimão. Tinha-lhe sido colocado um olho de vidro, mas também o outro, natural, muito encovado, tinha um aspeto vítreo; a cor, desbotada, parecia como que adaptada à cor do olho artificial, em vez de ser ao contrário. Era surpreendente que pudesse ver alguma coisa e, no entanto, tinha notoriamente debaixo de olho a estrada nacional e a mim ao mesmo tempo, que estava a virar para lá. Cumprimentou-me da ombreira da porta e, apesar disso, a saudação parecia vir de baixo para cima, de um buraco na cave, de uma caverna. Era a voz dele que me dava aquela impressão enganadora. Antes da doença, aquela fora uma voz de comando, mesmo quando falava apenas e não dava ordens, além de que é provável que nunca tivesse tido de dar ordens, pelo menos na vida profissional. A voz soava (soava?), de cada vez, tão ríspida como saída de um autómato, sem qualquer cambiante. Desde a enfermidade, contudo, ficara com uma voz diferente, até com várias vozes diferentes, muitas, múltiplas, a cada progressão da enfermidade provavelmente ainda mais uma. E quando, no dia da minha partida, me cumprimentou, foi para mim como se só em sonhos tivesse ouvido uma voz como aquela, uma voz, em especial, como daquela vez em que a voz ressoou no coração do sonhador, que acabou por acordar com ela: e da mesma

forma aconteceu também agora, em plena luz do dia, sentir em mim uma espécie de acordar, sob forma de um sobressalto. É verdade: era uma voz de moribundo, fraca, apagada, mais apagada não era possível e, apesar de tudo, aquela voz era viva e jactante, e como se entranhava sem causar dor, como antes, no tempo em que tinha saúde; ou, se doía, era de uma forma diferente.

A saudação não foi tudo, aliás. Porque o vizinho doente, depois de eu lhe perguntar como estava, acrescentou, empregando na verdade um «nós» como se aquilo que dizia se aplicasse também a mim: «Ainda havemos de poder viver uns tempos, não é?!», conservando permanentemente debaixo de olho, como que escancarado, a estrada departamental no seu silêncio de verão.

Da minha parte, formava-se uma imagem dupla; uma que lhe correspondia, a que se sobrepunha uma que não lhe correspondia, de novo misteriosa. Uma das imagens era a recordação, e não apenas de nós os dois aqui, mas sim de muitos, se não de todos os vizinhos da rua, quando, há muitos anos, enchemos os passeios, juntando-nos pela primeira e, até ao momento, última vez, porque naquele ano o Tour de France passava por ali na última etapa antes da meta, nos Campos Elísios. E a segunda imagem, a que se imiscui nesta de forma inexplicável? Um outro vizinho, um que viera da aldeia, na época, o vilão, o velhaco que todos conheciam nas redondezas, pegou num ouriço perdido na estrada, levantando-o com ambas as mãos, do lado esquerdo e do lado direito, por baixo dos espinhos, nas partes moles, um movimento de um cuidado que contradizia tudo o que representava, aos nossos olhos de crianças da aldeia, aquele homem odiado, aquela besta, e colocou o animal uns passos adiante, com o mesmo cuidado, na erva onde pastavam as vacas.

A estrada nacional, que era ao mesmo tempo a estrada que levava à estação e que durante o ano costumava ter muito trânsito, estava tão vazia que eu, em vez de seguir pela faixa destinada aos peões, pus-me a caminho no meio da estrada. Naquele dia de meio do verão, a estrada apresentou-se de facto, *bel et bien*, como a estrada que se estendia assim, quando muito, bem depois da meia-noite e muito antes do amanhecer, e que assim imaginava ser de vez em quando durante o dia. Esta longa estrada conduzia, nas minhas costas, subindo um pouco, a infundáveis colinas de bosques, com uma propriedade florestal centenária, no seu sopé, desde há muito abandonada, invadida por plantas silvestres, embora parecesse estar ainda, de certa forma, sob a tutela do Estado. Caminhando pelo traço do meio, que se prolongava nos dois sentidos, também em direção à estação ferroviária da baía, nas proximidades, e até lonjuras insuspeitadas, senti debaixo das solas, como curvatura rígida, o corpo do asfalto, aparentemente plano, onde se refletia o céu azul, e no qual, passo a passo, com o traço do meio como fio orientador, ia equilibrando a marcha. Ao mesmo tempo, pisava o chão com toda a força que podia, batia com os pés como se estivesse num caminho em alta montanha e fazia o asfalto retumbar — coisa que também só poderia acontecer na noite profunda. Deveras: a estrada nacional ressoava sob os meus passos e dos bosques da baía chegavam-me, seria da minha imaginação?, um eco.

«Ilegal!», era isto que me chegava por entre a folhagem. E mais radical ainda: «És um ilegal!»

Na verdade, não era a primeira vez que me acontecia verem-me como um ilegal. A consciência da minha ilegalidade também advinha do que eu fazia ou deixava de fazer, mas só entre outras coisas. Ser alguém «fora da lei», ser um proscrito, é uma coisa que define toda a minha existência. Porquê? Não há um porquê. Só isto: em dias como este agora, pouco antes da tentativa, da concretização de um intento já há muito planeado em segredo — nem uma única palavra sobre isto a ninguém! —, a sensação de ser um ilegal e de fazer uma coisa proibida, ainda se agudizava mais. Não estarei a exagerar, e aquilo que me parecia uma coisa proibida não seria na verdade apenas uma coisa imprópria, uma coisa inadmissível em relação à minha pessoa? Sim, era isso — em todo o caso, era imprópria e inadmissível para uma pessoa como eu. Mas eu não estava a exagerar: aquilo que não me ficava bem coincidia com o que era proibido, e era, no meu caso, uma e a mesma coisa. E foi isso que, por fim de partida, e firmemente decidido a dar a volta às coisas, me atingiu de novo de forma inesperada — e não por exemplo a ideia de que a minha iniciativa seria pouco mais do que uma coisa inútil, uma coisa «para o boneco», como dizia o meu irmão, à maneira do povo: que fosse então uma coisa para o boneco!

As minhas andanças ilegais haviam de me excluir, como sempre, da humanidade. Se até ao momento, muitas vezes no meio dessas andanças, sabe-se lá como, me via, apesar de tudo, reintegrado no mundo dos humanos, um mundo, contudo, diferente do conhecido desde sempre, temia agora, a caminho na estrada de subúrbio, vazia, de partida para o interior do país, a exclusão definitiva. E ao mesmo tempo reforçava a minha vontade de fazer a viagem da ilegalidade. Pensando naquilo que fazia e impelia a grande maioria dos legais, em plena legalidade, de manhã até à noite, desde a alvorada até à meia-noite, ano após ano, um século atrás do outro, até ao tempo especialmente acelerado de hoje, fui tomado não pela minha arrogância estúpida, infantil, pecaminosa até, mas sim por aquilo a que, num século passado se chamou altanaria (e, quem sabe, virá a chamar-se assim de novo num século próximo).

Esta altanaria chegou como um empurrão. Embora estivesse a coxear, e não só por causa do pé inchado da picadela da abelha, o meu andar transformou-se num marchar a passo largo. Eram passos épicos agora. E isso queria dizer: passos que incluíam. Não caminhava sozinho debaixo do céu. Acompanhava. Quem? O quê? Acompanhava. Era tão livre, estava no meu direito. E não via eu a ladra de fruta como alguém comparável?

De repente, começaram a aproximar-se autocarros e mais autocarros, todos de uma vez, uns atrás dos outros. Afastei-me para o passeio e fiquei a olhar o desfile. Todos os autocarros iam vazios, a caminho de Versailles, que ficava perto, onde, na esplanada defronte do antigo palácio real, os turistas, recentemente muitos vindos da China, esperavam que os fossem buscar. Ao

vê-los passar — há anos uma ocupação da minha predileção, ficar a ver passar fosse o que fosse —, pensei que poderia seguir, em vez de ir para norte — para as montanhas à primeira vista tão inóspitas, tão sem história, não, tão sem sinais, do Vexin, na Picardia —, seguiria para oeste os dois ou três quilómetros que me separavam de Versailles e ficaria lá num hotel, até ver, perto do Carré St. Louis e da praça em frente à catedral, com os bares de nome «Espérance» e «Providence». Pelo menos estes nomes eram aquilo que me atraía agora até à antiga cidade real. Muitas vezes, e nos últimos anos cada vez com mais intensidade, observava, ao ir a pé até lá, no vadiar e vagabundear tão necessários para mim, sobretudo naquelas ruas — noutras partes mais antipáticas e rigorosamente geométricas — que conduzem mais ou menos todas elas ao palácio (onde nunca estive até hoje), como, a par da sensação de me movimentar num lugar do mundo afundado e ventoso, em todas as direções dos ventos, o facto de me estar a mover em algo «passado», momentaneamente e para além do momento, me rejuvenescia, me dava força às pernas, luz aos olhos e, nas ténporas, um latejar — coração, que mais podes querer? Porém, não desejava o regresso de nenhum tipo de rei ou de reino — pelo menos não exteriormente —; voltar à monarquia, fosse de que tipo fosse, era pura e simplesmente impensável para mim. Por muito que tenha visto, na esplanada imensa diante do palácio, bem mais pequeno, a estátua do chamado Rei Sol a cavalo, com a espada e as esporas pontiagudas como estrelas da manhã, com que aquele Luís XIV (não sou eu que conto) pica o cavalo para disparar para a guerra assassina, e depois ainda outro, e por aí fora em direção ao sol, o meu pensamento é: um rei, nunca mais! Não quero ver nunca mais um rei! Mas, fora isso: ah, rejuvenescimento. Ah, mundo jovem.

E agora basta de rejuvenescimento, de ficar jovem, de fazer de jovem. A única jovem é aquela de quem se trata aqui, a ladra de fruta, sangue muito jovem. E isso, apesar de, e também porque, para a idade dela, já tinha sangrado muito e desde bem cedo. Vi-a diante de mim quando, na caminhada, meti a mão por uma cerca, sem me deter, e arranquei uma maçã de uma das árvores de fruto que bordejavam a estrada, uma maçã que em França, a terra com mais variedades de maçã, é uma das raras maçãs temporãs, de um branco puro e, como o nome diz, amadurecem em julho. Vi a ladra de fruta diante de mim? Sim, mas sem rosto, aliás sem imagem, nada a não ser um gesto: quando ela, ao contrário de mim, que estava prestes a meter a mão por entre a cerca, descontraía os dedos no ar. Também não lhe vi os dedos, apenas a dança deles no vazio, um esticar, um estender, um torcer, um abrir, um retorcer — se foi uma imagem, foi a de uma escrita, como uma notação musical. E teria apanhado a maçã temporã, de novo ao contrário de mim, não em andamento, mas teria parado de propósito para o efeito. A mão a agarrar por entre a cerca não terá acontecido furtivamente, não terá tido nada de furto, nada de dedos compridos. Ao contrário de mim, não terá feito desaparecer a maçã de imediato. Ao contrário de mim, esta ladra de fruta não teria

continuado a andar mais depressa depois do ato cometido. Então? Já veremos. Pela minha parte, passei, em todo o caso, para o outro lado da rua.

Olhei para as montras das lojas que, mais perto da estação, se iam seguindo umas às outras, ou fiz de conta que olhava. Porque na realidade não havia quase nada que se visse, fosse porque as lojas e as oficinas tinham, nas duas primeiras semanas de agosto, quase todas as persianas metálicas corridas para baixo, ou porque aquela que tinha as montras à vista as tinha sempre abertas, e não era necessário abrir qualquer tipo de grades metálicas. Estas grandes superfícies de vidro, despidas, cobertas de cima a baixo com uma espécie de areia volátil e esparrinhadas de lama da estrada — todas elas intactas, nenhuma delas estalada, nem ao de leve —, eram para mim «montras» num sentido particular. Tinha o hábito de parar em frente a uma em especial, a caminho da estação, sobretudo após uma ausência maior, e de olhar brevemente lá para dentro. Na oficina do sapateiro arménio que também fazia chaves, desaparecido há mais de uma década, para onde teria ido?, a bela confusão do carrossel de suspender os sapatos (ou como chamar-lhe?), das chaves com os pedaços de solas (ou coisa parecida), a máquina de limar metal (?), etc., tinha ficado tudo não apenas intacto como pronto a funcionar; atrás do vidro coberto de areia e sujidade, pressentia-se mais do que se via, mas tudo em ordem: ao pé da mesa que tinha em cima a máquina de limar acumulava-se um monte de aparas de chaves (ou de outras coisas), partículas de ferro e latão descascadas e limadas, um montículo redondo de grãos e aparas de metal, que, mesmo sem lhes dar o sol, continuavam sempre a brilhar na oficina abandonada. E, uns passos adiante, as persianas do bar da esquina já estavam fechadas definitivamente há mais de um ano; o velho dono berbere, *Insha'Allah*, tinha regressado à Cabília, mas também ali tinha o hábito de parar, e para quê? — para bater com o punho, com um toque breve, outro longo, no estore de aço e ficar à escuta do eco no interior vazio, ou talvez não tão vazio assim. Eco? Pelo menos imaginei que havia um, um tilintar de copos ainda por encher, um frigorífico a bater em duas garrafas meio cheias do único vinho servido no bar do berbere, sem marca e, de resto — que importa horrível; um eco reforçado por um buraco no muro para o gato, também órfão desde há um ano, estranhamente à altura do ombro, de maneira que os muitos gatos do dono do bar, viúvo, tinham de saltar bem alto.

Mais uns passos à frente, no limiar da praça em frente à estação, integrado nos acontecimentos, o idiota da baía de ninguém. (Ainda havia mais um e aquele outro, e poderiam muito bem ser mais uns quantos.) Já há muito que não me cruzava com ele, e até achava que tinha desaparecido, de uma maneira ou de outra. Como sempre, lá vinha ele em grande velocidade, só que desta vez não vinha a cantar e não se vergava para apanhar os lixos que se acumulavam a seguir à estação, e por cuja remoção, quando não havia mais ninguém que o fizesse, se considerava responsável. Não me reconheceu ou não quis reconhecer-me. Segui-o com o olhar. Envelhecera desde a última vez, quando lhe paguei um café no bar do berbere e ele gritava — quando

abria a boca, saía de cada vez um grito, e mesmo quando cantava, gritava — que eu era sempre muito amável (o que não era de maneira nenhuma o caso). Velho, apesar de tudo vestido com um blusão elegante e umas calças pretas de couro, como novas, como só o velho Johnny Hallyday se podia dar ao luxo, e mesmo ele só quando estava no palco, no papel de estrela de *rock*. O idiota ancião atravessou a praça calado, com as palmas das mãos muito brancas viradas para trás, escavando o ar como um ouriço, o crânio enorme tombado para diante e as calças pretas de couro meio descaídas no traseiro, também ele muito branco.

Um limiar até à praça? Havia literalmente um, sob a forma de um conjunto de raízes muito ramificadas da faia grande que sobressaía no final da passagem subterrânea da linha férrea. As diferentes partes da raiz arqueavam-se em círculo à volta do tronco, emergindo do subsolo em dobras e pontas de alturas diferentes, e compunham uma espécie de relevo montanhoso *en miniature*, a maquete de uma paisagem montanhosa. Daquele limiar, em tempos, há mais de década e meia, a mãe da ladra de fruta, balançando-se de raiz em raiz como em frente a uma linha de largada, partiu em busca da filha desaparecida na espanhola Sierra de Gredos, enquanto agora era ao contrário; a filha andava a calcorrear o planalto norte de França, a norte da região do Oise, seguindo o rasto, ou falta de rasto, da mãe há muito tempo desaparecida, embora a ladra de fruta estivesse, na verdade, interessada igualmente nisto e naquilo. Também eu, que por hábito, tal como os outros peões, torneava as raízes que se espriavam longamente pelo asfalto, naquele dia de agosto utilizei-as como limiar de partida: fui a direito por cima delas, na imaginação, subindo mais e mais, ora à esquerda, ora à direita, de cume em cume, levantando os joelhos, dando passos de pernas afastadas, por fim descendo outra vez, onde, atravessando a praça em direção à estação, senti por uns instantes o ritmo que as raízes me tinham transmitido através das solas para mim como um todo. Ainda que desejar fosse o que fosse há muito me parecesse uma coisa sem sentido, a ponto de me desabituar da ideia, agora desejaria que o ritmo persistisse em mim.

Um homem e uma mulher passaram por mim. Apesar de ambos seguirem um à frente do outro, a certa distância, vi-os como casal, e eram mesmo. E dava-se também o caso de não seguirem na minha direção, mas sim na direção contrária, numa direção contrária não apenas em relação à minha — não, em relação a tudo o que estava a acontecer no momento. Ainda agora faziam ambos parte da multidão, do bulício, do que estava em volta, do lugar; tinham participado, mais ou menos despreocupadamente, no jogo de pergunta e resposta, oferta e procura, ida e volta. E agora, de repente, tudo isso acabara. Ainda agora caminhavam lado a lado, se não de mão dada, debaixo do céu de verão, alto, azul, sem nuvens. E agora seguiam furtivamente, o homem uns passos atrás da mulher, em direção à passagem subterrânea da linha férrea, de olhos muito abertos, de um tamanho gigante, um como outro sem o mínimo pestanejo. O azul do céu espelhava-se de modo igual nos dois pares de olhos

que se seguiam, e estes não só mostravam a mesma forma, completamente idêntica, mas também o mesmo azul-celeste, só que ambos os espelhos estavam cegos, no sentido de ofuscados pela miséria, e — de forma definitiva, irreversível — pelo desespero. Tal como, primeiro a mulher, depois o homem, se iam arrastando por ali fora, embora nem um nem outro fossem propriamente velhos, era como se, tanto para ela como para ele, já não houvesse em lado nenhum um chegar, muito menos um chegar a casa. Nenhuma hospedaria, nenhum asilo os acolheria enquanto casal: proibido — contra o regulamento da casa ou do lar —, contra os regulamentos em geral. Ainda iriam continuar a deitar-se um ao lado do outro, sabe-se lá onde, mas nunca mais, *plus jamais*, ficar deitados um junto ao outro e um com o outro numa cama, por muito sórdida que fosse — foi-se o sonho de uma cama para mim e para ele, para ela e para mim. Quando tinha o mundo alguma vez visto um casal tão perdido? E, contudo, os dois formavam um casal como talvez não houvesse outro, e talvez como só houvesse um, embora não fosse normal, normalmente «bonito», «fotogénico». Da maneira como a mulher arrastava os pés por ali fora, era evidente, ela tinha consciência disso sem se voltar para ele, que o homem — não havia possibilidade de um *happy end* — também ia a arrastar os pés atrás dela. Ajudá-los!? Impossível: nem dariam conta de uma tentativa de auxílio, ou entendê-la-iam mal, como uma ameaça adicional. Eu não existia para eles. Mais ninguém existia no mundo para aquele casal condenado. Desamparados, desamparados. Existiria alguém como a ladra de fruta para eles? Reagiria aquela caravana da aflição, muda, ao olhar dela ou aos seus modos? Mas a ladra de fruta não passava por norma completamente despercebida? A ponto de não ser vista? Mas, e se fosse precisamente aquele género de discrição a conseguir despertar de novo o olhar daquele casal?

De início, só olhava para o chão ao andar. Depois do dia de mercado, a água corria das mangueiras pela praça com uma ligeira inclinação. As bancas já estavam desmontadas e também havia água nas reentrâncias onde se montavam os postes para o mercado. Alastrava uma certa frescura de lá no meio do calor de princípio de tarde, uma brisa impregnada de cheiro a peixe. Pegadas de pombas em todas as direções, que se prolongavam desde a parte molhada até onde o chão começava a ficar seco. Naquele dia, contudo, tinha mais olhos para as tampas de ferro na praça do mercado e da estação. Ano após ano, na baía de ninguém, como em todo o mundo, eram cada vez mais as tampas, tampas de saneamento, depois as tampas que tapavam as instalações elétricas, a rede de televisão por cabo, as redes de telecomunicações, do gás, os sistemas de fibra ótica para computadores, os dispositivos de bloqueio automático que disparavam do chão no caso de um ataque terrorista e seilámaisoquê. Despertavam-me especial interesse todas as tampas de aço ou ferro, que eram a maioria, e que, depois de impressas, gravadas ou moldadas, tinham sido produzidas na Picardia, perto da localidade para onde me dirigia. Em muitos países europeus, sobretudo nas capitais, tinha encontrado estas inscrições ou gravações com o nome do fabricante «Norinco» — o que

significaria? —, sobretudo nas placas que tapavam os canais ou esgotos, e quase criara necessidade, no decorrer do tempo, daqueles carateres, em baixo ou alto relevo, aos meus pés, nas cidades desconhecidas, e sempre que divisava aquela palavra tinha uma sensação de estar em casa por breves instantes, ou simplesmente uma sensação de contentamento.

Era como se a marca «Norinco», ligada ao topónimo «Méru» — de vez em quando tinha uns assomos patrióticos relativamente àquela região —, tivesse um monopólio estatal de todas as tampas que tapavam os canais, etc., desde a metrópole até aos departamentos ultramarinos, desde as Caraíbas até aos papuas no oceano Pacífico ou até ao Norte profundo, no enclave de Saint-Pierre-et-Miquelon. Vistas como estas também podiam ser cansativas.

Acrescia que quase todas aquelas tampas grossas, pesadas, se soltavam ao longo dos anos dos suportes no alcatrão ou no asfalto, e nos últimos tempos até se soltavam muitas vezes ao fim de poucas semanas. Sim, queria-me parecer que cada vez mais acontecia já não ficarem bem fixadas no momento da instalação. O resultado era que, na qualidade de peão, quando pisava aquelas tampas, estalavam, rangiam, chiavam, e repetia-se logo a mesma coisa com a placa seguinte de ferro da Picardia, e por ali fora ao longo dos passeios, ruas e praças, os estalidos, o ranger e a chiadeira, em todo o lado secundado pelos outros transeuntes que as pisavam ao mesmo tempo, e principalmente pelos carros, e mais principalmente ainda pelos camiões; era uma barulheira que não queria ter fim, tumultuosa, fazendo estalar o ferro fundido noricoense de baixo para cima.

Nesse dia, no dia da partida, tal sucedeu, porém, sobretudo no interior de mim. Conhecia todas as tampas soltas e evitava-as ao atravessar a praça da baía, o que implicava andar aos esses, como num *slalom*. Além disso, não havia mais ninguém na rua, nem peões nem automóveis. Mas uma vez também houve um estrondo cá fora, no mundo exterior, um trovão vindo das profundezas da terra, tão intenso que não ecoou só sobre a praça silenciosa de agosto, mas para além disso também nas colinas arborizadas no horizonte, nos Altos do Sena. O trio de polícias que vigiava a entrada para a estação saltou de imediato, em simultâneo, como se fossem um único homem (também havia uma mulher entre eles), juntamente com as suas metralhadoras, na minha direção. Porque aquele que tinha desencadeado aquele disparo tinha sido eu ao pisar uma das tampas Norinco, que no dia anterior ainda estava firmemente soldada e cimentada, sem folgas, no suporte.

Por ser dia de mercado, só havia alguns carros estacionados muito lá ao fundo da praça, e pareciam estar ali já há muito tempo. Estes veículos também tinham que ver com a localidade para onde eu me estava a fazer ao caminho. Era uma fila de automóveis de aluguer, todos eles modelos pequenos e baratos, com pouco equipamento, só mesmo o indispensável. E as matrículas tinham todas elas os números do departamento do Oise, o meu destino. Que números? Vão ver à internet. Seja como for: chegou-me uma vez aos ouvidos que a maioria dos automóveis de aluguer franceses estavam registados

precisamente naquele departamento como forma de compensação, de modo a garantir pelo menos uma receita fiscal para uma região com pouca indústria e equipamentos comerciais, e uma agricultura que já há muito tempo não criava nem de perto nem de longe agricultores ricos. Se isto correspondia ou não à realidade, não sei, em todo o caso, estes automóveis, polidos até brilhar, de forma enganadora ou não, como novos, tinham os mesmos números pertencentes ao departamento do Oise e eram para aluguer. Mas o que faziam eles aqui na baía de ninguém? Como tinham chegado aqui, esta pequena frota? Por quem ou por que esperavam ao fundo da praça? Estavam ali, atraentemente vazios, como numa linha de partida; o sol que brilhava dentro deles aumentava em silêncio o seu interior.

E, vejam só! Sim, vejam lá!, na montra das três únicas padarias que estavam abertas em agosto, em volta da praça, um cartaz, segundo o qual a farinha do pão que ali era confeccionado vinha dos moinhos da pequena cidade de Chars, no meio da qual se situava, a par do meu destino, a região pertencente em parte à Île-de-France, uma segunda, mais a norte, à Normandia, e uma terceira, mais a leste, de novo precisamente à Picardia. Nos tempos da monarquia, o Vexin, território único e portentoso de trigo e centeio, com as suas centenas de moinhos, fora apelidado de «Celeiro de Paris». Agora, de todos aqueles moinhos, só um estava em atividade, o de Chars, junto ao rio de nome Viosne, embora fosse um moinho que ocupava metade da localidade. Portanto, comprei de imediato um pão feito com a farinha de lá e, para o quarto da casa de campo, deram-me o cartaz do moinho, enrolado, como se o tivessem ali expressamente preparado para mim.

Voltar a entrar num albergue para tomar qualquer coisa antes da viagem de comboio. Pois, será que me tinha esquecido disto: o «Hotel des Voyageurs», com o seu bar, estava fechado há muito. Que refrescante era sentar-me no verão, na belíssima sombra dos plátanos, com vista para quem entrava e saía da estação minúscula e graciosa, que mal se via por entre a folhagem. Ali já só viviam alguns sem-abrigo nos quartos cujas janelas estavam, na sua maioria, tapadas com papelão, pessoas que tinham dado à costa na baía de ninguém, todos eles pessoas envelhecidas, sem parentes — pelo menos declarados —, a precisar de cuidados todos os dias, a todas as horas, e que, abandonados à sua sorte, tinham sido empurrados pelo Estado praticamente para a ruína.

Também hoje ali estavam, todos, ou melhor, quatro em vez dos cinco que estavam na semana passada — um deles tinha morrido no dia anterior —, sentados nos degraus do antigo bar, na que continuava a ser a belíssima sombra dos plátanos, e aquele, ou aqueles dois entre eles que precisavam de um bocadinho menos de cuidados, eram eles próprios, ou faziam esse papel, cuidadores dos dois ou três outros que tinham as cabeças caídas para a frente, encolhidos e tortos. Ao enterro do que ainda estava deitado no seu talude, aos poucos enxameado de moscas — à semelhança do que acontecia num caso destes com os inquilinos do antigo «Hôtel des Voyageurs», era a expensas do

Estado —, assistiriam apenas estes que restavam, nos degraus da entrada. Um parente, irmão, irmã, ex-mulher, filhos — se os houvesse — nunca tinham comparecido no cemitério da baía.

Estavam acampados muito juntos, estes refugiados completamente diferentes, quase todos eles da terra, muitos até nascidos na baía de ninguém; poucas vezes de lá tinham saído, a não ser talvez para o serviço militar. Não dava para perceber de quem eram as várias muletas. E quem seria o único que não precisava de muletas? Ou aquele a quem as muletas já de nada serviam? Um..., não consigo pronunciar o neologismo, não se aplica a pessoas como eles. E, mais do que terem um olhar apagado, pareciam não ter olhos. Mas quando os cumprimentei, as caras iluminaram-se todas, e não foi a primeira vez que me apercebi de que, precisamente das expressões mais sombrias, precisamente dos rostos de indivíduos que nunca, dias a fio, brindavam quem quer que fosse com um olhar, sem intenção, e depois de uma saudação no momento exato, perpassou por um deles uma simpatia que não tinha nada que ver com a simpatia típica de um comerciante (mas esta também exatamente no momento exato!).

Fizeram-me sinal para que me aproximasse e eu sentei-me junto deles, entre um careca e outro com uma cicatriz bem funda que, feita com um golpe de machete, se prolongava em linha reta da testa até à nuca, e, do outro lado, depois de este me ter oferecido lugar, junto ao fulano sentado que tinha uma dentadura postiça; tinha-a tirado ao falecido do dia anterior, «não foi logo, foi só esta manhã»; agora, como me mostrou logo, estava assente, em cima e em baixo, nas gengivas nuas desde tempos imemoriais e, ao falar, escorregava para trás e para diante por não estar fixada; jamais, em tempo algum, seria possível fixá-la. Fumavam, passando o cigarro de uns para os outros, e bebiam, todos os quatro, de uma garrafa, e quando chegou a minha vez também peguei na garrafa e bebi um gole de um vinho que nem sequer era o mais barato do supermercado, e depois ainda bebi mais um. Já foi há uns tempos e ainda tenho o gosto na boca, menos o do vinho do que o do fumo do tabaco, que, sem intenção, tinham soprado para dentro da garrafa, misturando-se com o vinho. — Até dá a entender que os dois goles não te chegaram e parece que te apetece repetir. — Já passou.

Mas o que me ficou na cabeça de outra maneira foi ver nas caras destes Jean-Jacques-Louis-sem-Terra, agora que estavam perto, por detrás da simpatia tão desarmada, qualquer coisa que saltava à vista, por culpa dos filmes, da televisão, da fotografia, sobretudo os grandes pianos e estes cartazes gigantes ampliados para formatos de pintura à Ticiano, de que toda a realidade tinha sido expulsa. Este «algo» chamava-se «fome». E agora, em retrospectiva, vejo que a fome veio ao meu encontro apenas através de um dos rostos. Mas quão real se tornou, aquele que presumivelmente de tanto ser fotografado foi atirado do terceiro mundo para o sexto mundo, fotografado e atirado para o im-mundo. Agora era a fome!, em vez de ser num terceiro mundo, era aqui, no primeiro. Os milhares e milhares que se acumulavam em

Paris, com cartazes de papelão e letra falsificada, ou escritos por mão própria: «*J'ai faim!*», já não conseguia acreditar neles. A fome calada de agora, em contrapartida, era uma realidade. Fome, a situação, o sofrimento, a miséria? Sim, e além disso tudo aquilo me agredia a partir daquele único rosto como algo que ultrapassava o estado de passividade. Era uma fome, a fome «fome» especial, e vibrava ali ao mesmo tempo um passar fome absoluto, ilimitado. O homem tinha fome, uma fome imensa, por comida, e não era só desde esta manhã. E, além disso, passava fome. (Não lho podia transmitir em francês, porque na língua dele não havia um verbo para isso...) E tinha fome de quê? Uma vez mais: não há um «de quê». Passava fome e continuava a passar fome, sempre a passar fome. Podia fazer-se alguma coisa para ajudar? Sim, por instantes, sim. Naquele instante, para que ele viva? Ele vive.

E depois entraste no único bar aberto no verão, naquela praça, para lavar a boca do fumo com outro vinho? — É verdade: entrei lá. Foi para tomar um copo, «mesmo só um». Para isso, sentei-me na esplanada, aqui e ali chamada «Trois Gares» (por causa das três estações que ficam nas redondezas), numa sombra não tão bonita, juntando-me aos outros clientes habituais ali em pleno verão. Cada um tinha uma mesa só para si. O macedónio estava a contar a escapadela que tinha feito até ao seu país, até Ohrid. O carpinteiro português acreditava que, depois da morte, a alma continuava a existir de alguma maneira. O pedreiro romeno não acreditava nisso. A polaca estava cansada do turno da noite no lar de idosos. O vendedor do mercado da Martinica queria festejar connosco antes do regresso ao seu país. O escocês era contra os protestantes ricos dos Glasgow Rangers e pelos católicos pobres do Celtic. A jovem russa que vivia na residência de estudantes estava a ler Léon Chestov, em francês, para aprender a língua. O empregado do bar, argelino, demonstrava como conseguia ficar apoiado numa das pernas muito tempo e explicou-me a pronúncia da palavra em árabe que significava «paciência»: *sabr*. O cliente habitual mais antigo, o único francês, estava mergulhado numa brochura, e quando eu, um austríaco, lhe perguntei do que tratava, disse: «É sobre a Batalha do Somme, foi exatamente há cem anos, um milhão de mortos.» Para a resposta, pousara o dedo no texto a fim de não perder o fio, uma passagem que depois me passou e que começava, em inglês com «*And then...*».

Nenhum dos clientes habituais, mais antigos, da esplanada do «Trois Gares» parecia querer saber alguma coisa a meu respeito. É verdade que me cumprimentaram quando cheguei e perguntaram-me como estava, mas poupei-os à resposta; de qualquer forma, ninguém iria prestar atenção. Também o meu saco, já de si pouco convencional — se me viam era normalmente, quando muito, com uma bagagem mínima —, não lhes despertou a curiosidade. E, além disso, era um saco militar, uma herança do irmão da minha mãe, enterrado na tundra, com a cruz suástica substituída por um emblema bordado, colorido, e com os buracos das traças preenchidos. Tinha estado a empurrar com os pés, muito devagar propositadamente, o saco

a abarrotar, antes de ocupar uma mesa, como se desejasse que os outros que estavam na esplanada me perguntassem para onde ia e por que razão ia tão carregado. Mas o meu destino de viagem, fosse qual fosse, interessava tão pouco os companheiros das mesas vizinhas como o meu estado. E, contudo, sabia que estavam comigo, e sabia também, embora talvez só pelo curto espaço de tempo em que estive sentado ao pé deles, que estava com eles. Olhando para estes estranhos, em relação aos quais, de resto, também eu não tinha interesse em saber de onde vinham nem para onde iam, e muito menos como se sentiam naquele momento, ocorreu-me uma expressão para este conjunto de pessoas que em tempos, no meu país, e sobretudo na juventude, tinha qualquer coisa de repugnante para mim, qualquer coisa que era dito a despachar, e essa expressão era «a nossa gente». No entanto, neste caso, «a nossa gente» significava para mim, pelo contrário, uma coesão livre e descontraída. Sem emitir opiniões, até mesmo contradizendo às vezes ou interrompendo-nos mutuamente, «a nossa gente» tinha um significado. Aquelas pessoas, mesmo que não quisessem saber nada umas das outras, estavam ao alcance umas das outras. Eu sabia, ou só me convenci outra vez disso, não importa, que poderia, assim o quisesse e se fosse o momento certo, alcançá-los. Se os alcançasse naquilo que verdadeiramente interessava, e não só a mim, haviam de abrir-se de novo e não só naquilo que lhes interessava.

Estes poucos acessíveis eram, na baía de ninguém, se não no mundo inteiro, a exceção. Com o passar das décadas, tinha-me apercebido de que a maioria esmagadora, em todos os sentidos, dos bípedes, que são comumente chamados «seres humanos», sejam de raça amarela, branca, negra ou de outra raça qualquer, pertencem à raça dos inacessíveis. Uma maioria, um número exorbitante, impossível de exprimir em percentagem, é, ou sempre foi, inacessível; nada ou ninguém lhes pode aceder, muito menos eu ou uma pessoa como eu. Nada os surpreende. Nada lhes espreita a atenção. Nem uma luz, nem um reflexo de nada, de rigorosamente nada, os atinge. Aquilo a que se chamava em tempos «ter ouvido para» ou «ter olho para» queria dizer que os inacessíveis não têm ouvido nem olho para literalmente nada nesta terra — para literalmente nada a que um dia se chamou «terra-mãe», seja ela a natureza ou o mundo humano. Dito de uma forma generalizadora ou «global»: a raça e a massa daqueles que são os meus inacessíveis é uma que não consegue produzir eco nenhum. Nada, nem que regressasse a lendária e para sempre perdida música das esferas, celeste e terrena, e descesse sobre eles entoando, ou subisse das profundezas da Terra, encontraria um espaço que fizesse eco neles, mesmo que fosse abafado como numa saída de cena.

Esta inacessibilidade dos contemporâneos, ou como chamá-los, apercebi-me dela, entre outras coisas, porque os lugares onde viviam e faziam as coisas deles, os meios e ambientes onde circulavam, não tinham significado nenhum para eles, e não por culpa própria — até na sua inacessibilidade a minha gente é inocente. Vejam, por exemplo, lá de cima, do terraço do «Trois Gares», na praça da baía, com a estação e as lojas que a rodeiam, bancos, escritórios:

talvez com exceção do padeiro, toda a gente que aqui exerce a sua atividade, de uma forma ou de outra, mora noutro lugar, diferente da baía de ninguém — noutro lugar bem diferente. E nunca vi uma única vez estes funcionários bancários, instrutores de condução, vendedores de seguros de vida e de morte, veterinários de animais pequenos, farmacêuticos, agentes da ordem, que vivem sabe-se lá onde, de outra forma que não fosse, aqui ou noutro lugar, como diz a fórmula correspondente, «no seu papel». («Ele não tinha uma forma de se comportar, estava no seu papel.») Nenhum dos que vinham ou eram enviados para aqui só para negócios ou para exercer a sua atividade diurna era visto, fosse no intervalo para almoço ou após o trabalho, a passear na localidade, muito menos a dedicar um olhar a isto e àquilo — é verdade: não havia pontos de interesse propriamente ditos —, ou então, era bom que assim fosse, que tornasse o lugar inseguro. Pouco mais faziam do que vir fumar um cigarro em frente à porta da estação, os rapazes e raparigas muito jovens que trabalhavam nos guichés, que vinham de localidades bem para lá dos Altos do Sena. E os polícias, e não apenas estes agora da unidade especial, também aqueles que patrulhavam a praça em tempos de paz, também teriam respondido à pergunta onde ficava isto e aquilo ali nas redondezas com um encolher de ombros, estranhos que eram, sem olhos para aquele que procurava a informação, olhando, no seu papel de inacessíveis, por cima dele, tal como o pedreiro romeno, ou seria o carpinteiro português, costumava dizer por piada, que com os polícias era a mesma coisa que com as mulheres — quando precisávamos delas, não estavam cá, e quando não eram precisas, caíam-nos em cima.

Talvez se tenham dado conta de que, quando falei dos «inacessíveis», antepus um «meu»: «os meus inacessíveis». Quererá isso dizer que os tenho em consideração, que os vejo como a minha gente, até mesmo os inacessíveis, justamente esses? Assim é. *Ita est*. A meu ver, todos eles me dizem respeito, os tantos milhares de milhões de bípedes inacessíveis, cada um deles, até aos confins do globo terrestre. Eu sei, ou creio saber: ninguém nem nada consegue alcançá-los, nem um verdadeiro nem um belo, e muito menos, isso foram tempos, um «divinamente belo», nem um só. Mas eu quero, e não é só desde hoje, alcançá-los, através do banco, número especial. Ou então assim: anseio há muito conseguir fazer com que eles se tornem acessíveis — que ouçam —, sejam abertos — respondam (mesmo que seja sem palavras), sejam eles bípedes ou unípedes, quer não tenham perna nenhuma ou, por mim, a quatro, rastejando de barriga no chão.

Ao mesmo tempo sei muito bem que esta minha ânsia — mais do que um desejo — é, sem a dança dos véus da doce ilusão, um puro disparate. E já vi que os animais, por via de regra, sobretudo quando gostam da voz e do ritmo a eles destinados, são abertos, escutam, o que pode ser por si só já uma resposta. Em contrapartida, nunca na vida isso sucederá com vocês, os meus inacessíveis, vocês, a coroa da criação. Sim, eu vi: não é só um ou outro pássaro — sobretudo este ou aquele corvo — que já aguçou o ouvido por

mim, mas também, uma vez por outra, uma cobra, um sapo, um vespão. E embora a cobra, em resposta, serpenteasse um pouco mais devagar do que o habitual ao afastar-se só para conhecer melhor, o sapo parecesse deter-se um momento antes de saltar, o vespão, no seu voo em zig-zague, se aproximasse dos meus olhos no seu voo em círculo e, em resposta, me mostrasse o seu amarelo particular de vespão, além de produzir um vibrar de asas sem qualquer ameaça, como que protegendo-se do zumbido das vespas com ferrão e acentuando assim como os vespões, contrariamente a vocês, as vespas, somos seres que sabem manter a distância e, além disso, conhecemos, de uma forma completamente diferente de vocês, a timidez.

Há muito tempo imaginei fazer uma coisa que até um ser humano, amarrado e amordaçado num armário escuro como breu, se lhe chegasse aos ouvidos, os abria para ouvir. E agora? Agora imagino que vocês, exércitos de inacessíveis, nascidos já de pessoas que ninguém nem nada consegue alcançar, e que, durante uma vida longa e cada vez mais longa, e no futuro, talvez dentro de pouco tempo, imortais, sentados com uma perna diante da outra, poderiam ser acessíveis — pertenceriam aos meus acessíveis — apenas e só num armário sem luz, amarrados e amordaçados, sós e abandonados. Só um lugar assim vos faria escutar; só nele viria uma resposta vossa, nem que fosse — em vez das vossas vozes hipernítidas, ultraclaras, como que saídas de altifalantes, inescapáveis em todo o lado, retumbantes — um gemido. Um lugar onde finalmente deixassem de estar no vosso papel, vocês, os inacessíveis. — Pensamento convencido. Arrogante! — Não, pleno de convicção, uma e outra vez.

O último lugar antes da minha partida, atravessando Paris até à Gare Saint-Lazare, e seguindo depois para noroeste, em direção à Picardia, foi o parque infantil ao lado da estação da baía, mesmo ao pé da linha férrea, separada dela por um gradeado alto. Com os anos, ganhara afeição a este lugar, não só por causa das crianças. Além disso, agora, nas semanas de férias, praticamente não tinha movimento, e àquela hora até pensei que estivesse vazio. Sentei-me num banco, à sombra, diante dos baloiços e comi a maçã temporã surripiada. Era sumarenta, áspera e macia ao mesmo tempo, e tinha o sabor dos tempos antigos. Os comboios, como era habitual ao princípio da tarde, em particular nos dois meses de verão, eram raros, e o barulho que mais sobressaía era o do vento nas copas das árvores. O par de baloiços oscilava lentamente para cima e para baixo, do vento ou porque uma criança tivesse andado neles há pouco. A estrutura estava debaixo do Sol ofuscante e as duas sombras dos baloiços no chão pareciam movimentar-se mais depressa do que os próprios baloiços. Aos meus pés, partindo da areia, subiu sem eu dar conta a águia que, nas horas matutinas, tinha descrito os seus círculos sobre a casa e o jardim; agora era, contudo, apenas uma pequena borboleta, com um desenho nas asas como o das penas de uma águia. Só então é que eu vi atrás dos baloiços, noutro banco, numa sombra mais densa, meio escondida pelos ramos de um arbusto, uma mulher, era uma mulher jovem. Pareceu-me reconhecer o rosto dela e ela

sorriu-me, como se estivesse também a reconhecer-me. Fiquei a pensar e por fim fez-se luz: ali estava, num lugar completamente diferente do lugar habitual, a senhora que trabalhava na caixa do supermercado, no extremo inferior da praça da estação.

Estava com a bata vermelha do trabalho, mas tinha descalçado os sapatos ou sapatilhas de funcionária da caixa, bem como as «meias de trabalho» correspondentes, colocadas sobre o calçado pousado à sorte. O penteado da mulher de pele morena era o mesmo de sempre, mas era diferente ao mesmo tempo. Tudo era diferente na funcionária da caixa. Era apenas o fim do intervalo de almoço e, apesar disso, rodeada de luz e sombra, era outra pessoa, transformada, um ser, como ouvi alguém exclamar uma vez diante de uma criança: «Isto não é uma criança, é um ser!» Por isso, ao ver a rapariga, não fiquei boquiaberto no mau sentido e deixei-me ficar a presenciar uma coisa que já tinha vivido e percebido, mas que perdia sempre de vista: sim, o reconhecimento de que era sempre possível uma transformação.

Aquela transformação era o contrário de uma deformação, era uma ascensão a algo mais elevado e aberto, uma viragem para longe de tudo o que é definido, para o indefinível. A transformação não podia ser chamada. Mas estava, também, em meu poder. Eu era chamado a transformar; transformar era um mandamento, um que ficava entre o décimo primeiro e o décimo terceiro. Era um mandamento que, paradoxalmente?, libertava como nenhum outro. Mas não era a liberdade de criar, como império legítimo do mundo, o sentido de todos os mandamentos?

Ver a funcionária da caixa do supermercado transformada também me transformava a mim ao mesmo tempo, e voltava a memória de não poucas transformações idênticas, começando pela do diretor do maior dos bancos da praça da estação, que eu tinha, ainda não há muito tempo, encontrado nos bosques da baía, no limiar de uma pequena clareira, escondida, quase preenchida de vegetação. Ele, que no gabinete de diretor estava todo apumado, exalando até à entrada da porta o seu perfume *Dior* ou outro qualquer, com as unhas como se tivessem sido tratadas de hora a hora, o penteado ondulado com gel, estava ali todo suado, com o cabelo desgrenhado, sentado na erva alta a comer à colherada a sopa de uma marmita de lata, uma daquelas que se podiam fechar e que aguentavam a temperatura dias seguidos, usadas em tempos, ou talvez ainda em uso em certos países?, daquelas que os trabalhadores levavam com a comida que a mulher lhes mandava para o turno. O bancário estava calmamente encostado ao tronco de uma árvore e olhava, de tempos a tempos, em volta, com a colher vazia junto aos lábios, como se olhasse para um domínio secreto, mas que nada tinha de errado ou proibido, e que era, precisamente por ser secreto, naquele momento o melhor de todos os lugares do mundo. Assim que se apercebeu da minha presença, levantou-se desajeitadamente com um sorriso de saudação e estendeu-me a mão de longe, tal como fazia no escritório, da mesma forma e de forma completamente diferente, e disse, com uma surpresa não forçada na voz, palavra por palavra

aquilo que também eu tinha na ponta da língua: «Mas que coincidência — veja lá: o senhor aqui no meio do bosque!»

Involuntariamente, espreitei para o banco onde a funcionária da caixa estava sentada, a ver se também teria uma marmita aos pés dela. Mas o que transparecia da sombra eram só as solas nuas dos pés, levantadas, balançando, claras, contrastando com as pernas morenas. A jovem mulher não estava a teclar nem a mexer num telemóvel. Não se estava a maquilhar, nem em frente a um espelho de bolso nem em frente a outra coisa, ao contrário de muitas jovens no metro, sobretudo ao final da tarde. Não inclinava a cabeça para trás nem fechava os olhos. Não dava mostras de cansaço nem de estar desperta. Não abria nem fechava nenhuma bolsa. Não lançava olhares por entre as pestanas. Não pestanejava nem erguia as sobrancelhas. Não passava os dedos pelos lábios. Não puxava a bainha da bata nem para baixo dos joelhos nem para cima. Não fazia o papel da distante nem de quem não é distante. Estava simplesmente ali sentada, balançando os pés, ocupada em silêncio consigo mesma, e para lá de si mesma. E apesar de não olhar para mim nem deixar de olhar, era evidente que, ao fim de algum tempo, éramos conhecidos, participando no segredo deste momento e no que continuaria a acontecer.

Levantou-se do banco e tomou o caminho de regresso à caixa do supermercado. Ao afastar-se da praça, acenou-me e eu acenei-lhe também. Era visível o balançar dos braços, finos e compridos, ao caminhar em linha reta, dando a impressão de que traçava curvas. O último olhar, antes de deixar de vê-la, mostrava-a a puxar o cinto em volta da cintura, uma vez e outra, para cima e para baixo, para lá e para cá, com gestos que mal se percebiam, como se utilizasse só as pontas dos dedos. Não dava nada a entender que estivesse a tentar mostrar-se e a atrair para si a atenção, mas sim, pelo contrário, parecia a tentativa do mágico de se tornar invisível. Aqueles gestos mágicos tinha-os eu divisado ao olhar a ladra de fruta.

Se até aqui, em todas as estações da minha partida, tinha recuado de cada vez pelo menos alguns passos, na alameda, na estrada, e sobretudo ao sair do parque infantil junto à linha férrea, agora, já no cais, os meus passos só avançavam. O que não era contraditório com o facto de ir sentado com a cara voltada na direção oposta à da marcha do comboio, ao atravessar Paris e ao mudar de comboio lá. Tinha criado aquela obrigação, sempre que possível, em todas as viagens em meios de transporte públicos, nos autocarros, nos comboios; achava assim que via mais do que se passava lá fora, em frente às janelas, ou que via coisas diferentes de forma diferente. E se me perguntarem se, nos aviões, também preferiria um lugar à janela na direção oposta à do voo: sim.

Só à partida do comboio me apercebi de que o cais suburbano, quase vazio, estava coberto de folhas murchas, vindas com o vento sabe-se lá de onde. No entanto, ainda no dia anterior tanto a linha do caminho de ferro como os cais se tinham mostrado impecavelmente varridos pelo vento estival; era um prazer especial, ao caminhar ao longo do cais asfaltado, pisar o terreno

arenoso muito mais longo — ainda o ruído mais que conhecido do calçado dos passageiros, os cliques e os clagues, e de repente, uns passos atrás dos outros, mesmo dos botins de mulher à altura dos tornozelos, mais bicudos e endurecidos, os tongs ou tangs (ou lá como se chamam), que torturam os ouvidos, ainda e só um ranger a várias vozes que se prolongava, ritmado e pacífico, até ao final longínquo dos cais, como se estivéssemos todos ali para uma curta viagem de ida até Paris, por um lado; por outro lado, ainda mais curta, até Versailles, a caminho do embarque numa estação do deserto, e de lá?, quem sabe até onde.

Pelo contrário, um dia mais tarde, àquela hora da partida para a minha viagem até ao interior do país, pensava, ao ver o comboio chegar, que, ao pisar as folhas à altura dos tornozelos, acumuladas sobre a areia, em vez do ranger promissor das solas, não haveria outra coisa que não fosse ruído; e das múltiplas colónias de buracos feitos pelos pardais a remexer na areia, onde ontem ainda havia as miríades de asas de pardais e seus volteios, entre nuvenzinhas de areia e pó a subir ao longo do cais, aqui e ali, no meio de uma piadeira e chilreios frenéticos, hoje já só sobressaía a folhagem do outono que se aproximava, entupindo os buracos feitos na areia hirta, quando muito com o vento que sacudia os caules.

De repente, já nada me parecia evidente, tanto na minha viagem quanto no meu projeto. E ainda bem que era assim! E será que antes tinha sido uma coisa evidente para mim sequer? Nunca. Nem uma única vez. E não condizia com isto o facto de o comboio, logo após a partida, passar por um túnel excecionalmente longo para um percurso tão próximo de Paris?

Houve ainda outra coisa que me despertou o olhar, no panorama que passava no sentido oposto ao da marcha do comboio — era algo, no céu sobre a baía de ninguém, que era diferente do habitual, e não só desde aquele dia, e o meu olhar igualmente foi despertado por algo que faltava ali, e aquilo também já há muito tempo. Para começar, os muitos aviões que, como de costume, atravessavam o céu azul em todas as direções, piscando por todos os lados, incluindo, como se fizesse parte do verão, a cauda de condensação especialmente curta, tinham qualquer coisa de insolitamente tranquilo, talvez por voarem tão alto, de tal forma que, ao vê-los, me ocorreu o velho termo «aeronave». Aquela tranquilidade tinha um efeito tanto mais surpreendente, tendo presente a história atual, em que a «guerra» fora declarada de um lado como do outro, até me ocorrer que, não só desde ontem, não ouvia nem via nada vindo do grande aeroporto militar que ficava nos limites suburbanos, nem o zumbir nem o trepidar dos helicópteros por cima dos telhados, nem tiros repentinos dos esquadrões de caças que pareciam sair diretamente dos cumes das florestas. O espaço aéreo local, «o nosso espaço aéreo», pensei eu involuntariamente, estava, com exceção dos aviões da aviação comercial, que voavam lá em cima, na estratosfera, vazio. Para onde tinham ido os aviões militares, os bombardeiros, os lança-mísseis? Claro: estavam estacionados mais perto de Paris, agrupados diretamente à entrada da cidade ameaçada, em

círculo à volta da metrópole, em conjunto com os aviões de combate e de guerra de outros aeroportos militares, lado a lado. Mas onde? Nos *boidevards* exteriores? Camuflados debaixo das escarpas cobertas de verde das autoestradas urbanas? Prontos para descolar repentinamente na vertical, ou como era o termo para isso? — Após o que, enquanto o comboio continuava pelo túnel em direção a Val Fleury, o vale florido (ou coisa assim), o meu latim estratégico ou jargão militar, ainda antes de ter começado propriamente, já se tinha esgotado.

Tendo descido no Pont de l'Alma, no centro de Paris, atravessei a ponte para a estação de metro Alma-Marceau, para mudar ali para a Gare Saint-Lazare. Como o Sena corria depressa, ali, naquela curva apertada, como se estivesse represado, talvez fosse só nesta parte da cidade que corria torrencialmente. Sempre me chamara a atenção aquele fenómeno, e de forma tanto mais premente quando era mais breve do que o habitual, mas em compensação mais intenso, como naquele dia.

No metro, no meio da confusão, corpo apertado contra corpo. Como algumas vezes, não tão raramente quanto isso, pareceu-me, pelo menos em Paris, que todos os rostos no metropolitano eram belos e nobres, desde as testas, passando pelos olhos, até às bocas; e também alguns narizes pertenciam ao sentimento de «belo». Só que desta vez não precisava, diferentemente de outras vezes, de varrer com os olhos o compartimento, *la rame*, para ver mais longe: aqui, perto de mim, os rostos à luz do metro eram todos belos e eu também gostava de cheirar os corpos, desde que cheirassem a qualquer coisa, fosse a que fosse.

Diante da Gare Saint-Lazare estava sentado, no meio do tumulto, no seu banquinho de plástico, mais uma vez e sempre que eu apanhava o comboio para o campo, o velho que a meus olhos tinha de facto qualquer coisa de um Lázaro, embora não de um santo. Não eram só os cabelos desgrehados, que conservavam ainda umas madeixas loiras, era o homem no seu todo que parecia ter saído de baixo de uma chuva de cinza, como se estivesse enfiado, do chão até acima dos tornozelos nus, numa camada de cinza. Apesar disso, estava sempre a sorrir para ninguém em particular, mas também não era para si mesmo. Há cinco anos, na minha primeira viagem à Picardia, ao Vexin, estava sentado exatamente da mesma maneira no meio do passeio, dos milhares de pessoas que o torneavam, e também com exatamente o mesmo cartaz à volta do pescoço, onde se lia — não «*J'ai faim!* Tenho fome!», era o que faltava — mas sim «*J'ai 80 ans, aidez-moi!*», «Tenho 80 anos, ajudem-me!», com a diferença de que, entretanto, o «80» passara a «85», tal como nos anos anteriores surgiam os algarismos correspondentes, de 81 a 84, «Tenho 85 anos, ajudem-me!». E, pela primeira vez, já eu tinha passado por ele e, continuado a andar, voltei, como costumava acontecer-me com os pedintes, dei-lhe qualquer coisa, não propriamente como o benfeitor de Lázaro, mais como aquele que quisesse quase comprar quase a sério, não, muito a sério, eu queria comprar uma recompensa, por exemplo sob forma de um certo sorriso,

uma espécie de bênção para a viagem. A bênção para a viagem não se concretizou.

Lá dentro da estação multiplicavam-se os pedintes. E eram diferentes, não eram pedintes tranquilos, calados, passivos, eram pedintes ativos — pediam alto e bom som. Na máquina de venda automática de bilhetes, acontecia-me sempre a meio da introdução de dados (ou como lhe chamar) ser abordado por trás, o que me fazia enganar constantemente até que dei um berro a um deles, que me deixasse tratar daquilo primeiro, e ele, que ainda havia pouco pedia como um robô, assustou-se comigo da forma mais corpórea e humana possível, quero dizer, e escrever, afastou-se uns passos, desculpou-se em voz baixa, o que fez com que sentisse pena dele, e dei-lhe qualquer coisa, apesar de entretanto ter perdido o comboio. (O seguinte, por acaso, não saía muito mais tarde.)

Devia eu levar os passos com que ele se afastou como a bênção de que necessitava para a viagem? Ainda enquanto me passava a ideia pela cabeça, já estava a ser abordado por outro pedinte e logo a seguir por outro. Não lhes dei nada — «já tinha dado» ainda agora, e logo «duas vezes». Em sequência disso, chegou-me a gritaria, da esquerda e da direita: «Vergonha da tua mãe! Que tenhas lepra nos dedos! Oxalá fiques entalado entre o comboio e o cais! Que os teus filhos morram! Hás de dormir na areia movediça! O teu amuleto há de ser um dente podre! Hás de ter uma maçã podre para jantar! O teu último caminho há de estar coberto de merda de cão! Que atirem os teus restos mortais para o esgoto da jaula das feras!»

Assim reverberavam estas palavras, quando depois me ocorreu: não seria aquilo exatamente a bênção que faltava para a viagem? Decidi que sim e senti-me de facto transportado para diante, como que erguido acima da multidão que, entretanto, ao final da tarde, se adensava, e ao mesmo tempo sentia-me firme e seguro sobre as minhas duas pernas, o olhar a rastrear entre a turba de passageiros no solo da estação, que, no meio dos empurrões e apertos parecia vazia, deixem passar!, só para mim e o meu caminho. De notar que, entre todos os que passavam, depressa mas apesar de tudo tranquilos, como coisa habitual no dia a dia, dirigindo-se para os comboios — tranquilamente mesmo os apressados, os que comam —, acontecia uma vez e outra um solavanco e começava uma correria autêntica, que tinha qualquer coisa de debandada, de fuga de alguma coisa, literalmente em pânico, que, no entanto, não durava muito tempo e se acalmava de novo, ao fim de poucos passos de corrida.

Como assim? Olhando para o chão vazio no meio da confusão, não havia multidão nem turba. Porventura nunca a teria havido? E sempre que levantava a cabeça, à altura dos olhos, confirmava-se: só ouvia e via indivíduos. Ou então assim: eu ouvia e via cada um individualmente. Do meio do ruído generalizado conseguia ouvir-se um suspiro isolado, e que suspiro. De outro passageiro, que atravessava, apressado, o átrio comprido da estação, em francês *salle des pas perdus*, sala dos passos perdidos, pelo meio da multidão,

conseguia ler-se nos seus olhos um sofrimento, especial, bastante intenso, que o forçava a andar mais devagar ou até a ficar parado ali mesmo, o que, porém, estava fora de questão. Uma dor? A dor. A dor «dor». E essa permaneceria, já não era possível aliviá-la, nada podia aliviá-la.

As linhas da ferrovia da Gare Saint-Lazare dividem-se entre as que seguem para as áreas suburbanas e as que seguem para o longo curso, as dos comboios para a Normandia, e de lá sobretudo para o mar, para o Atlântico de Le Havre, Deauville, Fécamp, Dieppe. Para onde eu queria ir não iam nem os comboios suburbanos nem os de longo curso. Era uma linha secundária, que terminava no meio do campo, muito longe de Paris e praticamente à mesma distância do oceano. Preferiria eu fazer parte dos que estavam a caminho dos comboios que se dirigiam para o mar? Há muito que não. Ao entrar no meu comboio, lembrei-me, em vez disso, de um sonho da noite anterior. Era preciso para aquele comboio em particular um cartão de embarque como de resto só é preciso para um avião, e eu tinha-me esquecido do cartão de embarque, ou, em todo o caso, não o tinha comigo. Era demasiado tarde para comprar outro, o comboio ia partir naquele mesmo instante e era o último comboio a seguir na minha direção, não só naquele dia — era o último de todos.

Era de facto (naquele dia) o último comboio que ia para o Vexin, na Picardia. De resto, não iam muitos comboios para lá — quantos eram? Já o soubera em tempos — a meio do verão eram muito poucos — quantos eram? — não tinhas decidido acabar com a contagem? —, e o último partia agora de Paris, embora fosse já final de tarde, ainda em pleno dia, horário de verão, e isso queria dizer: a luz não queria ceder por nada, como era necessário, ou pelo menos eu necessitava disso a partir de uma determinada hora. E o comboio, assim que ultrapassasse os limites da megalópole, a partir de Argenteuil, pararia em cada uma das muitas estações — quantas eram? não tenho resposta —, na maioria delas era só uma paragem rápida. Ainda não seria de noite na minha estação de destino, nem sequer o lusco-fusco, mas a luz seria, finalmente, uma luz modificada e não só por causa da hora adiantada.

O comboio pusera-se em andamento a abarrotar de gente, atrasado sucessivamente por pessoas que atravessavam o átrio a correr, que, depois do trabalho diário, ou outra coisa qualquer, em Paris, queriam apanhar ainda o comboio para casa. Apinhados, provavelmente ainda mais apertados do que antes, no metro, íamos sentados e, na grande maioria, de pé em todos os cantos das carruagens de dois andares, de dimensões reduzidas para tal afluência; muitos de nós, entre eles também eu, íamos sentados nas escadas, os assentos rebatíveis, junto à entrada e saída, também estavam todos ocupados, aqui e além iam duas pessoas muito apertadas num só, quando o comboio, após um sinal de partida estridente, que ressoou durante um minuto, finalmente se pôs em marcha; antes disso dava só pequenos solavancos, como se aquela carga de passageiros fosse excessiva para ele. No silêncio que se fez logo após ter terminado o sinal, quando ninguém estava a falar e nem sequer

um telemóvel tocava, não se ouvia, ao longo das carruagens, nada a não ser o ruído ofegante e esbaforido, a várias vozes e homogêneo, dos que tinham chegado a correr e subido para o comboio no último momento, ou daqueles, incapazes de saltar fosse de que maneira fosse, que tinham sido puxados para dentro da carruagem por nós, já lá dentro, aumentando o ruído ofegante em uníssono, aqui e ali um arquejar e um roncar isolado, e ruídos de silvos vindos do mais profundo dos pulmões, como se fossem foles em risco de rebentar.

O nosso comboio, como era habitual no verão, não tinha os costumeiros jornais gratuitos, distribuídos de compartimento em compartimento. E por isso tinha comprado na estação, por causa da página da meteorologia e, sobretudo, por causa da secção Local, o *Parisien*, edição local «Département Oise», e pus-me a estudar o jornal no meu assento nas escadas; ia dobrando a página que estava a ler para trás, não havia espaço para um jornal aberto, nem para o formato pequeno de um jornal como o *Parisien*. Como sempre, o boletim meteorológico lamentava o surgimento da mais pequena nuvem no horizonte e a ameaça de um dia de chuva, uma chuva de verão, ou até de um aguaceiro no campo — não era a agricultura, não, eram as férias dos cidadãos, e quase todos os ventos, incluindo o vento estival, que eram temidos, eram os ventos contrários, indesejáveis. Na coluna ao lado, o meu horóscopo: «Elementos surgidos no último momento poderão prejudicar os seus planos.» E o da ladra de fruta? «Você tornou-se indispensável. Não abuse do seu poder.» Na secção Local, uma menina pequena, raptada enquanto brincava na estrada por um lavrador que vivia sozinho, tinha sido encontrada, ilesa, na propriedade distante daquele; perante o tribunal, o raptor alegou que tinha deixado a menina entrar no carro, pensando: «Esta criança não me vai fazer nada de mal!» (Sentença: dez anos de cadeia.) Outra notícia local do Oise dizia respeito a um polícia que, no tempo livre, andava à caça de apará-lápis de todo o mundo; a sua coleção, na cave, contava dezenas de milhares de objetos; começara a colecionar ainda em criança, por timidez. E, como tantas vezes, continuei a folhear contra a minha vontade, até chegar às secções Nacional e Internacional, e li que o assassino do padre ancião da igreja perto de Rouen (Normandia), após tê-lo degolado, «ficara com uns olhos indescritivelmente ternos». Um condenado à morte — onde havia de ser senão no Texas — tinha sido dado, uma hora antes da execução, como inocente e uma vez mais sentia-me sufocado pelas lágrimas. Na mesma página, no entanto, estava o *serial killer* que tinha em vista somente as virgens para, ao estrangulá-las, ver o medo nos seus olhos de virgens: merecia uma morte exatamente igual, longa, prolongada, cara a cara com uma carrasca e estranguladora virginal. E, na página anterior, vejam só: o mar de Aral, quase seco, enche-se novamente de água!

Argenteuil, Corneilles, Herblay: cada vez mais pessoas a descer do comboio, já poucos entravam; a grande maioria dos passageiros morava na periferia, até lá chegava ainda o comboio?? suburbano. Seguia-se Conflans, como diz o nome era a cidade da *con-flans*, da confluência dos rios Oise e

Sena: seria ainda um subúrbio? Tinha o aspeto de um subúrbio, mas de quê? De Paris? Mal se notava. E depois, mais para norte, Pontoise, a cidade-ponte junto ao Oise, a antiga cidade real assente nas escarpas de calcário e gesso, sobranceira ao rio; na catedral continuava presente — se se quisesse — Saint-Louis, São Luís, o rei que tinha um capuz de lã em vez de uma coroa, o mais infantil de todos os reis: já não havia vestígios de um subúrbio ali.

Os compartimentos não se tinham esvaziado, mas havia muitos lugares vazios, e podíamos ocupar um lugar sentado, sozinhos, longe das escadas apertadas, com alguma distância dos outros passageiros, que agora eram poucos. íamos sentados? íamos a ler? Olhávamos pelas janelas do comboio? Suspirávamos? Nada de «nós», seja de que tipo for. Basta de «nós» por hoje. «*No milk today, my love has gone away*»? Mas porque é que eu não conseguia desviar o olhar dos outros? E muito menos das mulheres, sobretudo das mais jovens?

Havia cada vez mais claridade nos compartimentos, que comunicavam entre si desde a carruagem da frente, junto à locomotiva, onde eu ia sentado de costas para o sentido da marcha, até à última, lá ao fundo, onde, atrás da porta envidraçada, o caminho de ferro se ia desbobinando; mais claridade na paisagem depois de Pontoise e, mais nitidamente ainda, depois de Osny e Boissy l'Aillierie, cada vez menos habitadas, localidades onde havia terra cultivada, ali e acolá, numa espécie de terrenos baldios, uma paisagem cada vez mais como que abandonada — o percurso subia o rio através dos pastos do vale do Viosne —; luminosidade dos espaços que aumentavam no comboio de paragem em paragem, lembrando-me os espaços em branco — só dos antigos? — nos mapas; luminosidade dos vestidos e, ainda mais, da pele nua de todas as jovens que, aqui e ali, iam sentadas, dispersas por um ou dois compartimentos, algumas sozinhas também; parecia que eram, entretanto, com exceção de um homem esporádico, mais maduro, ou velho, quer dizer, eu, as únicas passageiras desde a frente do comboio até à porta de trás.

O meu olhar de mulher em mulher, atravessando os poucos compartimentos do comboio curto, era um olhar de procura. Sentia em mim a necessidade premente de descobrir algo nelas. O quê? Simplesmente descobrir. Mas por muito que tentasse, não consegui, com nenhuma das jovens. Não havia ali nada, mesmo nada a descobrir, pelo menos para mim. As que iam de rosto coberto podiam até causar-me a devida (ou também indevida) repugnância. O rosto não coberto de uma mulher bonita e também o de uma menos bonita era feito, parecia-me, sentia, sabia, como nada neste mundo, para exaltar o meu coração. Sim, coração ao alto, corações ao alto! E não era preciso virem-me com o paraíso, numa versão livre daquele ditado que dizia que nada prometia tanto o paraíso como o perfume de almíscar, a beleza das mulheres e a frescura dos olhos na oração. Nunca na vida houve um rosto descoberto de mulher que me despertasse o desejo, nem muito menos a chamada lascívia. De tempos a tempos havia um rosto assim, aberto e mostrando-se na sua tranquilidade, que me despertava, sim, mas era de cada vez um tempo

sagrado, sim, e o rosto era um despertar de mim mesmo, sim. Desapareçam todas vocês, cobertas de véus e embuçadas, pelo amor de Deus.

Olhando para as jovens que iam no comboio, contudo, eu queria ver os rostos, pelo menos um ou outro, por detrás dos véus, grossos, escuros, invisíveis. Nas mulheres que traziam véu — dependendo do véu — podia haver alguma coisa a adivinhar que, em caso de sorte, ultrapassava a visão clara, era outra claridade. Contudo, os rostos destas mulheres, e não só os rostos, nus e oferecendo-se abertamente — por muito que eu estivesse obcecado por algo, minúsculo que fosse, expressivo, que me dissesse qualquer coisa —, pareciam-me, sem exceção, mascarados («exceção minúscula, mostra-te!»). Ainda jovem, vi um dia, num desfile de mascarados, uma pessoa não mascarada e pensei: «Só quem não está mascarado é que vai orgulhoso!», e depois: «Nunca mais quero ver máscaras!»

E agora: para onde quer que se olhasse havia caras mascaradas, um corpo mascarado atrás do outro. Nem um olho que se desse a conhecer, fosse de que maneira fosse. Nenhuma raiz de cabelo que estivesse viva, ainda que o vento soprasse aqui e além uma madeixa por breves instantes. Nenhuma sarda que, ao ser observada, se transformasse talvez em duas. Nenhuma clavícula que permitisse imaginar alguma coisa. Nenhum peito seminu, nenhum umbigo nu, nenhuma unha pintada da qual saísse, soprasse, nos assaltasse qualquer coisa. Assaltaria a minha pessoa? Assaltaria o espaço, saltando para o acontecimento. Não sucedia às vezes, justamente perante desconhecidos, indiferentemente de serem mulheres ou homens, que, por um instante, a história de uma ou do outro se convertesse em linguagem como imagem, imagem como linguagem, imagem verbal, uma imagem verbal única que, mesmo não correspondendo aos factos vividos, representava a vida com maiúscula? Os rostos mascarados das mulheres e os corpos femininos encobertos não diziam nada. E nada que passasse cá para fora como imagem, ainda que fragmentária. Nenhuma ideia, nenhuma imaginação, ou sequer uma fantasia, eram permitidas em relação ao que estava por detrás das máscaras, que fosse, oxalá, a vida, que tivesse sido, que viesse a ser.

Senti que estava a ter uma espécie de acesso de fúria; que estava prestes a insultar o mulherio por não ser nada daquilo que deveria ser aos meus olhos. Calado, devo ter apanhado com um mau-olhado, porque uma jovem, a que estava mais perto de mim, se virou abruptamente como se estivesse a tentar fugir de mim, apesar de haver duas filas a separar-nos. E de novo estava prestes a abrir a boca e a gritar-lhe na cara o que pensava: «Não penses que quero alguma coisa contigo. Nenhum homem, já ninguém sonha nada ao ver as vossas fronhas. E quando sonha: ai dos pobres homens que vos caíam nas garras, suas altezas falsas. Vai ser uma razia, vocês, suas mulheres mascaradas no vosso trilho guerreiro, vão arrasá-los. Vocês estão no caminho errado — estão em caminho nenhum. Mas ao menos reparaste em mim.»

Para longe de vocês e das vossas companheiras de guerra, para longe do piso das mulheres. O compartimento de baixo ia vazio. Olhando uma segunda

vez — não, só uns olhares depois, é que vi que ainda havia alguém ali sentado. Ou seria uma trouxa de roupa, esquecida, ali deixada propositadamente, deitada fora? Aquilo que ali estava, como que caído, em vez de estar num dos assentos normais, num dos assentos de emergência ou rebatíveis, meio sentado, meio deitado, estava vivo, era um ser vivo, uma pessoa. A trouxa esticava-se, encolhia-se, e assim sucessivamente, num ritmo contínuo. Aquela pessoa, estendida sobre o assento rebatível, dormia o mais sossegado dos sonos. Uma madeixa de cabelo, que lhe pendia sobre os olhos, voou para o lado numa expiração mais forte e deixou ver o rosto completo de quem dormia.

Susto: inesperadamente, tinha a ladra de fruta diante de mim. O susto vinha de duas coisas, uma de ela estar ali, em carne e osso, ela, a minha ladra de fruta, e ao mesmo tempo de não poder ser ela, de maneira nenhuma. Sim, eu sabia que ela não estaria longe dali, na mesma zona, na mesma região, mas era impossível que ela fosse a pessoa que ali estava a dormir e que eu me encontrasse com ela justamente agora, que estivesse com ela no comboio.

Difícil de acreditar, mas acreditem: foi um doce susto. O facto de, ao ver a jovem que dormia, ter dado uns passos atrás não era uma fuga, era de contentamento, era um susto contente. E estava contente por, depois de ter recuado, olhar para ela, ela e tudo o que estava à volta dela em círculos que se iam alargando.

Sempre fui contrário a descrições de rostos, de um tipo ou outro — sempre me contrariaram todas as ideias feitas, em vez das que se impõem por si mesmas. Por exemplo, aqui, o facto de a jovem ter na têmpora a mesma veia saliente que a ladra de fruta, e talvez só agora durante o sono profundo, e o facto de ela também (como disse) ter um aspeto muito jovem, o que talvez mudasse — que transformação!, quando ela abrisse os olhos — sem que com isso a aparência de juventude desaparecesse.

Mais digno de nota, ou digno de nota de outra maneira: como aquele assento de emergência, onde a jovem dormia, tinha sido feito por ela, pelo corpo todo dela, desde a cabeça caída para trás até aos pés esticados para diante, um lugar altamente pessoal. Parecia que não tinha sido ela, mas antes o lugar a aconchegar-se a ela, e era como se à volta dela o espaço se tivesse tornado o seu espaço pessoal, o chão do compartimento de certa forma adaptado para abrigar a bagagem, pesadíssima de resto, dura e, pareceu-me, invernosamente escura como a roupa dela, como se estivesse a caminho de uma expedição-de-uma-mulher-só-aos-cumes-nevados, e logo na Picardia, para onde se dirigia, e que era, quando muito, ondulada, mas sem cumes. E de notar ainda que as pernas afastadas, durante o sono profundo, não diziam nada mais do que as pernas afastadas de uma qualquer criatura humana durante o sono profundo.

O doce susto converteu-se, na observação, em espanto. Só agora é que me apercebia de que o lugar onde a jovem dormia ficava exatamente debaixo da escada para o compartimento de cima. Espantava-me porque me trazia à

lembrança uma coisa: a mãe da ladra de fruta tinha, em tempos, procurado a filha desaparecida muito longe de casa, precisamente na espanhola Sierra de Gredos, e no final revelara-se que a criança — na altura ainda era praticamente uma criança — estivera o tempo todo na vizinhança, aliás no mesmo terreno, disfarçada de rapaz, numa antiga casinha de porteiro, e isso recordava-me na altura outra história, muito antiga, mais uma lenda: a lenda de Alexius, que, após anos em terras longínquas, regressa a casa dos pais, pedindo, e não é reconhecido pelos seus, instalando-se num tabique, debaixo das escadas, sem nome, dando-se a conhecer como filho apenas na hora da morte.

E a rapariguinha não se chamava também assim, ou a mãe, no momento do reencontro, da «*mother-and-child-reunion*», como naquela canção do Paul Simon, não lhe chamou «Alexia!» — fosse qual fosse o seu verdadeiro nome? «Alexia!» Oh, tantos mapas, e detalhados como só os mapas militares, abertos em roda da jovem que dormia no comboio. Sonho acordado, o meu, ao observar: «Isto tudo à procura da mãe...» E ainda: «Mas porque é que ela precisa de tantos mapas geológicos, com todas as camadas de rochas e pedregulhos da Picardia, desenhados, camada por camada, até ao subsolo de há dez, cinquenta, cem milhões de anos?»

A visão da jovem que dormia, com todos os seus complementos, foi excessiva. Retirei-me para outro compartimento, o mais distante, na outra ponta do comboio. Só depois vi, pelo canto do olho, a jovem a descer em Chars, ao pé daqueles moinhos, já no Vexin, embora a região ainda pertencesse à Ile-de-France, na fronteira com a Picardia. Evitei segui-la com o olhar. Tinha visto que chegasse por enquanto.

À saída da estação de Chars, a última da Île-de-France antes da Picardia, esperavam, nem de propósito — meu? Não, não era meu o propósito —, os revisores da praxe. Para Chars era preciso pagar outro bilhete e os que tínhamos até ali já não eram válidos; quem continuasse viagem, mesmo que fosse um trajeto curto, era, de acordo com o cartaz de aviso, ou melhor, de ameaça, que se via nos compartimentos, cometia uma «fraude» e tinha de pagar uma multa elevada, se é que não era ameaçado com pena de prisão.

Os passageiros que tinham saído em Chars, provavelmente também a sócia da ladra de fruta, tinham tido de mostrar o bilhete ao revisor. Eu desviara o olhar enquanto o revisor controlava os bilhetes, como se estivesse a recusar algo em mim por ser testemunha, não fosse o caso de alguém sem bilhete ser humilhado por aqueles indivíduos em uniforme; eram seis os revisores, em algarismo: 6, os que estavam à vista, a bloquear a saída; todos os seis, ao mesmo tempo, punham os bonés do fardamento, era um impulso desviar imediatamente o olhar deles, para longe, para bem longe, para outro sítio qualquer; e ao fazer este movimento com a cabeça, apercebi-me de uma ou outra jovem no comboio, o que criou uma pequena comunidade entre nós. Arrependi-me do que pensei delas. Arrependido, voltei no meu íntimo às mulheres, a todas.

Quando o comboio voltou a partir, a equipa de seis revisores também lá estava. Primeiro ficaram à entrada do compartimento, apertados, e, a princípio, deixaram que os vissem assim. Durante algum tempo, não fizeram outra coisa que não fosse falar alto e bom som uns por cima dos outros, tão alto que nem os passageiros mais barulhentos de qualquer comboio do mundo poderiam ouvir-se a falar, e não paravam de rir às gargalhadas, as mulheres — estavam equitativamente distribuídas — eram especialmente exuberantes, mas todos riam de maneira artificial, como se a única coisa que estivessem a fazer fosse picarem-se uns aos outros.

Depois, como que seguindo um sinal, calaram-se e ocuparam o compartimento de tal forma que cada um ficava coberto ao lado por um homem ou atrás por uma mulher; nunca se sabia — tinha sido precisamente neste trajeto que, cinco anos antes, um revisor tinha sido esbofeteado, e dez anos antes, tinham passado a perna a outro. Ao contrário da gritaria e das salvas de gargalhadas de há pouco entre eles, as vozes dos revisores tinham passado, agora que pediam aos passageiros os bilhetes e documentos de identificação, para um tom de educação impecável. E ao devolver os papéis, faziam-no também de uma forma completamente graciosa, segurando-os com a ponta dos dedos, como se se tratasse de objetos valiosos que tinham virado de um lado para o outro, demoradamente, para examinar a sua autenticidade, e ainda agradeciam a todos e a cada um de nós, os examinados, desejando a continuação de uma boa-viagem, uma boa tarde e uma boa noite de descanso, emprestando às vozes (os homens) a mais pura fraternidade, olhando lá de cima (as mulheres), mas nem por sombras de cima para baixo, procurando os nossos olhos, os dos que estavam sentados aos seus pés. Nenhum dos revisores, que apareciam sempre isoladamente, se teria apresentado à gente com tal preceito — e além disso já há muito que não havia estes revisores — pelo menos em comboios como este agora — e além disso, por outro lado: será que em França teria havido alguma vez um «revisor» e não, desde o início, «na senda» da linguagem oficial francesa, o *contrôleur*?

Por fim, um feito: todos os que restávamos no compartimento, os que restávamos no comboio, tínhamos bilhetes válidos. Nenhum de nós foi apanhado a cometer uma fraude. Nenhum de nós foi obrigado a descer na paragem seguinte, a primeira paragem na Picardia, Lavilletterre. Éramos pessoas livres, éramos todos iguais. Faltou pouco para que os revisores se pusessem a saudar-nos unanimemente à despedida, ao mesmo tempo que nos davam os parabéns e um louvor.

Uma voz levantou-se das nossas filas escassamente preenchidas. Era a voz de uma das jovens, mais precisamente de uma que me parecera antes uma inimiga, para não dizer aqui-inimiga, de repente não sabia bem porquê — por causa dos seus cabelos curtos?, por causa do pescoço muito musculado?, por causa de umas narinas exageradas, sempre a expulsar ar cá para fora?, por causa de umas covas dos joelhos extratendinosas que se riam de mim com desprezo?, por causa de uns olhos que, ao olhar para mim, olhavam por cima

de mim, ao mesmo tempo que um queixo de bruxa se levantava, como que compreendendo, e dizia: «O que é que tu queres? Sai-me da frente! Desaparece!»?

Era uma voz fraca, ou antes: uma voz que murmurava, que falava para dentro. Os revisores detiveram-se. Mas não a ouviam. Ou antes: não a entendiam. Eu, pelo contrário, entendia-a. A jovem que estava na parte de trás do compartimento disse o seguinte: «Vocês voltaram a fazer greve meses e meses, vocês chamam-lhe “movimento social”, “*mouvement social*”, e ninguém vos punha a vista em cima. Durante meses e meses, o vosso movimento social paralisou outra vez o país e deixaram-nos mal. Quando pararam a greve — ninguém sabe porquê, eu também não sei porquê, nem sei por que razão começaram sequer —, cá estão outra vez e eu sou a primeira a ser controlada, e vocês controlam-nos, seus controladores, e essa é a primeira e única coisa em que vocês funcionam. Um dos motivos, para vocês, segundo o jornal de ontem e de amanhã, que justificam os vossos movimentos sociais: vocês querem, diz o jornal, e vai continuar a dizer, deixar de sair da cama às quatro da manhã e de serem insultados pelos passageiros. E a que horas é que se levantam os passageiros? E o que é que está em jogo nosso caso? Muitas vezes tudo! E o que está em jogo no vosso caso, senhores funcionários? Nada, mesmo nada. Ah, se nós vos insultássemos ainda mais, e não só meia dúzia de nós, desmancha-prazeres, mas sim todos — gritar convosco de cima para baixo até fazer de vocês uns anões, anões, é isso que vocês são — gritar convosco até desaparecerem, até nunca mais ver. Venha uma ditadura que se veja, das grossas, em vez da vossa ditadura adocicada, com luvas de veludo. Antigamente eram os carrascos dos reis em nome dos direitos humanos, agora destroem o país em nome dos movimentos sociais.» E depois a jovem disse ainda, depois de os seis revisores lerem saído entre estações e desaparecido imediatamente como fantasmas: «Seus cus de merda sonoros e conas estridentes, suas conas sonoras e cus de merda estridentes (*trou-de-culs sonores et connes aigües, connes sonores et trou-de-culs aigus*). É mesmo típico: onde estes cus de merda e estas conas saem, há sempre e em todo o lado o carro de serviço à espera. E se lhes der a entender que estes tipos me repugnam, tenho de ouvir: não gostas de pessoas! Como gostei sempre de pessoas desde criança e continuo a gostar, em alguns momentos! Mas por causa de vocês e do vosso terror, especial, o do Estado, estou prestes a perder a fé nos seres humanos, na humanidade em geral. E não penso só, quero gritar para todos ouvirem: é pena pela humanidade. Fora connosco!» Mas agora ela tinha de dizer aquilo tão alto que todo o comboio o ouvisse, mesmo o maquinista na locomotiva, lá à frente.

Porque é que o nosso comboio, livre da força de ocupação, não avançava? As aldeias de Montgeroult, onde o homem do Sul, Cézanne, pintara as suas paisagens mais a norte, e de Us, presumivelmente rebatizada depois da última guerra mundial por causa da libertação através das tropas americanas e britânicas, na verdade um nome milenar, já estavam atrás de nós, não havia

sinais da próxima estação, ou sequer de uma aldeia. Outra vez greve? Ou um alarme de terrorismo? Era pouco provável. Éramos demasiado poucos no comboio para um massacre em massa como deve ser, pronto para as manchetes, além disso no meio do campo, longe da grande metrópole.

Mas quem sabe? Todos nós tínhamos o susto cá dentro. E exprimia-se numa sensibilidade acrescida ao ruído em geral, não apenas em alguns. Se mais não tivéssemos, tínhamos ali uma coisa em comum, nós, contemporâneos. Nunca me tinha passado pela cabeça que pudesse incomodar outros com os ruídos que faziam parte das minhas ditas atividades. Quando muito, imaginava de vez em quando que viesse um «silêncio!» de algum vizinho ou outra pessoa, de trás de um arbusto ou de outro lugar, se estivesse a aliar um lápis, a engraxar os sapatos, a descascar uma maçã com a janela aberta, que pudesse assustar este ou aquele se me caísse alguma coisa da mão, e no metro as pessoas encolhiam-se como alguém que se agacha quando, estando o veículo já a partir, chega alguém a correr e escancara a porta ou simplesmente fala mais alto do que os restantes.

E assim aconteceu quando o comboio travou em pleno andamento, depois houve uma paragem acompanhada de um barulho que aumentou até um estampido: e agora, para que é que nos devíamos preparar? No entanto, só tinha caído uma bicicleta que estava num compartimento intermédio. No momento do estrondo e da reverberação, contudo, também todos aqueles que eu imaginara não terem mais ninguém ficaram dependentes do olhar de quem estava em frente a eles, também do meu, e todos os nossos olhares se encontraram. Isto como acrescento à história da ladra de fruta, e provavelmente não será o último — tal como deve acrescentar-se que eu na altura, no metro, nos primeiros tempos do terror pelo menos, andava com um punhal de sarraceno no bolso das calças, um punhal curtinho é certo, enfiado na sua bainha de couro, no qual tinha a mão com o objetivo de me treinar e de, em caso de necessidade, ser capaz de atacar imediatamente — ao que devo acrescentar que, durante aqueles treinos secretos, os meus dedos estavam constantemente a enredar-se e eu, de uma forma ou de outra, teria tirado o punhal de sarraceno demasiado tarde, ou ficaria de certeza meio preso na bainha.

Não era greve, nem sequer um ataque. Os revisores tinham desaparecido, será que tinha apetecido ao maquinista descer e desentorpecer as pernas ou qualquer coisa do género? A partir da fronteira da Picardia acabaram os anúncios, ou, quando surgiam, eram truncados, incompreensíveis. É verdade que a linha passara a ser uma só, mas também não vinha comboio nenhum no sentido contrário; o nosso comboio era o último do dia. Não era a primeira vez que me acontecia ver, neste pedaço do percurso, não muito longe da estação terminal, o maquinista a esticar o tempo, sobretudo nas semanas do pico do verão. A mim sabia-me bem, e penso que aos restantes passageiros também. E cada um de nós tinha, entretanto, olhos para os outros, perdia a timidez da primeira hora de viagem. Como os pobres mortais se tinham

tornado tímidos! Será que houve alguma vez no mundo humano uma timidez semelhante à atual?

Estaria enganado ou só parecia que o maquinista estava ao lado da locomotiva, nas ervas altas, a fazer as suas necessidades? Não, não estava enganado. E ao lado dele, a pouca distância, estava um passageiro, um adolescente, quase uma criança, a fazer a mesma coisa. Então afinal eu não era o único passageiro masculino? Ou será que o rapaz seguia também na cabina da locomotiva? Seria o filho do maquinista?

Ficaram ambos junto à linha e conversavam. As mulheres que iam no comboio tinham todas os olhos fechados. Duas delas, que iam juntas desde o começo da viagem, empurradas uma contra a outra como desconhecidas, tinham ficado sentadas como um par no comboio que se ia esvaziando, de cansaço ou sabe-se lá porquê, cada uma delas ocupada o tempo todo com uma coisa qualquer ou, quando não estava ocupada, olhava para outro lado, e estas duas tinham agora não só os olhos fechados como estavam mesmo a dormir, e ambas tinham deixado descair a cabeça, uma em direção à outra, uma contra a outra. Dormiam cabeça com cabeça, aquelas duas ali, que nada sabiam uma da outra, nem quem era a outra, nem como se chamava, o que fazia, e também não sabiam que tinham adormecido cabeça com cabeça e que agora dormiam profundamente cabeça com cabeça, não podiam estar a dormir mais profundamente. Desenhadas, as linhas das quatro pálpebras fechadas e, por baixo, as comissuras dos lábios, paralelas, quatro vezes os arcos descendentes exatamente iguais. Ladra de fruta, desenha nos teus caminhos todos os que dormem!

Coisa estranha ou nem tanto: depois, todas as mulheres que iam no compartimento — tinham acordado ao mesmo tempo — puseram-se bonitas, retocando os lábios, mais ou menos de vermelho, diante de um espelho de bolso, e arranjaram as sobrancelhas. Mas punham-se bonitas para quê? Ainda por cima numa viagem que não levava ao mar, mas sim ao mais profundo do interior do país? Porem-se bonitas de propósito para isso — para o interior?

Apeei-me e juntei-me ao pai e ao filho, junto à linha, na erva alta. O facto de o comboio estar parado entre estações não podia ser só por causa de um capricho do maquinista. Havia uma avaria: corte de energia que, no entanto, veja-se acima, não era do seu desagrado. íamos ter eletricidade em breve. Sendo assim, pai e filho continuavam na conversa e ansiavam pelo jantar, não sei se era em Trie-Château ou em Chaumont, esqueci-me, com mulher e mãe, no restaurante, e também já sabiam o que iriam comer, o filho, creio, era uma *pizza margherita*, e o pai? Também me esqueci disso.

Onde o nosso comboio parou, a linha já não passava por baixo do vale do Viosne. A nascente do rio já tinha ficado para trás e encontrávamo-nos num planalto do Vexin, embora não a grande altitude, na parte que pertencia à Picardia (havia também uma parte normanda e outra que pertencia à Île-de-France). A vista já não se enredava agora nas árvores derrubadas junto ao ribeiro, pouco antes de Lavillete (quer dizer mais ou menos: «a aldeia no

morro»), mas estendia-se, em várias direções, até um horizonte inacreditavelmente longínquo. Soprava um vento suave, uniforme, como que para lá de todas as estações do ano, vindo de noroeste, onde podíamos, se sentíssemos necessidade — e eu não sentia a mínima necessidade —, imaginar o mar a cem quilómetros de distância, com Dieppe, a baía do Somme, e por aí fora. A lonjura parecia ainda mais ampliada pelos campos já ceifados, com exceção do milho, no grande círculo do planalto, mas também pela ausência total de urbanizações, ou de construções isoladas, até mesmo de barracões de madeira, com exceção de uma torre de televisão, ou seria uma torre de água?, no meio da colina que pouco se notava, chamada «La Molière». O que mais correspondia à estação do ano, o pino do verão, eram as nuvens altas, parecidas com dunas, e, atrás delas, o azul do céu que abrangia tudo, à primeira vista ainda suave e familiar, mas, olhando bem para o alto, parecia cada vez mais desconhecido, embora lembrasse qualquer coisa, só que a lembrança não surgia a uma pessoa, eu, nós, ficávamos perdidos, como era possível que aquele céu azul nos deixasse cada vez mais perdidos, era mais inquietante do que qualquer tipo de ameaça.

Por isso era tanto mais confiável, se não aconchegante, a terra que ficava em baixo, a cada baixar do olhar, para longe do azul do céu, possivelmente ainda mais convidativa. Aquilo era uma localidade sem flores ou flora, pelo menos ali, onde o comboio estava parado em campo aberto, quando muito agora, em agosto, tinha o branco ubíquo das corriolas, desde a erva, cá em baixo, até às copas das árvores. Só que a esta hora do dia, os cálices das corriolas — que brilho jorrava do seu interior ao meio-dia! — já estavam há muito fechados, enrolados «como cigarros enrolados à mão com tabaco a menos lá dentro» (teria dito o pedreiro romeno) ou podiam confundir-se com os «tampões de mulher usados», pendurados nos arbustos (segundo o carpinteiro português?). Mesmo sem flora ou flores, o campo estendia-se sob a forma das silhuetas dos ramos de avelaneira e sabugueiro, dos leques de freixos e acácias junto à linha do comboio, recortados a negro bem cá em baixo, muito longe do azul do céu — um presente! — para mim, para nós, oferecendo-nos os seus ramalhetes como uma forma totalmente diferente de boas-vindas.

E de onde vinha de repente um tal acolhimento no campo? Este passar a fazer parte e este mergulhar no campo? Um sentimento especial de repatriamento? — Ouçam: à luz clara de antes do crepúsculo, vi ao longe a ladra de fruta, como se se tivesse aproximado, a caminhar pelo planalto do Vexin. Não teria sido necessário, mas apesar disso olhei através dos binóculos que pendurara ao pescoço no momento da partida (mais uma adenda); para quem quisesse, também indico o nome do fabricante — para já a marca: *Legend*.

De longe era uma figura esguia, mas mesmo a olho nu via-se que era uma mulher como não havia outra igual, por muito que continuasse a convencer-se, como todos os anos anteriores, de que era invisível ou pelo menos impetível. Para começar, isso já não era o caso. E ao voltar-me para o

comboio parado, tornou-se claro que não era só eu quem assim via: as mulheres tinham, todas elas, os olhos abertos e seguiam a estranha com o olhar, a andar nos campos cheios de restolho; uma com inveja, outra com ódio, uma terceira, como que desmascarada e desencantada, tornara-se feia.

A ladra de fruta, com uma bagagem visivelmente pesada, seguia em passo rápido, dando de vez em quando uns passos miúdos ou então passos grandes, como se estivesse a fazer o jogo dos quantos queres sozinha, não só por causa do piso irregular do restolho, que ora impedia, ora abria caminho, mas porque ela, acabada de chegar da cidade e filha da cidade, ainda tinha de inventar uma forma de andar para aquele terreno especial.

Assim, mudou dos campos cheios de restolho para uma estrada municipal, onde passou a andar a passo largo, correspondendo às longas curvas serpenteando pela rede de caminhos da Picardia que se estendiam longe das autoestradas. De vez em quando, baixava-se para apanhar uma espiga de trigo perdida no asfalto e na gravilha, que não tinha sido colhida, enfiando-a atrás da orelha como um cigarro. Também era estranho que ela não seguisse numa direção, andava em círculo. Por outro lado, não estava a rodear nada, não estava a cercar nada, movimentava-se em círculos cada vez maiores. E depois rodeou qualquer coisa, afinal: um daqueles bosquezinhos característicos do planalto do Vexin, uma daquelas pequenas ilhas no meio dos enormes campos de cereais: pensava já que tinha desaparecido por detrás deles — quando ela deu a volta pelo outro lado, regressando, com uma abóbora ou lá o que era, semelhante a uma bola de futebol, debaixo do braço. Era um andar para lá e para cá, em frente à ilha que era o bosque, que se transformou num andar apressado, para lá e para cá, e num correr: procurava nisso, quase em pânico?, uma entrada, mas eu poderia ter-lhe dito logo que, naqueles pedaços de floresta, chamados *clos*, de modo semelhante às florestas densas por detrás dos templos no Japão, não há em lado nenhum um entrar. Aqui e além agigantava-se a ilha, copa a copa, o que dava, e acentuava ainda mais, a impressão de uma fortaleza inacessível, de uma cidade-castelo.

Seguiu-se um perder-de-vista da ladra de fruta. Mas, antes disso, ela ainda tinha atirado o saco de viagem, com um impulso vigoroso, em nada coincidente com a sua figura miúda, para longe, bem longe. Ou tê-lo-ia atirado antecipadamente para o lugar onde iria passar o dia, a noite?, que haveria de ser a sua? (Olhando sobre o ombro para os compartimentos lá em cima: um vislumbre como que de anseio num dos rostos das mulheres?) Aquilo que percebi, deixando cair os binóculos, novamente com o mesmo tipo de susto: a mulher que dormia há pouco no banco de emergência do comboio, seria ela autêntica, esta ladra de fruta daqui? Sim: uma vez mais na vida vira as pessoas que me eram interiormente as mais próximas em carne e osso diante de mim, como fantasmas, como totalmente outras, como especialmente pálidas, como estranhas, e, contudo, precisamente na sua palidez especial, vibrante, como especialmente outras. Também me aconteceu isso com os meus filhos: «Quem é esta criança notoriamente pálida que acaba de me abrir

a porta?» — e um salto temporal depois: «Meu Deus, mas este é o meu próprio filho!»

Um zumbido, um bramido, uma vibração: não tenham medo — a eletricidade voltou. Entrámos e seguimos viagem, depois de o maquinista ter apagado a ponta do cigarro (mas nem isso seria um perigo: os campos de trigo não arderiam, o trigo estava ceifado — ainda que fosse a pior colheita dos últimos cem anos, não apenas no antigo Celeiro dos Reis).

E voltei a descer logo a seguir, na estação em todos os sentidos incomparável de Lavillettertre, longe da aldeia, que não se via nem ouvia. Acenei às poucas mulheres que estavam no comboio, especialmente a uma delas, a que tinha o corte de cabelo curto ou com as covas dos joelhos tendinosas. Mas não houve nenhuma que tivesse acenado de volta, com um pestanejar que fosse; todas elas, assim que o comboio se pôs em marcha — foi como sempre —, tinham-se transformado de novo em majestades, inacessíveis.

Como era o único que tinha descido, pensava estar sozinho na estação. Uma inspiração profunda e uma expiração, várias vezes. Lá estava de novo, a antiga guarita, fechada há muito, e aferrolhada. Pelo menos estava pintada de fresco e talvez um dia fosse reaberta, mas: para quem? Já não havia bilheteira. Talvez nunca tivesse havido nenhuma. Mas também não havia uma máquina de venda de bilhetes à vista — uma das coisas incomparáveis daquela paragem em Lavillettertre. Outra: o caminho mais curto para a aldeia seguia por uma floresta, subindo, e tinha muitas bifurcações, sem a indicação respetiva do caminho certo, e por isso até mesmo um *habitué* se perdia, como eu supostamente, perdia-rne sempre, e parece-me que os habitantes da aldeia preferiam tomar, para voltar a casa, o grande desvio pela estrada.

Poderia contar outras particularidades acerca da estação. E naquele dia de meio do verão, em que a história da ladra de fruta amadureceu, juntou-se mais uma. Os dois abrigos, do lado de cá e do lado de lá das linhas, que, no apeadeiro, tornavam por instantes a decorrer paralelamente, por um lado na direção de Paris, por outro, na direção terminal, fim da linha, estavam ocupados — não por passageiros à espera, porque a esta hora, ao final da tarde, já não passavam mais comboios — mas por *clochards*, cada um deles. «*Clochard*», a palavra dizia respeito só às figuras e figuras desfiguradas das grandes cidades, não? Mas como chamar àqueles dois que estavam sentados, um em frente ao outro, como complementos, naquilo que restava dos bancos? Não podiam ser *clochards*, ali em campo aberto, nem serem os únicos, que se visse a quilómetros em volta, a viver naquele lugar? Mas também não se tratava de «salteadores» ou «vagabundos».

Desde logo, a maneira como ambos ali estavam, sem se mexerem, um deles sentado e inclinado para a frente, o olhar — quando muito — para os sapatos, que não eram de todo feitos para andar; e o que estava em frente também estava imóvel, em posição diagonal, o único movimento imaginável seria deitar-se. «SDF», a sigla para «*sans domicile fixe*», também não se adequava a

eles. O não ter domicílio fixo não poderia ser também um ideal? (Para alguém como eu, em todo o caso.)

A princípio não os vira, àqueles dois, porque quando desci do comboio permaneceram estáticos. Não houve uma cabeça que se levantasse nem no abrigo deste lado nem do abrigo do lado de lá. («Abrigo» para as casinhas de plástico, já há muito sem telhado, não era o termo certo.) Quando eu, na verdade, abordei um dos dois, olhou-me de um rosto «na realidade já com um bronzeado natural» um par de olhos «na realidade muito vivo» e também uma voz, com a qual o homem me respondeu de imediato, logo no «ato», que soava «na realidade bastante comum», o homem falava «na realidade num tom muito agradável de barítono».

Tinha-o cumprimentado e depois perguntei-lhe — não, não lhe perguntei nada sobre a vida dele ou sobre a vida anterior, mas sim se teria passado, antes de mim, outra pessoa, uma mulher jovem, nem pequena nem grande, nem gorda nem magra, nem branca nem negra — um pouco de cada. «Sim, ela esteve aí. O meu primeiro pensamento: aquela ali é uma de nós — mas, que raio, como é que ela vem parar aqui? Mas depois bastou um olhar: não. É ela e não é ela. Aquele ali, em cima do banco, mete medo às pessoas, mudo como é, parece um cão mudo e pronto. E diante da mulher foi ele quem teve medo de repente, como um cão espancado, pronto. Medo daquela ali? Deixa-me rir!» E riu-se mesmo, um riso espantosamente infantil. «Andou a correr aos ziguezagues pela linha do comboio, às vezes muito devagar, outras vezes com um *sidestep*» — isto foi dito literalmente assim —, «ora correndo em direção a ele, ora em direção a mim, ela andava à procura de qualquer coisa. E depois até parece que encontrou qualquer coisa, embora fosse uma coisa diferente daquela que procurava, lá adiante no barraco velho das ferramentas. O que era? Não sei, já tinha enfiado a coisa debaixo do casaco quando saiu do barraco, era uma coisa retangular. Um livro? lira grande de mais para ser um livro. Mas se bem me lembro, também já houve livros grandes, ou não? Um quadro? Uma fotografia? Não me perguntes. Até as minhas próprias perguntas me enervam. Quando era novo, andei à boleia em África com uma cobra debaixo da camisa. Andar à boleia, boleia: ainda se diz isso? Aquele ali, em compensação, anda com um texugo pequeno no bolso da camisa, vivo. Ou sera um furão? Olha como ele arrebita a cabeça para fora da camisa, com aqueles olhos de alfinete, os dentes caninos. Um casaco de peles como o dele é que me dava jeito, friorento como sou, até no verão. África! Mali. Conheces as músicas do Boubacar Traoré, não conheces? “*Si tu savais, comment je t’aime, toi aussi tu dois m’aimer.*” Mas o que ele tinha ali não era bem um casaco, era só uma gola. Quando andei na escola, em tempos, aprendi alemão durante uns anos, mas a única palavra de que me lembro é “*Wetterjleck*”². Do meu tempo nos Balcãs também não me saem da cabeça mais três palavras, que pelos vistos são alemãs, e que, desde os tempos da monarquia austríaca, eram comuns e ficaram lá, embora eu não saiba o que querem dizer: “*Markalle*”, “*auspuh*”, “*schraufzier*”³ Meu Deus, como ela ficou contente

com o que encontrou no barracão. Ou estaria assustada? Não me perguntes. Há dias que tento abrir a porta do barracão. Abanei-a e puxei-a, uma vez, outra vez. Nada. E ela? Um pontapé e a porta abriu-se? Não. Não foi assim. Ela não deu um pontapé. Mas qualquer dia não vai ter outro remédio. E pode ser que eu tenha só puxado pelo puxador estragado — comigo era coisa de esperar — e ela empurrou simplesmente a porta? Por outro lado, não era permitido entrar no barracão — será que ela não leu o letreiro com a proibição? — , e sobretudo o facto de ter levado uma coisa de lá constitui, aos meus olhos, um caso de furto e, na circunstância de uma abertura forçada da porta, constitui o caso de um furto agravado por arrombamento, é claro, não? E como é que ela depois veio sentar-se ao pé de mim com aquela coisa debaixo da capa, numa alegria ladra e também majestosa, muito perto, quase que me empurrava, ou não empurrou de facto, *bel et bien*? Ou será que me queria empurrar daqui para fora? Para ter espaço só para ela? Não. Já há muito que nenhuma mulher se sentava ao pé de mim de uma forma tão querida. Sentou-se ao meu lado? Sentou-se comigo! Já há muito que não vinha nenhuma? Nunca tinha vindo nenhuma.

E pela primeira vez aquele dali olhou para o lado de cá. Que inveja. A mais pura inveja. Mais pura não podia ser. Até que nós os três começámos a rir, sem mais nem menos, ela, ainda se diz assim?, com um riso de orelha a orelha, eu sem saber porquê, e aquele ali?, riu comigo e com ela, assim ou assado, como só um mudo pode rir ou não pode rir, pronto.»

Fui até ao barracão. A porta estava escancarada e apesar de, no horizonte a oeste, rente ao cume da colina de Molière, o sol entrasse até ao fundo, estava frio lá dentro, quase como numa câmara refrigerada. Ainda meio do lado de fora, olhei para trás de soslaio, junto à ombreira, para o «sem domicílio» que estava junto à linha na direção de Paris. Percebeu de imediato aquilo que eu queria dizer: o barracão estava fora de questão para ele como abrigo para dormir, e, em resposta ao meu olhar, fez um sinal, ligeiro, quase impercetível. O chão do barracão tinha papéis espalhados, impressos, praticamente só com números, e eu não precisei de me baixar para perceber que eram — como teriam ido parar ali — extratos ou documentos bancários, reconhecíveis desde logo pelo símbolo, que saltava à vista em todas as folhas, de um banco «mundialmente famoso», mundialmente famoso no sentido em que, ainda há algumas horas — mas não teria sido já há dias, se não semanas? — no *Parisien*, tinha aparecido um «galerista mundialmente famoso». Depois lá me baixei e virei algumas das folhas. As partes de trás não estavam impressas, estavam vazias. Ou não: ao Sol que se ia pondo, iluminando-as horizontalmente, via-se também, numa das folhas, coisas impressas, até moldadas, mais precisamente por uma escrita manual, invisível, como se aquela folha tivesse servido de base. Ao lado, o colchão habitual, no estado habitual; menos habitual era a velha lista telefónica no canto mais ao fundo e, talvez ainda menos habitual, o micro-ondas, já que não havia tomada nenhuma no barracão. Ou haveria também micro-ondas que trabalhassem a

baterias?

Movido pela ideia de que a história da ladra de fruta não era uma história de detetives ou um romance policial, proibi-me de fazer mais perguntas daquelas, enfiei aquele papel no bolso e saí para o ar livre, para junto da tabuleta iluminada pelos últimos raios de sol, num azul que brilhava de forma especial, dizendo «Lavillettertre». Os dois ocupantes das margens da linha, de um lado e do outro, tinham, entretanto, voltado às suas posições iniciais, também tinham adormecido, um sentado, outro deitado no seu *abri* sem teto, juntamente com o filhote de texugo ou de furão debaixo da camisola que dizia «Circle City, Alaska»; era impossível falar com eles, ou nenhum deles estava disposto a que se falasse com ele.

Com o olhar posto na ponte rodoviária que atravessava o par de linhas de comboio, por onde já não passavam carros nem pessoas há séculos, nem eu tinha já nada a dizer. Foi uma sensação quase solene a de não ter de dizer nada. Sentia-me ficar mudo e cada vez mais mudo. Também eu seria então um mudo, embora diferente daquele que ali estava estendido no seu banco de plástico arrombado. Completamente mudo, era assim que estava perante o campo amplo como o mundo, solenemente mudo. Por detrás da escarpa da ponte, imaginei que estava a ladra de fruta a treinar o lançamento sem lançar nada de facto.

O Sol pôs-se. Depois daquele dia quente de verão, passou uma primeira brisa fresca pela Picardia e pelo planalto do Vexin. Os campos escurecidos, por terem sido ceifados, tornaram-se subitamente brancos pelo branco das gaivotas até ali escondidas. Bem alto, no zénite, igualmente brancas, tiras de nuvens que pareciam manchas de espuma na areia depois de a onda recuar. Duas destas nuvenzinhas, à distância, foram atingidas por um raio do Sol que já desaparecera de resto por todo o lado; deslocavam-se agora suavemente para junto umas das outras e reluziram no preciso instante em que uma se encontrou com a outra. Não sei por que razão aquilo me lembrou um romance que li ainda muito jovem, em que o herói, no final, vislumbra acima da cabeça as nuvens amontoadas como um cárcere, de onde urge libertar-se, aliás uma coisa ainda mais poderosa do que um mero cárcere: uma fortaleza.

Um passo, e mais um passo, diferente por causa da picada da abelha, graças a ela; «*grâce à la piqure*».

Na época em que se passou a sua história, a ladra de fruta tinha acabado de regressar de uma viagem que durara um mês. Passara pouco mais de um dia e uma noite no seu bairro parisiense, perto da Porte d'Orléans, e já se tinha posto outra vez a caminho, impelida para fora de casa não só pela busca da mãe desaparecida pouco antes do seu regresso dos cumes do norte da Rússia, mas também pela angústia, depois de acordar, uma angústia mais ou menos indefinida, por isso talvez ainda maior, em relação a si própria. No entanto, «angústia», ou *angoisse*, era uma palavra que ela nunca dizia relativamente a si mesma. Evitava dizer «Estou angustiada» ou «*je suis angoissée*», por causa da superstição (de acordo com a sua expressão, era, dizia-o repetidamente,

«profundamente supersticiosa»), porque, ao dizer a palavra, a angústia, em vez de desaparecer ou pelo menos de aliviar, ainda aumentaria mais até se tornar insuportável; já não haveria nada a fazer contra a angústia; se não fosse pronunciada, de acordo com a superstição, talvez ainda se pudesse fazer alguma coisa.

Antes do seu regresso da taiga e da tundra, já havia histórias anteriores, ou antes, pedaços de histórias, também em forma de desenhos enviados aos parentes, menos à mãe — que tinha perdido a paciência para coisas desse género, e não só para coisas desse género —, mas sim ao irmão e sobretudo ao pai. Por conseguinte, passava dias inteiros, e noites também, porque o Sol, depois de se pôr do lado direito? ou seria do esquerdo?, voltava a nascer, junto ao Ienissei, ao Ob, ao Amur, ou lá como se chamavam os rios no norte da Rússia, sentada, e desenhava e coloria, não só com lápis, mas também com tudo o que tinha de momento à mão — não importava se as cores correspondiam ou não ao mundo exterior —, os acontecimentos nos rios e, com muito mais devoção, era esse o seu estilo, os acontecimentos que se davam nas margens, dos lados, nos cantos e bordos da imagem; de preferência, pelo menos era o que surgia com maior detalhe, o que acontecia a seus pés. Ao mesmo tempo, ia aprendendo russo, a língua — pelo menos estava convencida disso — de um dos ramos dos seus antepassados, um de muitos, e escrevia o seu nome em cirílico nos envelopes, АЛЕКСИЯ. Pelo meio, trabalhou como empregada de mesa (e não foi uma só vez que entornou a sopa e as bebidas, desajeitada como era às vezes), como empregada de quarto, em mercados onde vendiam peixe do rio (num deles, deu nas vistas e riram-se de espanto na cara dela por ser a única pessoa das redondezas sem «olhos em bico»), trabalhou também a fazer chá e na torrefação de café (as ocupações em que foi mais bem-sucedida por causa do seu «*timing*», que em russo se dizia e pronunciava exatamente desta maneira), e durante um longo dia, trabalhou ainda na colheita de cogumelos (tanto quanto se pode chamar «trabalho» a esta tareta), e encontrou até mais do que todos os outros que estavam na floresta com ela. Fazia lembrar, a um dos homens, a falecida esposa. Outro, que começou por tratá-la por «minha filha», comparou-a uma hora depois com a Sharon Stone. Outro queria jogar futebol com ela. Outro ainda rebatizou-a IASNAIA POLIANA. Outro ainda...

No dia a seguir ao seu regresso, ouvia as vozes nas ruas de Paris, desde a Rue d'Alésia, passando por Denfert-Rochereau, até Montparnasse, como sendo de russos, e acontecia-lhe sempre estar a ponto de responder a um cumprimento ou pergunta em russo. E as vozes dos pássaros da cidade também as ouvia como sons eslavos. Até as máquinas de café cuspiam consoantes eslavas: «č», «š» e coisas parecidas, e ainda naquela manhã o seu próprio ferro de engomar a vapor.

Alexia, ou Aleksija, tinha outro nome, na verdade. Mas era assim que, desde que desaparecera, muito jovem, vivendo depois, sem que ninguém a reconhecesse anos a fio, mesmo a própria mãe, na propriedade desta (o pai

estava ausente, o irmão ainda não tinha nascido), todos a tratavam segundo o nome do santo com uma história semelhante, Alexius. Só que este, o desconhecido que vivia debaixo das escadas, só fora reconhecido pelos pais como o filho desaparecido na hora sua morte.

A ladra de fruta já sempre tinha sido, em adolescente, ainda antes do ano de desaparecimento «debaixo das escadas», como chamar-lhe?, «alguém com paradeiro incerto»? «acometida do ímpeto de perambular»? Desaparecia pelo menos de dois em dois meses, dias seguidos de cada vez, e depois era apanhada algures entre a cidade e o campo, e nunca sabia dizer como tinha ido ali parar, numa rampa, ou até debaixo dela, de uma estação de comboios de mercadorias, numa horta caseira, num autocarro enferrujado, e muitas vezes também para além das fronteiras do país, para lá dos Alpes, dos Pirenéus, das Ardenas. Era considerada uma doente e a doença dela tinha nome.

Após o regresso, sem ser reconhecida, e depois do reencontro com a mãe e, de uma outra forma, também com o pai, Alexia ficara curada do seu ímpeto perambulatório, e definitivamente. O que não queria dizer que se tivesse tornado uma sedentária. É verdade que passou a viver desde então principalmente no seu apartamento espaçoso, que era também o seu local de trabalho e oficina. Mas saía regularmente para grandes viagens, apesar de tudo mais ou menos planeadas até ao fim, sabia para onde ia e, sobretudo, onde estava, e como sabia!: não havia ninguém que tivesse um sentido de orientação tão apurado como ela — era mesmo um espírito, *o* espírito do lugar. Por outro lado, ficara-lhe, dos anos de errância, confusão e extraviio, qualquer coisa que, em vez de lhe ser pesada, lhe parecia dar asas e emanar ocasionalmente da sua pessoa como uma cintilação, qualquer coisa como uma alegria serena.

Ir agora para a Picardia, no Vexin, já não era uma das suas longas viagens. Em bom rigor (visto no mapa ou onde fosse), nem sequer se podia chamar propriamente uma «viagem», quando muito um passeio que se fazia, de carro ou comboio, facilmente num dia, ida e volta a Paris; muitos dos que se tinham instalado na Picardia faziam isso para ir trabalhar, só que ao contrário, de manhã seguiam até à capital, ao fim da tarde regressavam. No entanto, para eles também não era propriamente fácil.

«Também?» Isto queria dizer que também para ela, a ladra de fruta, este trajeto não prometia ser fácil? Sim, queria dizer isso. Na sua ótica, o que ali se prometia não era facilidade absolutamente nenhuma. Ela sabia, mesmo antes da partida, que seria a sua primeira viagem a sério, acerca da qual estava escrito que iria saber, ao fazê-la, «qual seria o seu próprio estilo». Ela sabia isso e queria isso. E, contrariamente à mãe, quando em tempos se pusera a caminho à procura da filha e quisera que fosse a última viagem, ela desejava que para si não fosse a última. Sim, esta viagem prometia qualquer coisa. Coisas boas? Coisas más? Prometia.

Aquela jovem nunca tinha estado na Picardia. Ou então assim: talvez ela

tivesse andado por ali a vaguear e a vagabundear, no tempo das suas errâncias e perambulações, mas não guardara nada na memória daquelas paragens. O nome, esse, sabe-se lá porquê, tinha para ela uma sonoridade bonita, ou tinha uma sonoridade e pronto, ao contrário, por exemplo, de «Normandia», «Côte d'Azur», «Alsácia», «Bretanha»: «Picardia». Sem que pensasse especificamente em cavaleiros ou castelos, o nome tinha, sobretudo quando o repetia em voz alta, qualquer coisa de cavaleiroso, algo de, como é que se dizia, «*chevaleresque*».

Era inegável que a mãe, depois de abandonar intempestivamente o gabinete de diretora do seu banco, se encontrava na Picardia, e lá, mais «precisamente», na parte do planalto do Vexin que pertencia à Picardia. («Precisamente» e «exatamente», noutros tempos as suas palavras mais frequentes, tinham desaparecido por completo do seu vocabulário, entretanto.) Era inegável porque o Vexin se tornara o único lugar que contava para a banqueira, além disso, porque uma das superstições da ladra de fruta assim lhe tinha sussurrado ao ouvido. Teria ela porventura atirado um fósforo para cima do mapa? Teria provocado um incendiozinho de papel e deixado voar os flocos carbonizados? — Como quiserem. Como preferirem.

Antes da partida para a sua expedição-de-uma-só-mulher, a ladra de fruta encontrara-se com o pai no restaurante «Mollard», em frente à Gare Saint-Lazare. Após os meses que ela passara junto aos rios da Sibéria, era nítido como ele tinha envelhecido — talvez tivesse aquele aspeto envelhecido muito antes da viagem e só agora se apercebesse disso pela primeira vez. Mas não a assustou. Até gostava. Tal como sempre gostara de tudo no seu pai, e também tudo na sua mãe e, talvez ainda mais do que tudo, no irmão mais novo do que ela mais do que uma década.

O pai — como sempre, no seu fato *Dior* escuro, com lenço na lapela, ainda que, aqui e ali, com ligeiros rasgões, como que feitos por silvas, e sapatos ingleses, acabados de engraxar, no entanto fendidos e gastos nos calcanhares —, antes de ouvir contar coisas da sua «Rússia! Conta-me lá!», quase excitado, com as faces que ganhavam cor do seu percurso desde lá de cima, do cemitério de Montmartre — morava lá ao pé, sozinho desde há muito —, descendo pela Rue de Budapest, onde, casa sim, casa sim, as prostitutas lhe sorriam, em silêncio, prostitutas velhíssimas, quase anciãs, maquilhadas de acordo com a idade, sem dar a ilusão de uma juventude que não tinham, e que, com o seu sorriso, em silêncio, saído dos olhos debruados a negro, não esperavam nem queriam nada dele, e se calhar de mais ninguém.

Quando ela começou a contar a viagem à Rússia, via-se como ele acompanhava cada uma das suas palavras, como as lia, inclinando-se para a frente, literalmente dos lábios, e repetia depois fins de frases inteiras como um eco. Já em tempos, quando ela era criança, se comportava assim, também repetia, ao andar com ela, os seus movimentos e gestos. Isso tornava-se especialmente notório sempre que sucedia qualquer coisa com a criança, quando sofria alguma coisa, ou lhe acontecia algo de mau, quando lhe era infligida uma dor, porventura necessária. Se a cabeça da criança caía de cansaço para a frente, acontecia o mesmo com a cabeça do pai, sem intenção e sem que fizesse nada por isso. Se a criança chorava por ter posto a mão numa urtiga, ouvia-se quase em simultâneo, portanto não era um verdadeiro eco, um grito de dor do adulto. E, perante uma picada de uma injeção na ponta do dedo da criança, o pai encolhia-se dez vezes mais do que a filha minúscula.

Era estranho, ou talvez não, que precisamente aquele homem se tivesse tornado uma autoridade tal para ela. Seria do seu sentido de família, semelhante e profundo e enraizado como o seu sentido de orientação, e que chegava mesmo à veneração (não culto) dos antepassados, que só conhecia de histórias ou fragmentos de histórias? Mas então porque é que, de todo o clã, era aquele, o pai, para ela a única autoridade, a única em absoluto, a única no mundo inteiro? Não há resposta. Era assim. Era como era.

Como agora, quando lhe perguntou o que devia comer ali, no «Mollard», a questão da autoridade paterna, a única válida para ela, também fazia sempre parte de um jogo. Mas, de caso para caso, tornava-se uma coisa séria e ela precisava daquela autoridade; tinha necessidade dela como se dela dependesse, se não a vida toda, pelo menos naquele dia e também no dia seguinte, absolutamente, sim, e também na continuação. Tratava-se de qualquer coisa. Tratava-se da continuação.

Tal como o pai, quando a filha lhe contava as histórias da Rússia, ficava pendurado dos lábios dela, também agora ela ficava pendurada dos dele uma vez mencionada a razão do encontro. Não o interrompeu com perguntas uma única vez, deixou o pai falar, olhava para ele com uns olhos grandes, devotos até, mesmo quando ele hesitava e, tal como acontecia muitas vezes, não sabia como continuar mesmo quando começava, como sempre, a dizer coisas disparatadas de repente ou quando se enganava, o que ela percebia de imediato, sem, contudo, corrigi-lo: mesmo nessas alturas, nos disparates que ele metia pelo meio, nos erros factuais e de raciocínio, o que não era raro acontecer-lhe, a ladra de fruta acreditava que havia ali qualquer coisa que ela tinha de acompanhar, imperativamente, palavra por palavra. As distrações, ou melhor, o distrair-se permanente, o deixar-se distrair do pai ao falar, uma das suas especialidades, eram acompanhados com a maior das crenças por ela — a par dos grandes olhos também as narinas se inflavam —, eram parte dos ensinamentos do dia, e de vida, que lhe estavam a ser ministrados. De cada vez que o pai desviava o olhar para os mosaicos do princípio do século passado, na parede ou no teto, para as flores ou pavões ou para o que lá

estivesse, ela seguia obedientemente o olhar dele, esperando um sinal do dedo do pai em direção àquele brilho policromático dos mosaicos, incluindo tons dourados e prateados. Por iniciativa só sua, erguia de vez em quando os olhos para um dos mosaicos lá no alto: para aquele que representava uma grinalda de frutos, cheia de fruta. Não olhava só — perdia-se naquelas maçãs que brilhavam como maçãs verdadeiras, virando a cabeça, inclinando-a à sua maneira para cima, em direção ao cume da ramagem.

Entre a entrada e o prato principal, entre o prato principal e o café, o pai foi fazendo algumas observações, a propósito da viagem iminente à procura da mãe no interior do país, «no berço da França», como ele, que se assumia como geógrafo e historiador num só, lhe chamava, observações que a filha, embora não fossem pensadas com esse objetivo, escutava como indicações e referências imprescindíveis para a viagem. (Enquanto comia ou bebia, o velho senhor não dizia uma única palavra, só fazia, desde que ela se lembrava dele, uma coisa de cada vez.)

«Creio que o teu Isaac Babel também esteve no Vexin, há quase cem anos, e, num dos seus livros, se eu soubesse qual deles é, falou das aldeias de lá, onde, nas ruas, diante das casas dos lavradores, se viam apenas muros altos, corridos, sem janelas, eram aldeias como fortalezas do tempo da Guerra dos Cem Anos... O queijo da Picardia é pesado para o estômago, mas uns floquinhos num bolo podem dar um sabor muito especial... Põe uns óculos em frente aos homens, uns óculos sem lentes graduadas, como faziam as mulheres nos filmes de Hollywood... senão os teus olhos, como se profetizou logo a seguir ao teu nascimento, já não sei por quem, vão “pô-los doidos”... Se andares outra vez atrás de penas de aves de rapina: as penas de um milhafre encontra-las normalmente nas orlas das florestas de lá, sobretudo das que têm vegetação mais densa, onde os milhafres, ao entrarem ou saírem, disparados, seja na caça ou não, perdem muitas vezes uma das penas das asas, quer dizer, largam-nas involuntariamente, e é sempre só uma, mas a mais portentosa de toda a plumagem; uma pena de águia, uma bem grande, se tiveres sorte, poderás encontrá-la caída em campo aberto, mais provavelmente bem longe de qualquer bosque, e também só uma; dos falcões, pelo contrário, poderás levar um par inteiro de asas com frequência, principalmente num bosque mais pequeno, mas em compensação mais denso, onde os falcões, na caça ou na loucura da paixão, fazem voos rasantes, sobretudo na horizontal, perto do chão, e muitas vezes embatem, como se fossem cegos, talvez por serem demasiado jovens, ou demasiado velhos?, numa árvore; também vais encontrar gaviões na Picardia, se andares à procura de penas inteiras, vais encontrar gaviões mortos, a par de faisões, também mortos, sobre os quais aqueles se lançaram; e até asas inteiras de gaios: que azul tem a penugem delicada no sítio onde começam as asas!, nos países alpinos utilizam-nas imprópriamente para enfeitar chapéus; até te vão cair no colo, só tens de separar as asas do corpo do gaio — precisas de um canivete bem afiado para a tua viagem, é indispensável — (ela não quis lembrar ao pai que os gaios não

fazem parte das aves de rapina)... não debes dizer a ninguém que andas à procura... Não era uma personagem de Isaac Babel de quem se dizia: “Não era corajosa, em todo o caso era sempre mais forte do que o medo que sentia”? Não sei, de qualquer forma era a frase de um eslavo... Ah, os pares no tango que, de repente, ao dançar, apartam os olhares, mas de que maneira!, olham para lados contrários: também debes olhar para o lado contrário de — bem, de quê?... a tua mãe está viva, isso eu sei, e quer ser procurada, e só por ti, isso também sei, só responderá ao teu chamamento, à tua voz que a chama, sei isso, sei e pronto... Atenção às peças de roupa esquecidas nos cabides dos bares e dos albergues: esquecer coisas nesses lugares, cachecóis, chapéus, lenços, é uma das especialidades dela... Não sucumbirá, mesmo que esteja tentada a fazê-lo — tentada a descuidar-se, a deixar-se andar, desde sempre, pelo menos desde há algum tempo, eu sei disso... e ninguém vai assassiná-la, ainda que, desde que a conheço, se sentisse tentada: deparar-se com alguém que a levasse a que alguém a matasse... mulher das tentativas perigosas... na verdade, isto devia ser dito em inglês, como título ou refrão de uma canção: “*woman of dangerous tries*”... ou “*woman of dangerous trials*”!... as palavras de duas sílabas são muito mais sonoras e cantáveis do que as de uma sílaba só... meu Deus, como os romances policiais se tornaram repugnantes para mim, e como odeio a totalidade dos autores de romances policiais! Ouve: ideia para um romance policial completamente diferente: no grande congresso mundial que reúne todos os autores de romances policiais, colocam uma bomba que os mata a todos, a todos sem exceção — e adivinha lá quem é o criminoso?... Estamos em plena lua nova, vais ter noites estreladas no campo, e não me percas as estrelas cadentes, nem uma, agosto, o mês das estrelas cadentes... Nadar nos regatos e nos rios pequenos, Viosne, Troësne, rio acima, rio abaixo, mas cuidado, há zonas profundas na lama, chãos enganadores sobre a água clara, mantém-me sempre o pé; uma vez, no Troësne, ou foi no Epte?, afundi-me até às costelas ao dar um único passo... Os filmes nos salões de festas das aldeias, agora no verão se calhar até ao ar livre?... Quarto com pequeno-almoço em Lavilletterre, Monneville e Chaumont, não são assim tão rústicos... Quando estiveres a caminho, não te desvies de ninguém, nem um palmo... ninguém te vai tocar se tu não quiseres, muito menos pôr a mão em ti... ninguém te quer mal... olha só para as pessoas, com olhos de ver, com os teus, e olha para toda a gente, mesmo o mais borrachão, mesmo o maior nauseabundo conhecido para lá das fronteiras da região, mesmo o idiota da aldeia — especialmente esse — vão querer ser bons para ti, tão bons como eles são, sim!, vão querer fazer-te coisas boas, como sempre desejaram fazer, todos eles, a qualquer pessoa. O que está a cair de bêbado vai deixar-te o caminho livre com uma grande vénia, mesmo que talvez caia precipitadamente nos cardos que ficam na orla da aldeia. A língua do nauseabundo, fendida em sete e pendurada de sete bocas, de certeza que se tornará uma língua de anjo única, uma língua de fogo pentecostal que se ergue sobre a sua cabeça. O tolo da aldeia vai-te dar um rebuçado de malte, que leva

no mais fundo do bolso das calças há décadas para o efeito. Nada, positivamente nada te poderá acontecer assim, querida ladra de fruta, pelo menos do lado de fora... Do lado de dentro, de certeza... Ah, o teu coração: como foi feito, feito para quebrar-se por tudo e por nada, em vão; tal como tu, feita e pensada para que o suor da morte te banhe e tenhas medo de nunca mais acordar... ao mesmo tempo: não há ninguém mais alegre, mais cheio de alegria, com mais talento para a alegria do que tu, ladra de fruta!»

Suspiros repetidos do velho. Mas só o primeiro dos suspiros foi a sério, os seguintes, como normalmente quando repetia alguma coisa, eram a fazer de conta. Apesar disso, a filha levou-os a sério. Aliás, levava todas as suas afirmações a sério, mais do que a sério.

E foi assim que o pai terminou os ensinamentos que lhe deu para o caminho: «Evitar a contraluz. Quer dizer: sol na cara só no pico do meio-dia, quando o Sol está no zénite, de resto, de manhã e perto do final da tarde, quando o Sol está baixo, andar com o Sol nas costas. A contraluz é enganadora, amplia, reduz. Um gato torna-se raposa, um lobo minga para o tamanho de um caniche, uma criança transforma-se em monstro, um monstro numa criança pequena. E outra coisa: tratar de fazer intervalos, muitos, de preferência. Quantas vezes respirei de alívio e respirei mais calmamente quando uma história dramática era interrompida com um “tempo intermédio”. Os tempos intermédios estão em teu poder. Não deixes que tos tirem! Nos tempos intermédios, durante os trajetos intermédios, é aí que as coisas acontecem, que as coisas surgem, que as coisas sucedem, que as coisas são. Procurar, parar, correr, explorar os bosques, os mais pequenos, sobretudo estes, esquadrinhar com os olhos, meticolosamente, as estradas principais, as cidades, as aldeias, os lugarejos, principalmente estes, sim. Mas tomar o caminho por detrás dos quintais, nos tempos intermédios, não faz mal nenhum. Nos tempos intermédios, apertar e desapertar os atacadores dos sapatos cuidadosamente, porque não horas seguidas, pôr um pé atrás do outro, não olhar para outra coisa a não ser as pontas dos sapatos, deixar ir os pés à frente. E outra coisa: uma refeição quente por dia. Desconfiar dos horários dos autocarros. Dobrar os mapas como deve ser. Calçar dois pares de meias...»

O pai teria continuado ainda durante um pedaço com aquele discurso. Mas foi interrompido porque o *maître d'hôtel* do «Mollard» acompanhou um trio ou quarteto de políticos, e um duplo quarteto de jornalistas como séquito — se é que o eram —, para uma das mesas vizinhas. Ainda não se tinham instalado propriamente quando o velho senhor começou a falar bastante alto, nem virado para a filha nem para os que acabavam de chegar, falando mais para o vazio: «Apanhamos com estes de manhã até à noite na televisão. Não há hipótese de lhes escapar. Hora a hora, as mesmas caras, os mesmo sorrisinhos, as mesmas trocas de olhares postizas. E agora também se intrometem na realidade, escurecem a luz do dia com os seus fatos de agentes funerários e de treinadores de futebol de topo, mais as suas gravatas, continuam aqui na realidade a fazer de conta, como membros de uma sociedade secreta e

conspiradores, que fazem parte de uma elite de que ninguém precisa, de um poder que já não existe há muito tempo. O único poder que lhes restou foi o de fazer guerras com os de fora e de se matarem uns aos outros com os de dentro. Desapareçam. Poupem-nos ao menos aqui, na realidade. Fora convosco, deste pouco que ainda nos resta de Aqui e Agora. Saíam-me da frente. Em nome de Deus, por que raio é que o *maître d'hôtel*, em vez de vocês, não acompanhou rei Luís, o *Santo*, e o seu amigo do peito, o alegre biógrafo, senhor de Joinville do Marne, para a mesa aqui ao pé de mim? Com Luís e Joinville em carne e osso: isso sim, seria uma coisa completamente diferente, seria uma festa. Mas com estes aqui, em pessoa: até nos dá a volta ao estômago.»

A tirada não foi ouvida. A história assim o quis. A ladra de fruta, só pela sua presença, garantiu alguma distração. E, além disso, distraiu, por seu turno, o pai — quase sussurrando, contagiando-o ao mesmo tempo para que falasse mais baixo —, ao observar, por exemplo, que o café que lhes fora servido, um Blue Mountain da Jamaica, estava demasiado torrado e tinha um sabor tão amargo e vulgar, em vez de, como seria característico do café da Montanha Azul, estar torrado como devia ser — um sabor característico, enfim, o sabor próprio. Ou beliscava a manga do pai e fazia sinais com a cabeça em direção à empregada de mesa, que equilibrava um tabuleiro com copos cheios por entre as filas de mesas sem deixar cair uma única gota, sem deixar um copo que fosse tocar noutro, querendo mostrar-lhe assim a diferença entre a empregada e ela própria, quando servia à mesa na região dos rios da taiga.

Depois sentiu quase pressa em desembaraçar-se do pai. Em tempos, quando ainda tinha, excecionalmente, uma opinião sobre alguma coisa, tinha sido, excecionalmente, de opinião que a mãe tivera razão ao deixar o marido. Esta opinião, e uma opinião em geral, era coisa que já não tinha há muito tempo. Quem tinha, afinal, deixado quem? Ela não sabia e também não queria saber. Questionada acerca de uma opinião, teria, quando muito, tal como Jane Eyre, ou seria Jane Austen?, exclamado: «A minha opinião?!», no entanto, não o disse assustada como a personagem do romance inglês do século XIX, mas sim sem pensar, simplesmente assim. Tinha sempre pressa de se desembaraçar do pai ao fim de uma hora com ele. Que regressaria à sua condição de historiador ou geógrafo amador, à sua fonte homérica efervescente ou a qualquer outro lugar. Não que o preferisse quando estava ausente. Mas com os anos via-o, no final de cada encontro, cada vez mais como uma personagem que, nos filmes antigos, pelo menos nos franceses, se chamava «*le gorille*», o gorila, no sentido de «guarda-costas». Por outro lado, quando uma vez se referiu às mãos dele como as de um gorila e ele lhe perguntou o que queria dizer com aquilo, ela tinha querido dizer-ver aquilo literalmente: as mãos dele eram como as de um macaco humano e, sem que ele lhe perguntasse nada, acrescentou: «Bonitas!»

Mal ele se foi embora, desaparecia-lhe de imediato da mente, e o mesmo sucedia agora, em frente à Gare Saint-Lazare. Ela mandara-o embora

simplesmente. Nada de ser ainda acompanhada e vigiada até ao comboio! E ficar agora a segui-lo com o olhar e a olhar para trás: não. Nunca, nem mesmo em criança, tinha ficado a ver o pai a ir embora. Ele, pelo contrário, quando era ela a ir embora, fazia-a sentir de cada vez, e por vezes de forma desagradável, os olhares dele nas costas. Pobre tolo a olhar para trás. Ou seria o olhar para trás uma das fontes homéricas?

Mas depois foi ela, afinal, que pela primeira vez ficou a olhar para trás, para o pai que lhe desaparecia da vista: «Estás constantemente a planear, esboças, projetas, aconselhas. E tu próprio ficas completamente sem saber o que fazer. É verdade: se uma pessoa de fora te perguntar qualquer coisa, sabes com certeza onde fica o quê. Mas quando tu próprio te pões a caminho, na primeira bifurcação perguntas logo: onde estou?» E depois deste olhar para trás, o pai deixava agora a imagem de um prisioneiro envelhecido, libertado do cárcere pouco antes, em liberdade condicional. O que lhe lembrou que, quando era criança, morria por abrir as cartas ao pai e por abrir, e sobretudo dobrar, os mapas, coisas que, sobretudo esta última, o pai mal conseguia fazer.

Finalmente sozinha. Pensou nisto literalmente, enquanto atravessava o «átrio dos passos perdidos» em direção ao comboio: «Finalmente sozinha!» Átrio dos passos perdidos? Dos passos ganhos! E depois ponderou como sucedia que ela se sentisse de tal maneira aliviada, depois de estar menos de duas horas com outra pessoa, ainda por cima com uma das muito poucas que lhe eram mais significativas, por estar sozinha de novo, por poder seguir outra vez o seu caminho sozinha, livre e sem impedimentos, quando na verdade, durante todos aqueles meses que passara na Rússia, poucas vezes, ou não, nunca estivera realmente na companhia de alguém.

E depois, cruzando, livre e sem impedimentos, a multidão, não ponderou absolutamente mais nada. Não só o pai lhe desaparecera da mente, como também tudo o que estava para trás, e da mesma forma tudo aquilo que estaria ainda para vir. Nem um de onde nem um para onde, nem um tempo cronológico nem um tempo real, nem sequer o atual, o de verão. Um esquecimento universal tomou conta dela, um sonambulismo em plena luz do dia, o que, na realidade, era algo de fundamentalmente diferente do que o vadiar inconsciente pelos arredores das urbanizações na sua primeira juventude. Mas sabia não só quem era e onde estava, como, além disso, tinha olhos e ouvidos — para tudo e para todos? Isso não, mas tinha olhos e ouvidos para isto e aquilo, como àquela hora não era evidente para mais ninguém no meio da multidão. Para mais ninguém? Evidente? De onde vinha essa certeza? De onde vinha esse saber? — É assim que é contado. É assim a história.

Viu alguém que chorava, e era claro e notório que não chorava desde há muito tempo, se é que não era a primeira vez. Homem ou mulher? Era indiferente, além disso não ligou. Havia alguém escondido atrás de uma coluna. Escondia-se da polícia? Escondia-se por querer surpreender outra pessoa que estava prestes a sair do comboio que chegava? Nem uma coisa

nem outra: escondia-se ali, atrás da coluna, como se fosse o seu lugar, e não só àquela hora — já ontem ali estivera, o dia inteiro, desde a abertura da estação, de manhã cedo, até ao fecho, depois da meia-noite — na Páscoa já estava ali, atrás da sua coluna, no Natal passado também, no Advento. O homem idoso ali, de muletas, como um anão, com uma corcunda, içando-se passo a passo no meio da agitação e da correria, fazendo uma pausa de um minuto entre cada passo, e que agora se agarrava a um corrimão ou barreira, com as muletas de través, afastadas do corpo, para um definitivo não-dou-nem-mais-um-passo, a corcunda ultrapassando em muito a cabeça — o «esqueleto» prestes a ruir, ali no meio da confusão e dos empurrões, não era assim tão velho e ainda há dez, vinte anos, jogava futebol, fora profissional da segunda liga, e no princípio da carreira até jogara durante um ano na primeira liga. Não ficara rico, pelo meio até tinha tido algum dinheiro a mais, mas depois um amigo e conselheiro encarregou-se de o burlar. Ainda naquela manhã estivera por momentos confiante, saíra para a rua lembrando o seu primeiro golo, em tempos, saído de um tiro da linha média, em que a bola voou alto pelos ares, tinha-o na memória como em câmara lenta, até o enfoliar da rede da baliza, os outros jogadores, incrédulos, virando-se para ele, mas quem estava mais incrédulo com o golo era ele próprio. Agora, porém —

Já no cais de partida, ela dera meia-volta para ir a uma das inúmeras lojas, sobe escada, desce escada, na estação, comprou um saco de pano, um daqueles com vários bolsos de lado, na frente, atrás, de imediato batizado por ela «saco de ladrão». De volta ao cais, foi até ao extremo, para lá de um pedaço da cobertura da Gare Saint-Lazare, onde, apesar de o comboio estar já à espera, ficou, a céu aberto, e de onde vinham os gritos estridentes das gaivotas, ampliados pelo rebaixamento da linha e pelos edifícios altos de ambos os lados. As borboletas brancas que adejavam sem parar, vindas da escuridão do fosso da linha férrea e, disparando em direção ao Sol, poderiam à primeira vista confundir-se com as gaivotas. *Transilien* era o nome de todos os comboios que saíam de Paris para a região Ile-de-France, e ela, acabada de regressar do extremo leste, leu, em vez disso, *Transsibirién*.

A ladra de fruta fixou depois os olhos na linha a seus pés. Em tempos, não só durante a noite, mas também em plena luz do dia, como agora, era garantido que as ratazanas iam sair desembestadas por entre as travessas da linha férrea. Hoje, como já acontecia desde há muito tempo, nem uma. Quase sentia falta das ratazanas ali, aos seus pés. Todo aquele vazio de uma higiene de morte. «Quase» sentia falta daquele deslizar furtivo? Não era só quase. Em compensação, havia uma coisa verde e vermelha a sair de entre o cascalho que formava o chão da linha férrea, e mais acima, no betão grosseiro que delimitava a linha, quase até aos seus pés, em cima, no rebordo do cais: uma planta verde que lhe fazia lembrar um tomateiro e que era de facto um: quando se baixou para vê-lo, os cachos dos pequenos tomates, redondos como bolas, de um vermelho escuro, maduros, caíram-lhe literalmente na mão, insinuaram-se-lhe por entre os dedos, que nem sequer teve de dobrar para

recolher os frutos e guardá-los. Na sua vida, vira muitas vezes frutos, e esplendorosos, a crescer nos lugares mais estapafúrdios. Mas agora aqueles tomates junto à linha da estação da grande metrópole —

No comboio, adormeceu de imediato. Dormiu profundamente e sem sonhos, como era habitual nela. Quando acordou, o comboio estava mesmo a parar numa estação elevada em relação ao campo, com vista sobre um rio largo, que reconheceu ser o Sena só quando os passageiros desceram do comboio. E depois, ao lado dele, havia outro rio, uma escassa terça parte daquele, nem sequer um quarto tinha da largura do outro. Ou seria um canal secundário? Não, era outro rio, o Oise, e a ladra de fruta encontrou-se na confluência dos dois rios, a foz do Oise entrando no Sena, junto à estação, que se chama, por isso, «Conflans Fin d'Oise», Confluência Fim do Oise.

Não queria ter ido até à confluência dos rios. Por ter adormecido, tinha ido longe de mais, em vez de sair na estação anterior, em Sainte-Honorine, onde teria de mudar para outro comboio. Mas agora estava bem para ela sentar-se durante algum tempo na foz dos dois rios.

Todos os rios da Terra que conhecia, em particular os maiores, quando estes atravessavam um território escassamente povoado, eram iguais uns aos outros, era a impressão que tinha. Esses lugares davam-lhe, como nenhuns outros, a ideia de um planeta único, que mantinha unidos os vários continentes. Nenhum ribeiro do mundo lhe despertara esta imagem, nenhum lago glacial, nenhuma torrente de lava, e muito menos as costas dos grandes mares, fossem eles o Mar do Japão, do Leste ou do Oeste, junto ao Atlântico, no Brasil ou, como ainda havia poucos dias, na costa do Mar de Bering, desta vez, ao contrário do ano anterior, em vez do mar do lado do Alasca, em Nome, fora na costa do lado oposto, a costa russa, junto a Kamchatka.

Ao ver agora os rios Sena e Oise, foi transportada para os rios siberianos, onde passara metade do verão, nas horas livres, tal como aqui, sentada no talude relvado junto à margem. O mesmo vento vindo do rio, como no Ienissei, no Ob e no Amur, soprava-lhe no rosto. As esporas dos cardos da estepe, que lá flutuavam na água a perder de vista, com um brilho de prata, por vezes mesmo aos pares, umas até engatadas nas outras, também ali, no esteposo ângulo de confluência de Oise e Sena, enxameavam o ar. Andorinhas nas margens, aqui como lá, embora talvez um pouco distintas na forma e na cor, eram, contudo, iguais na zoadas das andorinhas de rio de todo o planeta. Iguais à da taiga eram também as conchas vazias trazidas para a areia da margem, não, não eram exatamente iguais. E mesmo que não fossem, no seu êxtase via-as assim. E os corredores e ciclistas daqui — apesar de esporádicos — também corriam e andavam de bicicleta lá na Sibéria? Assim era. Também ao longo do Ienissei passavam ciclovias e caminhos pedonais, *osdorowitelnye tropy*, e a indumentária de tempos livres também era igual, aqui como lá. Graças ao êxtase, e também por força dele, assim se sentia neste lugar; havia uma presença ainda mais forte daquilo que a rodeava no momento; transportada pelo êxtase, ampliava-se e tornava-se mais nítido tudo aquilo que

ali estava ao mesmo tempo, juntamente com ela, incluindo-a por assim dizer, que estava ali também.

Graças ao êxtase, adquiriu uma sensibilidade para as diferenças, precisamente as dos dois rios que tinha diante de si, que ultrapassavam as diferenças de extensão. Não havia a expressão «cheiro a pobreza»? O Oise cheirava a pobreza, em todo o caso à superfície viam-se estrias e mais estrias de todo o tipo de líquidos, imagináveis e inimagináveis, em nenhuma parte da água se espelhava o céu azul do verão, ao passo que o Sena, onde o Oise terminava, *fin d'Oise*, o fim do Oise — é outra vez uma dessas expressões —, cheirava a riqueza, quer dizer, a nada de nada; o azul do céu refletia-se ao longo das águas, era até mais azul e azulava ainda mais do que o céu autêntico das esferas superiores. Ilusão ótica, provocada pela massa de água do grande rio que preenchia o horizonte, levando consigo como que de passagem aquele, muito mais pequeno, do primeiro plano? Ilusão? No entanto, não condizia com estes rumores diversos o que se dizia sobre a água do Sena, que estava outra vez limpa depois de um tempo intermédio, pelo menos até à foz do Oise, feita para tomar banho e nadar como poucas vezes no passado, até no percurso que atravessava Paris e que era especial mente recomendável nos meandros que por lá passavam? De uma forma ou de outra: tal como na despedida de um dos rios siberianos, incomparavelmente mais frios, a ladra de fruta, como reza a história, também aqui entrou no rio, para nadar no «fim do Oise».

Chegou agora o momento de contar o que é isso da «ladra de fruta»; o momento de contar como ela se tornou «A ladra de fruta».

Dizia-se que o responsável por isso era o pai. Que quando era muito pequena já ele dera, por assim dizer, o exemplo. Não é verdade. É possível que ele, como se calhar não tão poucos como isso, tivesse andado às voltas com a ideia, desde muito novo, de trepar muros ou quaisquer outros obstáculos, para chegar a jardins estranhos ou a outros territórios onde houvesse fruta. Nunca levou esta ideia à prática. Teria sido demasiado desajeitado para tal, não era suficientemente atlético. Além disso: quando acontecia uma pequena irregularidade de nada, apresentava-se como suspeito e era muitas vezes dado como culpado também, de todas as vezes injustamente. Mas sentia-se culpado em pensamento, de igual modo e precisamente por delitos a sério praticados nas redondezas, sentia-se suspeito com razão, inclusive de todas as espécies de crimes, roubo, violação, homicídio, assassinato, e não apenas nas redondezas.

Ela tornou-se ladra de fruta desde a mais tenra infância, desde a mais curta estada, a sua primeiríssima, no campo. «Tornou-se?» Foi no dia longínquo em que subiu para as cavalitas de um rapaz da aldeia e saltou o muro — relativamente baixo — para um terreno desconhecido, trepou para a árvore e arrancou, com um único movimento rotativo, o fruto lá de cima, que já lhe tinha «estado na mira» todos aqueles dias, como se não se tivesse tornado uma ladra de fruta, mas sim como se o tivesse sido desde sempre.

Não se via a si mesma como ladra. Ninguém a vira até agora como tal.

Passaram a chamar-lhe «A ladra de fruta» porque se tornara hábito na família, como um segundo nome, a seguir ao nome de batismo e antes do nome raro, que só a mãe usava, «Alexia». O nome «A ladra de fruta» foi-lhe dado de imediato pelo proprietário do pomar cercado, de onde «surripiara»? , qual quê!, furtara, subtraíra, o fruto — qual, não vem ao caso. Ele, um amigo de infância da mãe que vivia na aldeia, fora testemunha, na pequena casa que pertencia ao pomar (não era ao contrário, não era o pomar que pertencia à casa), sem a sua ajuda, da subtração do fruto pela criança da cidade, estranha à aldeia. Primeiro saltou de repente do lugar à mesa, involuntariamente, mas depois parou e pôs-se ao pé da janela para poder ver melhor. O que viu, assim contou mais tarde à velha amiga, mãe da criança, agradava-lhe. Ele, que ainda havia pouco ruminava para si, sério, quando a pequena rodou o fruto meio escondido da copa da árvore e o trouxe à luz, ficou de repente divertido e ouviu alguém a rir no aposento, o único da casa: quem ria era ele próprio.

Fora ele quem lhe dera o nome «A ladra de fruta». Foi assim que chamou à menina que estava ali de costas para ele, ao pé do muro, tentando em vão regressar ao exterior; aquele que lhe poderia ter feito uma escada com as mãos estava do outro lado ou já tinha saído a correr há muito tempo. «Ei, ladra de fruta!» Ela voltara-se lentamente e fixara-o com uns grandes olhos, em silêncio, como quem olha para alguém que se intromete numa coisa que não lhe diz respeito nenhum. E quando ele fez o papel do proprietário furioso e saiu a correr para a agarrar, ela, que segurava pelo pé, entre os dentes, o fruto roubado, ficando assim com as mãos livres para trepar o muro, apertou contra si o fruto com aquelas mesmas mãos, foi tudo o que fez. Tratava-se do seu fruto, não de um fruto estranho, e muito menos de um fruto proibido. «Levar alguma coisa» teve, no entanto, só em relação a frutos e fruta em geral, etc., e mesmo assim só «no momento oportuno», para a criança, como mais tarde passou a ter para a jovem, um significado radicalmente diferente do habitual.

A ladra de fruta detestava furtar, subtrair, detestava os furtos, os surripianças. De todos os meliantes, sentia mais nojo dos ladrões. Larápios, violadores, homicidas, assassinos em série, eram coisas diferentes. Além disso, o lado secreto, que não tinha absolutamente nada que ver com alguma espécie de secretismo, atraía-a de uma forma viciante. Por outro lado, o aspeto secreto do furto, do surripiar, era, aos olhos dela, pelos simples gestos, uma das coisas mais repugnantes debaixo do céu. E se fosse, por exemplo, testemunha de um furto menor num supermercado, por muito que tentasse convencer-se de que aquilo acontecia por necessidade ou de que o artigo furtado de qualquer modo pouco valor tinha: desprezava o ladrão pelo seu gesto. Cinéfila que era desde sempre, depois de ver o filme *Pickpocket*, de Robert Bresson, tornou-se infiel ao eminente realizador durante um tempo, por causa da sequência no metro, quando o bando de carteiristas faz desaparecer os porta-moedas tirados aos passageiros, etc., num *ballet* silencioso, atravessando as carruagens, e passando de umas para as outras, como se aquilo fosse um modelo de elegância e beleza. E quando, nos últimos

tempos da escola secundária, passou a ser moda, entre as raparigas da turma dela, andar pelos centros comerciais a roubar em bando, um dia, quando uma das colegas, que estava a gabar-se diante dela com uma coisita que tinha metido ao bolso, não conseguiu dominar-se a ponto lhe dar um chapadão, e daqueles, como se dizia na altura (e talvez ainda se diga hoje?), bem assentado. Todos os delitos lhe causavam dor, sofrimento, cada um deles à sua maneira. Muitos furtos nem sequer podiam ser designados «delitos». É possível, nenhum furto deveria ser chamado «delito» e seria um exagero, com exceções, dizer que o roubar provocava sofrimento. Mas então porque é que um furto, era assim que o via, assim o sabia, provocava dor de uma forma tão peculiar, tão tremendamente horrenda, não só por ser uma ofensa para quem era roubado, mas por desrespeitar um mandamento anterior a todos os mandamentos bíblicos ou a quaisquer outros?

A sua arte de furtar fruta, por seu turno, era uma coisa diferente. Exercida sob o signo da impunidade, era, além disso, algo de reconfortante. E tinha decoro. E era uma coisa bela. Uma coisa exemplarmente bela. Sim, era: o que ela fazia de cada vez que roubava era uma coisa torta. Mas até esta expressão tinha para ela um significado diferente do habitual. Sentia-se como que em casa perante tudo o que era torto, mesmo que fosse só ligeiramente, intuía aquele lado secreto por que tanto ansiava, especialmente em relação às coisas tortas, uma agulha de coser torta, um lápis torto, um prego torto. Tanto melhor fixaria.

Se dependesse ela, só se produziriam coisas tortas. Então ela era contra o ângulo reto e outras coisas semelhantes? Sim, mas ainda era mais contra tudo o que fosse redondo, as esferas, os círculos, os ornamentos dos círculos, as espirais. Então ela queria que as coisas fossem feitas de acordo com os gostos dela? E de que maneira. Ou, melhor dizendo, desejava, de tempos a tempos, numa versão livre do «*Time after Time*».

O que um ladrão de fruta não é capaz de inventar! No decurso da sua vida de um quarto de século que entretanto passara, mudara muitas e muitas vezes de lugar; sentia-se neles, onde permanecia pelo menos um dia, e talvez mais um — não se sentia em segurança em lado nenhum por mais tempo seguido —, em casa, sempre, graças à sua arte de furtar fruta.

Media cada lugar pelos pontos, locais e recantos onde nascesse um fruto que pudesse levar. Bastava-lhe um dia e uma noite, e no seu interior havia uma espécie de cartografia descarregável dos parâmetros, em termos de frutos, que eram a condição para que o lugar se constituísse a seu ver sequer como tal. Era notório (ou talvez também não) que estes «pontos trigonométricos» eram, por via de regra, de facto só pontos isolados. Não eram os pomares como um todo que lhe serviam de marcadores do local, não eram as estufas, não eram campos inteiros, muito menos colónias de árvores ou de arbustos, ou plantações de fruta, mas sempre e somente árvores isoladas, um arbusto que crescesse isolado, nunca um vinhedo, para não falar de plantações de uvas e vinhas: pelo contrário, era marcante, e como!, um caramanchão solitário,

quase escondido atrás de uma cerca, denunciando-se-lhe apenas por umas poucas folhas denteadas de videira, que cresciam para lá das ripas ou das redes das cercaduras.

Tal constituição do lugar ditada pela sua arte de furtar fruta não era condicionada pelo facto de ter em seu redor o campo aberto, as aldeias, as pequenas cidades. Também lhe sucedia o mesmo nas megalópoles, e essas ainda eram muitas vezes mais «frutíferas». Os bairros dessas cidades, fosse em Paris, Nova Iorque ou São Paulo, tornavam-se para ela bairros, e bairros completamente diferentes — de qualquer maneira cada vez mais em vias de desaparecer —, não tanto graças aos monumentos e às passagens, mas sim graças às suas incursões, às da ladra de fruta, nesses bairros, onde, como nos jogos de quente e frio das crianças, a coisa se tornava «quente» e depois «escaldante!» e «a queimar». E ela já sabia, logo à chegada, no respetivo bairro de uma grande cidade, embora não soubesse onde, que iria encontrar alguma coisa seguindo o seu faro, fosse em que bairro fosse, mesmo nos que eram aparentemente mais pobres em árvores de fruto. No quarteirão perto da Porte d'Orléans parisiense, onde morava, havia, por exemplo, numa das muitas praças construídas de novo, onde tinham plantado um renque de *ginkgos* — pelos vistos na moda em toda a Europa —, cuja sombra particularmente cintilante formava uma espécie de cortina translúcida, e, por trás desta, na parede de uma casa sem janelas, havia ficado, de outros tempos, parte de uma árvore de fruto, junto a uma latada, que ainda dava frutos, embora de ano para ano cada vez menos. Mesmo lá no cimo do pedaço de latada, «neste verão só deu uma pera», disse a ladra de fruta, «mas era uma pera bem grande, estava lá mesmo em cima de tudo, na latada, nem sequer em bicos de pés dava para lá chegar. E na autoestrada, já do outro lado, perto de Montrouge —» Uma vez começada a enumeração dos locais do crime, já não era capaz de parar.

E o que acontecia durante o inverno? Como é que ela se arranjava no inverno, uma vez que não havia frutos em lado nenhum? — «Meu caro: no inverno também crescem frutos, continuam sempre a crescer!»

«As coisas que um ladrão de fruta consegue descobrir!» — Mas que raio tem a arte de furtar fruta que ver com descobertas? A copa de uma árvore será por acaso o lugar para fazer descobertas? — É um facto: grandes descobertas, a bem dizer, não foi coisa que a ladra de fruta tivesse feito desta maneira. Mas o que ela via, ouvia, cheirava, experimentava, nos seus empreendimentos diurnos e noturnos, e, note-se, sempre de passagem, nunca o poderia ter experimentado desta maneira se não fosse a sua planificação dos lugares e o seu horário de ladra de fruta, e assim vivia-o, não podia ser mais claro, como descoberta. Não precisava de subir de propósito até à copa de uma árvore, isso era coisa que só acontecia exceccionalmente. As suas descobertas ocorriam de passagem e nunca ia direita ao «produto furtado», a dita coisa importante, que era o facto de acontecer de passagem. Enquanto saía para um lugar que procurava, para aquele ponto exato, de cada vez passando sempre por vários

desvios — fazia parte das suas incursões —, enquanto estendia a mão para o seu fruto, sim, para o fruto que era dela, ou até ambas as mãos, enquanto se punha a caminho, de novo por desvios, sim, de regresso a casa, chegava-lhe de passagem aos ouvidos, soprava-lhe de passagem qualquer coisa — sobretudo na profundidade da noite —, que não lhe soprava, daquela maneira, daquela forma única, e que, também estava firmemente convencida disso, nunca mais lhe sopraria assim, fizesse o que fizesse, num futuro distante. Cheirar depois o fruto roubado (quando se tratava de uvas e nozes, era sempre só uma) era outra parte do descobrir de passagem: nunca um fruto comprado, encontrado ou oferecido teria um perfume, um perfume aventureiro assim, o perfume do secreto, como o fruto acabado de levar na expedição do furto. E o sabor? A ladra de fruta pouco dizia acerca disso. Ao que parece, deve ter deixado secar ou apodrecer não poucos frutos sem lhes tocar.

Ladrão de fruta, ladra de fruta: tinha de ser. E mais uma vez era claro: isso não deveria querer dizer que levar para si aqueles frutos de outros, que não lhe pertenciam, acontecia por uma compulsão; não era uma doença e quem lhe cedia não era cleptómano. Tinha de ser, era, no que lhe dizia respeito, uma coisa natural, uma coisa legítima, uma coisa boa e bela, uma coisa necessária e vivificante, e isso não se referia só a ela.

Outra vez, mas que diabo: será então que a ladra de fruta se via numa espécie de missão? Desejaria ou queria ela mesmo que a arte de furtar fruta fosse introduzida como disciplina olímpica? Não seria de todo absurdo, tendo em conta todas as disciplinas olímpicas introduzidas recentemente.

Acreditara que seria algo como uma missão, a sua, pessoalíssima, durante algum tempo, depois da transição da infância para a idade adulta, mas não no papel da ladra de fruta ou, como é que se dizia em tempos, «em sentido figurado». Ter uma missão decorria, por um lado, do facto de se encontrar, muito embora não propriamente no centro do círculo dos da sua idade, de um dia para o outro à margem, sabe-se lá porquê, e ela também não queria saber. Já nem sequer a cumprimentavam aqueles em cuja comunidade de brincadeiras ainda agora participara sem problemas. O não querer saber porquê estava ligado ao facto de não querer ser uma figura à margem. «Eu não sou nenhuma marginal!» Agora via-se no centro. «Ainda vos vou mostrar como é!»

Por outro lado, depois tentaram convencê-la desta missão. Aqueles que lhe deram a entender que tinha uma tarefa a cumprir tornaram-se cada vez mais ao longo dos anos, eram sempre pessoas mais velhas, muito mais velhas do que ela. Estas pessoas com mais idade do que ela e velhas, e também pessoas que ela só via por um instante na rua, a passar, não se cansavam de dizer que ela «era alguém muito especial» — «uma pessoa muito rara» «ífinalmente uma jovem que não é como as outras, cheias de salamaleques, a quem só faltava a etiqueta do preço» — «tu tens uma beleza diferente!» — «alguém com um desígnio!».

Aquele que foi mais incansável a convencê-la de tal determinação, nos

primeiros anos de adulta, foi o próprio pai. «Tens uma missão, minha querida filha. Tens de afirmar o teu lugar muito especial no mundo contra todos e tens, além do mais, uma obrigação. Tens a obrigação do poder. Tens de fazer sobressair o poder que tens em ti secretamente e exercê-lo. Darás a ver a tua luz àqueles que dela necessitam, e essas pessoas existem, ao contrário do que pensas, vais queimar-lhes as pestanas postiças com a tua luz, vais dar-lhes nas orelhas até que os brincos chocalhem, vais martelar-lhes as argolas do nariz. Vais personificar o poder, um poder completamente diferente. Vais — vais — vais»

Foram sobretudo as ladainhas e profecias do pai que contribuíram para pura e simplesmente abafar na ladra de fruta, não muito depois dos vinte anos, o sentimento de ter uma espécie de missão. Para ela, foi, desde logo, um alívio. E, contudo, no seu íntimo, o antigo sentimento «tenho uma missão» deu lugar, de seguida, a algo que, embora raramente, aparecia e que a inquietava e perturbava porventura ainda mais, algo que, ao contrário da «missão», apontava só para ela: dominar e pôr à prova um desafio, um chamamento, mas pôr à prova o quê? A si própria. Desafio? Chamamento? Quem a desafiava? Quem chamava por ela? Sim, pois: ambas as coisas vinham somente de dentro dela. Mas era, ao mesmo tempo, mais do que ela, muito mais. «Como é raro ficar assim inquieta. Como é raro ficar tão desassossegada com estas atribulações.»

De momento, parecia-lhe bem, depois de nadar no «fim do Oise» deitar-se na erva, na margem, com os pés na água do rio até aos tornozelos. Bela lei da natureza: os dois dedos grandes dos pés que, ao contrário dos restantes dedos dos pés, ficam arrebitados. Sempre foi assim em todos os seres humanos? E como era entre os macacos? Arrebitou ainda mais os dois dedos grandes para cima. Ao fazer isto, uma coisa qualquer passou de raspão por eles e, quando se levantou, viu uma caneca a flutuar lentamente por ali fora, prateada, de lata ou alumínio. Pescou-a da água. Tinha uma pega e fez-lhe lembrar aquelas canecas de café dos *westerns* de antigamente. Arrastava-se pela água do rio há anos, há muitas décadas. Ao rodá-la e dar-lhe a volta — como era leve! —, percebeu que tinha sobrado da última grande guerra, da batalha ali perto, nos dias de agosto, agosto como era agora, do ano de 1944, combates ferozes para conquistar avanços e também de retirada, travados metro a metro, entre as potências do *Reich* dos mil anos e as do outro lado do oceano. A caneca não tinha nenhum símbolo gravado e a ladra de fruta, guardando-a para si, decidiu que era uma caneca alemã — alemã? Inversamente ao movimento de guardar a caneca, retirou do bolso lateral do seu «equipamento de marcha» (ocorreu-lhe involuntariamente) a brochura relativa precisamente àquela batalha, que o historiador amador, seu pai, lhe dera para a viagem, com o título «A Batalha do Vexin», na capa tinha uma fotografia de grandes dimensões de um tanque alemão abatido e atirou-a longe para dentro do «fim do Oise», para continuar a andar à deriva no Sena? Para que se afogasse? Para que se afogasse.

Levantou-se para ir embora. Antes disso, ainda atirou conchas e seixos para

a água, com a mão esquerda, como se quisesse exercitar aquele gesto, fazendo-os dançar em cima da água. Pôr os seixos a saltar em água corrente: era possível? Era. Em resposta, um peixe enorme saltou até do «fim do Oise», um lúcio? uma truta? uma truta-lúcio? um lúcio-truta? Era possível? Era possível. Assim foi contada a história. O Oise passou, em sequência disso, a ser um rio não tão pobre assim.

Quase ao mesmo tempo, um barco de recreio deslizou silenciosamente, como se não tivesse motor, do Oise até à desembocadura no Sena, a imagem exata que lhe passara, um instante antes, pela cabeça. E já acenava aos excursionistas, todos eles chineses. Ou tinham sido os chineses a acenar-lhe primeiro, unânimes, e era ela agora que devolvia a saudação. Como podia ser benéfica uma saudação entre desconhecidos. Que força e que poder, um poder diferente, vinham dela.

Quando se pôs de novo a caminho, decidiu, além disso, que no dia de hoje iria pôr fim à arte de furtar fruta. Ou, a praticá-la, seria quando muito como recordação devota e como paga.

Tinha recuado uns passos da foz do rio para despedir-se. Além disso, fazia parte da sua maneira de ser supersticiosa. Exercer a sua superstição era, por um lado, um passatempo, ou antes, parte do seu prazer diário de brincar (não tinha necessidade de passar o tempo). Por outro lado, era uma coisa séria para ela. Pensava a sério que com atos como o daquele instante, de dar uns passos atrás, contando cerimoniosamente os passos até um número ímpar, onze, treze, dezassete, conseguia ajudar alguém, com quem se preocupava, desde longe. Também podia acontecer ao atar um par de sapatos com os respetivos laços exatamente iguais, ao cortar pão sem parar um momento, ao andar de propósito pelo meio de uma poça.

Ao contar agora os passos que recuava, acreditava exercer um efeito à distância sobre a mãe desaparecida. Para finalizar o seu ato supersticioso era preciso, além disso, fechar os olhos, e foi o que ela fez. Desde sempre lhe tinham ficado imagens remanescentes, não importa de que objetos, notoriamente duradouras, para mais imagens de contornos bem definidos. As vezes até sucedia, quando tinha os olhos quase fechados, não cerrados — também era uma condição —, esta imagem remanescente mostrar-lhe coisas de que não se apercebera de todo com os olhos abertos. Fecha os olhos! E agora, os excursionistas chineses de ainda há pouco, em negativo, as caras a preto, as coroas dos cabelos a branco — então os chineses tinham todos cabelos pretos? —, os braços pretos (eram as camisas brancas) erguidos para saudar, ao longo de todo o convés, e entre eles estava, saudando também, ela assim via, assim acreditava, «é inconfundível, é ela», a mãe. Nada de desaparecimento! A mãe «está a participar numa excursão para recuperar. Recuperar de quê? Da atualidade, em particular da sua». No entanto: tal como não havia opiniões, também não havia explicações. No inexplicável sentia-se em casa. E até via agora uma malha caída na perna da mãe. Como é que ela conseguia ver aquilo? Viu. Mas ainda havia coisas destas: malhas caídas?

Havia.

A imagem remanescente desvaneceu-se e com ela desapareceu a crença de que estava, em todo o caso, «tudo em ordem». Mas era estranho: a ladra de fruta sentia, ao mesmo tempo, uma sacudidela a percorrer-lhe o corpo todo, desde cima, no couro cabeludo, até baixo, nos dedos grandes, arrebitados, dos pés. Até agora, até ao sítio onde o Oise desembocava no Sena, tinha andado a vagabundear. E estava bem assim: iria continuar, se se desse o caso, a vagabundear como lhe era devido. Mas para já bastava de vagabundear! O lugar, o campo para onde se dirigia, esperava por ela. Precisavam dela lá e era urgente. Ao adormecer no comboio, tinha ido parar mais a ocidente, tinha ido mais na direção do mar. Mas o caminho era para o interior, para norte, em linha reta para norte. Tinha de começar, e de imediato, a levar a sério a expedição. Uma história de aventura? Quem sabe. Pelo menos assim o sentia.

E o que era agora? Não era, mesmo sem ter uma torre de igreja à vista, algo como o som de um sino, um toque de sino vindo lá de muito longe, de debaixo do horizonte, como em certas tardes de verão em campo aberto? Esperara fervorosamente — só neste instante se apercebia disso — por aquele toque na última hora, junto às margens do rio, necessitava dele. Então era por isso que estava só a imaginá-lo?

O toque não era imaginação. Só que, escutando com atenção, vinha não tanto de trás dos horizontes, mas sim, com cada vez mais intensidade, do primeiro plano, de baixo, da desembocadura dos dois rios. E, ao continuar a escutar com atenção, o toque do sino transformava-se — quanto mais penetrava no ouvido interno, mais audível — em trovão, apesar de suave e muito distante. Neste verão ainda não tinha presenciado uma trovoad. Alguém lhe contara apenas de uma que houvera: algures nos Alpes, com os trovões a aproximarem-se cada vez mais e os ruídos a passar a estrondos, de todos os lados, atrás dele, diante dele, à esquerda, à direita, por fim quase em simultâneo com os raios que caíam, e como ele, «acredites ou não», andara a correr em ziguezague por entre os raios, com um «medo de morte»... E ela invejou-o, a ele que lhe contara o sucedido, pelo que tinha vivido.

Chegou ao final da tarde do mesmo dia ao Vexin. Contudo, o local de chegada não ficava ainda na zona do planalto do Vexin, na Picardia, mas sim a sudoeste deste, era ainda parte do grande arco com que a Île-de-France rodeava Paris. Não só faltava muito para chegar à planície aberta, escassamente povoada, e portanto à Picardia, pelo menos a pé, tal como era primordial que fosse para a sua incursão, segundo a ladra de fruta, como também o que iria ser o seu abrigo noturno era uma cidade a sério, uma cidade grande. E não era uma cidade antiga, que crescera ou transbordara ao longo dos séculos, e muito menos uma antiga cidade real, como a de Pontoise, a «Ponte do Oise», ali ao lado, onde o rei santo, Luís, passara a vista durante alguns dias, ou talvez um pouco mais, antes da sua partida para as cruzadas, nas quais não acreditava propriamente, de humor esmorecido. A cidade que serviria de dormitório, muito maior, em área e número de habitantes, do que

Pontoise, era uma das cidades, chamadas «*villes nouvelles*», que ficavam à volta da capital, Paris, e que tinham sido planificadas duas ou três décadas atrás, e construídas com bastante rigor segundo o projeto, à volta de umas tantas quintas velhas, ou à volta de nada, rua por rua, praça por praça, cruzamento por cruzamento; portanto era uma dessas cidades novas, e o nome destas eram agora mais habitualmente nomes compostos, «Cergy-Pontoise», como se a nova cidade grande fosse apenas um satélite de Pontoise, que crescera junto ao Oise, rio acima.

Para ela era só Cergy e não o «conglomerado» de «Cergy-Pontoise», como era conhecido na gíria, que integrava outras cidades mais pequenas, mais ou menos antigas, bem como antigas aldeias: Saint-Ouen-l'Aumône, onde o cinema, um edifício de um piso, mas bastante extenso, com oito (ou seriam até dez?) salas, ocupava toda a praça principal, a praça do mercado, fechada aos automóveis, dando-lhe o aspeto de cubatas dispostas em círculo; Osny (pronuncia-se «Ôni»), com o enorme estabelecimento prisional regional, na orla de um barranco escuro, junto a um bosque, onde um caminhante que fizesse o percurso do planalto do Vexin lá para baixo, para o Oise, era assolado por uma total ausência de ruído, um silêncio ou mutismo vindo do lado de lá dos muros da penitenciária; havia qualquer coisa de falta de ar, de asfixia, de sufocante, sobretudo ao crepúsculo. Auvers-sur-Oise, com o tumulto de Vincent van Gogh e, ao lado, do irmão, Theo, a pequena cidade contígua no vale do Oise, a montante, ainda não pertencia, na época em que se passa esta história, ao conglomerado.

Cergy, em comparação com os restantes elementos do conglomerado, era desproporcionadamente grande, e, sobretudo, construída na totalidade como Ville Nouvelle, não só ao primeiro olhar; ficava e fica a jusante, estendendo-se para o alto a partir do último meandro do Oise, e se calhar único, junto às margens subidas e muitas vezes íngremes que separam a cidade, em comprimento, largura, até às colinas, de Osny, Saint-Ouen e sobretudo de Pontoise, como através de uma faixa quase inacessível de terra de ninguém.

Em todo o caso, Cergy era inacessível para quem fosse a pé. A ladra de fruta conhecia a *ville nouvelle* Cergy de antes. Estudara lá Economia, a instâncias da mãe-banqueira, na universidade, nova como toda a cidade, depois de regressada do seu próprio desaparecimento, no entanto só durante um semestre (nem sequer isso). Mais do que a própria cidade, conhecia a paisagem, não, mais do que a paisagem, conhecia as transformações feitas durante as obras; de resto, conhecia menos por ver com os próprios olhos do que através de um filme de Éric Rohmer, que se passava precisamente naquela curva meândrica do Oise, uma localidade transformada em espaço de tempos livres e passeio, com os seus lagos, fontes, barcos e sabe-se lá mais o quê. Tinha o filme de Rohmer na memória como um filme de verão, como acontecia muitas vezes nos seus filmes, com muito céu azul e água também azul, os longos diálogos, alegres, entre gente muito jovem, como quase sempre nos filmes de Rohmer, levados pelo vento estival e tendo como pano

de fundo o rumorejar das cascatas artificiais. A história do filme já a tinha esquecido, tal como esquecia, de resto — uma espécie de sequela tardia do tempo das suas errâncias? «adolescentes», inconscientes —, as pessoas que passavam algum tempo com ela, esquecia-as de uma forma terrível, quase assustadora, como se tivesse engolido tudo o que tinha visto e falado com elas, e não assim tanto tempo antes, mesmo as coisas vistas, admiradas, adoradas em conjunto, esquecia de maneira irreversível, para sempre. Também esquecera, engolido com casca e tudo, com quem tinha partilhado o anfiteatro na altura, esquecera-o, juntamente com o anfiteatro, o *campus* e a cidade nova que ultrapassava os limites de Cergy, o grito silencioso diante do túmulo dos dois irmãos, em Auvers; esquecera-o, juntamente com as colinas gémeas cobertas de heras; esquecera, de volta a Cergy, a sua alegria infantil (sim) ao ouvir um «como é bela, *madame!*» («*madame*», não «*mademoiselle*»), que ouviu numa noite de primavera, num dos novos bulevares, vindo de um dos homens velhos, não tão raros assim, da *ville nouvelle*; esquecera-se, e também o homem velho, o Boulevard des Acacias, ou seria a Avenue des Mimosas?, e Cergy.

Quando lhe chamaram a atenção para os esquecimentos, sentiu-se culpada, responsável por eles; e quando lhe sugeriram que o esquecimento radical do tempo que passara naquela localidade também se devia ao facto de nunca ter morado na cidade nova, de ter ido e regressado no comboio regional todos os dias entre o apartamento da mãe, em Paris, e o *campus*, sim, e de nunca, durante todos aqueles meses, ter passado uma única noite ali, rejeitava esse argumento, como se as outras pessoas estivessem a tentar desculpá-la pelo seu esquecimento total. Ela era culpada. Nada de desculpas!

Por outro lado, a resposta dela era: «Sim, eu esqueço e volto a esquecer, é de meter medo, é capaz de te assustar. Mas garanto-te: em cada esquecimento, guardei sempre qualquer coisa!» — «O quê, por exemplo?» Não era capaz de dizer, normalmente. Ou, pelo contrário, percebia-se isso nela, tratava-se, na imagem que retinha na memória, de algo que, mais do que assustar quem perguntava, teria praticamente horrorizado ou envergonhado essa pessoa, a par de uma culpa muito pessoal, ou então era a imagem de uma coisa que não dizia respeito a ninguém senão a ela.

No caso da esquecida cidade de Cergy, soube referir uma vez algo que tinha, apesar de tudo, fixado da *ville nouvelle*: era a cintura da terra de ninguém, impossível de atravessar, feita pelos engenheiros como que de propósito para as pessoas se perderem, em volta da população residente naquela área gigantesca.

Permitia-se, assim, chegar a Cergy de autocarro em vez de ir a pé. De verão, eram escassos os passageiros no princípio da linha. Poucos entravam durante o trajeto, poucos saíam. Os poucos que seguiam no autocarro iam sozinhos, calados. A luz no interior do autocarro era amarela e cada vez mais amarela; num compartimento do comboio nunca seria tão amarela. Luz do entardecer. Luz do anoitecer. Na estação terminal Cergy le Haut, um

cumprimento ao motorista — uma motorista. O cumprimento da motorista. Todos os que saíam tinham-na cumprimentado e agradecido.

Como continuar? Uma pergunta que, mais cedo ou mais tarde, não colocava a ninguém em particular, nem a si própria, uma vez por dia, fosse como fosse: de qualquer maneira, uma vez por dia tinha de vir a pergunta, como uma forma de apanhar ar. E a ladra de fruta lá se pôs a caminho, mal tinha saído do autocarro, sem mais, seguiu o caminho a direito, não ia muito depressa nem devagar, como uma pessoa que sabe claramente qual é o seu destino e que o destino merece tal nome, e que esperam por ela lá. Não havia muitas jovens de hoje em dia a andar assim? Não. Ela andava de maneira diferente.

Subitamente, parou. Foi num dos muitos centros da cidade nova de Cergy, um centro onde ficavam as estações de chegada e partida de muitas linhas de autocarro e, sobretudo, do comboio regional de e para Paris. Era mais uma estação do que uma praça — tal como, de resto, a maioria dos centros; era uma das partes mais altas da cidade, lá em cima, na encosta, daí o nome Cergy le Haut, Cergy de Cima. Para chegar à linha do comboio tinha de descer vários andares, como no metro em Paris, embora lá só em estações especiais, construídas no interior de colinas, como as de Montmartre ou de Buttes Chaumont.

Parara ao passar, tão inesperadamente, num passo como que divertido (só faltava o passo saltitante) naquela entrada no subsolo. Sentiu uma sacudidela. Soluçou, uma vez. Pôs a mão diante da boca e gritou. Um magote de gente, vinda lá de baixo, das escadas ou do elevador, regressando ao fim do dia depois do trabalho, na metrópole ou noutro lado qualquer, espalhava-se naquele momento pela praça; vinham todos de cabeça baixa ou olhos semicerrados na última parte do percurso e atravessavam a *ville nouvelle*, de facto tinham estado num comboio subterrâneo. Ninguém erguia o olhar, ninguém a tinha ouvido. Tinha-se afastado logo, de resto, e recompusera-se de novo. Era como se antes, concentrando as últimas forças, se tivesse libertado de alguma coisa ou alguém invisível.

Ao retomar a marcha, rápida como antes, pôs o chapéu de palha na cabeça, embora o sol já não estivesse há muito de queimar, e atou-o debaixo do queixo, com razão, porque o vento do final da tarde soprava com força nas colinas de Cergy le Haut, no planalto do Vexin. O chapéu de palha talvez fosse destinado (ou talvez não) a esconder o sorriso debaixo das lágrimas, com o qual a ladra de fruta queria desculpar-se, uma vez mais perante alguém ou alguma coisa invisível, pelo que tinha acabado de acontecer, mas tinha provocado justamente o contrário, ainda punha mais luz nos seus olhos húmidos que pediam «perdão!».

Mal-entendidos uns atrás dos outros, por assim dizer, em série, por causa daquele sorriso, e mais tarde ainda, toda a noite, quando já há muito que caminhava simplesmente, sem sorrir — e depois, quando se sentou sozinha, absorta. Foram sobretudo homens — não só, mas principalmente — que,

durante as primeiras horas do entardecer pelo menos, no meio da multidão considerável que atravessava a Cidade Nova de um lado para o outro, terminado o dia de trabalho, se sentiram objeto do seu sorriso e, depois, atingidos pelo olhar dos seus olhos.

Era como se aqueles homens, e com eles os que viviam para lá dos limites da cidade, nunca tivessem tido a experiência, desde tempos imemoriais, de que uma desconhecida, em plena rua, os olhasse daquela maneira, aquele em particular, a mim! — que se apercebesse de mim, me visse, me dirigisse o olhar. Olhares daqueles viam-se, quando muito, na televisão; e mesmo aí, com particular nitidez e em grande plano, aconteciam mais era nos anúncios. Não propriamente: entre o olhar dos anúncios e aquele ao vivo, dirigido a mim, que diferença! Que diferença também em relação ao fazer olhinhos dos filmes antigos, ao olhar de passagem, com o canto do olho, ou até a uma piscadela de olhos, nem que fosse da Marilyn Monroe. Ou seria comparável, afinal?: os olhos de pessoas estranhas, em tempos, na luz intermitente da Discoteca Caesar? Ou seria o «Pacha Club»? Claro que não — não há comparação possível! Uma prostituta, talvez, toda produzida como a mais pura das puras, como me aconteceu há algum tempo com a ucraniana, ou seria uma russa?, em todo o caso era ainda loira como um anjo, como a forasteira de agora não o é, felizmente...

Por causa de mal-entendidos como este, a ladra de fruta passou a ser abordada várias vezes por homens. Mas quase todos eles o faziam de forma educada ou, incluindo os mais velhos, numa agitação juvenil, e, o que era comum a todos, com timidez. Houve um único que, indo mais além, a assediou e perseguiu até; e ela pôs em prática, obedientemente, o conselho do pai, de que não teria necessidade, de resto; ficou, portanto parada sem se afastar «um palmo» que fosse do outro, mas também sem colocar os aconselhados «óculos sem lentes graduadas», ficou «apenas a ver, com olhos», os seus, o homem a cair de bêbado e confirmou-se: ninguém lhe queria fazer mal, nada de mal lhe poderia acontecer, naquele momento pelo menos.

Mal-entendidos, aquilo? Não. Ou, se eram mal-entendidos, eram assim: ela, a ladra de fruta, tinha qualquer coisa de noiva em certos momentos. E isso ela irradiava, e de que maneira. Raparigas muito novas, quase crianças ainda, podiam irradiar alguma coisa, sobretudo se estavam em grupo, sentadas, juntas, em silêncio, em qualquer lado, à espera, sem estar à espera de alguém em especial. Ela, pelo contrário, já ultrapassara a idade da rapariguinha. Daqui a uns anos, dizia ela de si própria, teria algo de uma «Noiva Eterna». E tinha aspeto e algo de noiva, desde sempre, e continuava a ter quando estava sozinha e sobretudo na companhia de outras jovens. Apresentava-se como noiva segura da sua condição. Como assim: não havia noivo à vista, e mesmo assim aquela certeza? Assim era. Assim deve ter sido. Assim reza a história. Uma certeza tranquila e, ao mesmo tempo, quando estava sentada, sozinha, entre desconhecidos, caminhando, deslizando também, com passada leve,

entre outros, assustava-se de repente, estremecia, balbuciava coisas incompreensíveis (também para si mesma), perdia a cara, corporalmente, literalmente, textualmente, fazendo caretas umas atrás das outras, qual delas mais pueril — não infantis —, como a maluquinha ou deficiente mental típica. — Só lhe faltava que o ranho lhe escorresse do nariz e a baba lhe pingasse dos cantos da boca? — Havia momentos em que isso não faltava. — Mas tudo aquilo não era para que as outras pessoas vissem? — Era. E era bonito de se ver. Aquela noiva era bonita, tão «bonita». — Bonita de a gente se ajoelhar? — Sim, tu, meu contemporâneo. Sim, irmão.

Efeitos colaterais, ou secundários, estranhos, ou nada estranhos, nesta hora do seu quê de noiva: acabada de chegar a Cergy e quase sem memória do tempo que lá tinha passado, tomaram-na, de uma rua ou passagem para a outra, como uma conhecedora do lugar e pediam-lhe constantemente informações. Sobre tudo eram os automobilistas que, mesmo de mapa na mão e até com GPS, se tinham perdido no sistema de trânsito da Cidade Nova. Como se tivessem perguntado várias vezes, em vão, por esta ou aquela praça, por esta ou aquela saída de Cergy para a autoestrada: era essa a expressão nos rostos dos que olhavam pela janela do carro para a ladra de fruta, pedindo-lhe informações, suplicando quase, a roçar o desespero, dispostos a conduzir ao acaso, como doidos, no instante seguinte, ou a desistir completamente, agora e para sempre, face ao que outra pessoa, no lugar de quem ouve a súplica, sucumbiria à tentação de responder de facto: «Desiste!»⁴ O último a parar ao pé dela a pedir ajuda foi um taxista, não era um de fora, mas sim das redondezas, do conglomerado Cergy-Pontoise, ali criado, que lhe deu a entender que não era o único taxista dali a perder a orientação, não era o único, na sua expressão francesa, a perder o «norte». E nenhum dos que pediam informações queria acreditar que também ela, aquela ali, pela maneira como caminhava e se detinha, não sabia ajudá-los. A forma como ela exprimia isso, como olhava e como utilizava a voz, como se posicionava, parecia fazer com que este ou aquele, a ponto de perder as estribeiras, conseguisse voltar a dominar-se.

Com a aproximação da noite de verão, os carros tornavam-se menos numerosos, já não havia pessoas ávidas de informações. Em compensação, aumentavam os peões, que povoavam e se sentavam um pouco por todo o lado na Cidade Nova, parecia que estavam ali já antes, todas aquelas horas, a postos, e só agora se tornavam visíveis, audíveis e com contornos preenchidos, coloridos; ninguém os vira chegar: pelo menos, aos olhos da ladra de fruta era assim que tinha acontecido.

Principalmente as zonas à volta das estações do comboio regional transformavam-se agora, tal como tinham sido pensadas no projeto e assim chamadas no mapa da cidade, nas praças mais incompreensíveis, mesmo com a mais fértil das imaginações. De uma estação para a outra, estas praças foram-se enchendo, não, estavam cheias, não viste? Também as ruas, batizadas, com fé no futuro, com designações como «*Boulevard*» e «*Avenue*»,

eram, de repente, praças esticadas ao comprido. Um passeio sucedia ao outro até toda a cidade se transformar, na imaginação, num único passeio uniforme. Antes do anoitecer, e ainda muito depois disso, Cergy, a cidade recém-inaugurada, parecia projetada, até à última esquina e às rotundas e vias circulares mais externas, a régua e esquadro e compasso, tendo o aspeto de uma cidade do Sul, de uma cidade que em mais nenhum lado, e muito menos no verdadeiro Sul, assim se apresentava. Por isso, não era de espantar que um tal aspeto se reforçasse ainda mais através do céu nortenho, já «picardesco», com o seu prolongado crepúsculo estival. Agora, nas férias, não havia estudantes, também não se via o exército de altos funcionários, ou menos altos, que, a esta hora do dia, de fato com calças justas e casaco ou blusão curto, deixando o traseiro à vista, a bolsa de pele pendurada na mão, como que cheia de nada, contradissem a ideia ou imagem de passeio; esta, pelo contrário, era ainda mais acentuada pela aparência de praticamente toda a gente que estava por todo o lado na *ville nouvelle*, sentada, de pé, andando de mão dada, passeando devagar, em saris ou sarongues (ou como se chamam), em cafetãs (ou parecido), debaixo de véus de um tipo ou de outro.

Antes ainda havia qualquer coisa em cuja fachada se via «Café», mas nada que convidasse a ladra de fruta a entrar no estabelecimento. Agora estava tudo diferente e havia até, à frente dos cafés, esplanadas que não estavam lá antes, «esplanadas» como não havia iguais.

Sentou-se numa dessas esplanadas, em Cergy, no meio de outros esplanadores. Se antes dera bastante nas vistas, sem ser por sua vontade, agora a ladra de fruta pouco dava nas vistas. E não era só não dar nas vistas a ninguém: tornara-se invisível. A isso já ela estava habituada e, essencialmente, achava bem não deixar que a vissem a ela expressamente, desaparecer e, contudo, estar ali, estar ali com as pessoas, com os outros! Mas às vezes tornava-se invisível, coisa que não achava assim tão bem. Isso fazia, por exemplo, com que, numa loja, numa repartição, num restaurante, onde precisava de alguma coisa ou tinha de tratar de qualquer assunto com urgência (ou com menos urgência), onde entrava, com fome e sede — e como ela podia passar fome e sede! —, e não se apercebessem dela, uma vez e outra, ninguém se apercebia da sua presença, e não era de propósito, por má vontade: ela era, para o responsável ou para a responsável, diferente de todas as outras pessoas que estavam naquele espaço, que precisavam de alguma coisa do estabelecimento, era ar. Ar? Se ao menos fosse isso para eles — mas não, ela não era absolutamente nada — não era — não existia, mesmo que estivesse ali sozinha, sentada ou de pé, a uma altura descomunal, no meio da loja, da repartição, da taberna, sem gente, nem clientes nem visitantes. Só quando ia a sair, sem ter conseguido nada, acontecia verem-na, finalmente. Então, sim, precipitavam-se sobre ela de todos os lados, expeditos, prontos a servi-la. E ela deixava-se reverenciar, à maneira dela, como que triste e um pouco envergonhada, não em relação a si própria, mas por causa dos outros.

Assim aconteceu na esplanada. E, para terminar, finalmente com o copo de

vinho, ou o que era, à sua frente, transitou daquela invisibilidade, de passar despercebida, da não existência, para a invisibilidade que às vezes era um estado bem-vindo: ver sem ser vista; aperceber-se de uma outra forma, precisamente por se ter tornado, ela própria, impercetível para os outros, não como uma pessoa de fora, escondida como alguém que espreita, uma espia ou, salvo seja, um detetive; não ser percetível por ninguém no meio das pessoas, sendo uma pessoa entre elas, fazendo parte da população.

Viu uma mulher em estado avançado de gravidez, já não muito nova, que esperava o primeiro filho. Uma mulher com véu e os olhos escondidos dedicava um longo olhar a alguém. Uma mulher batia no cão, um substituto do outro que, por ter cancro ou uma fragilidade típica da idade, tivera de ser adormecido. O jovem que ficara parado no passeio, a pentear-se, primeiro depressa, depois com movimentos cada vez mais lentos, lembrou-se subitamente de que tinha acabado de agir de forma injusta, sim, que não tinha feito senão injustiças, que desde o princípio era culpado, enquanto um dos que vinham ao seu encontro puxava as franjas da manga do fato vestido após o trabalho, cuidadosamente, uma franja atrás da outra, acreditando, ou acreditando por superstição — «deixa-o lá, eu sou igual a ele» —, dar, daquela maneira, proteção e escolta à irmã durante a viagem através da zona de guerra africana, do Burkina Faso atravessando o Mali de uma ponta à outra. Àquele ali, de olhar ameaçador — «passa para cá o dinheiro!» —, iam saltar-lhe as lágrimas dentro de momentos (e assim foi — quase, porque demorou até lá chegar mais do que apenas uns momentos). Aquela ali, em frente ao amante que a enganava, com um grande sorriso que ultrapassava a cara, mostrando bem os dentes todos, estava prestes a cuspir-lhe, e assim aconteceu de facto — só que sem cuspo. E um dos sentados na esplanada atirava a outro, umas mesas adiante, qualquer coisa do lugar onde estava, e era certo que o outro, também a partir do sítio onde estava sentado, iria apanhar aquela coisa, e assim sucedeu. E para o ancião além, no meio da multidão, que se divertia, aquela era a última saída, tal como para aquele gato muito velho, que mal conseguia pôr uma pata à frente da outra — entre a torrente de palavras sobre ele, arrastavam-no, as garras no asfalto, com uma corda comprida. Último passeio. A ladra de fruta apercebeu-se disto sem qualquer tipo de compaixão, sem sombra de pena. Invisível como era, participava.

No tempo intermédio, tinha, tal como os demais, o seu entretenimento na esplanada — quando estes, também nos tempos intermédios, não conversavam — tentou ler (o que, naquele fim de tarde em Cergy, não estava a conseguir), e estava sobretudo a remexer no telemóvel; tinha o telemóvel siberiano consigo, mas só como mera recordação.

Tinha-o desenterrado do seu saco de ladra de fruta, reagindo a um sinal que, do fundo do saco, ouvira como chamada de socorro. Assim que o teve na mão, veio o respetivo toque de chamada, ou vibração ou o que era. Viu surgir o número do pai e decidiu não responder. Mas como já tinha o aparelho na mão, digitou, tão rápida como todos os jovens em volta, um «SMS» ou «mail»

ou... ao irmão, que ainda não tinha quinze anos e deixara o *lycée* em Paris, num dos *arrondissements* da margem esquerda do rio, onde haveria de ser, a meio do ano letivo, para ir para o campo, precisamente na Picardia, que conhecia desde criança, para aprender um ofício de artesão. Viviam ali, perto de Chaumont-en-Vexin, num albergue de aprendizes, onde também tinha aulas, um pouco como num internato, mas ficava lá igualmente durante o verão. A irmã escreveu-lhe a dizer que queria ir visitá-lo. Seria a primeira visita dela ao irmão mais novo. Já não se viam — com a irmã quase sempre em viagem — há um ano. O irmão, Wolfram — um nome invulgar para uma criança francesa —, respondeu de imediato: «Anda!»

Depois disto, a ladra de fruta teve vontade de beber mais um copo e, sobretudo, de comer — de permitir-se um jantar a sério. Podia sustentar-se com o dinheiro dos vários empregos que tinha tido, só não propriamente dos que tivera junto aos rios da taiga, e permitia-se um luxo de vez em quando com o dinheiro das gorjetas que lhe davam, também do dinheiro que o pai lhe impunha e que ela aceitava mais por simples obediência filial, leia-se «espírito de família». O café-restaurant de Cergy não era, além disso, demasiado caro; a ladra de fruta podia ser poupada, sem ser avarenta; a mãe banqueira chamava-lhe, elogiosamente, economia.

O café-restaurant ficava junto à estação dos comboios regionais de Saint-Christophe de Cergy, provavelmente pensada como centro dos centros da (idade Nova, tendo por nome o da igreja que ali desaparecera, dedicada ao antigo santo da localidade, São Cristóvão, o *Transportador*, que em tempos levou às costas o Menino Jesus, que se tornava cada vez mais pesado, atravessando um rio de noite, atravessando todos os rios, e também ali o rio Oise. No lugar da igreja de São Cristóvão está agora o que deverá passar a ser o *ex libris* da Cidade Nova, uma estrutura em metal em forma de arcada, pelo menos da altura de uma igreja, sob a qual foi instalado um relógio (com um diâmetro de doze?, dezasseis metros — consultem na internet) de aço, no entanto aberto nos espaços entre os raios, deixando ver o céu à transparência, com algarismos romanos, de I a XII.

O relógio de Cergy-Saint-Christophe estava, contudo, parado naquela tarde, ou já estaria há mais tempo. Atrás dos raios deste relógio, quase em forma de uma roda gigante, dos quais fazia parte o par de ponteiros, também parados, o céu, embora continuasse claro, era um céu de final de tarde. Andorinhas longínquas mergulhavam nele e faziam pressentir o campo por detrás da cidade nova. Desaparecidas durante um tempo, estavam outra vez de volta, e não só por aquele dia.

Quando a ladra de fruta olhou de novo para cima, já a escuridão do crepúsculo se tinha adensado, o Sol pusera-se há muito e atrás da roda transparente do relógio; tão perto que quase se poderia agarrar, zunia algo que só depois, na sombra, zigzagueando na praça, lá em baixo, por entre os postes de iluminação, identificou como morcegos. Portanto, havia, na *ville nouvelle*, morcegos — dos quais se dizia que só se sentiam bem no meio de

muros velhos, em sôtãos em ruínas, em caves. Haveria ainda edifícios antigos, de séculos passados? Não tinha notado, ao andar de um lado para o outro, que um dos novos edifícios se tivesse desmoronado e tornado ruína. Também não era coisa que devesse ter acontecido. A cidade era demasiado orgulhosa de ser Cidade Nova e, sobretudo, de representá-la. Morcegos! Teriam saído agora, de noite, de uma caverna escondida? Do mausoléu de um cemitério antigo, há muito desmoronado, mas pelo menos, como recinto, inviolável?

O seu sentido de orientação despertou de alegria naquele lugar, da alegria de estar ali a postos no lugar. Mas não era uma coisa que lhe acontecesse aqui e agora pela primeira vez. Já nas horas anteriores sentira aquele desejo a apoderar-se dela, quando, apesar da sua intenção, não conseguira largar a sua «arte de furtar fruta» e enfiara, aqui e ali, umas coisas no saco de ladra, de forma pouco sistemática, como ia calhando, de passagem, com a mão esquerda, enquanto fazia ao mesmo tempo outra coisa completamente diferente. Além disso, nunca fora um ato que, em termos legais, coubesse na categoria do furto. Apesar disso, era, ao fazê-lo, «inteiramente a ladra de fruta».

Aquilo em que pegou, não o roubou, porque nascia ao acaso, um pouco por todo o lado, na Cidade Nova, não pertencia a ninguém, não era propriedade nem privada nem pública, a menos que a cidade reivindicasse também o direito, na sua área de jurisdição, sobre todas as plantas silvestres e tudo aquilo a que se chamava erva daninha. Aquilo que a ladra de fruta metia ao saco, arrancava, puxava, desenraizava, era vendido nos mercados como «cebolinho», «agrião», «espargos», «melão», «azedas», «abóbora», e era cultivado. Tudo aquilo guardara para si, em quantidades moderadas, no caminho entre os limites da cidade nova e a Praça Central: o cebolinho ao pé da entrada de um edifício de escritórios, as azedas na orla de um parque infantil acabado de construir, o agrião num afluente do Oise, ali — era uma exceção — não completamente tapado por muros, era mais uma goteira do que um riacho. Mas aquele melão também tinha nascido no meio de nada?: sim, tinha, escondido na erva, numa escarpa. E sobretudo os espargos: também eles selvagens, como espigas finas de cereal — a crescer no meio da cidade, uma cidade sem prados? Seria possível que aquilo acontecesse de forma natural? Sim.

E a planta silvestre mais luxuriante, também a que era mais rica ao palato, que crescia na Cidade Nova era uma planta florida que, em certos países, pelo menos da Europa, já era cultivada há muito tempo em mercados especiais — «e só esses deveriam poder chamar-se “mercados”!» — vendida como legume caro, era a chamada «beldroega» ou «*pourpier*», ou... Proliferava pela *ville nouvelle*, a toda a largura e comprimento, enfiando-se pelas sarjetas ao longo das avenidas e bulevares, com folhas em forma de coração, verdes e carnudas, nos rodapés — apesar de já não haver, nas novas construções, algo digno desse nome —, crescendo em altura, quase como trepadeira, nas sedes oficiais e das empresas, arrancada todos os anos como erva daninha e brotando todos

os verões nos mesmos sítios, garantidamente, impossível de exterminar como nenhuma outra planta crua, deliciosa, para fazer salada, «ideal para acompanhar com batatas a temperatura média, temperada com azeite e uma pitada de sal grosso».

Assim fazia a ladra de fruta, misturando as folhas carnudas de beldroega, as espigas dos espargos selvagens, a abóbora minúscula, nascida no meio das ervas, para o seu jantar habitual. Também juntou os tomates tirados das imediações da linha férrea da Gare Saint-Lazare. Com o canivete, fatiava, descascava, cortava para dentro do prato e ninguém estava a assistir; embora trabalhasse bem à vista, de uma forma especialmente cerimoniosa, como se estivesse a dedicar os seus gestos a alguém, e mesmo bem iluminada na esplanada, permanecia impercetível; era como se continuasse invisível, não como se fosse ignorada, como se não existisse, mas sim como lhe aprazia.

Quando olhou outra vez para a roda gigante do relógio, os ponteiros tinham voltado a trabalhar. Não: ela enganara-se. O céu por detrás do relógio tornara-se um céu noturno, na verdade, negro, sem estrelas à vista por causa daquela iluminação forte que incidia sobre a praça em volta de Saint-Christophe, sobretudo de lá de cima, bem no alto. A rua, compondo agora uma diagonal que, na imaginação, atravessava toda a cidade, estava cheia de gente, como antes, só que os sons e os ruídos de quem passeava ou estava parado tornavam-se audíveis isoladamente e, ao mesmo tempo, eram mais abruptos e nítidos. Os polícias também eram mais nítidos agora, formavam um pequeno exército diante da estação, patrulhando-a com metralhadoras, eram protetores e vigilantes num só.

Uma brisa noturna, suave, descia como que através dos raios do grande relógio, sobre a praça e a esplanada, inaudível, ao contrário das vozes lá em baixo e, apesar disso, era como se ela ouvisse o vento sobrepondo-se às vozes, premente. E depois daquele sopro breve, no instante seguinte, também visto através dos raios do relógio, aparece como que a correr a Lua quase cheia, de repente, por detrás do mostrador, um círculo dentro do outro, formado pelo séquito de pequenas nuvens por ela iluminadas. Portanto, a trovoadas durante a noite não ia dar em nada, a trovoadas que tanto desejara desde a chegada a Cergy.

Como era clara aquela Lua com as nuvens que a circundavam. Como se impunha. E como eram excessivamente nítidos, sob a Lua, os ruídos ao longo da «diagonal» — era como se, depois de ela olhar muitas vezes para cima, a Lua tivesse ficado cheia, entretanto. Sobretudo a música, que jorrava dos carros que seguiam de propósito a passo, pelas janelas abertas ou até pelo tejadilho da lata descapotável, entrava-lhe pelos ouvidos e martelava-lhe na cabeça. A ladra de fruta fora em tempos doida por música, e nalguns casos continuava a ser. O que mais lhe batia era o *rap*. Ah, o Eminem, de seu nome verdadeiro «Marshall...». Há poucos anos tinha ido, sozinha, como haveria de ser, ver o bairro miserável de Detroit chamado «8 Miles» (= a 8 milhas do centro), onde o *rapper* passara, segundo consta, a sua deplorável infância, na

esperança de que o adulto, estrela ou não, se desse a ver, mesmo que fosse só de longe — tanto melhor — por um momento.

Mas esta noite não era ocasião para músicas, fossem quais fossem, de Monteverdi, coral gregoriano ou Johnny Cash. Ali sentada, debaixo da Lua que pesava sobre a cidade nova, no meio da roda gigante que era o relógio parado no centro da cidade, a ladra de fruta sentiu no ruído abafado, martelado, e no *rap* (como se estivessem a gritar continuamente aos ouvidos) um fardo adicional. Não o ouvia. Senão se calhar até ficaria entusiasmada. Mas agora, de noite, daquela forma tão omnipresente, permanecia para ela como que inaudível.

Em compensação, ouviu depois, de forma cada vez mais impositiva, embora nunca omnipresente, coisas muito diferentes. E era, por um lado — quase inacreditável, ou talvez não —, apesar de ser completamente incerto de onde viriam os ruídos, se dos círculos relvados em volta das arvorezinhas plantadas de novo na cidade, das folhas das copas?, o cantar de um grilo — «cantar», uma palavra em tempos insuficiente em bom alemão⁵ —, e depois, muito longínquo, o piar de mochos, que a princípio se poderia tomar por miados de gatos. Oh, estes pormenores secretos no meio do barulho e da confusão da cidade nova. Em breve não necessitaria de ficar atenta de propósito, de ficar expressamente à escuta. Tinha-os no ouvido; ouvia-os, ao contrário da barulheira, em vez do barulho omnipresente, ouvia precisamente o que mais se impunha. E o ruído mais impositivo transformava-se agora, de forma cada vez mais secreta, no mais penetrante. Os sons ou chamados daquele grilo de meio do verão (não haveria um nome mais antiquado para grilo? «ralo»?) cruzavam-se com uma resposta de outro lado, e de outro lado ainda, ali, acolá, nos bastidores da cidade, e os piados de mocho também tinham resposta, em vez de um miado era um assobio, ao mesmo tempo um gorgolejo, como que debaixo de água ou de um cano de água. E quando a ladra de fruta levantou uma vez mais a cabeça para o relógio, repetiu-se a ilusão anterior, os ponteiros estavam outra vez a andar, mas agora de forma permanente: a ilusão mantinha-se, não era possível apagá-la dos olhos. Os ponteiros «funcionavam»? Logo, logo, iriam funcionar de novo. Em todo o caso, pareciam prontos a arrancar, o relógio aparentava ter corda em consonância com os sons dos grilos, convertendo-se num som unânime, monótono, que enchia o ouvido como um ruído de quem dá corda ao relógio, poderoso, enchendo a noite.

«Ah, se o secreto dominasse. Se fosse ele a ter o poder. Se tomasse o poder na Terra. Sem ter de ser expressamente declarado lei, suave ou pouco suave. O secreto como poder, sem lei escrita. Mas, se fosse poder, não perderia todo o lado secreto, o que constitui afinal a sua força? Por um lado: não detinha já o poder, o secreto, não só nesta hora, mas desde sempre? Por outro lado: porque é que estou, oh céus!, sozinha com estas perguntas, e não só esta noite, e não só com estas perguntas, mas sim desde sempre? Será que vou ficar, *rock*, *rap*, coisas secretas à parte, sozinha até ao fim da minha vida? Em vez

de viver, viver a vida grande, em paz com os outros graças ao secreto, como ontem e hoje e assim sucessivamente, fico só pela sobrevivência, um dia atrás do outro, como na guerra? Mas não se diz, por outro lado, que já há muito estamos em guerra uns com os outros? Sim, desde o tempo da minha errância que sou só uma sobrevivente. Só? Mas não advirá do ter sobrevivido, no final de cada dia — por isso é que quero ficar sempre acordada até depois da meia-noite — , uma espécie de orgulho e força, uma coisa diferente do meu deambular de um lado para o outro de então, pelas paisagens, que foi mais um pranto silencioso de um não-saber-se-ir-se-ficar? Uma sobrevivência boa, enriquecedora, e em vez das paisagens, territórios em guerra: está bem assim. E ao mesmo tempo não é bom e não está nada bem assim. Ah, o medo outra vez. Fugir!>

«Está a dormir?»: era uma voz simpática que perguntava, vinda de uma das mesas vizinhas. Ela levantou os olhos em direção ao homem, que tinha a cara meio à sombra. Teria sido ele? Não, não tinha sido. Mas, apesar de tudo, não era possível passar total mente despercebida, havia pelo menos uma pessoa que tinha reparado nela. Soltou uma gargalhada de alívio e ele riu-se com ela. Que amabilidade.

Levantou-se e foi-se embora, cumprimentando à despedida. Ele não a seguiria, era assim que estava pensado. Ninguém a seguiria. Apesar disso, continuava a pensar em fugir. E depois: «Nada de fugas. Nunca mais. E, para já, é continuar com pequenos passos. Seguir o conselho do pai e pôr um pé à frente do outro. Deixar-se guiar pelos pés. Seguir o piar dos mochos, subindo o monte, até ao alojamento noturno.» Ocorria-lhe só agora que ainda não tinha nenhum; antes: sem pensamentos sobre o assunto.

Seguindo o piar dos mochos, o caminho era sempre a subir. Lá em cima, onde chamavam uns pelos outros, devia ser uma floresta. Um bosque no meio da Cidade Nova? Era bom que fosse. Seria bom, como nos tempos antigos, imorredouros, como nas histórias antigas, imortais. Mas não havia nenhum bosque à vista na alternância regular entre a sombra da iluminação pública e a sombra da lua cheia; de onde a onde, também geminadas, as sombras da Lua irmanadas com as sombras dos candeeiros, sombras duplas «de luzes duplas», como estava escrito numa das histórias antigas. As avenidas e os bulevares densamente edificadas prolongavam-se como até ao infinito, só que, quanto mais se subia, mais tinham uma trajetória serpenteante.

Quando por fim chegou lá acima, encontrou-se de novo no anel de uma praça circundada, agora sem brechas, pelas construções típicas da cidade nova, aqui só com alguns andares, onde reconheceu, olhando melhor, a praça de Cergy le Haut, com a entrada para o terminal subterrâneo do comboio regional, onde já estivera uma vez quando chegou de autocarro, durante a tarde. Um dos impulsos dos primeiros anos era desaparecer imediatamente numa das salas do multiplex da praça para ver uma das entre seis e dezasseis sessões antes da meia-noite, por ela tanto fazia, até podia ser a *Missão Impossível 4* ou o *Die Hard 12*, ou um filme de animação (desde criança, com

exceção de um ou dois filmes japoneses, nunca mais vira nenhum — e como sabia bem, diga-se de passagem, àquela hora, antes da meia-noite, «quando se dava o caso de pensar em números...»)

Desaparecer numa sala de cinema estava fora de questão naquela noite. Seria, pensou a ladra de fruta, uma cobardia, a fuga que tinha acabado de reprovar. Havia que seguir de novo a chamada dos mochos. Aquela praça elevada tinha, como sempre, árvores plantadas a intervalos regulares, áceres, plátanos, tílias, ou lá o que eram, todas elas praticamente da mesma altura, crescendo da mesma maneira, o que ainda reforçava mais a ideia de estar, em vez de num espaço tridimensional, diante de uma superfície de um anúncio que apanhava todo o horizonte. Mas os mochos davam gritos estridentes — pelo meio grasnavam e tagarelavam — algures noutro lugar, em latitudes não muito distantes, os gritos também não vinham muito de cima, ficavam quase à mesma altura. Numa das árvores da praça, dormiam apesar de tudo, ou se calhar não dormiam, pardais, denunciados pelos borrifos de excrementos debaixo da árvore, no asfalto, e também num carro há muito esquecido, ou, dizia-se, deixado ali numa fuga, «a fuga tinha continuado a pé».

Porque não seguir os grilos em vez de seguir os mochos? Só que agora, na noite quente, sem vento, os grilos retiniam e charamelavam por todo o lado. Para onde quer que virasse a cabeça, ouvia som em todas as direcções, já não era secreto ou em segredo como na hora anterior, mas às escâncaras, saía abertamente, sem aquela delicadeza de antes, por momentos chegava a ser uma estridência metálica de cigarras num afiar de asas, saída de cima, como que dos galhos superiores das árvores, e também vinha um arranhar de cigarra, só que de um grilo — se é que era um grilo — aos seus pés, saindo da fenda do alcatrão.

Não, aquele som, vindo de tantas direcções, não indicava nenhuma. Continuar a seguir os mochos, era esse o seu caminho agora. A saída da praça — uma das poucas, se é que não era a única — revelou ser, à primeira vista, quando finalmente a encontrou, um desvio. Mas depois pôde virar outra vez para o lado onde o caminho serpenteava, onde se sentiu em casa com o chamar, o assobiar, claramente no ouvido, indo na «direcção certa» para um destino indefinido. Estas serpentinas levavam, a certa altura, às fileiras compactas de prédios novos, subiam por um terreno sem edifícios, que tomara como a única memória da grande terra de ninguém em volta, que lhe ficara dos tempos do semestre que ali passara a estudar, se a iluminação das serpentinas e dos matos de estepe que as ladeavam não continuasse a ser exatamente a mesma, a que projetava uma luz demasiado forte lá de cima para todo o terreno cá em baixo, o que lhe indicava que continuava a mover-se, curva por curva, pela área da cidade, dentro sua zona de jurisdição, em matéria de vigilância e protecção.

O facto de a ladra de fruta, sozinha nas serpentinas, onde, pelo menos agora, cerca da meia-noite, não passavam já carros, se virar em cada uma das curvas, não advinha do medo de que pudessem estar a persegui-la. Mas então

por que razão se virava? Não era capaz de explicar a si própria. E de repente tomou-se claro para ela: desejava precisamente que alguém a perseguisse. Ou então assim: vê-lo-ia «com bons olhos».

Depois, antes da última curva, uma tabuleta a indicar uma localidade: «Courdimanche», em letras grandes, e, por baixo, em letras mais pequenas: «Comuna da Cidade Nova de Cergy-Pontoise». Courdimanche, que nome bonito, Pátio de Domingo, pátio dos domingos, um pátio dominical. (Se o pai, conhecedor dos lugares e das palavras, ali estivesse, teria tentado explicar-lhe que se tratava de uma aglutinação, habitual nas localidades, de uma designação originariamente romana-latina, que significava cúria, sede, não uma coisa de *dimanche*, do domingo, mas sim do *dominus*, do senhor, da pessoa mais importante do lugar; e «Courdimanche» era, portanto, «A Sede do Governador» — e para ela continuaria a ser o pátio dos domingos.)

Diante da placa, lembrou-se de que se não era domingo era de certeza fim de semana. E agora chegavam-lhe rumores que lhe soavam estranhos, pelo menos na zona de influência da Cidade Nova. «*Barbecue*»! Não, não era fogueira a carvão, era a lenha. E fogueiras daquelas não ardiam em parques de estacionamento, e também não nos jardins diante das casas, e também não, em honra às indicações do pai, «atrás dos jardins», mas sim dentro das casas como só há poucas, casas de aldeia. Bem, ainda existiriam casas destas? Talvez aqui e ali, no campo, e lá só para efeito de venda como «casas de aldeia». Mas aqui, a crer na iluminação e na placa da localidade, bem no meio do anel da Cidade Nova? Já veremos. Porque é que lá em Ceigy nunca ninguém me contou da aldeia de Courdimanche, lá no alto e ao mesmo tempo bem no meio? Ou será que foi só uma coisa que também esqueci?

A primeira coisa que lhe foi dada ver em Courdimanche, por sobressair por cima dos telhados, não por ser muito mais alta, mas por estar no ponto mais elevado da aldeia, foi o campanário da igreja. Quanto mais se aproximava dela, após uma subida a pique entre as casas, numa rua estreita sem curvas, mais pequeno se tomava o campanário, pequeno como a igreja que lhe pertencia. Estava sem iluminação, pelo menos naquela noite, embora, sendo de longe a mais antiga da localidade, o merecesse como outro edifício emblemático; em compensação, era banhada pela luz da Lua. E, além disso, ouvia-se dos recantos da aldeia, aos seus pés, a voz de um muezim, ou não? Chamada para a oração, a última de sexta-feira? Sim, era sexta-feira, um pouco antes da meia-noite. E, além disso, a Lua, atravessada por instantes por um farrapo de nuvem, como um tule, cintilando em tons de bronze ao passar por ela como prato de um gongo de templo, que iria ressoar agora, agora mesmo.

Em vez disso, continuava o grito do mocho, de um só mocho, como que vindo lá de cima, de trás do campanário da igreja de Courdimanche. A bagagem às costas da ladra de fruta começava aos poucos a pesar-lhe, e agora deixou-a deslizar para a mão e levou-a assim até à praça, que também formava umas escadas que conduziām à igreja: tinha chegado, por este dia;

esta noite não iria a mais lado nenhum.

A iluminação do lugar era provavelmente tão forte como a de toda a *ville nouvelle*, a cuja freguesia a antiga aldeia de Courdimanche pertencia, lá em cima, no cume, o «corredor do cume», como teria dito o pai, geólogo amador. Contudo, entre as casas, e também por cima delas, predominava uma escuridão como que natural, onde, nas outras zonas da grande aglomeração, a luz artificial se tinha tornado uma espécie de segunda natureza. Apesar da lua cheia, atrás de umas das antigas chaminés, pelo menos ela assim as via, com fumo e tudo, piscava uma estrela? Não, era um voo noturno. E por baixo de um arbusto, via-se, no meio do que restava da escuridão da aldeia, o brilho dos olhos de uma raposa ou quiçá de um lince? Não, mas apesar de tudo eram os de um gato.

O bar de Courdimanche já estava fechado, com estores metálicos à entrada. Ou estaria fechado para sempre? Dezassete passos à frente ficava a padaria, iria abrir de manhã cedo, quando?, «às cinco e meia». Outros vinte e três passos à frente, na curva da praça, a taberna da aldeia, ainda com luz, a sala mergulhada numa luz muito branca, mas já sem ninguém, ou teria estado assim toda a tarde?, um restaurante norte-africano, «Couscous, Tagines», ambas as «especialidades» tão caras uma como a outra, como se podia ler em letras grandes na montra de vidro, «treze euros», só números ímpares, «um bom sinal».

Seguindo a curva da praça, onde a rua começava outra vez a descer ligeiramente, com vista para o rio e as luzes da Cidade Nova a encher o horizonte como que até ao fundo, por baixo de Courdimanche — «Courdimanche, Courdimanche...», dizia a ladra de fruta de si para si sem parar, com a bagagem quase a arrastar pelo chão —, havia uma casa no meio das casas isoladas da antiga aldeia, particularmente independente, até porque era a única onde ainda havia luz e em todas as janelas dos três andares (o terceiro parecia ter sido acrescentado recentemente aos outros dois).

A porta da casa estava aberta: «escancarada». Iluminado, embora com uma única lâmpada, o corredor. Entrou. Apesar do grande silêncio da casa, sentiu a presença de gente, de muitas pessoas. E assim era. De um compartimento para o outro havia figuras mudas, vestidas com roupa de depois do trabalho, quase todas elas sentadas em cadeiras, mas mais ainda em bancos, sempre encostadas às paredes. O meio dos compartimentos estava vazio, com exceção do último, onde havia um pedestal, em cima um caixão aberto. Aproximou-se mais e viu o morto que estava lá dentro, quase só o rosto, de tal forma o cadáver estava rodeado de flores e sabe-se lá mais o quê. O perfume que se sentia devia ser de lavanda, mas mais forte ainda era o cheiro da cera das velas.

De compartimento para compartimento tinha recebido de uma ou outra das pessoas que ali estavam sentadas, em silêncio total, um sinal com a cabeça, como se a conhecessem. Era uma das pessoas convidadas para a homenagem fúnebre, era uma das que participavam no velório. Uma mulher de idade foi

ao seu encontro, pegou na ladra de fruta pela mão e manteve-a apertada na sua; os olhos da anciã, olhando para a que tinha ficado a uma certa distância do caixão, enchiam-se visivelmente de lágrimas. Também ela, a estranha, tinha ficado de imediato com os olhos cheios de água, segundo reza a história.

Aspergiu o morto na sua urna com a água benta retirada de um antigo frasco de compota, onde estava mergulhado um molho de buxo. Às gotas que já havia no rosto do cadáver, como que sem idade, vieram acrescentar-se ainda mais. Tinha aspergido tanta água por cima dele que uma das velas acesas junto à sua cabeça começou a chiar, quase se apagou, mas a seguir a chama tornou-se mais viva. Só ao levantar a mão para aspergi-lo, a ladra de fruta percebeu que levava consigo o tempo todo, na mesma mão, um caule com uma inflorescência de bolinhas de linhaça, colhido algures na orla de um campo ceifado, antes do percurso de autocarro para a Cidade Nova. Como lhe acontecia muitas vezes com outras coisas, tinha esquecido o pedúnculo na mão. E como se deu conta disso? Pelo barulho das bolas de linhaça, entre um sussurrar e um chocalhar, uma coisa nunca ouvida, tão baixinho e, contudo, tão delicado que fez com que ela prestasse atenção, e não só ela. Porque, quando olhou em volta, como que para se desculpar por aquele barulho tão impróprio para a casa de um defunto, recebeu a anuência de um ou dois dos presentes no velório, como se conhecessem aquele chocalhar das bolinhas de linhaça, como se fizesse parte de antigos costumes.

Sentou-se ao pé dos outros, num dos bancos alinhados junto às paredes. Tinham arranjado lugar para a forasteira sem grandes complicações, em silêncio. É um facto que ela estava vestida à maneira dela, talvez não muito apropriada à ocasião solene que reinava na casa do defunto. Mas o resto das pessoas também não estava com roupas de funeral, nem sequer os parentes; cada um estava vestido como tinha estado durante o dia, no trabalho ou noutra atividade qualquer. Duas crianças andavam com um tabuleiro com comes e bebes, umas coisas para petiscar e bebidas servidas em pequenos copos, e a forasteira deixou que a servissem tal como os da terra. Depois disso, aparentemente, permitiram que se quebrasse o silêncio: falou-se aqui e acolá, até havia uns risos, poucos. Mas ninguém lhe perguntou nada. Ou talvez houvesse, no que diziam, perguntas dirigidas expressamente a ela. Só que ela não se sentia interpelada diretamente por ninguém. E, além disso, durante algum tempo falou-se, na casa do defunto, uma língua como ela, viajada por todos os cantos do mundo, nunca tinha ouvido; se havia perguntas no meio daquilo tudo, eram perguntas sem a entoação correspondente. (O pai contara-lhe que havia povos e línguas que tinham perguntas sem os respetivos sinais sonoros — só que ela esquecera, uma vez mais, que povos e que línguas eram.) Não entendia uma palavra, assim como assim. No entanto, sabia: se ela abrisse a boca, pela sua parte, e falasse na língua nacional oficial, os outros iriam entendê-la e responder-lhe, obviamente, embora se calhar com algum sotaque: afinal, Courdimanche ficava em plena França, onde estavam todos integrados há muito tempo, há décadas — e bastava o facto de não haver

nenhum nome de localidade em toda a França que tivesse uma sonoridade mais francesa do que esta «Courdimanche», não é?, e ao mesmo tempo uma sonoridade como a de uma fábula, não é? Mas, para começar, era uma língua desconhecida, estranha como nenhuma outra, não conseguia adivinhar uma única palavra, também por causa da sonoridade impossível de definir. Ela existia, a sonoridade. Mas o que revelava? Perguntas? Não: ela também não fez perguntas; manteve-se calada. Naquela noite não iria abrir a boca uma única vez. Ninguém em toda a Courdimanche esperava ou, muito menos, exigia isso dela. Escutar, sim. Mas ficar sem tocar nas palavras. E Alexia sentiu crescer em si uma força e uma paz a alastrar que não era só dela. «Ah, uma língua incompreensível, é tão bonita. Não parem de falá-la, ainda não, não nesta noite, por favor!» Até mesmo quando alguém pigarreava só, naquela casa mortuária, era uma coisa que acontecia com sons como ela nunca tinha ouvido. Ou não seria sequer um pigarreio, mas sim uma frase completa, articulada? Mas um espirro, de vez em quando — o ar fresco da noite corria cada vez mais pelas janelas abertas em toda a casa — era um espirro e não se chamava outra coisa senão «espirro»? Verdade: só que, naquela língua desconhecida, parecia que se espirrava de uma forma completamente diferente do que em qualquer outro lugar da Terra. E era verdade: em cada uma das grandes línguas do mundo espirrava-se de maneira mais ou menos diferente, com outras vogais e consoantes, mas era comum a todas aquele par de sílabas. Em contrapartida, nesta daqui: era um espirrar trissilábico, às vezes até tetra... Tal como às vezes se vê a dobrar com o cansaço, ouvia agora, depois da meia-noite, o que lhe era dado ouvir, em duplicado? O som e o seu eco?

Deu uma gargalhada, breve, o seu antigo rir de criança. Como que seguindo um sinal, os presentes no velório passaram da língua desconhecida para a língua nacional e a esposa do defunto — se é que o era, nada de perguntar — convidou a ladra de fruta para passar a noite lá em casa, num dos quartos do andar de cima. E já estava a ser puxada pela manga, e seguiu-a. Só agora se apercebia, ao virar-se de novo para o pedestal com a urna, da fotografia emoldurada na parede vazia por trás; como tantas vezes, viu coisas, que os outros viam logo à primeira, em último lugar (ou nem sequer via), e a dona da casa disse — na verdade, estava a fazer conversa e arranjou assim maneira de que a ouvissem — «Pois é, a filha dele, quando era miúda, era como Deus para ele. Enquanto foi criança. Não que ele a adorasse. Ele não adorava nada. Rezar como forma de adoração, sim, mas adorar, não. Só que ele não sabia rezar, não soube até ao fim da vida, embora o desejasse do fundo do coração... Pois é, a filha dele: sacrificaria tudo por ela, os seus sonhos de futuro — e quantos tinha na altura! Que sonhos grandiosos!, andava constantemente a falar do seu “sonho de grandeza” — andava sempre com a vida toda, a “grande vida” na boca — vivia completamente obcecado com a ideia, ou seria uma compulsão?, do sacrifício, de se sacrificar peia filha, por qualquer coisa de indefinido, qualquer coisa digna do sacrifício, mas, em

primeiríssimo lugar, e definitivamente, pela filha. Não só teria morrido pela filha. Teria, por sua causa, arranjado inimigos em todo o mundo, teria declarado uma guerra — a que chamava “a guerra mundial à minha maneira” —, sendo ele “estúpido de mais para mentir”, segundo as suas próprias palavras, teria mentido com todos os dentes, inventado as histórias mais impossíveis, teria roubado e matado até mais não poder, teria violado todos os dez, ou onze, mandamentos. A sua predisposição ao sacrifício podia ser bastante inócua — no entanto, só aparentemente: se a filha estivesse doente, mesmo que fosse só constipada, via-a de imediato a morrer e sentia vontade de morrer também, uma morte violenta, executada pela própria mão, imaginando dessa maneira, e só dessa maneira, poder curar e salvar os seus familiares, através da própria morte, do ferimento infligido a si mesmo. Salvar, o que não estava associado necessariamente ao sacrificar-se naquela ocasião, via-o como a sua missão e salvou a filha constantemente, apesar de não haver nada para salvar. Mas quando talvez tivesse precisado da salvação através dele, o pai, o pai já não era mais seu pai. E ela já não era há muito uma criança, já não era filha nem do pai nem da mãe, não era a filha de ninguém. Sem se afastar dela, separou-se dela. Sem repudiá-la de forma manifesta, repudiou-a. De um dia para o outro deixou de querer ver a adulta e também deixou de querer ouvir falar dela. Isto não quer dizer, contudo, que pai e filha nunca mais se tenham encontrado. Continuavam a ver-se, ainda que, por entretanto cada um viver num país diferente, mais raramente, continuavam a tratar-se por “pai” e “filha” — ele até acentuava expressamente e repetia a palavra —, sentavam-se em frente um ao outro, num compartimento de comboio, numa mesa de restaurante, faziam caminhadas juntos, pelo campo e pelos montes — o campo deles e os montes deles, ali —, mas ele não via nem ouvia, uma e outra vez, a pessoa adulta que tinha à frente ou do seu lado; em primeiro lugar, já não conseguia olhar para ela, nem para a cara nem, sobretudo, para os olhos, não conseguia ouvir a voz, o tom daquela mulher, e por fim já não queria. “Não quero vê-la nem ouvi-la mais, ninguém me pergunte porquê, eu próprio pergunto a mim mesmo todos os dias, de manhã até à noite, porquê: não tenho resposta. O facto de ela não ter mais nada de uma criança não pode ser a única razão?, não pode ser razão suficiente? Ou pode? Meu Deus, não tenho resposta!” Aquela que tinha sido a sua familiar mais próxima tinha-se tornado, para aquele ali» — a dona da casa virou a cabeça em direção ao defunto —, «fisicamente repugnante. Uma malha caída nas meias, a unha demasiado comprida, ainda por cima pintada com uma cor garrida, do indicador direito — ou seria o esquerdo? —, as pontas espigadas dos cabelos ao Sol do verão: só desviando o olhar. E então a tatuagem, apesar de ser minúscula e só visível quando ela puxava o cabelo para cima, acima da nuca, uma joaninha ou lá o que era: “Agora também tenho de ser o pai de uma tatuada!” E depois as palavras que saíam da boca dela, como “jardim de inverno”, “exato!”, “Sarajevo”, “salsicha”, “papel higiénico”, “*meeting*”, “círculo de conhecidos”, “reunião de condomínio”, “segunda volta das

eleições”, “de sonho”, “qualidade de vida”, “berimbau”, “pampa”, “flor-de-todo-o-ano”: agora cala-te! Desaparece! Boa viagem! Não havia nada que achasse bem em relação à filha adulta, tal como o profeta Jonas não achava nada bem na cidade de Nínive. Se andasse com sapatos de salto alto, eram demasiado altos para ele, e, se andasse de sapatos rasos, achava que ficava com as pernas demasiado curtas. Se chegasse com um risco nas pálpebras azul violáceo e pestanas com rímel preto, ficava horrorizado com uma tal máscara; se, pelo contrário, chegasse sem maquilhagem, a ele o rosto de criança parecia-lhe irreconhecível, possivelmente ainda o achava mais irreconhecível, monstruosamente aumentado, estranhamente despido. As suas narinas eram demasiado grandes para ele, os dentes, demasiado pequenos, ou vice-versa. A sua testa ora era demasiado baixa ora demasiado alta. Os lábios, ainda agora demasiado carnudos, incomodavam-no no instante seguinte por serem demasiado finos. A cabeça ora era demasiado oblonga, ora demasiado redonda. Diante e ao lado daquela pessoa — da “criatura”, assim se exprimia —, a quem em tempos todo o seu amor era dedicado, destinado, desejado, graças à qual ficou a sentir e a perceber o que era e como era o amor — “o amor existe, porque o senti”, dizia ele —: diante daquela pessoa, aquele ali ao fundo não sentia nada a não ser falta de amor. Será o desamor um sentimento? Sim, mas é um sentimento que impõe a desolação e o vazio como nenhum outro, por muito mau que seja. Odiava-se por causa daquele desamor, sentia repugnância por si próprio como pela filha rejeitada, sentia-se repugnante de uma forma diferente; ele, que não sentia amor, que tinha falta de amor em relação ao mundo inteiro — segundo as suas próprias palavras —, “ficava farto de si próprio, tão, mas tão farto, que queria atravessar a parede com a cabeça de tanto desamor.” Portanto, no fim era ele que teria precisado de quem o salvasse. E como ele o pedia, para ser salvo, como ele implorava literalmente por um bote de salvação, um “barco insuflado de ar” — nas suas palavras — para fugir do oceano do desamor. Nada. Nem tão-pouco o regresso, de uma maneira ou de outra, da Filha Pródiga: nada. Muito tempo antes alguém lhe dissera: “Esta criança é obra tua.” E agora? Nem criança nem obra — nada de nada. A missão dele estava concluída. Tudo emudecido e apagado. As serpentes em caça esquadrinham o silêncio. Desamor — desamor elevado ao infinito.»

A dona da casa, ou fosse qual fosse o seu papel ali, tinha, entretanto, guiado a forasteira para o sótão e arranjado a cama para passar a noite. E, naquele instante, e como que em resposta à última frase da mulher, ou porque sim, a ladra de fruta abriu pela primeira vez a boca desde a chegada a Courdimanche e à casa do defunto e disse: «Quem sabe», ao que a mulher, com quem esticava o lençol, ergueu o olhar, riu durante um bom pedaço, o que fez o seu rosto rejuvenescer a olhos vistos, e respondeu: «Sim, nunca se sabe. E, além disso, ele chamava-se de facto Jonas. O Jonas de Courdimanche. Mas não era um profeta, sabe Deus.»

A mulher enlutada tinha-se virado de repente e saído apressadamente do

quarto, regressando ao piso de baixo, onde estava o fêretro; deixara a ladra de fruta espetada, sem mais, e sem desejar boa-noite.

Ficou ainda algum tempo sentada, junto à janela aberta, com vista para a colina próxima e o seu campanário. No seu interior, o nome da localidade repetia-se em silêncio. Courdimanche, Courdimanche... Na mesinha ao lado do cadeirão, um cesto com maçãs e peras, claramente criadas noutro lugar, compradas; não tocaria naqueles frutos, muito menos os comeria. Desligou o candeeiro da mesa de cabeceira. A Lua desaparecera, entretanto. Agora as estrelas cintilavam mesmo, não eram aviões noturnos; teria conseguido identificar, da janela, a maioria das constelações a norte, vistas da janela, mesmo sem ajuda e intervenção do pai, não só a Ursa Maior e a Cassiopeia. Mas, naquele momento, resistia a ver as estrelas em conjunto e a agrupá-las de acordo com as constelações definidas e, ao mesmo tempo, a separá-las das que não encaixavam na constelação; queria sentir o efeito do céu estrelado como um todo, pelo menos aquele que se via da janela. E assim aconteceu depois, que o que até ali fora e continuara a ser palavra na vida dela — palavras aprendidas e adquiridas através da leitura — se tornou, por um instante, realidade física: as estrelas olharam para baixo, olharam, durante um momento, cá para baixo, para ela. E com que amabilidade olharam para ela, todas juntas!

Fechou os olhos. Não esperava, e não só por ser noite escura, uma imagem remanescente. Também não desejava uma. Aquela troca de olhares, a resposta ao seu olhar vinda de todo o céu estrelado, bastara-lhe; e depois daquele dia longo e pesado, o seu coração ficara apaziguado — sim, o coração. Bem: andava à procura da mãe e na manhã seguinte iria prosseguir a busca. E aquilo que antes não lhe pesava propriamente, mas que a trazia preocupada, à toa por vezes — ou não seria assim tão a toa? —, e, em poucas palavras, a enraivecia, era que, inversamente, não havia ninguém que andasse à sua procura, à procura dela em pessoa; agora era coisa que já não a preocupava.

Mas depois veio, afinal, uma imagem remanescente, ali estava, tremeluzindo e cintilando por detrás das suas pálpebras levemente fechadas. Não era o céu estrelado do momento anterior, mas também não era uma imagem remanescente de uma coisa que lhe tivesse passado diante dos olhos ao longo do dia. Ou seria, como acontecia muitas vezes com ela, uma coisa que não vira, que apenas surgia como imagem remanescente, por exemplo «o contorno da mãe» no barco de passeio no «fim do Oise»? Não. O que se dava agora a ver não era nada que não tivesse visto. Era uma coisa que ela nunca, em circunstância alguma, teria deixado de ver: uma escrita. Se tivesse sido uma cópia, talvez tivesse deixado passar. Uma escrita com letra de imprensa: aí o deixar passar já seria menos provável da sua parte, ainda que, apesar de tudo, não fosse totalmente impensável. Mas aquilo que agora ali cintilava e tremulava na tela por detrás das pálpebras era uma caligrafia com letras ligadas e entrelaçadas, sem deixar espaços em branco; e deixar passar uma coisa destas, «por mim, aqui», estava fora de questão, ontem como em todos

os dias anteriores.

Depois percebeu: a caligrafia, tal como se estendia, brilhando aqui e ali, não era uma imagem remanescente. Não houvera, para aquelas linhas escritas, nenhuma imagem prévia algures, no mundo diurno e exterior. Aquelas letras ali não tinham regressado como algo que ela tivesse deixado de ver à luz do dia e do verão. Para que fosse uma imagem remanescente, faltavam sobretudo as mudanças: aquilo que, na imagem prévia, era claro mudava para coisa escura, e o que era escuro brilhava com toda a claridade. Aquela escrita não estava como que gravada em papel químico, não tinha nada de um negativo, as letras entrelaçavam-se, escuro sobre escuro, sobre uma superfície clara. E, além disso, e acima de tudo: elas não estavam já escritas, estavam a ser escritas só agora, no presente, e isto continuamente, de uma só tirada, uma linha atrás da outra, perante, não, por detrás dos seus olhos.

Só que ela não conseguia decifrar as palavras todas, nem uma única palavra, quanto mais uma frase inteira. Naquela caravana de escrita que avançava, só algumas letras eram legíveis — era assim que ela as via —, excecional mente conseguia ler duas. Depois abriu os olhos, deixou-os abertos durante algum tempo e voltou a fechá-los. A caligrafia desaparecera? Apagara-se? Desvanecera-se? Não, ali estava ela outra vez com a sua luz, densa, e continuava a ser indecifrável, com exceção de uma, duas letras, ora aqui, ora ali. O que acabou por ser um jogo: e se, ao fechar os olhos com mais força, a escrita passasse a ser mais clara no seu todo? — Não passou. — E se, depois de ter os olhos abertos durante mais tempo, a escrita pudesse ser enganada, quer dizer, se pudesse torná-la mais legível, fechando os olhos sem querer, digamos à socapa? — A escrita não se deixou enganar. Mas continuava o seu curso.

Muita coisa vira ela, a ladra de fruta, ao longo da sua vida, ainda curta, mas uma coisa assim viu-a pela primeiríssima vez na noite de Courdimanche. Se aquilo não era uma coisa digna de se ver! Quem, antes dela, ou com ela, tinha observado coisa semelhante no seu tempo? Ou seria ela a primeira e única pessoa, sendo, dessa forma, de facto, não, literalmente, *bel et bien*, a tal «eleita», «a eleita entre todas as mulheres», de que o velho pai, provavelmente também já um pouco senil por vezes, a quisera convencer — com o resultado de ela pensar acerca de si mesma precisamente o contrário? — E voltou agora a rir com o seu riso característico.

Era de espantar que se sentisse protegida pela caravana de escrita por detrás dos seus olhos: imagem remanescente?, transcrição?, antecipação? Estava na altura de se estender na cama, a cama estranha na querida localidade estranha, e de adormecer como devia ser. Janela bem aberta, sem cortinas. A pouco e pouco, deixou de haver portas a bater nos andares de baixo. Todos os presentes no velório tinham ido embora. Silêncio na casa mortuária, silêncio absoluto. Ruídos exteriores raros e muito afastados, vindos lá do fundo, onde a Cidade Nova se estendia. E depois, afinal, chegava dali perto, lá de cima, de trás da igreja de Courdimanche, o piar de dois mochos que se tornou, saído

das gargantas dos dois pássaros noturnos, um só, já não era um piar, era um canto vigoroso.

Naquela noite, a ladra de fruta sonhou o sonho de uma criança, o seu filho. Sonhava regularmente — se é que era uma regra — com uma criança, sem que fosse claro que era seu filho. Era o seu sonho mais frequente, a par de outro, sobre o qual o pai afirmava que era um sonho de família e de clã, herdado desde tempos imemoriais: tal como ela, também ele o sonhara, e sonhara-o a mãe dele, e, do mesmo modo, em tempos, o pai da mãe, e assim por diante ao longo dos séculos, um sonho cujo conteúdo consistia em que o sonhador, a sonhadora, tinha assassinado alguém e, durante a noite, o assassinato impune aproximava-se do esclarecimento e, com isso, da vergonha para toda a família — vergonha sem expiação possível —, e tratava-se, segundo o pai, de um regicídio cometido de facto nos primórdios da Idade Média pelo fundador do clã, e em pleno dia. «Se tivesse sido, pelo contrário, um tiranicídio, não haveria aquela compulsão do sonho, sem dúvida!» (Para o pai dela, havia muitos «sem dúvida».)

Já há muito que não sonhava que era uma assassina; depois da época passada «debaixo das escadas», praticamente não sonhara. Pelo contrário, os sonhos com a criança pequena, uma criança minúscula, iam-se tomando cada vez mais frequentes com os anos. Eram, contudo, pesadelos sem exceção. Fosse ou não fosse seu filho, o facto era que a criança minúscula lhe tinha sido confiada. Ela era a primeira responsável, a mais próxima. Muitas vezes também acontecia que a criança, no princípio do sonho, era uma criança, por assim dizer, com um tamanho normal para uma criança, e só na transição do idílio para a catástrofe é que começava a minguar até ficar de um tamanho minúsculo. A criança ou caía à água ou, mais frequentemente, andava, gatinhava ou rastejava por uma porta aberta até ao quarto ao lado. Mas isto ainda não era a catástrofe. O nível da água era baixo, da profundidade de um polegar, mesmo para aquele ser transformado numa criatura minúscula não tinha perigo, além disso era transparente e calma, podendo ver-se o fundo sólido logo abaixo da superfície. O quarto ao lado fazia parte da casa, era idêntico àquele que a criança tinha acabado de deixar para ir brincar na divisão ao lado. A catástrofe acontecia quando a criatura que lhe fora confiada, pensando ela que estava a seus pés, a chapinhar ou a fazer outra coisa qualquer, já lá não estava quando ela olhava para a água, que continuava transparente, calma, pouco profunda; não estava de maneira nenhuma, por muito que procurasse por ela, uma e outra vez, num pânico crescente, não era possível encontrá-la em parte nenhuma; quando ela a seguia para o quarto ao lado, cujo limiar a criança ultrapassara um instante antes, por assim dizer transpusera de um salto, entre gritos divertidos, cambalhotas, ou também tropeçara no meio da brincadeira, não havia meio de encontrar vestígios da criança, nem um som, nada além de um compartimento vazio e, do mesmo modo, os compartimentos seguintes, não havia resposta aos chamamentos: a criança desaparecera para sempre. Aquilo que produzia a angústia e elevava o

terror da sonhadora acima de qualquer outro pesadelo, intensificando ao mesmo tempo a sua violência — era impossível ser mais intenso, o seu coração ficava prestes a ser esmagado pelo pesadelo —, era a ausência de uma origem para a catástrofe, a ausência de ação, de um acontecimento, da ocorrência que desencadeasse tal desaparecimento da criança, na água ou no quarto ao lado, para sempre, responsável pelo nunca-mais-ser-possível-encontrá-la. Os outros pesadelos, esquecia-os com o tempo, ela que era dotada de falta de memória, a maior parte das vezes logo no dia seguinte. Mas estes pesadelos especiais passavam a fazer parte do dia, um dia atrás do outro.

O sonho da criança, na noite de Courdimanche — com o defunto desconhecido na uma, no rés do chão —, não foi um pesadelo. A criança com que sonhou era claramente sua, um filho nascido dela. No entanto, não falava do nascimento nem havia imagem. Nem do progenitor. Mas era claro que havia um. Só que o sonho, a história, não era sobre o pai, nem sobre ela, a mãe. Ou dito assim: ela era apenas uma espectadora no sonho, lá em baixo, na plateia, ou onde fosse — em todo o caso era em baixo —, como testemunha do que se passava lá em cima, no palco, na tribuna ou onde quer que estivesse o seu filho, o único tema de que tratava a história do sonho.

E que história era? Não havia nenhuma. Nada que dela, e com ela, fosse contado ao mundo inteiro; foi uma coisa que a perpassou e nela se impregnou mais do que o tempo do sonho. A criança só estava ali, estava ali e pronto. Não era grande nem pequena. Não tinha cabelos pretos nem loiros. Não estava nem de pé nem sentada. Também não se pode dizer que estivesse deitada. Falava? Dizia alguma coisa, ao menos? Nem uma palavra. A criança, o filho dela, não tinha nada a dizer. E, como não havia história, também não havia nada para dizer. Que idade teria a criança, mais ou menos? Não sabia, nem sequer aproximadamente. Seria uma criança sequer, e, se fosse, seria mesmo sua, a única, e continuaria a ser a única? Que triste, se não lamentável, para a criança, como também para a mãe e o pai: um filho único, só, e a preocupação constante e o medo dos pais pelo filho único. Mesmo no Império do Meio a norma do filho único já foi abolida, não foi? Não era triste nem, de modo nenhum, lamentável para nenhuma das partes. Não, era a felicidade. Só faltava a eterna? É verdade: faltava. Mas pouco importava que à sua felicidade no sonho faltasse a felicidade eterna. Ou não se apercebia sequer daquela falta. E em relação ao seu filho no sonho também não se sentia como «parte», tão-pouco «parte» como o filho à frente dela, e isso era porventura aquilo que a deixava feliz. De dia não era raro que a ladra de fruta fosse tocada por momentos felizes, embora apenas durassem instantes. Mas pela primeira vez a felicidade estava num sonho, com um sonho e continuava depois dele. — Que me há de importar um sonho? O que nos interessa uma sonhadora assim? — Um sonho destes: há de importar. Uma sonhadora destas, ela interessa-vos. — Mas um sonho destes, não é verdade que não foi sonhado pela primeira vez, já é sonhado desde tempos imemoriais, tanto por mulheres como por homens? — E se assim for. — E no futuro vai continuar a

ser sonhado exatamente da mesma maneira, palavra por palavra, literalmente assim, ou não? — E então? Como não? Para o bem de todos nós, parafraseando Wolfram von Eschenbach, ou seja lá quem for. Um reino-de-mãe-e-filho desta natureza: existia só em sonhos? Só do lado de lá dos sonhos?

Outra coisa que era de espantar, ou então não, era como ela dormia tão bem na cama estranha. Uma vez, na última hora da noite de Courdimanche, acordou, não sabia onde estava e voltou a adormecer de imediato, tanto mais pacificamente e descansada.

No período das suas errâncias de juventude pelas periferias era exatamente o oposto que acontecia. Quando acordava de noite, sobressaltada, depois de adormecer de exaustão, algures sob a rampa de um armazém, no refúgio de uma estação de comboio abandonada, nos bancos de trás de um autocarro deixado aberto sabe-se lá porquê ou fora de uso, na borda de um parque de estacionamento que costumava estar vazio, ficava em pânico de cada vez pelo susto de não saber onde estava. Levantava-se de um salto e punha-se a correr em todas as direcções, no meio da escuridão que nunca era realmente total, negra, mas sim pálida — havia sempre uma grande cidade por perto. O facto de embater no betão das rampas, no aço das barras dos autocarros, na parede de plástico, desfeita, da estação de comboio, quase lhe fazia bem no seu desatino. Só o barulho, o bater, o tiro, o estouro, tão impossível de situar como omnipresente, é que dava, no meio dos rumores perigosos com que acordava, um tom ao lugar, ainda que fugaz. Se a escuridão fosse ao menos a mais adequada... Mas não: de cada vez que acordava, sobressaltada de novo, de um sono pesado, num nenhures, a noite era pálida, em lado nenhum avivada por uma negrura, mas sim, para onde quer que olhasse e corresse, era uniformemente pálida, pálida e outra vez pálida. E isso tinha desencadeado, então, um inevitável horror aos não-lugares noturnos: aqueles que, para onde quer que se olhasse, tinham sempre a mesma palidez e um rumorejar sem fim, sem núcleo e sem horizonte. Internem-me num campo para ver se consigo livrar-me deste pálido nada. Nunca mais este pálido, nem agora nem na hora da minha morte!

Este desejo, ou o que era, tinha-se cumprido, pelo menos quanto à primeira parte. Com o fim das suas errâncias, continuava a haver ainda, de vez em quando, aqui e ali, um despertar noturno sobressaltado. Mas logo a seguir conseguia orientar-se, sabia onde estava, se estava numa cama, em casa, na Porte d'Orléans ou noutro lugar, ou, o que ainda acontecia, ao ar livre, embora de outra forma. Quando acordava de noite, ao ar livre, tinha até uma percepção mais clara do que estava em volta, tivesse ou não o tivesse fixado expressamente antes de adormecer.

Na noite de Courdimanche, ao acordar antes do nascer do dia, não se seguiu a mínima sensação de estar orientada. Mas o facto de não saber onde estava não era uma recaída. Não se sentia exposta, como em tempos, a um não-lugar — sentia-se rodeada de um lugar, de uma localidade, e que localidade, e de

que maneira. Agora, tudo menos saber onde estou e como se chama o lugar. Batia certo, embora só excecionalmente, aquilo que o pai lhe dissera antes da partida: não podia acontecer-lhe nada, pelo menos neste lugar. E havia outra coisa que significava para ela aquele meio tão absolutamente sem nome, inominavelmente ilimitado: havia ali coisas a descobrir e não só ali; havia ali muita animação e não só, e iria continuar a haver animação, tanta animação como tranquilidade, uma animação e uma tranquilidade inomináveis. Estava descoberto tudo o que havia para descobri? Disparate: estava por descobrir uma coisa atrás da outra, com final aberto. Por isso, para já continua a dormir calmamente. — O que aconteceu ato contínuo.

Quando acordou pela segunda vez, já o Sol ia bem alto, a avaliar pelos raios projetados na parede do quarto, e o que a ladra de fruta pensou primeiro foi que já se tinha ido metade do dia. Mas afinal ainda era bastante cedo, o horário de verão tinha-a enganado outra vez, e além disso em Courdimanche, situada bem acima do nível do rio, o Sol nascia mais cedo. Portanto, podia estar tranquila em relação às horas. E, no entanto, por um lado estava quase com pressa de sair dali. Mas, por outro, depois de tudo o que tinha vivido durante a noite, era preciso dar a devida honra ao lugar, agora à luz do dia, não era? Mas, por outro lado ainda: não tinha ela acabado de ter experiências bastantes?

Passou naquele dilema a primeira hora da manhã, se não mesmo a segunda também. Dilema inofensivo? Visto de fora, era. Visto de fora, seria até um dilema produtivo? Sim. Mas não para ela, que até ao dia de hoje era incapaz de ver as coisas apenas pelo lado de fora; não para ela, que levava igualmente a sério tudo o que tinha a fazer ou deixar de fazer, para quem tudo o que tinha a fazer ou deixar de fazer podia tornar-se uma tarefa e um problema, um problema para ela quase irresolúvel às vezes. A sua mãe-banqueira, a decidida, ou pelo menos a que se fazia de decidida, costumava chamar-lhe o Hamlet feminino, e às vezes dizia-o zangada, com unia impaciência zangada.

Sentia vontade de ir embora, primeiro do quarto, mas, já fora dele, no patamar da escada, voltou, e não só uma vez, e tornou a dobrar a roupa da cama, posicionou a cadeira, arejou o quarto, limpou o pó, que não existia, do parapeito, tirou um cabelo imaginário do chão, sentou-se à mesa até, pôs-se a estudar os mapas necessários para continuar o caminho, desenhou, longamente e até ao mínimo detalhe, a colina com o campanário de Courdimanche. Embora! Sai da casa, sai da aldeia, sai da Cidade Nova! Ou se calhar fico mais um bocado? Será que não me escapou qualquer coisa, e continua a escapar, uma coisa decisiva? E assim se podia vê-la, na ombreira da porta, imóvel, com exceção das duas mãos, que torcia e retorcia, um retorcer de mãos que só ela fazia, que só nela se via, como se quisesse estrangular uma mão com a outra e, além disso, estrangular-se a si própria.

Mas finalmente pode ser vista nos pisos inferiores, de saco de viagem, a trouxa, pronta para partir. Depois, outra vez muito «para lá do tempo» de ir embora, no quarto onde estava o defunto, diante da urna entretanto fechada,

pronta-para-a-saída, uma mais entre a multidão que regressara ao velório. Apesar do seu não-saber-se-ir-se-ficar, ao mesmo tempo uma força dentro dela, como se tivesse a capacidade de ressuscitar o morto. Depois, junto ao portão da casa, aberto de par em par, já com um pé fora. E agora uma última vez, e «ainda uma última vez!»?, de volta ao quarto onde dormira — como está lá dentro, silenciosa, no meio do quarto, a uma certa distância da cama, da mesa e da cadeira. E agora, por fim, como que pronta para partir, sob o Sol das primeiras horas da manhã, na curva grande da rua que é, ao mesmo tempo, a praça central de Courdimanche, depois outra vez na escadaria interior da casa mortuária, de onde estão agora mesmo a baixar a uma: coloca um ramo de flores «colhidas por ela mesma» na beira da estrada, juntando-o aos centros e coroas que seguem no cortejo fúnebre, como oferenda da manhã.⁶

Mais ninguém olhou para ela, nem a dona da casa, e muito menos lhe dirigiram a palavra ou sequer um cumprimento. Ela, pelo contrário, cumprimentou, ou melhor, tentou: o seu cumprimento passou tão despercebido como ela própria. Era como se aquele passar despercebida fizesse parte do seu dilema de não poder decidir entre o mais pequeno fazer ou deixar de fazer, o que fazer agora, o que deixar de fazer agora, e assim sucessivamente. No entanto, sempre que na sua vida ou na dos outros havia alguma coisa em jogo, tinha sido sempre a decisão em pessoa, sem parar um segundo para pensar, decidia o que fazer com uma perna às costas ou, no caso de deixar de fazer, deixava de fazer virando simplesmente as costas. Transformar-se numa pessoa estranha para a própria mãe, tomar-se irreconhecível, como na época que passou na casinha do porteiro da quinta materna, tinha sido uma decisão dela, da filha. Da mesma forma, a decisão de ir agora em busca da mãe era sua (embora para a história talvez tivesse sido mais adequada uma procura do pai — só que, no caso dela, não havia um pai a procurar). Partir para o Alasca, vaguear pela Sibéria: decisão sua.

Entretanto, (ainda!) e possível ver a ladra de fruta em Courdimanche, a aldeia-enclave situada no ponto mais cimeiro da *ville nouvelle* de Cergy-Pontoise. Está sentada, com todos os seus pertences — parecem muitos e muito mais pesados, mas não são nem uma coisa nem outra — em frente ao único bar, ao calor do Sol (*já* não há árvores na aldeia que deem sombra), e vai sorvendo, devagar, devagarinho, como que para ganhar tempo, o café ou lá o que é; o *croissant* — sem manteiga; esquisita como é, nunca gostou de manteiga — já o comeu. Está vestida com uma espécie de camuflagem, que aqui, nestes arredores densamente edificadas — dos interstícios da aldeia mal se divisam vestígios ou pistas consegue escapar com maior eficácia aos olhares do que no meio da natureza, entre arbustos e árvores, e a leveza do vestuário parece ser um dos componentes principais da camuflagem; o facto de ter passado despercebida uma hora antes na comunidade enlutada não tinha nada que ver com a sua vestimenta.

Na colina de Courdimanche soprava uma brisa suave. Oh, vento de verão:

por pouco não o cantou em voz alta. Olhando por cima do ombro, viu uma névoa lá em baixo, na Cidade Nova, uma névoa que não vinha do rio Oise, mas sim — na imaginação, também era possível notar aqui no cimo — do calor que já pesava lá em baixo. Mais tarde iria de ter de passar por ali. Era curioso que, na calmaria que se sentia, a brisa de Courdimanche não viesse do cume da aldeia com o campanário, mas subisse de baixo, era uma corrente ascendente que lhe passava pelas mangas largas do fato de camuflagem até ao pescoço, e de lá até ao rosto, às faces, à testa, às têmporas e, por último, pela risca do cabelo.

Telemóvel: no ecrã, que outra coisa poderia ser, os bons dias do pai. Depois, uma mensagem, em caracteres cirílicos, de uma mulher do mercado de peixe da Sibéria, que se tornara amiga da ladra de fruta, do tempo em que ali trabalhara. Com a ajuda do dicionário de russo que levava na bagagem — era de espantar a quantidade de coisas que levava consigo —, conseguiu ler aquelas breves frases. Dizia a outra que, sendo velha como era, nunca tinha tido uma amiga. Ela (a destinatária) era a primeira, e a única, e assim continuaria a ser, mesmo que as duas (teria o russo o número dual?) nunca mais voltassem a ver-se. Bastava pensar nela para ter chão debaixo dos pés (da remetente), de que sentira falta durante toda a vida; pelo contrário, o chão permanentemente enregelado da sua Sibéria... Na terra dela, o Sol já se estava a pôr no Ienissei, «e claro que voltaremos a ver-nos em breve.» Também para esta de aqui ela era a primeira amiga. Desde sempre, as suas iguais — primeiro as meninas pequenas, depois as pré-adolescentes, depois as adolescentes, agora as jovens —, quando se aproximavam sequer, por via de regra (outra vez uma «regra»?) faziam-no com verdadeira hostilidade, com um olhar maldoso inigualável, profundamente maldoso; uma ou duas destas mulheres que, a princípio, pareciam querer muitas vezes a sua amizade, tinham-se aproximado dela inclusivamente como inimiga mortal, desejando a sua desgraça. Lendo de novo as palavras vindas da Sibéria no pequeno ecrã, desejava agora poder dobrar o que estava escrito e guardá-lo consigo, num bolso secreto da sua «camuflagem».

Continuar a ler: o livro de que se sentira rechaçada no dia anterior. Porém, agora era um momento adequado para lê-lo. (Além disso, fazia parte da sua superstição diária ler, ler fosse o que fosse, mas palavra por palavra, completamente concentrada no que lia, e isso faria bem a outra coisa, àquela que era imperiosa naquele momento; era importante para clarificá-la, fortalecê-la, se não mesmo para lhe dar o «chão debaixo dos pés».)

O livro contava a história de um rapaz, um catraio, como se dizia antes, ou será que ainda se diz? (Só lia livros em que se contavam histórias, ao passo que os pais...) Aquele rapaz, que tinha crescido sem mãe, só com o pai, uma bela manhã, sem pensar duas vezes, entrou num comboio que ia para o país vizinho. Quando chegou à capital, ao entardecer, caminhou até à periferia e apanhou o último funicular até à serra que ficava ali ao pé. O rapaz saiu na última estação e continuou a andar por um caminho nos Altos Alpes, depois

carreiro, subindo pela montanha, sozinho, até que escureceu, etc. Chegou a um abrigo que, fora da temporada, estava fechado. Partiu um vidro e passou a noite sozinho no abrigo. Na manhã seguinte, fez o caminho de volta até à estação do funicular, desceu até à capital, calcorreou o percurso até à estação de caminho de ferro e apanhou o comboio até casa! Quando entrou em casa do pai, ao final da tarde, ele nem sequer se apercebera de que o filho tinha estado ausente um dia, uma noite inteira e mais outro dia.

Fechou o livro e segurou-o ainda um momento nas mãos. «Está na hora»: era assim que pensava sempre, literalmente, quando por fim a decisão se tornava possível. Estava na hora de ir embora da aldeia de Courdimanche e da *ville nouvelle* de Cergy, para norte, passando pelo planalto do Vexin até à Picardia? Por agora, era tempo de ir ainda à igreja antiga que ficava no cume e ao bosque, se é que era um bosque, onde os mochos tinham piado toda a noite, enquanto dormia profundamente, e onde agora um galo — como era possível, num bosque? — não parava de cantar. Já se levantara, com a sua carga ligeira, e antes, enquanto lia, o cortejo fúnebre passara pela praça a caminho do cemitério, entre os campos de cereais de outros tempos, e ela tinha, sem tirar os olhos do livro, acompanhado tudo — assim lhe parecia — o que dizia respeito aos que se afastavam da aldeia. Uma mão amistosa sobre o seu ombro: o cumprimento de despedida do dono do bar de Courdimanche. Ela não deixara que ele retirasse a chávena e o prato, fora ela própria lá dentro deixá-los em cima do balcão. Quando ele lhe perguntou o nome, ela respondeu: «*Pas de nom*, não tenho nome, *no name*, *lâ ism!*», e ele não fez mais perguntas.

Lá em cima, a igreja que ficava no topo da pequena colina, que assentava sobre a colina grande de Courdimanche, estava fechada. Ajoelhou-se diante do portão e olhou com um olho para o interior. A nave, com exceção de alguns fragmentos de pedra que talvez tivessem sido um dia o altar, estava vazia, um vazio luminoso, intensificado por uma branquíssima pedra calcária, quase convertida em gesso, em que consistia a maioria do subsolo do planalto do Vexin. Chegou-lhe o eco da voz do muezim que, na transição da noite para a madrugada, provavelmente às cinco horas, ressoara no seu quarto, proveniente da direção oposta à do primeiro cantar do galo por detrás da igreja. Ou seria agora imaginação sua?

Atrás da igreja começava de facto um bosque. Em todo o caso, ela declarou aquela dúzia de árvores, juntamente com a vegetação rasteira, como sendo um bosque. A vegetação era tão densa — não se via abertura — que teve de entrar à força, meio a rastejar; para passar pela última barreira, a mais densa, avançou até de costas, aos empurrões, com o saco e a sacola a reboque. Depois, de repente, o espaço aberto, o chão macio, sem mato, como num bosque a sério; o exterior parecia ficar muito longe devido à barreira de matagal em volta. Quando se levantou, de pé, imaginou um curral, um curral autêntico, com verdadeiras pegadas de gado, com gado a sério, era mais um curral de um *western* dos antigos, construído de propósito para a cena do

cural, onde o confronto derradeiro entre inimigos mortais teria lugar, onda já tinha tido lugar há muito tempo. *A Cavalgada Heroica?*, *Winchester '73?* Já não se lembrava.

Sem querer, olhou para o chão à procura de vestígios de batalha. Uns passos adiante, uma cavidade, pequena, mas nítida. Seria possível que fosse a cratera de uma bomba? Era. Ao descer e ao meter-se na cavidade, que era no mínimo duas vezes mais mole do que o solo acima dela, lamentou ter confiado à foz do Oise, no dia anterior, a brochura que o pai lhe impingira com a crónica da última batalha naquele local, em finais de 1944, entre os Aliados e os soldados do Terceiro *Reich* que bateram em retirada e depois acabaram por voltar a avançar. Lamentava? Não propriamente. Remexendo, sem intenção, na folhagem acumulada na cratera desde o ano anterior, a década anterior, o século passado, tocou com os dedos, bem no fundo, num objeto metálico, mas pela forma que apalpava era redondo, fino, delicado mesmo, uma coisa inofensiva, nada que metesse medo (não tinha medo; contrariamente ao pai, não era nada assustadiça). Levantou o objeto; era surpreendentemente leve, mesmo contando com as camadas de folhas empapadas e aglomeradas — anéis como os que correspondem aos anos registados nos troncos das árvores —, que o atafulhavam mais do que o enchiam: uma tigela de alumínio, sem vestígios de ferrugem, bem entendido, complementando o achado de ontem, a caneca, também de alumínio, encontrada na margem do rio, como num conto de fadas — com a diferença de que se tratava de duas coisas dos últimos dias de uma grande guerra. Da mesma forma: limpou a tigela e juntou-a à caneca na mochila. No momento em que se apercebeu do que representava a tigela, escapou-lhe da boca um som com o qual começava muitas vezes a falar, independentemente do que tivesse para dizer, fosse a si mesma ou a outra pessoa, e esse som era «Oh...»; também o escrevia, sobretudo ao iniciar uma carta.

Desta vez, não disse mais nada, ficou-se pelo «Oh!». Teria sido interrompida por alguma coisa ao querer continuar a falar? Em todo o caso, pode ser vista agora, no fundo da cratera da bomba, levantada. Será que está a farejar? Claro que não! Não é nenhum detetive. Ela pressente. Olha, escuta, cheira, apalpa em simultâneo. Mas sobretudo olha e escuta. Ainda é um jogo, embora dramático, como com a vida e a morte. Jogo de guerra, corno se houvesse guerra. São duas as variantes com que faz a simulação, a do olhar e a da escuta, postos no matagal e na vegetação que a rodeiam, atrás da dúzia de árvores, por todos os lados. Uma delas: ali está sentado, de cócoras, ou deitado, meio ou totalmente inconsciente, calado em todo o caso, um ferido capaz de emitir no máximo um suspiro ou um estertor que mal se ouve, é um dos que pertencem ao seu acampamento, ao da ladra de fruta, alguém que lhe é próximo, além do mais, o único amigo, o único «*tout court*», em suma: o Uno, o Único, e precisa urgentemente da ajuda dela, neste instante, senão será tarde de mais para sempre; ela é a única que pode salvá-lo, só ela. E a segunda variante? O inimigo ou a inimiga está à espreita no matagal, não, os inimigos,

o exército inimigo, a guerra personificada, e assim que ela se der a ver, saindo da sua cratera, sobretudo se for no momento errado, com um movimento errado — porém, nesta guerra agora não era errado cada momento, não era errado cada movimento? —, estará perdida.

Treinou as duas variantes, alternando entre uma e outra, espiondo através da folhagem, interstício por interstício, perscrutando no seu interior, até ocorrer, pelo menos na sua imaginação, a situação de emergência. Todos os ruídos secretos, o crepitar das folhas, o seu sussurrar e murmurar, o som de dois ramos estalando, raspando-se, roçando-se e afagando-se ao vento, que para ela haviam corporizado continuamente a paz na Terra, sim, até a Paz Eterna, através de nada mais do que os mais amistosos sussurros, transformavam-se subitamente, na sua imaginação, em ruídos ameaçadores. O secreto sussurrava ameaças, significava guerra iminente, o momento imediatamente antes do eclodir da guerra. E os ninhos silenciosos e amarelos do Sol, escondidos em volta, por todo o lado, no mais profundo dos matos, continuaram a aparecer como ninhos, é certo, mas o seu amarelo já não era o do Sol.

Então a situação de emergência ia mais além da simples imaginação? O estalar e o ranger no fundo do matagal, onde era mais denso, já não era possível que viesse só dos ramos, mesmo que fossem grossos, mesmo que fosse de um tronco de árvore a cair aos poucos por força do vento? O rangido passou a estrépito, a tumulto, apesar de continuar no mesmo lugar. Era uma pessoa, de tamanho sobrenatural, ou mais, e o rugido da guerra iria entoar em breve, como saído de uma garganta. Ou não: ali, nas profundezas do bosque, surgia um animal selvagem, um animal pesado, gigante.

Levantou-se de um salto? Ergueu-se lentamente, muito lentamente. É verdade que deu um passo atrás, e depois mais outro, para sair da cratera. Mas não iria retroceder. Se fugisse, salvando-se assim, estaria, pelo contrário, perdida, e com ela tudo. Agarrou na faca de ponta e mola que levava consigo, como não havia de levar, e desengatou-a. O monstro — só podia ser um monstro — iniciou de facto o assalto, um ataque, pensou ela, «como vem nos livros», direito que nem uma flecha, atravessando a zona do mato para o círculo aberto do bosque, onde ela o esperava.

O que depois saiu disparado na sua direção foi um galo, pequeno, anão. Era ele que tinha cantado à alvorada. Mas pacífico, seguindo, por assim dizer, o exemplo dos galos de ferro forjado empoleirados nas torres das igrejas francesas, é que este galo não era. Mal teve tempo de ver nele, com aquelas penas da cauda empinadas em modo de dança guerreira, um dos galos de briga que conhecia de documentários, quando ele se lançou às pernas dela, às bicadas. No entanto, não acertou nela, ela afastou-se do bico, esquivou-se de novo, até que a situação, pelo menos na sua perspetiva, se transformou num jogo. O galo, contudo, continuava as suas investidas a sério, e ela agora permitia-se retroceder perante ele, lentamente, dando um passo, depois outro, enquanto o pequeno guerreiro, sempre que ela parava pelo meio, atacava de

imediatamente, investindo sobre ela; por fim — já ela tinha saído praticamente do pequeno bosque da igreja —, foi seguido à distância pela galinha finalmente saída das moitas, cacarejando baixinho, a sua protegida, sem penas empinadas, contrariamente ao seu galo e, ainda assim, bastante maior que ele.

De novo o momento do «está na hora»; «está na hora de...». Agora estava na hora de se despedir de Courdimanche; de deixar para trás a Cidade Nova, que rodeava o resto da aldeia, e de ir para o campo, até ao campo, até ao interior do país.

Tanto a estrada da esquerda como a da direita, para leste ou para oeste: todos os caminhos para sair da aldeia eram a descer. Desceu — era, na verdade, uma descida tão a pique — na estrada em direção ao Noite. Despediu-se, à saída da aldeia, debaixo de uma árvore solitária que identificara de longe, pelas suas folhas escuras e brilhantes, enroladas para dentro, e pelo tronco gretado, como sendo uma pereira. De longe não vira frutos, mesmo por baixo dela, olhando para o alto, também não a princípio, e depois afinal uma pera, lá em cima, balançando diante do céu azul, também no vento de verão, graças à sua forma, estreita em cima, gorda em baixo, oscilando ligeiramente como só uma pera podia balançar e oscilar. A ladra de fruta foi tomada por uma ânsia de trepar de imediato à árvore (até bem lá acima, porque a árvore era, para uma pereira, bastante alta) e de pegar naquilo que pendia da copa, rodeada pelo azul da esfera celeste; sim, até engoliu a saliva de tanta ânsia; nem a pessoa mais cobiçosa teria engolido daquela maneira; nem sequer teria chegado ao ponto de engolir.

Deixou-a ficar, afinal tinha proibido a si mesma a arte de furtar fruta nos dias próximos. Mesmo sem a proibição, tê-la-ia deixado ficar. Podia ser um prazer deixar ficar e, além disso, podia ser uma fonte de alegria; um fortalecimento para o que tinha pela frente.

O excesso de alegria que lhe era inato ou congénito apoderou-se dela e despediu-se de Courdimanche pondo-se a correr, ainda que só alguns passos — contou até «treze», depois continuou, número ímpar! , até «vinte e três» —, e ainda por cima às arrecuas, com os olhos postos, como que antecipando, na tabuleta indicadora da localidade.

Nas faixas de vegetação silvestre antes de chegar à *ville nouvelle*, havia ovelhas a pastar, que depois revelaram ser blocos de calcário sobressaindo do solo arenoso e quebradiço. Entretanto, a manhã já ia adiantada e, dos poucos automóveis que tanto subiam como desciam a colina, não se ouvia música, só as mesmas vozes de locutores de rádio que se confundiam umas com as outras, ou que eram de facto a mesma voz de locutor com o noticiário, em todos os automóveis mais ou menos o mesmo, ou todos com voz séria e sonora, alternando vozes com um timbre alegre, passando depois para a parte menos séria. Desviou a atenção. Para já, nada de notícias e durante tanto tempo quanto possível.

A meia altura, de regresso à Cidade Nova — vá-se lá saber onde —, tal como na tarde do dia anterior, perguntaram-lhe de novo o caminho, gente

perdida, muito jovem, que andava a entregar pizzas e *sushi* nas suas *scooters*, e ela pôde indicar ao menos a direção. Um deles, depois de uma buzinadela do veículo, saía como que de um transatlântico, ficou depois parado ao pé dela e continuou a fazer-lhe perguntas, nada de pessoal, mas sim, de forma muito séria, pelo tempo: «Então, de tarde vem aí finalmente a trovoadas? Vai haver raios e trovões e não só um relâmpago como ontem à noite?» E logo a seguir — continuava parado, sentado na mota: «Mais um banho de sangue, mais um massacre. Será que nunca mais vai haver paz na Terra? O meu pai adotivo cantou-me muitas vezes coisas dos anos 80: as canções do Johnny Cash, do Johnny Hallyday, do Jean-Jacques Goldman, do Michel Berger: “Nunca mais vai haver um homem como o Johnny Guitar...” E agora pergunto-lhe eu: quando é que haverá paz no mundo? Responda. Quando? Quando? Que futuro? Como continuar?»

Ela não respondeu e o rapaz debruçou-se, ficando muito perto dela, todo olhos. Nunca tinha sentido um olhar ao mesmo tempo tão premente e aberto, ou talvez tivesse sentido numa ocasião, com um moribundo, embora fosse aberto de outra forma. O olhar do jovem também era aberto, tal como uma ferida se mostra aberta, e ficou olhos nos olhos com a ladra de fruta como se fosse, não me perguntem porquê, seu íntimo de longa data. E logo a seguir, a última pergunta: «Não tem fome?» E agora a resposta dela, estendendo ambas as mãos. Corte. Cena seguinte.

Foi como que uma condescendência o facto de a rua, para o final da urbanização, começar visivelmente a fazer uma curva, sinal de que iria por fim conduzir para fora da *ville nouvelle*, onde, entretanto, deixara de soprar a brisa do meio-dia e passara a fazer um calor abrasador, sobretudo entre as casas e as torres de apartamentos. Mas a rua, em vez de voltar, no final, a ser uma reta ou uma curva alargada que conduzisse a campo aberto, passou a descrever espirais cada vez mais cerradas. E os desvios que tomava para evitar a espiral também eles iam descrevendo, por seu turno, espirais, e logo a seguir os desvios destas, e assim sucessivamente? E não havia forma de continuar, não havia saída, nenhum desvio a partir da última espiral que, como todos os desvios da espiral principal, se tornava um beco sem saída e acabava por se arredondar, dando lugar a uma praça, mas que também se abria para que pudesse sair dali e continuar o caminho? Não, a praça eslava fechada por um semicírculo de casas, servia tanto de parque de estacionamento como de acesso a estas casas, mais pequenas, construções novas em estilo antigo, embora não o da região e, por assim dizer, no meio do verde, só que não havia um caminho de saída desta zona verde, sobretudo não havia um caminho pedonal, a não ser aquele que levava de volta à espiral principal; os ramos dos arbustos estavam de tal maneira entrelaçados, com uma dureza e uma rigidez tais que formavam uma rede espinhosa que nenhuma faca era capaz de cortar, e nem mesmo ela, a ladra de fruta experiente em obstáculos, conseguiu encontrar uma abertura por onde escapar.

Tentou, espiral atrás de espiral. Não que se sentisse incomodada por estar a

ser observada por quem estava nas casas, mas era uma coisa que a impedia de empenhar toda a sua força para abrir caminho entre os arbustos. E, por fim, as forças abandonaram-na. Tombou, não, estatelou-se num pedaço de relva, no meio de uma daquelas praças e pátios finais, diante das casas mais ou menos em semicírculo; na sua imaginação, as fachadas fechavam-se em arco sobre ela como os escudos de um exército inimigo. Como o seu ânimo habitual podia converter-se repentinamente em desânimo. E isto hoje, depois do sonho maravilhoso, e que continuava na memória, do filho na noite profunda. Contudo, a verdade é que não lhe acontecera nada. Bastava que desse meia-volta e apanhasse um autocarro, todas as linhas levavam para fora da Cidade Nova. Qual era o problema dela? Qual era o fracasso dela? De onde lhe vinha de repente a sensação horrível de que estava tudo estragado e perdido? A queda, quando estava de pés assentes no chão, tinha sido tão brutal que poderia ter partido o pescoço. A que santo podia pedir auxílio numa situação daquelas? Nunca mais iria poder levantar-se. Deitada no chão com a cara virada para baixo, o chão tremeluzindo diante dos olhos como antigamente uma televisão depois do fecho da emissão.

Estados como este passavam depressa habitualmente. Muitas vezes, bastava respirar fundo e voltava a respirar para dentro de si o ser alegre que era. Ou, ao acudir outras pessoas, ajudava-se a si mesma. Só que desta vez não estava capaz de respirar fundo e, além disso, não se via ninguém, perto ou longe, que precisasse da sua ajuda. Às vezes bastava entrar numa loja qualquer e comprar uma coisa, não interessava o quê, para sentir logo um alívio; o processo de compra, a troca de mercadoria por dinheiro podia ser uma bênção, não teria sido preciso que a mãe lho ensinasse expressamente. Só que, para onde quer que olhasse na *ville nouvelle*, não via, nem perto nem longe, uma loja ou um quiosque. E que tal tentar um dos seus gestos supersticiosos, que tinham provado a sua eficácia nos casos mais persistentes, por exemplo: atirar uma pedra, uma moeda para trás das costas, equilibrar um pauzinho na ponta do indicador? Tentou: não havia pedras por ali para atirar, teve de ser com um pedaço de relva, para equilibrar não havia pauzinhos à vista, teve de ser com uma esferográfica.

Não aconteceu nada. Ficou petrificada como uma pedra, uma pedra só; ficou parada como um pau, tesa como um varapau. Se alguém a tivesse tocado agora, mesmo alguém conhecedor de todos os horrores do mundo, ter-se-ia assustado com a rigidez que aquele corpo desmoronado, formando uma unidade da cabeça aos pés, irradiava; uma irradiação maligna, uma concentração extrema que, as duas juntas, provocariam a qualquer momento uma explosão, a explosão da bomba corporizada por aquela figura inteira, agachada no pedaço de relvado.

Por fora, concentração, por dentro nada senão fraqueza, uma fraqueza como que definitiva, como a última das coisas. Depois desta bomba não viria nenhum paraíso; nenhum Eufrates, nenhum Tigre, correriam, parafraseando Wolfram, para o paraíso. Talvez depois de outras bombas e outras explosões?

Ela teria desejado que o seu estado fosse transposto para outras «bombas humanas» — e ficaria claro para essas «bombas» de uma vez por todas: paraíso nenhum! Mas aquele desejo já não era ajuda nenhuma, nem para ela nem para essas outras «bombas».

Como tinha vivido a ladra de fruta até agora de modo consistente no tempo, após o seu período de errâncias? Nunca tinha sentido o tempo como demasiado longo. Também nunca tinha tido tempo a menos, ou tempo nenhum. Desconhecia o tédio, por um lado, e a falta de tempo, por outro. Quando se apressava nalguma altura, era o exemplo vivo do proverbial devagar que tenho pressa. O pai, o antropólogo amador, atribuía o nunca ter sido tocada pelo tédio, «matérializado» ainda por cima pela sua «paciência de santa», que distinguia da «paciência de ovelha», ao «feminino», ao «ter nascido mulher»; já nos primórdios da humanidade, nas tribos africanas, teriam sido as mulheres que... Em todo o caso, ela vivia no tempo, com ele e graças a ele. O tempo era uma matéria, boa e querida. E «estar no tempo» era uma coisa que vivia também como um desporto que, pelo menos a longo prazo, talvez fosse o único saudável. Como era benéfica a própria palavra, o substantivo «tempo», e, da mesma maneira, a expressão «no tempo», no tempo da colheita da fruta, no tempo de uma caminhada, no tempo que dura uma inspiração, no tempo de paz (ou seria também possível um «no tempo de guerra»?) e, sobretudo, a expressão «com o tempo»; o verão chega com o tempo, com o tempo o livro melhorou, o trabalho dará frutos com o tempo, os nossos esforços conjuntos darão resultados com o tempo...

No seu estado habitual, poderia ter contado histórias dos bons tempos; aliás, puxava-lhe para as histórias, pelo menos uma que saísse dela, que soasse só a ela. Mas o seu estado atual era: não-tempo. E não-tempo queria dizer: mudez; queria dizer: emudecimento. Nenhuma palavra era possível, nenhuma sílaba, nenhum som, muito menos ainda o seu «Oh!». E sem palavra, sílaba, som, não havia continuação. Tal como não havia a continuação de um caminho exterior, também não o havia no seu interior. De repente Já não era a jovem da noite profunda e do vento que subia de manhã, mas sim uma anciã com o corpo desmoronado, incapaz de mexer um dedo ou um lábio que fosse, paralisada, uma coisa a transportar dali para fora, para deitar fora. «*Further on up the road*», continuando pela estrada fora; Johnny Cash tinha ainda há pouco ressoado nela — e, de repente, não havia mais continuação. Acabou! «Acabou»? Nem sequer esta palavra lhe era permitida naquele pedaço de relva. Oportunamente, apareceu o sinal no telemóvel: «*Temps écoulé.*»

Em vez de uma palavra, um sentimento, sem palavras, de culpa (se é que se pode chamar «sentimento» a uma coisa assim). Desde sempre, da mesma maneira que gostava da palavra «tempo», odiava literalmente a palavra «culpa», a simples palavra. Do pai, e ainda antes, do pai do pai, e por aí adiante, tinha tido de ouvir aquilo que, desde tempos imemoriais, determinava a família e o clã, o seu sentimento de base, e jurou a si mesma, não, prometeu

solenemente a si mesma, que nunca mais admitiria quer «culpa» quer a culpa, quer a palavra quer o sentimento básico, no seu interior. «Culpa? Comigo, não! Basta da vossa culpa!»

E agora, retorcida sobre si mesma no relvado — não da forma torcida que era o seu ideal —, se ao menos houvesse ali uma árvore, uma única, uma arvorezinha, para a ela se agarrar e se erguer, um arremedo de árvore: também ela, apanhada na armadilha da culpa, também ela, como os antepassados, sentindo-se culpada, a bem dizer, em vão e, sobretudo, por algo que se situava fora da sua culpa.

Agora via-se culpada — sem por isso se sentir incluída — pelo facto de, tal como muitas pessoas da sua idade e da sua geração, e não só da sua geração, ainda não terem encontrado um lugar na sociedade (ou como dizê-lo), pelo menos um lugar estável. Ou então assim: como dizia alguém que vinha dos Balcãs, «só há lugar para quem já traz o seu lugar consigo», ela tinha levado, de facto, para onde quer que tivesse ido, o seu próprio lugar, mas não havia, nas respetivas sociedades, procura. Tinha aprendido algumas coisas, sabia fazer algumas coisas, não só tocar guitarra, andar de esqui e conduzir automóvel. E o que tinha aprendido passava a fazer parte dela mesma, não era algo meramente aprendido, e o seu saber fazer irradiava autoridade, uma autoridade silenciosa.

Mas não encontrava com isso uma entrada na sociedade, nas suas estruturas atuais. Era coisa que não a perturbava, de resto. Era-lhe indiferente e, nos momentos em que assomava, ligeira, a sua arrogância, até lhe parecia bem, mais do que somente bem. Estava convencida do seu lugar, embora não em tais e tais círculos sociais, mas sim entre os que eram como ela. Não estava sozinha. Havia pessoas como ela e eram, precisamente hoje em dia, muitos, e estes muitos um dia, num futuro não muito longínquo, em breve, enquanto eram jovens ainda, iriam construir, para lá dos constrangimentos atuais, também para lá dos «contratos sociais» ultrapassados, leia-se ideologias, uma sociedade completamente diferente. Tinha a certeza disso. Era coisa certa. Sem a sociedade dos que eram como ela: fim do mundo. Naufrágio do mundo.

Porém, de momento não fazia ideia de onde estavam os que eram como ela. Estava caída, sozinha, e tinha culpa — culpa pelo mero facto de estar ali caída. Culpa por não soprar vento nenhum e por estar um calor tão tórrido. Culpa por haver uma janela suja, cheia de pó, salpicada de excrementos de moscas, no meio de todas aquelas janelas reluzentes de limpas do arco de casas, como se fosse ela que vivesse por detrás daquela janela. Culpa por aquele arbusto murcho, seco, no meio de todos os outros arbustos verdes do verão: fora ela que se esquecera de o regar; tinha-o deixado morrer. Culpa pelo montículo, o único, de uma toupeira no pedaço de relvado onde estava; culpa não só pelo assalto noturno na vizinhança, mas também cúmplice de todos os crimes recentes cometidos na *ville nouvelle*; culpa por não ter aparecido a carrinha que entregava o pão pelas urbanizações semicirculares, que vinha sempre pontual mente por volta do meio-dia, ao sábado, e cuja

buzina se ouvia de longe.

Ficou incapaz de se mexer, de se levantar, ou sequer de se mexer daquele sítio para fora. A paralisia da fala era paralisia muscular era paralisia da faculdade de engolir era paralisia total. Se tivesse pedido socorro, teria chamado — coisa estranha para uma jovem, ou talvez não — pela mãe, e ainda mais estranho, ou mais uma vez talvez não, por ser precisamente a mãe, por ter ido porventura em seu auxílio, a causa de ter ido parar agora àquele lugar desconhecido e impenetrável.

Por isso, ficou à espera de que a levassem. Vista de fora, podia passar por alguém que descansava no relvado após uma caminhada. Vista assim, parecia que tinha todo o tempo do mundo. Nem vestígio de uma emparedada, de uma pessoa enterrada viva no não-tempo. E, com efeito, a sua paciência característica continuava a agir sobre ela. O petrificado, o concentrado estava a dissolver-se; à fraqueza interior veio juntar-se uma aceitação, de tal forma que sentiu a fragilidade, que a avassalava por completo, como uma coisa quase bela. Estava à espera que a levassem? Sim, mas — como é que se dizia nos obituários? — «com paciência exemplar». E, ao mesmo tempo, estranhamente, ou não, dizia a si mesma, havia algo que nela dizia: «Ninguém, nem uma só pessoa tem uma vida tão bela, tão boa como a minha. Vá, tenham inveja de mim!»

Mas quanta coisa se perdia diariamente, tanto nas Cidades Novas como nas antigas, as que tinham crescido. Ao estar ali estendida, tinha uma acuidade visual como raras vezes e distinguiu ao longe, com todo o pormenor, numa fotografia emoldurada que estava no pátio do círculo de moradias, um gato desaparecido, desde os olhos amarelos, cegados pelo *flash*, até ao par de mãos, mais abaixo, que segurava o animal pela barriga perante a câmara, as mãos, os dedos de uma criança. O outro cartaz com fotografia, mais afastado, mostrava um papagaio que tinha fugido, também este o via muito de perto. E perto de facto, mesmo diante dos seus olhos, pendurados nos arbustos por vizinhos bem-intencionados, aqui um gorro de lã perdido, acolá um lenço de cabeça perdido, além um casaco de malha. Procurou com o olhar, no meio do emaranhado dos arbustos, o papagaio fugido, e tinha a certeza de que, se olhasse com insistência suficiente, iria vê-lo, a mesma coisa aconteceria com o gato perdido, ao continuar a pesquisar insistentemente com o olhar por entre os arbustos; como se o seu olhar, na sua premência, contribuísse para trazer de volta o que desaparecera; isso acontecia também através dele, do seu olhar.

Regresso das gaiotas, que fazem círculos e gritam por cima da sua cabeça na costa do Mar de Bering, no Alasca, voam baixinho, a pouco mais de uma braçada de distância, como se fossem despenhar-se em cima dela, e ela de novo agitando os braços para afugentá-las... E de novo à entrada da Grande Pirâmide, no deserto perto do Cairo, a mulher vestida de preto, agachada dentro de um nicho, e ela, que toma, erradamente, a mulher meio embuçada por uma freira, e o movimento da cabeça com que a mulher responde à moeda que ela lhe põe na mão, assim estendida por puro acaso... E regressando

agora, tão inesperadamente como rapidamente desaparecidas, dissipadas, esfumadas, as sombras dos alfaiates no fundo do *rio* Tormes, naquele tempo da Sierra de Gredos, num sítio em que o rio ainda é um pequeno regato e corre devagar pelo vale elevado, muito, muito devagar, as sombras dos alfaiates na areia cintilante de quartzo do leito do ribeiro, imóveis, muito negros, debruados por uma auréola de várias camadas iridescentes...

Sentiu-se literalmente enxameada, sem saber o que lhe estava a acontecer e também sem perguntar por um Porquê, por imagens, momentos, imagens momentâneas que lhe traziam de volta os seus lugares, aqueles em que tinha estado ao longo da vida. As imagens tão depressa lampejavam como voltavam a desaparecer. Nelas nunca apareciam os lugares por inteiro, apenas fragmentos que eram, no entanto, por si sós um todo e que nada tinham em comum com um «pedaço». E assim vão piscando, uns e outros lugares do seu passado, quaisquer que sejam, um regresso, mas não de um exterior nalguma parte, mas sim de dentro dela; e conforme vão mergulhando e desaparecendo quase ao mesmo tempo, como golfinhos, não desaparecem para outro lugar qualquer, não dela para fora, mas sim para dentro dela; não se perdem para sempre, mas ficam, sim, constantemente presentes nela, no seu corpo, não estão acessíveis, mas podem emergir a qualquer instante, sabe-se lá como e porquê, imagens-golfinhos dos lugares, prontas a saltar, a disparar, e se não for como imagens de um lugar, como o Mar de Bering, ou Gizeh, da Sierra de Gredos, será de um outro lugar, e mais outro, da tua, da minha, da nossa vida, que, graças ao enxame inexplicável — e assim continue! — de imagens, já tiraram de apuros e — oxalá assim continue também! — continuem a tirar; como agora, neste seu exemplo, a ajudaram a tirar de apuros — o apuro do não-tempo — o apuro da falta de tempo, fazendo-a regressar ao tempo. Que imagens assim vivam, mesmo sendo pequenas imagens que passam de raspão!

Dominou-se. Foi dominada por aquelas imagens, quase meros esquemas, por elas, justamente aquelas. Não se levantou de um salto. Vê-se a si mesma de pé. Estava em pé. Deixa-se ver a ir-se embora. Ia embora. Foi embora. Mas por que razão tinha ela caído sequer? Já não sabia. Também deste lugar, especialmente deste, se despediu à sua maneira disfarçada, com um aceno circular, secreto, da mão. Por fim, pegou num ramo de avelaneira caído no chão — também nas Cidades Novas se cortavam, pelos vistos, ramos de avelaneira — e atirou-o com a mão esquerda naquele lugar, para longe, muito à sua frente e adiante do seu caminho, descobrindo assim que tinha no braço esquerdo pelo menos tanta força como no direito.

Por fim em linha reta e por fim para norte, claramente. Primeiras horas da tarde com uma curta sombra veranil diante dos pés. A norte de Pontoise, em Osny, na única grande reentrância do vale, no planalto do Vexin, o vale de um pequeno ribeiro chamado Viosne, antes de cruzar a passagem que atravessa a localidade para o caminho pedonal pelos prados do Viosne, juntou-se a ela um cão, vindo sabe-se lá de onde, um cão preto, indefinível quanto ao resto — pelo menos para ela, que não é entendida em cães —, nem pequeno nem grande, nem assim nem assado. Não era um cão sem dono, pertencia a uma casa situada no meio do bairro de Osny, perto do antigo presbitério, perto da igreja ainda mais antiga, a única do vale do Viosne, quase colada ao rio. Tinha ido a correr ao seu encontro, saindo pela porta aberta do jardim. Como não tinha propriamente medo de nada, também não tinha medo de cães. Contudo, de cada vez que um animal desta espécie, fosse ele qual fosse, se aproximava dela, sentia o efeito daquilo que o pai lhe contara era ela criança: uma dia, ia ele ao lado da mãe, grávida dela, quando a mãe foi atacada por um *grand danois*, «ou um *dobermann*» — o pai também não era grande conhecedor de cães —, «em todo o caso, não era um labrador», e isso, por causa do choque, quase provocou um aborto. Sempre que isso acontecia, a ladra de fruta não fugia, também não dava um passo atrás, mas ficava, como que contra vontade, parada, imóvel; também não estendia a mão, como tantos faziam com naturalidade, para fazer uma festa ao cão, muito menos se ele se aproximava de lado lentamente, com manifesta lentidão.

Também desta vez a ladra de fruta se deteve, ao ver o cão que corria para ela. Precisamente o não haver ninguém que dissesse «ele não faz nada» fez com que continuasse tranquila no seu caminho. E o cão seguiu com ela, ao lado dela, como se fosse a coisa mais evidente, depois de lhe ter farejado os joelhos, pela frente (não lhe cheirou as covas dos joelhos, por trás). Caminhava com ela, unido a ela. O mais tardar, quando passou a curva da rua e a linha férrea, entrando nos prados do ribeiro, ele havia de dar meia-volta, regressar ao jardim de Osny.

Porém, em vez de dar meia-volta no caminho dos prados, o cão pôs-se a correr inclusivamente à sua frente, resultando daí um tilintar mais forte da chapa, que tinha à volta do pescoço ou lá onde era, talvez também porque, entre os choupos, amieiros e pastagens do prado, o mundo dos ruídos se tornava subitamente diferente do que o que havia entre as casas que bordejavam a estrada e a via-férrea. E, após cada curva do caminho, mais adiante a cada curva do trilho, estava à espera dela. Por vezes também ficava para trás e, quando ela virava a cabeça, lá estava ele, parado na beira do caminho ou do trilho, como que a despedir-se, finalmente disposto a regressar; e de cada vez aquele retinir da chapa de identificação voltava a segui-la e ultrapassava-a outra vez.

Não que ela desejasse ver-se livre dele. Mas queria, no interesse dele, que o animal regressasse a casa. Como havia de lhe fazer ver isso? Até agora não tinha dirigido uma única palavra ao cão. Se o fizesse, ainda ficaria mais ligado

a ela. Bastaria a sua voz — não podia disfarçá-la, nunca falara com outras vozes que não fossem a sua de sempre, e era incapaz de gritar — para que, possivelmente, passassem a ser inseparáveis.

Acontecia o cão ficar desaparecido durante um pedaço de tempo, no meio dos arbustos do prado, deixar-se levar rio abaixo num dos muitos braços do Viosne, em direção a Osny, onde tinha casa e pátio. Mas, sem que ela o visse ou ouvisse sequer, lá estava ele outra vez, parado, a um passo dela ou nem isso, e esperava-a como se já tivesse passado mais de um dia com ela, a pingar, literalmente coberto de musgo de tanto abrir caminho por entre o emaranhado de árvores mortas, caídas umas em cima das outras, miríades de árvores, densamente revestidas, desde as raízes secas até às copas secas, de um musgo verde e lanoso, omnipresente (prado verde?, verde de musgo).

E assim caminharam os dois, hora após hora, rio acima, para norte, avançando pelos bosques invadidos pelo musgo, que não deixavam ver nada à transparência para além deles, interrompidos, embora brevemente de cada vez, «a intervalos de uns poucos tiros de lança», pelas povoações junto ao vale do rio: Boissy-l'Aillerie, depois Montgeroult, Ableiges... Mas depois de Us, de novo os dois enfiados debaixo do teto do bosque que mal deixava passar o sol — lá fora abrasador —, quando o cão ficou à espera dela pela décima primeira vez numa bifurcação do caminho, com uns grandes olhos e um pássaro morto no focinho, a ladra de fruta também parou e abriu pela primeira vez a boca diante dele, apercebendo-se de que era a primeira vez, naquele dia — já foi há muito tempo a sua história — que fazia ouvir a sua voz (não contou o pedido do pequeno-almoço e o «Oh!» perante aquela pera no alto da árvore de Courdimanche).

Levantou, pois, a voz e disse ao cão, que de imediato ergueu a cabeça e — não é só uma maneira de dizer — aguçou o ouvido: «Olha, tu aí: eu li uma vez que vocês, os cães, percebem pelo faro as pessoas solitárias, farejam quando alguém anda perdido, pressentem quem está abandonado. Escuta, bicho: não sou uma solitária e muito menos estou perdida ou abandonada. Eu só valho por três caminheiros, se não mais, debaixo do céu. Não preciso de ti. Mete o rabo entre as pernas. Põe-te a andar. Vai para casa ter com a mamã, com o papá. Não preciso de um fiel seguidor, percebes?! Não preciso de fidelidade nenhuma, muito menos de uma fidelidade canina! Desaparece da minha vista e não voltes! Põe-te na alheta!»

Não só tinha levantado a voz — tinha-a levantado muito, furiosa. Quase gritou, talvez pela primeira vez na vida daquela maneira. E o cão afastou-se para o lado, deixou-a passar, com uns olhos ainda maiores do que antes, abriu o focinho, de forma que o pássaro caiu ao chão, caiu em cima das próprias patas, mexeu-se, saltitou: não estava morto, nada morto, nem sequer ferido estava. No entanto, ficou ali de momento — era um corvo —, não se moveu do sítio, nem o cão, nem ela.

O primeiro a ir embora foi o cão, primeiro deu uns passos na direção errada, rio acima, depois meteu pelo caminho certo, rio abaixo, em direção a

casa. A princípio, ainda se virou uma vez, depois deixou de o fazer. Ainda tinha um longo caminho pela frente. Também ela tinha um longo caminho a percorrer até ao final do dia. Não se virou, nem uma vez, nem para olhar para o cão nem para olhar para mais nada.

Em vez do cão, agora era o corvo a acompanhá-la durante um bocado. Saltitava ao lado dela, três saltinhos de cada vez, como só os corvos saltitam quando se deslocam em terra, o que a fez lembrar-se dos jogos de criança, a saltar à macaca. Entretanto, estava a sentir-se cansada. Mas estava fora de questão descansar agora, embora a camada espessa de musgo, ainda por cima macio, que se estendia pelo solo do prado até bem longe, a convidasse a deitar-se. Ao transpor os três saltinhos para os seus próprios passos, ia espantando aos poucos o cansaço.

O corvo saiu, voando, deixando cair uma pena de um negro intenso com um rebordo azul púrpura — existia uma cor assim? —, e agora ela seguia sozinha. Ao ver o brilho azul da pena diante de si, voltou a imagem remanescente dos olhos azuis do cão de há pouco, um azul diferente. No alto das copas das árvores, um sopro quase inaudível, vento nenhum, só uma corrente contínua. Mais abaixo, na zona do musgo verde, não corria vento. Dos diversos braços em que o Viosne se subdividia pelas «*vegas*»⁷ — assim via os prados, lembrando-se da época passada em Espanha —, o murmurar do rio produzia no máximo um gorgolejo; aqui e ali; alguns dos braços tinham a água salobra onde ficava parada: braços que estavam mortos. Era praticamente impossível decidir, sobretudo entre os deltas interiores (uma expressão do pai) que se estavam constantemente a formar e atravessavam os caminhos, sendas e trilhos do prado, qual dos diversos braços de água era o principal.

Decidiu-se por um deles, cujas águas pareciam negras vistas de longe, de resto como as dos outros, mas que a seus pés eram transparentes até ao fundo bem fundo. Foi ali que a ladra de fruta se pôs a nadar, sempre no mesmo sítio: nadava um pedaço rio acima, tendo de empregar bastante força para nadar contra a corrente, e depois deixava-se levar rio abaixo, até ao ponto onde tinha deixado as suas coisas no musgo. Repetiu-o muitas vezes, durante muito tempo, que por isso não se podia contar, era uma coisa por si só. A água do Viosne, bastante perto das nascentes, era fria, mas a nadadora não sentia frio; as plantas aquáticas que cresciam no fundo eram densas e tinham muitos metros de comprimento, enredavam-se nas suas pernas, mas com leveza e suavidade, e voltavam a deslizar, separando-se de novo; sempre que se punha de pé, tinha pé, nalguns locais em cima de um fundo lodoso, mas neste caso nunca afundava os pés mais do que à altura dos tornozelos.

Nadando assim no rio, deixando-se levar, pondo-se de pé com a água até acima dos ombros, chegou naquele tempo, que não se podia contar e, sobretudo, que não precisava de ser contado, um horizonte diferente. Ela fixou-o assim; fixava-se assim de forma diferente, e ficou fixada noutras coisas. Fixava-se assim? Sim, se. Sim, ela. Fixou, independentemente das

cores que brilhavam com intensidade diferente, não só o verde do musgo, que, nos prados, os seres vivos — viam-se de imediato só alguns, poucos, e sempre de tamanho diminuto; em contraste com o lado de fora («ao ar livre», pensou, «no mundo de fora»), onde apareciam, por regra, aos pares, no plural, em enxames, aqui, com exceção dos enxames de mosquitos, apareciam no singular: a borboleta ali, o pintarroxo acolá, a libélula ali, o escaravelho-veado acolá. Até o alfaiate, que estava num dos braços mortos do rio, parecia estar sozinho, parado em vez de correr, como se estivesse à espera, como o resto dos diversos bichinhos; mesmo aquela borboleta dava as suas voltas como se estivesse a aguardar. Por último, ainda se apercebeu — também era um ser vivo — de uma macieira bravia, muito ao longe, entre os amieiros, resplandecendo na sua verdura, para lá do delta do rio, no meio do negro uniforme dos amieiros, graças ao «planetário» formado pelos milhares de esferas de fruta amarela no meio da folhagem rala, o que fez com que a nadadora sentisse já no palato o sabor amargo acidulado daquelas maçãs; nem iria ser preciso enfiar os dentes numa de propósito, embora: uma trincadela a sério, no mais amargo do amargo, não fazia parte de um dia, de um dia assim? Não o exigia até?

Mais tarde, ainda que fosse ao mesmo tempo, a ladra de fruta sentou-se num dos braços mortos do rio que se tinha alargado até formar um lago não tão pequeno assim, com os pés na água, a comer o último pedaço de piza, ou lá o que era, que o jovem distribuidor da *ville nouvelle* lhe tinha passado da sua mota. Estava com fome, «finalmente», pensou ela, como se tivesse desejado aquilo e nada senão aquilo em particular. Antes disso, ainda que fosse mais por obrigação filial, andara à procura de groselhas silvestres, de que o pai, antes da partida para a Picardia, lhe tinha falado com entusiasmo como uma especialidade dos bosques das várzeas do Viosne. É verdade que tinha visto, coisa estranha ou não, os arbustos já murchos, quase sem folhas, com alguns pequenos pés de groselhas aqui e ali, mas estavam há muito murchos, enrugados e sem aquele «sabor ácido refrescante». As amoras, pelo contrário, que havia em todo o lado, ainda não estavam maduras e nunca iriam amadurecer.

Do apartamento junto da Porte d'Orléans tinha vistas para o outro lado da rua, para um andar com varanda, ou com terraço, onde havia um pedaço de bosque que nem os olhares mais agudos eram capazes de penetrar, tal era a densidade de arbustos e árvores, destacando-se da fachada de resto despida. De vez em quando, tinha-lhe parecido ver movimentos de seres vivos naquele bosque, pessoas, também partes de corpos humanos, uma mão, uma cara, embora desta apenas uma face, uma orelha. Mas por muito que tivesse estado a espiar, sem querer, o pequeno bosque do terraço, nunca tinha chegado a ver uma figura inteira. E de cada vez, cada manhã que ali estava, voltava a procurar. Iria chegar a vez, o dia, em que descobriria claramente o procurado, a procurada, a coisa procurada. Acontecia-lhe com aquele pedaço de bosque na varanda vizinha o mesmo que com alguns jardins árabes, extremamente

bem cuidados e, ao mesmo tempo, também extremamente desordenados e misturados, que tanto atraíam o olhar como o repeliam: com o passar do tempo, aquele olhar pesquisador no denso bosque do terraço, mesmo quando não havia movimento, nem sequer o do vento, mesmo sem que aparecesse uma testa, um cotovelo em jeito de charada, provocava uma imagem de ilusão ou quase ilusão, um outra fada Morgana de uma figura que ali se encontrava, escondida, em silêncio, como só algo vivo podia ser, uma figura humana.

Aquele olhar pesquisador, delirante ou não, apercebeu-se dele também ali, na várzea, na *vega*, na *prairie*, na *gaba-al-nahar* do Viosne. E, de um momento para o outro, abjurou-o. Sim, era um juramento, uma promessa solene, apesar de — foi o pensamento do momento seguinte — o seu olhar atento, diário, ter sido «belo e vivificante, na verdade», vivificante de modo diferente e belo de modo diferente do que, inclusivamente, uma obra-prima do cinema. Só que aqui, no bosque junto à várzea, não se tratava de se aperceber da presença de um ou de uma estranha, de uma pessoa desconhecida. Por isso, basta! Aqui e agora, acabaram-se os olhares pesquisadores! Olhar atento, eternamente, sim! Mas basta de pesquisar. E deitou a língua de fora literalmente, *bel et bien*, ao seu pesquisar.

Continuou, ao ficar ali sentada, e nada mais do que sentada, com os pés dentro da água do lago, não estava sozinha. Ao estar sem fazer nada, a não ser dobrar os dedos dos pés, surgiu algo do fundo da água que vinha a nadar na sua direção, remexendo toda a superfície do lago até às margens do outro lado. Era um animal, mas qual? O animal, que continuava sem deixar ver sequer uma parte do seu contorno, fez diante dela um arco que provocou ondas possivelmente ainda mais fortes e descreveu curvas serpenteantes — o que se notava no serpentear contínuo à superfície da água — até chegar ao meio do lago, onde — de repente, não havia vestígios do animal — mergulhou nas profundezas. Mas as linhas serpenteantes continuaram durante muito tempo como sulcos agitados, ondulados, sobre as águas de resto quase totalmente imóveis, quietas, do lago (só uma libélula tocava ao de leve na água, em breves intervalos). Na imaginação da sentada, o animal era uma baleia, não, *a* baleia, aquela que tinha engolido o profeta Jonas — que clamara a Deus, por favor, por favor, pelo fim do mundo —, e, depois de o ter conservado durante três dias no seu ventre, o voltou a cuspir para terra. E imaginou ainda que a baleia dali em diante — e, se dependesse dela, bem podia fazê-lo — iria albergar para sempre os profetas do apocalipse no seu ventre. Deu-se conta, então, que a figura de Jonas representava, desde o início da sua viagem, uma espécie de marco no caminho.

O ser que se cruzou com ela a seguir, nas *vegas* do Viosne, foi de novo um animal. Depois de todos os animais que tinha visto desde manhã cedo, talvez tivesse tido olhos mas não cabeça nem para uma lebre nem para uma raposa, nem para um javali nem sequer para um cervo, mesmo que o animal fosse algo de especial, sobretudo segundo o seu parecer, algo visto pela primeira vez. Um faisão passou a voar entre as árvores do bosque, nem perto nem

longe, mas sim onde, nas pinturas antigas, quando as perspectivas já tinham e ainda tinham importância, ficava o «plano médio». Apesar da sua juventude, já se tinha cruzado com inúmeros faisões, tinha-os visto a correr pelos campos adentro, a voar e a espalhar-se, sobretudo a levantar voo, de repente, saídos de arbustos e campos sulcados, com uma grande gritaria vinda do fundo da garganta, por medo ou por que motivo fosse: contudo, nunca vira um faisão como aquele, e o tipo de voo nunca lhe passara diante dos olhos. Ao sol, que, a certa distância, penetrava obliquamente pelo rebaixamento da várzea, a plumagem daquele faisão brilhava em tons dourados quando levantou voo, e sem sol talvez o dourado até tivesse sido mais resplandecente. O faisão-dourado não tinha sido enxotado por ninguém e, durante o voo, um longo voo entre amieiros, áceres, além disso, aqui, subindo o vale do rio, também entre faias, não soltou nenhum tipo de grito ou som. O faisão-dourado voou — tão grande; tal como o via, parecia-lhe pelo menos duas vezes maior do que os faisões que conhecia — em silêncio. E voou sempre na mesma horizontal, tomando um caminho completamente a direito, seguindo a média altura das árvores, mais perto do solo do que das copas, sem se desviar uma única vez dos troncos e ramos inferiores, nem para cima nem para baixo, e muito menos lateralmente, como se tivesse planeado de antemão a sua rota de voo. Parecia não querer acabar aquele voo silencioso, retilíneo, a meia altura, na horizontal, pelo bosque da várzea, que assim se multiplicava em vários bosques, enquanto o corpo voador, da luz para a sombra, e de novo para a luz, e assim sucessivamente, ia mudando de um dourado para outro. O voo do faisão era o oposto de «direito como uma seta»; era a direito, isso sim; contudo, tal como se apresentava literalmente perante os seus olhos, era lento, tão lento. Mas a pena da cauda não tinha a forma de uma seta atrás, uma seta compridíssima, muito mais comprida do que o corpo do faisão, uma seta comprida, tensa, emplumada? Certo, mas esta seta apontada para trás servia única e exclusivamente para orientar e manter o curso. Assim, silencioso e sem pressa, o faisão-dourado voou na sua linha reta, fez o seu percurso e assim voa, ali entre os troncos das árvores da várzea e por detrás deles, também agora, ao ser contada a história da ladra de fruta, muito tempo depois daquele que foi, no seu tempo, visto de forma realista, um voo curto, demasiado curto, segundo os parâmetros, ou o que seja, da ladra de fruta. Desde então, nunca mais viu um faisão-dourado voar e, até ao dia de hoje, nunca mais voltou ao lugar onde o pássaro traçou a sua linha aérea diante dela. Porém, com os anos, aquele sítio nas várzeas cobertas de musgo passou a ser e continuou a ser um possível lugar de peregrinação, independentemente de ela se pôr de propósito a caminho ou não.

Por fim, depois de todos aqueles animais, um ser humano, embora tivesse passado rapidamente por ela, e ainda por cima era um ser humano relacionado com um animal. Ouviu-o antes que ele se desse a ver: algo como sons de gato, mas se aquilo era um miar era tão desajeitado que só podia ser produzido por uma pessoa, uma que não tinha jeito nenhum para imitá-lo. Depois apareceu-

lhe de facto um homem ao caminho que, veio a saber — fosse encarregado pela mulher ou pelos filhos, ou por iniciativa própria —, andava à procura do gato perdido cujas fotografias a tinham acompanhado em cartazes, na Cidade Nova, e depois, rio acima, pelo vale do Viosne, afixados nas árvores, de tantas em tantas centenas de metros. Encarregado ou não: era evidente que o homem estava a levar a sério a busca do pequeno animal desaparecido havia já duas longas semanas. Era uma coisa que levava a peito; não tinha saído de casa só para dar uma vista de olhos, tinha partido em busca do animal, com mapas detalhados da região; andava a explorar — a sua exploração tinha urgência, era uma coisa diferente de uma simples busca geral —, empurrado pelo desejo de encontrar o perdido, o extraviado, o que estava abandonado, sentado nalgum lado, e queria encontrá-lo ainda com vida. Desde logo a forma como chamava pelo animal em todas as direções e a voz com que, diante da ladra de fruta, lhe perguntava insistentemente, quase suplicando, se não teria... por acaso; pelo menos um sinal, um pedaço de pelo talvez... (mostrou uma amostra, um pedaço de pelo preto acinzentado), indicavam que não iria desistir, nem hoje nem amanhã, até... E como ela não o pôde ajudar, prosseguiu de imediato o seu caminho, como que desiludido, se não mesmo indignado, não só com ela mas com toda a humanidade, já que ninguém, nem uma só pessoa, tinha os olhos abertos para aquele de quem sentia, ele e os seus, uma falta tão dolorosa. E passada a curva seguinte do rio, os gritos a chamar pelo gato tornaram-se tanto mais furiosos, não de fúria contra o gato, mas sim contra si próprio e contra o mundo.

Ficou sentada no prado ainda um bocado. E se a baleia fizesse os seus sulcos uma vez mais no lago, e se o faisão voltasse a voar naquela linha horizontal, e se o gato perdido a estivesse a olhar fixamente em silêncio, nos arbustos, com um par de olhos redondos, e se descobrisse, num dos esqueletos de árvores cobertas de musgo, as riscas amarelas do papagaio que também tinha fugido e cuja fotografia estava igualmente afixada em cartazes? Por mais que se desolhasse: mais nada; nada. Sentia que tinha um poder. Mas o que estava ali a tentar ultrapassava aquele poder. Nada a não ser o cantar, monótono, estridente, de um único grilo, e isto aqui, no meio da natureza, ao passo que na noite anterior, na Cidade Nova, havia um autêntico coro de grilos que ressoara, ecoara e charamelara, um coro subterrâneo. Quis parecer à sentada que desde então não passara apenas um dia.

Eram horas de se pôr a caminho de novo. Quem dizia isso? A história dela. Não seria, pelo contrário, o tempo atual, o tempo real que o dizia? Sim, também era. Durante o tempo em que estivera ali sentada, tinha havido circulação no troço de via-férrea que bordejava os prados do ribeiro, ainda que tivesse passado apenas um comboio — eram as primeiras horas depois do meio-dia e o movimento na linha era, em geral, escasso, não só na época da história dela; no céu, o rumor constante dos aviões, ainda que mais ou menos ténue, precisamente por ser tão continuado, já não se ouvia; em contrapartida, tanto mais se ouvia o trânsito na estrada que passava por trás do outro limite

do prado. Que o musgo do prado, alastrando por todo o lado como até ao infinito, deixasse uma abertura num ponto, não muito maior do que o buraco da fechadura da igreja de Courdimanche, permitindo ver a estrada ao longe, parecia-lhe bem durante um tempo intermédio: era bonito ver as chapas resplandcentes dos automóveis, ao longe, na estrada, a brilhar na penumbra da várzea, fazendo entrar o jogo de cores no acontecimento, ainda que fosse um cintilar breve das carroçarias, um azul cobalto, um cinzento prateado, um vermelho sangue de touro.

Calçou os sapatos com os pés molhados e apertou os atacadores com três laçadas cada um. (Não podiam ser duas, mas também não podiam ser quatro.) E, no momento em que se pôs de pé e se agachou para apanhar a bolsa e a mochila, as duas mudaram de lugar como que por si sós, afastaram-se dela e, ao mesmo tempo, foram puxadas para cima, não por uma mão fantasma, mas sim por duas mãos fortes de homem, visivelmente bem irrigadas. Não era um ladrão, não era um bandido, isso ficou de imediato fora de questão. Era o rapaz que encontrara de manhã na *ville nouvelle* de Cergy-Pontoise, o distribuidor-de-piza-ou-do-que-era que andava de mota — só que tinha ido para ali a pé, tinha-a seguido às escondidas, até ao sítio onde ela ficou sem saber o que fazer e se deitou, meio desmaiada, no pedaço relvado; depois seguiu-a sempre à distância, secretamente, sem, contudo, se esconder por aí além, até ao prado do ribeiro de Viosne, onde esperou em silêncio até ao momento certo. Momento de quê? O momento de ajudá-la a carregar as coisas; de ser o carregador dela; de lhe oferecer os seus serviços; o momento também de lhe perguntar se seria do seu agrado que a acompanhasse um pedaço do caminho, até Chars e talvez mesmo até ao lago da nascente do Viosne, situada abaixo de Lavilletterre, deixando a Ile-de-France para trás, em direção à Picardia.

Pronunciou o seu «Oh!», depois não disse mais nada e deixou que a acompanhasse; também permitiu que o rapaz, ao contrário dos carregadores de profissão, não seguisse atrás dela, mas sim ao seu lado, ligeiro apesar da carga, tal como ela tinha andado o tempo todo.

A sua aparição súbita não a tinha assustado, bem entendido, nem sequer a surpreendera. E ao mesmo tempo preparava-se para uma ou outra surpresa. Preparava-se? Esperava-a, estava certa de que viria, como se da pessoa que seguia ali ao seu lado só pudessem vir surpresas agradáveis.

Avançaram juntos durante um bom bocado sem trocarem uma palavra, sempre rio acima; descreveram longas linhas serpenteantes através dos prados do Viosne; caminharam por passadiços e, nos deltas interiores, nas pontes velhas de madeira, também elas atapetadas pelo musgo. Se o caminho se tornava demasiado estreito para dois, o rapaz dava-lhe passagem, em silêncio, enquanto nas pontes, que muitas vezes consistiam apenas de umas tábuas sem corrimão, ia à frente para testar a resistência, mantendo uma mão livre estendida atrás de si caso a mulher precisasse de apoio.

Tinha mudado de roupa para o seu empreendimento, não tanto para uma

caminhada ou passeio no campo, mas mais para uma saída de fim de semana pelo centro da cidade, tal como quem tinha passado os dias de trabalho anteriores, de segunda a sexta, no seu posto de trabalho, nalguma parte do interior do país, também de uniforme: fato ligeiro cinzento, de verão, três peças, o colete preto com botões metálicos do mesmo tecido em vez de dourados, camisa branca sem gola, sem chapéu (mas também sem o boné de distribuidor que trazia de manhã), em vez das sapatilhas levava sapatos de cabedal (embora de marca falsificada). Parecia-lhe mais velho do que em cima da mota, depois voltou a parecer-lhe mais novo. Era parecido com alguém, mas não havia maneira de se lembrar com quem. O Eminem? Não? O Montgomery Clift? Também não. A amiga siberiana? Riu-se e, uns passos depois, voltou a rir-se, sem que ele lhe perguntasse porquê.

Apesar de ser dia claro e, pela data, princípios de agosto, a luz ainda duraria horas, os bosques do ribeiro, já de si escuros, iam escurecendo quanto mais se aproximavam da zona da nascente. Estaria ela enganada ou o trilo isolado de um melro estaria agora mesmo a tornar-se grave como o de um rouxinol, e já só faltava o primeiro morcego (falar de uma andorinha, de andorinhas no plural, era impensável no meio daqueles bocados, torrões e abas de musgo). A vegetação silvestre mais e mais densa, por todo o lado também cada vez mais o emaranhado de árvores mortas, de tal forma que, em vez de sol, na zona do ribeiro dominava a escuridão de um eclipse solar. Uma única árvore, também ela isolada, tinha crescido tanto que o Sol, grandioso, ficava enredado na sua copa — um carvalho (espécie muito rara na área junto ao vale do rio). Ambos, ela e ele, tinham parado no mesmo instante e olhado para cima, para a copa do carvalho inundada de luz em inalcançáveis alturas do céu.

Sair a dois de bosques sombrios como aquele para um prado igualmente banhado pela luz do Sol, onde o dia os recebia, um dia de verão sem igual, foi algo que os fez respirar fundo, de forma audível, em uníssono. Isso aconteceu no sítio onde os prados do ribeiro passavam de repente a pequenos jardins a céu aberto, pouco antes de Chars, a antiga cidadezinha junto ao Viosne, agora uma urbanização indefinível onde o vale do rio se alarga, e que já não tem nada de uma cidade, nem tão-pouco de uma antiga aldeia, mas que, ao mesmo tempo, quase sem edificações novas, irradia uma antiguidade considerável.

Ao recuarem alguns passos, contados, como se tivessem combinado — ele, nove, ela, treze, ou vice-versa —, despediram-se, por enquanto, dos bosques do ribeiro: ao final da tarde, embora ainda com a luz dos longos dias de verão — era claro mesmo sem trocarem palavras —, partiriam em direção à nascente; o último trecho, segundo os mapas detalhados, não tinha tábuas nem pontes, já para não falar de caminhos; nem sequer apareciam linhas picotadas a indicar possibilidades de passagem por risco e conta própria.

Antes de mais: agora era agora! O ar, a céu aberto, corria entre os pequenos jardins cercados pela savana fluvial, também por trás deles; separados por vastas áreas de erva, cresciam neles sobretudo verduras e tubérculos, alcachofras e batatas. Em relação a estas últimas, a propósito de serem uma

espécie de anacronismo no meio da paisagem: na altura da cena que se desenrolava diante deles, faltava ainda muito tempo para se começarem a plantar as batatas na Europa, e quem o afirmou foi o rapaz: «As batatas são uma deturpação de imagem. Naquele tempo, *Sir Walter Raleigh*, que depois as trouxe por mar da América para cá, estava ainda na estrela dos não nascidos!»⁸ Após o que o acompanhante da ladra de fruta recebeu de imediato um nome para a história, e também se chamará assim para o episódio dos dois: «Walter», ou «Valter», com «V» como em «*Vogei*»⁹, o que também combinava com a sua figura. «Valter» e «Alexia».

Valter e Alexia seguiram para norte, em direção à antiga Chars. Agora iam sempre lado a lado pelo terreno do vale quase sem árvores, com espaço para muito mais do que um par de caminhantes. Não se moviam como um par, mas sim mantendo sempre uma distância involuntária, completamente natural — nada mais natural do que aquela distância.

Não fora pelas linhas do caminho de ferro, que a pouco e pouco se transformavam numa confluência de vias, o cenário que tinham diante deles poderia ser de outra época, de uma época muito remota segundo a cronologia atual. Isso fazia com que não só o campanário da igreja de Chars estivesse agora igual ao que fora há oitocentos, depois setecentos anos, depois meio milénio, sob o céu azul (também teria estado assim, sob um céu cinzento, amarelo, vermelho), mas também as casas de pedra calcária e gesso, agora como há séculos, se apresentavam distribuídas pelo vale junto ao rio, a par das ruínas e meias ruínas, não poucas — como se fossem, já nesse tempo, ruínas, só que talvez deslocadas para outros sítios no espaço da paisagem, ligeiramente. «Agora é igual ao que foi há séculos?» «Igual?» «Igual. Idêntico.»

O que mais fortemente contribuía para a imagem dupla do hoje-como-então eram as paredes de rocha, bastante verticais e, em certas zonas, quase sem vegetação e nuas, sobretudo de um dos lados — a «clássica margem escarpada» (pai), precipitando-se do planalto do Vexin para o vale.

As casas, as ruínas, o campanário e as paredes escarpadas de gesso e cal branco-acinzentada, estas sobressaindo por cima dos edifícios do lugar, incluindo o campanário à altura de, digamos, dois, três andares, eram feitos do mesmo material, tinham crescido e sido construídos de uma só assentada; e os caminhos entre os rochedos e penhascos, abrangendo a localidade a seus pés, irradiavam a sua regularidade àquela que, à primeira vista, era a irregularidade e confusão das casas abaixo; davam-lhes a sua regra, cuja antiguidade não se contava apenas em milénios, na qual se incluía também a via-férrea e, agora, o conjunto de linhas enferrujadas, com exceção do par de linhas centrais, e ainda o rio nos seus múltiplos ramais canalizados, agora, agora e agora. «Agora é agora» também poderia significar algo muito diferente e «em tempos» não tinha de ser forçosamente «passado». Oh, os mesmos líquenes quase negros nos penhascos calcários, na pedra lavrada do campanário, nas pedras não trabalhadas das paredes das casas, nos muretes de pedra que

orlavam os caminhos que levavam ao interior da localidade. Oh, as covas ali e lá em baixo, nas rochas, onde os carros e os tratores estacionavam, ao lado das carriolas e carroças puxadas a cavalos, em desuso.

Alexia aproximou-se do seu acompanhante com passos sempre uniformes e, junto à placa indicando a entrada na localidade de Chars, pegou-lhe na mão por alguns passos, breves, rápidos. Agora era ela que conduzia. Tinha-lhe enfiado qualquer coisa na mão, que ele levava agora à boca com toda a naturalidade. E já tinha mordido a maçã, a pera, o pêssago, o alperce — não, um alperce não podia ser, a época de maturação já tinha passado há muito —, quando ouviu um estalido. Um pêssago que estala ao ser mordido? Sim, claro. De qualquer forma, ela tinha subtraído o fruto de um dos pequenos jardins, de novo de uma maneira tão evidente que ninguém o viu como furto, e menos ainda Valter. E, «naturalmente», de novo segundo Wolfram, ela não tinha furtado apenas aquela peça de fruta; a outra, ou as outras, tinha-as guardado a ladra de fruta para si própria.

Fizeram o desvio até aos moinhos de Chars ao longo de um dos canais de fluxo rápido do Viosne; ali, contrariamente aos deltas do ribeiro, corriam a grande velocidade produzindo grande ruído, quase um estrondo. Já de longe, cheiro não só a farinha acabada de moer, mas também a pão acabado de cozer; num dos pátios do amplo edifício do moinho, tinham anexado também uma padaria. Muitos moinhos haviam funcionado ao longo dos séculos movidos pelas águas do riacho. O de Chars era o último, pelo menos o último que restava; em compensação, os edifícios antigos e as ampliações mais recentes ocupavam metade do vale.

Habitualmente, a padaria do moinho só fornecia a restaurantes e a mercados especiais. Não havia venda a clientes individuais. Mas Alexia não desejava e não queria só um dos pães cozidos no moinho, estava obcecada, tinha de arranjar pelo menos um. A padaria estava aberta, mas não se via ninguém lá dentro, e os dois ficaram ali sozinhos com os milhares de pães diferentes que, por trás do balcão desocupado — pelo menos havia algo como um balcão —, preenchiavam uma prateleira atrás da outra até chegar a toda a altura do teto. Valter, com um olhar silencioso, vago, ofereceu-se para saltar a barreira e surripiar um dos pães. Alexia abanou a cabeça, também em silêncio: ladra de fruta, sim! Mas ladra de pão? Isso é que não! Mas que panorama, todas aquelas ruas e fileiras de pão, umas por cima das outras, encontrando-se num ponto de fuga longínquo, no fundo da divisão.

Finalmente, alguém aproximando-se, vindo de outra divisão, meneando a cabeça ao chegar perto. Mas diante dela, ali, com os pães todos à vista, deu-lhe um e desejou-lhes a continuação de um bom caminho aos dois; já não via um par assim há muito tempo, ou será que é a primeira vez na vida que tal presença?

Centro da povoação? Praça em frente à igreja? Não. Em frente à *mairie*? Nem vestígios de um centro, tão-pouco de Estado, este exceccionalmente discreto, quase envergonhado (bom seria, um Estado envergonhado). A

passagem de nível com barreira declarada sumariamente centro. Corre um ar cortante como, de resto, por toda a distante Chars, aqui, entre as barreiras levantadas, ainda mais, embora seja apenas um arzinho na tarde quente e tranquila de verão, um ar de abandono e de exclusão. As vias-férreas talvez tivessem estado cercadas em tempos. Disso restou, depois da barreira, um poste de betão com um cartaz afixado, de novo um cartaz, que parecia estar ali há muito tempo, bastante amarelecido, a fotografia de um homem jovem, acompanhada da data de falecimento, acrescida do dia e da hora. Sem querer, Alexia benzeu-se diante da foto do suicida — se é que o é — e o acompanhante imitou-a de imediato, sem saber como aquilo acontecera. Era visível que Valter nunca se tinha benzido na vida. Contudo, faz o sinal da cruz como se o tivesse feito desde sempre. Depois, olhando por cima do ombro para trás, a barreira, cruzando a imagem na diagonal, não só como algo antiquado, mas sobretudo como um erro na imagem daquele lugar; perturbação da imagem; corpo estranho.

Depois convidou o rapaz «para um copo» no único bar de Chars na época em que se passa esta história, o «Café de l'Univers», do outro lado da barreira da via-férrea. A caminho do bar, passaram em frente a uma casa do fundo dos séculos, construída apenas de pedra em bruto, cuja escada exterior, de pedra, apoiada também em pedra bruta, com uma entrada no muro debaixo da escada como para uma arrecadação, trouxe a Alexia algo à memória. Consolo, um consolo estranho ou não, depois de passar um tempo mais ou menos em plena natureza, caminhar ali, entre casas antigas, aqui e ali coladas umas às outras, também entre ruínas.

O «Café de l'Univers» deserto ao princípio da tarde. Vozes só as da televisão que transmite sem parar corridas de cavalos, sempre de hipódromos com nomes terminados em «au»¹⁰, «Friedenau», «Freudenau», «Las Vegas»..., «La Vega del río Tormes», mas também com nomes próprios do país: «Auteuil», «Enghien», «Vincennes». Uma e outra vez vencedores inesperados, favoritos desqualificados e nenhum apostador no bar que, à chegada da meta, se pusesse a olhar fixamente para o boletim de apostas e depois talvez desse um grito. O dono, em vez de estar atrás do balcão das bebidas, está diante da estante do tabaco, porque a esta hora, e a todas as horas em geral, é ali que são de esperar clientes. Este homem, a trabalhar todos os anos anteriores como dono do bar, sempre com a mesma carranca mal-humorada e irritada, de alguém que foi parar a Chars contra a sua vontade e feitio, recebe agora, saltando praticamente da zona dos cigarros para a das bebidas (à qual só se foi habituando a pouco e pouco), aqueles dois com um sorriso que até a ele parece inquietante, de tão estranho que é. O sorriso, mais do que aos dois clientes, dirige-se na verdade à mulher que, tal como ele, se apressou para junto do balcão para servi-los, só que vinda da outra direção: o bar tem, desde há pouco tempo, uma cozinha anexa, o «Café de l'Univers» dispõe também de um pequeno restaurante, a cozinheira é a mulher, com a qual o patrão forma, também desde há não muito tempo, um casal. Esta

mulher, com o seu entusiasmo contagiante por tudo aquilo em que toca, não apenas as coisas de comer na cozinha minúscula, como bem se vê, onde trabalha num espaço mínimo como se fosse de facto *l'univers*, o universo, transformou, em primeiro lugar, aquele resmungão, de uma maneira que ao mesmo tempo lhe faz tão mal, a ele, que quase chega a temer por si, pela mulher e pela felicidade a dois, veja-se o seu sorriso. Mas antes de mais: «Feliz começo, não só para a cozinha!»

Apesar de o bar estar vazio, Valter e Alexia levaram bastante tempo a encontrar lugar. Não podia ser um lugar errado — tinha de ser o lugar certo, o adequado. E nenhum dos dois conseguia decidir-se por uma das mesas. Só para um: sem problema. Mas decidir pelo outro, o praticamente desconhecido: impossível. Assim, andaram de mesa em mesa, que ao todo não eram mais do que três ou quatro, puxaram cadeiras, voltaram a pô-las no sítio. Nenhum dos lugares servia, e não era só pela televisão, que dominava por completo o espaço com os cavalos (com o tempo, também a esqueceriam ou talvez não tivesse um efeito assim tão desagradável). Mas encontrar um bom lugar, adequado, fosse para o que fosse, era imprescindível nesta hora. Havia algo em jogo. Não era que disso dependesse qualquer das horas seguintes, menos ainda o dia seguinte, para não falar já do futuro, mas sim a hora presente. Havia em ambos, nele como nela, essa exigência. Tratava-se de se afirmarem como dois.

Em vez disso, era o andar de um lado para o outro de um deles aqui; ali, a outra a ir de uma ponta à outra do «Café de l'Univers». Indecisão dramática deste par de jovens. Não deveria ser ela, uns anos mais velha do que ele, a decidir o lugar? Ou não, pelo contrário, ele, na qualidade de «ele»? Mas como ele evitava o olhar dela, quando desde aquela manhã, mesmo na ausência dela, da ladra de fruta, o procurara com tanta insistência! Dali a nada sairia a correr para a estrada, uivando como um animal, e desapareceria para nunca mais ser visto, iria atirar-se para debaixo de um dos camiões que circulavam uns atrás dos outros (era uma das principais artérias rodoviárias entre a Île-de-France, a Normandia e a Picardia), era a sério, sim, também isso era para ele, o rapaz, absolutamente sério, uma coisa séria. E ela, na sua recidiva no papel de Hamlet feminino, que pensava desaparecido, e, como sempre, retorcendo as mãos e/ou roendo as unhas, sentiu em si, jovem como era, e tão séria como o rapaz, sentiu vontade de lhe bater, a ele, o seu irmão gêmeo na indecisão, expulsá-lo do bar e afastá-lo para longe de si com os punhos, para nunca mais o ver, para vê-lo surpreendido pelos pneus gêmeos do camião seguinte e ainda do que viesse depois. Como pareciam jovens os dois vistos de fora, sem que tivessem consciência da sua juventude; que jovens, precisamente pela indecisão partilhada que os atingia, tanto a ela como a ele, como uma desgraça vivida na pele; jovens de dar inveja? Disparate: radiosamente sérios, contagiosamente jovens.

Foi o casal de donos do «Café de l'Univers» que, sem intenção de ajudar, ajudou os dois a sair da indecisão. Abriram uma porta que geralmente estava

fechada, e A. e V. encontraram por fim lugar a uma mesa, em cima de um estrado de madeira ligeiramente alteado, que lembrava uma pista de dança antiga, lá fora, ao ar livre, num jardim cheio de tralha, mais depósito de tralha do que jardim. Este jardim era, na verdade, um espaço recentemente criado para atrair clientes, já de si pelo silêncio em comparação com o interior do bar. Este lugar, atrás do bar, fora pensado só para clientes habituais, *habitués*, que até agora ainda não tinham aparecido, mas talvez estivessem a ponto de chegar.

O dono passou o pano pela mesa e pelas cadeiras, também elas ferrugentas, e a sua «*darling*» — assim lhe chamava, outra palavra estrangeira que, ao sair-lhe da boca, a retorcia como se sentisse dor — trouxe os copos e juntou-lhe os petiscos preparados como aperitivos para o jantar, que em francês se chamam «*amuse-gueules*» e, em alemão, abrindo menos o apetite, seja do que for, se chamam «*Appetithappen*». O pão do moinho era um bom acompanhamento.

Vendo esta cozinheira, Alexia e Valter, praticamente mudos desde o seu reencontro nos prados do Viosne, começaram a falar um com o outro. De Valter, que, espantoso para quem entrega pizzas — ou não —, repartiu e organizou, com jeito de especialista, todos os aperitivos que estavam no prato comum, saiu: «Nunca vi uma cozinheira com uns cabelos tão compridos, assim, descobertos!», e, de Alexia: «E tão loiros e lisos, com duas, oh, três madeixas mais escuras pelo meio!»

Mais tarde, sentados à mesa do estrado, com a tralha do jardim diante deles e a vista virada para sul, rio abaixo, em direção ao vale por onde tinham vindo, ficaram outra vez sérios. Ele falou e contou coisas, ela ouviu-o.

«Não é novidade nenhuma que os jovens se suicidam. Se calhar sempre foi assim, haver gente da tua idade e da minha que, como dizia a minha mãe, “foram pelo próprio pé”, e que o número de jovens suicidas se tenha mantido também mais ou menos elevado, independentemente da época, ou seja lá como se diz. O que a mim me preocupa é que esses jovens que hoje em dia vão pelo próprio pé estão a fazer uma afirmação, com a sua morte voluntária, sobre o nosso tempo; combatem-no de tal forma que o maldizem e renunciam a ele, para, afinal, mudar os tempos atuais. E, nesse sentido, estamos a viver, quer-me parecer, numa época especial, não é? Num dos países da Europa que, em dada altura, já lá vai tanto tempo, foram batizados “os países atrás da Cortina de Ferro”, não me perguntes por quem, viveu um jovem não há tanto tempo assim. Chamava-se Zdeněk Adamec. Chamava-se? Chamava-se e chama-se Zdeněk Adamec. Não, não se chamava Jan Palach. Jan Palach foi aquele outro jovem que, no ano de 1968, creio, se suicidou em frente a toda a gente, na Praça Venceslau, como forma de protesto contra a entrada das tropas soviéticas na então Checoslováquia para manter a Cortina de Ferro. Se se regou com gasolina e imolou pelo fogo, se fez como o rapaz chinês que, na Praça da Paz Celestial, ou lá onde foi, se atirou para debaixo de um tanque, já não me lembro. Zdeněk Adamec é do mesmo país, mas cometeu suicídio, *il a*

commis suicide, que expressão, não é, mais tarde, sem mais nem menos, décadas depois de ela ter caído, de se ter evaporado, a coisa de ferro, sem fazer barulho de rasgadura, sem tiro nem queda, nada de *Cortina Rasgada* à Hitchcock, não é? Mas a morte de Zdeněk também foi de protesto. Peço desculpa se me refiro a ele só pelo nome próprio, normal mente não gosto de o fazer, sobretudo em relação a estranhos, pessoas que não conheço ou não conheci. Mas, em relação ao Zdeněk, é como se o tivesse conhecido. Porque conheço o Zdeněk — por dentro! Para mim é o Zdeněk, sem apelido, tal como o Gaspard é só Gaspard, Blaise Pascal, Blaise, Chrétien de Troyes, Chrétien, Zinédine Zidane, Zinédine, Johnny Cash e Johnny Hallyday são Johnny Um e Johnny Dois, Nicolas Poussin, Nicolas, Georges Bernanos, Georges, Emmanuel Bove, Emmanuel, Rokia Traoré, Rokia e você — desculpe tê-la tratado por tu — é Alexia. Nunca chamaria Obama, Putin, Clinton, ou seja lá como se chamam, pelos nomes próprios, se tivesse de falar deles, ficariam omitidos sem mais, quando muito o Donald Trump poderia e deveria continuar a manter o seu. Zdeněk deixou o mundo como ato de protesto não contra algo de atual, não contra algo que estivesse a acontecer perante os seus olhos — sobretudo uma injustiça de bradar aos céus, de um país, um Estado, contra outro, de um sistema social que marcha como o único capaz de gerar felicidade —, não contra um sistema, ou não-sistema, que também promete gerar felicidade, mas que, pelo menos para fora, nos gestos e na linguagem, anda com pezinhos de lã, nas pontas dos pés, como se estivesse com todos os cuidados para não incomodar o vizinho doente. Zdeněk catapultou-se do mundo para fora para protestar contra o mundo. Contra a existência? Contra a infelicidade de ter nascido? Contra o ter sido atirado para a existência sem lhe terem perguntado? Possivelmente contra o universo inteiro, que nega qualquer tipo de resposta, contra o silêncio dos espaços infinitos? Deixa-me rir. Do pouco que sei do Zdeněk, estava agarrado à vida como só uma criança pequena pode estar. Existir, existir pura e simplesmente, sem perguntas, tinha significado para ele, teve toda a sua vida, na verdade foi tudo para ele. Do universo, como algo facilmente calculável, mas insondável, não esperou nenhum tipo de resposta a questões existenciais, e venerava-o em silêncio. Segundo consta, adorava as mulheres, mas até ao fim praticamente não foi visto na companhia de uma mulher. No entanto, ao que parece, quando jovem tinha qualquer coisa de noivo, calmo e empolgado ao mesmo tempo, como que febril, em todo o caso sempre na expectativa, pronto, com ou sem flor na lapela. Uma vez abraçou tempestuosamente uma pessoa que não conhecia de lado nenhum. Outra vez beijou a mão de uma arrumadora no teatro — ia quase todos os dias ao teatro, em Praga, Brno, Znojmo ou noutro lugar. Outra vez ainda, dizem que Zdeněk subiu ao bairro de Hradčany e, durante uma missa na catedral de S. Vito, ao regressar da comunhão, de hóstia na boca, enfiou o braço numa estátua de um santo. E dizem que em Brno, na casa onde morreu um poeta, escreveu com *spray* numa placa comemorativa, parafraseando um verso do poeta: “Obrigado pelo sal em casa!”¹¹ As suas

leituras, à semelhança das idas ao teatro: sobretudo clássicos, só livros, nada de jornais, nada de televisão. O que mais gostava era de estar sentado nas orlas dos bosques, a sentir o vento, o vento do mundo, como o tinha batizado; era “O sentado ao vento”, como os amigos o conheciam, como se diria em checo?, com que sons? Permaneceu desinformado até ao fim dos seus dias, ignorando as notícias do mundo, cego às respetivas imagens. “Fora com a vossa informação!” — com o que foi ostracizado pelos amigos. Quando em toda a Europa se fez publicidade da profissão de jornalista em cartazes gigantescos, com o *slogan*: “A informação é uma vocação”, Zdeněk voltou a usar o *spray*, de uma forma completamente diferente da de Brno, e, quando o Papa, em Roma, o atual ou outro, anunciou, na bênção *urbi et orbi*: “Deus ama a informação!”, Zdeněk escreveu-lhe a primeira carta de uma série de envios postais, também destinados a outros líderes mundiais — todos sem resposta —, e acabou na sua própria fogueira, que acompanhou com um último envio postal, destinado a ninguém em particular, mas ao mundo inteiro, assinado “Zdeněk Adamec, o filho da minha mãe”. Ou estarei a imaginar tudo isto? Será que o sonhei, esta madrugada ou noutro momento? Morto de uma maneira ou de outra, o Zdeněk, que existiu, que viveu como só um Zdeněk tinha de viver, nu como um recém-nascido e indefeso até à morte. —»

Neste ponto, Valter foi interrompido por umas palmas, que eram ao mesmo tempo palmas para pôr fim ao relato, e por uma voz que disse: «Obrigada pela palestra, jovem.» Um homem velho, que tinha passado despercebido a ambos, disse isto sentado a uma das mesas que ele próprio tinha levado do «Café de l’Univers» para o jardim da tralha, não de forma desagradável, mas sim como se estivesse há algum tempo a participar na conversa e já tivesse ouvido que chegasse, e continuou logo a falar, com uma taça de vidro cheia de avelãs à frente, que partia com um quebra-nozes, acentuando, por assim dizer, o palavreado: «O ano passado foi declarado o ano da compaixão; o anterior, o ano das mulheres maltratadas; o anterior, o ano do cardo de prata; o anterior, o ano dos atacadores rasgados, e o ano que vem? Quem sabe. Eu, pela minha parte, declaro este ano o ano das avelãs. No ano passado: quase todas as cascas de avelã estavam vazias ou carcomidas dos bichos. Mas este ano: avelãs gordas e sãs e numa quantidade que nunca vi, uma única vez, na minha vida que já vai quase nos oitenta anos, nem sequer no grande ano de avelãs que foi 1944, com as primeiras avelãs maduras a cair, como agora, em agosto, pouco antes da última batalha da guerra mundial, aqui, no nosso Vexin. Ainda era uma criança na altura, esguio, magrinho. Muito pesadas, não, pesados estavam os meus bolsos das calças, a abarrotar de avelãs, *noisettes*, que me puxavam para o chão. Que belo puxão, peso abençoado. E o barulho das avelãs ao andar, esquerda, direita, nos dois bolsos, tão simpático, e ao andar mais depressa, ao correr — por uma vez, não tinha de fugir, não tinha de fugir a correr. Saí a correr assim sozinho, por minha vontade, uma brincadeira. O facto de as avelãs serem sobretudo uma coisa de comer, e não só um alimento

de emergência em tempos de guerra, não contava então. Mas agora, no ano recorde de avelãs desde pelo menos 1848 — dos séculos anteriores não há dados quanto às colheitas de avelãs, mesmo nos arquivos paroquiais mais detalhados do Vexin —, comê-las com prazer é no mínimo tão importante como recolhê-las do chão, o que entretanto me custa mais do que naquele tempo, e não só porque no fim da guerra cresci para o dobro do tamanho. Naturalmente, para gente como nós, *nous autres, nosotros* — repito, agradecido, a palavra que você, jovem, acaba de empregar —, é melhor torrar primeiro as avelãs e além disso sabem-me melhor assim do que cruas e quase duras como uma pedra. Agora olhem para aqui, vocês os dois, vejam o que têm de especial as primeiras do ano, não só as deste ano, as avelãs que caem de maduras das avelaneiras, *noisetiers*. Olhem para aqui, por favor, esta avelã na sua casca partida, partida com um quebra-avelãs especial, *casse-noisette*, não é um *casse-noix*, não é um quebra-nozes, cujas hastes são demasiado afastadas para as avelãs, as pequenas, silvestres, não plantadas, da nossa região, das quais cabem entre quatro e sete numa noz: é sã esta avelã, rajada, com um reflexo amarelo esverdeado, um ovo *en miniature*, como um ovo decorativo feito de madeira acabada de polir, madeira de avelaneira, mas, vejam, agora tiro o ovo minúsculo da casca — primeiro é preciso descascá-la com jeitinho, não com força, senão o fruto parte-se em dois! — e o que é que vocês veem?, c'os diabos, então não veem? Abram os olhos! — ah, finalmente estão a ver!: o miniovo, uma das primeiras avelãs maduras do ano, não sai assim tão facilmente da casca, fica agarrada a ela. Ai, as minhas pontas dos dedos estão demasiado fracas, ficaram sem sensibilidade. É a sua vez, minha jovem! Pegue na avelã entre o polegar e o indicador e retire-a, pouco a pouco, milímetro por milímetro, da casca. Isso. Mas nada de abaná-la. Não arrancar! A avelã está agarrada a uma das pontas, mas a outra está livre e solta. Com o indicador da mão livre, tem de apertar a ponta que está solta, fazer pressão, mas com suavidade. Mais suave! Com cuidado! E o que é que veem agora? Sim, a outra ponta do ovo-avelã, a que fica agarrada à casca, efeito alavanca, eleva-se no seu leito e continua agarrada a ele. Com a penugem? Com a humidade do nascimento na humidade do parto da casca-mãe? Errado. Olhem bem: a avelã não está colada à casca, está pendurada nela! E pendurada a quê? Certo: a um cordão que sai no interior da casca, ali, onde está enfiada na gola franzida das suas folhas e é alimentada — casca e cordãozinho — pela progenitora, a avelaneira silvestre. Não puxe pelo cordão, pelo amor de Deus, senão rompe-se! — afinal, foi ele que alimentou o fruto e o fez amadurecer assim — vejam!, como uma das primeiras, se não a primeira avelã madura do ano aqui, ainda por cima, o que é uma raridade para as primeiras avelãs, sã, sem uma única picada de inseto na casca, nem os embriões dos bichos a carcomeram, tem uns sinais de quererem começar, vejam, mas a casca-mãe não está picada, de tão dura que é, e assim robusteceu toda a avelaneira e, com ela, também a casca, e os milhares e milhares de avelaneiras e cascas aqui da nossa região, neste verão que, não sei se acham

também, é o verão do século, embora se calhar só aqui, no Vexin, e também só no que diz respeito à colheita de avelãs. E agora, *mademoiselle*, despegar da casca o cordão que liga o fruto à casca, muito delicadamente, com as unhas. Para isso é decisivo prestar atenção para que o cordãozinho que alimentou a avelã até ela ficar madura continue ligado a ela! Numas instruções de uso, isto estaria escrito com letra bem gorda e com um ou até dois pontos de exclamação, talvez até o seguinte: Agarre agora de novo, com o polegar e as pontas dos dedos, o cordão umbilical da avelã — chamemo-lo finalmente pelo nome — pela extremidade solta — é espantoso como é resistente, quase um fio de cânhamo, não é? —, e puxando para cima, devagar, com cuidado, é um trabalho milimétrico, para não dizer micromilimétrico, porque ainda pode haver fibras a unir por baixo avelã e casca, e, se houver um puxão súbito, pode ser arrancado com elas o cordão, aparentemente tão resistente, do fruto. Sim, é assim mesmo. Assim está bem: a avelã pende, quieta, dos seus dedos jovens, não caiu como se esperava, não vai cair, mesmo que comece a oscilar como agora. Continue a segurá-la assim, quieta. Nada de abanar, nada de agitar. Deixe só o braço esticado. E, aí está, o oscilar transforma-se num movimento pendular, completamente regular, para lá e para cá, para cá e para lá, sem a intervenção de nada. Deixe-a continuar com esse movimento pendular durante um bocadinho. Não é o movimento pendular de um relógio. Maldito tempo. Malditos relógios. Mas o movimento pendular, vejam bem, não tem de resto significado nenhum. Ah, movimento pendular, belo, bom, amado! Ah, já são cinco horas. “*Cinq heures, heure de la mort!*”, como dizíamos quando éramos miúdos. Cinco horas, hora da morte.»

De repente, o velho tinha-se levantado, quase de um salto e, com a taça de vidro cheia de avelãs descascadas, tinha ido embora, sem olhar ou cumprimentar à despedida, de regresso ao seu lar de idosos, que, em Chars, não era o único; o seu, chamado «Beausoleil» ou coisa parecida, com vistas para a via-férrea, onde os dois pares de linhas entre os cais irradiavam um brilho claro de metal, ao passo que as restantes, entre as sete e as treze, estavam cobertas por um obtuso castanho enferrujado e atiradas por ali, fragmentos em parte, flanqueadas por cardos e outra vegetação alta, silvestre; nos mesmos tons de ferrugem, também as sete a treze agulhas desativadas, distribuídas pelo terreno morto das linhas em que tinham estado em uso, erguendo-se todas no mesmo ângulo agudo; as alavancas, uma igual à outra, continuavam espalhadas pelo terreno e elevadas na direção das mãos de um ou outro funcionário da via, que as iria manobrar para baixar ou levantar no momento seguinte.

Durante a noite, esta zona ferroviária ficava iluminada, ao que parece, por uma luz mortíça; os candeeiros estavam colocados mais próximos uns dos outros do que os da iluminação local que, com distâncias irregulares, davam uma luz igualmente mortíça. E ele, no seu banquinho, junto à janela, no seu «Beausoleil» ou «L'âge d'or» ou, o nome que ele pessoalmente dava ao lar, «Quai des Brumes», contemplava, até que as pálpebras se fechassem pela

enésima vez — abria os olhos de imediato, sempre, porque tinha horror de adormecer —, a linha férrea com as silhuetas das agulhas que estavam ali como que de vigilância, e exercitava-se tanto tempo quanto podia na arte de ir ignorando o ressonar, também os gemidos, gritos, lamentos e respirações sufocadas dos quartos vizinhos, a que chamava, com uma palavra em árabe, *dikr*. Significava, entre outras coisas, também «recordar», mas para ele era «rememorar», «trazer à memória». No ritual religioso, «*dikr*» não se limitava a «recordar a Deus»? No entanto, para ele não se tratava de outra coisa senão o rememorar puro, sem relação com ninguém nem com nada. «Trazer à memória» os mortos? Mais nada a não ser trazer à memória.

La passar o final do dia de hoje no restaurante aberto há pouco tempo, do outro lado da via-férrea, quase em frente ao edifício da estação, fechado há quase uma década. Chamava-se «Antananarivo» e oferecia, a par de alguns pratos conhecidos da cozinha francesa, sobretudo especialidades de Madagáscar, de onde viera a família do dono, a mulher, irmãs, primas, primos e filhos, do oceano índico até Chars. Segundo o cartaz com o programa do final da tarde, afixado também no «Café de l'Univers», o negócio da concorrência, haveria uma banda malgaxe a tocar durante o jantar, a cantora também era de Madagáscar, a reserva de mesa era obrigatória, seria um «*diner dansant*», um jantar dançante. O velho tinha lá ido de manhã e reservado uma mesa «para dois», apesar de saber que ficaria sozinho e seria de longe o mais velho de toda a sala, além disso o único residente em Chars, todas as outras pessoas viriam de outros lugares, alguns até fariam a viagem de propósito, e quase todos nascidos ou descendentes da ilha de Madagáscar, as mulheres enfeitadas com grinaldas, como se fossem de muito mais longe ainda, dos mares do Sul, do Taiti ou de outras paragens. A maioria estava radicada nas Cidades Novas, na periferia de Paris, vinham, conduzindo ou trazidos, em todo o caso de automóvel, não só das proximidades, como Cergy-Pontoise, mas também de Saint-Quentin-en-Yvelines, ou ainda de mais longe, do sul ou do oeste de Paris, de Évry, de Bondy, e, sentado à sua mesa, era como se nas outras mesas, muito maiores, às vezes até mesas de banquete, estivessem sentados, mesa após mesa, todos os imigrantes de Madagáscar radicados na Île-de-France, naquela mesa ali todos os malgaxes de Cergy, na outra a seguir todos os de Évry, na outra a seguir todos os de Saint-Quentin-en-Yvelines. Via-o assim de cada vez? O restaurante só existia há pouco tempo, ainda nem há dois meses, e de cada vez, porque estes jantares com baile a seguir aconteciam de quinze em quinze dias, ao sábado, e ele desejava — sim, ainda tinha desejos — que continuassem assim, pelo menos até ao inverno, e, se calhar, se Deus quisesse, ainda até à primavera seguinte. E hoje era outra vez um desses sábados e até em Chars iria haver muita diversão; se não houvesse em mais lado nenhum, de certeza que haveria no salão luminoso e quente, onde, além disso, as grinaldas que coroavam as cabeças das bailarinas ondulariam com as grinaldas mais abaixo, que cingiam os seus corpos. Perante aqueles que dançavam ali para si mesmos, os que dançaricavam —

adultos, crianças, talvez até pessoas mais velhas, uma, duas, dançando juntas —, não estaria no papel do espectador de um desses grupos de dança que viajam pelo mundo, que se admiram a troco de dinheiro. Não, não precisaria de admirar como espectador aqueles que dançavam, não teria de aplaudi-los no final; em vez de estar prisioneiro numa plateia como espectador, não faria outra coisa senão assistir, alegrar-se, espontaneamente, alegrar-se com os bailarinos e ao mesmo tempo consigo, aquele que participaria assistindo. Começaria a brincar com as avelãs que levava nos bolsos, pegaria num punhado delas, um punhado pouco apertado, e abriria este, preenchido de avelãs, diante das pessoas que passassem à sua frente, dançando, como uma oferta, para que tirassem e provassem — é possível que ninguém aceite a sua oferta, será que há um alimento assim em Madagáscar, mesmo na capital, Antananarivo? Serão aquelas coisas comestíveis sequer? «Antananarivo»: é também o nome que atrai o velho ao restaurante: já em novo não se fartava de ouvir nomes de localidades: Maracaibo e Antananarivo. Na mesa, na outra, a do «Café de l'Univers», agora também as cascas partidas por ele, um monte de escombros, um «caos» (como em geologia se chama a um deserto de rochas da era glacial), e não forçosamente concordante com os nomes sonantes das cidades, ou talvez sim. Sobretudo não adormecer já! E, contudo, acabava por cabecear, uma e outra vez, e mais outra. E num dos seus sonhos breves, ver-se-ia a si mesmo, o velho, montado num triciclo de criança, andando em círculos.

Ainda é cedo, ainda falta muito para o anoitecer. No entanto, a ladra de fruta e o seu acompanhante deveriam começar a pensar em ir indo. Mas ainda podem ser vistos em Chars e na verdade de novo num restaurante, o *kebab vis-à-vis* do «Café de l'Univers». Como assim? Vontade de descobrir. Espírito investigador. Investigar e descobrir num barzeco ao lado da estrada que atravessa a povoação?

Não estava pensado para ser assim. Primeiro era para ser uma investigação do lugar, como se o mais adequado, num lugar estranho, para mais nesta desconhecida cidade de Chars, no extremo norte da Ile-de-France, antes da transição para sabe-se lá onde, fosse fazer as honras, entrando em todo o lado, nas casas. Tentaram com a igreja: fechada, não havia nenhuma missa vespertina de sábado anunciada, a missa seguinte seria só no outono, depois do começo das aulas; acima da ponta trancada, a torre, larga como uma torre residencial, como a torre de um moinho; por cima, corvos a gritar como gralhas, como em outubro. A padaria. Teve honras. A florista? Tinha ramos *en masse* diante dela, como numa capital: ficaram do lado de fora. O edifício da estação: as janelas estavam tapadas com tábuas bem pregadas, as portas entaipadas. O «Antananarivo»: cheirava a pratos de Madagáscar, mas era inacessível, esperando o jantar festivo. As covas nos rochedos nas escarpas do ribeiro: acesso fechado a cadeado. A farmácia: o que poderia causar espanto nela? Resta investigar e, com isso, prestar as honras devidas ao lugar, só o barzeco ou a barraca de plástico do *kebab*, com traços de um palácio oriental,

importado do Curdistão para Chars.

Além disso, Alexia, a ladra de fruta, estava com fome por causa dos aperitivos e, quando o afirmou, o seu acompanhante também declarou que estava com fome, tal como ela. Mas no fundo, naquela Chars desconhecida e, contudo, hospitaleira, tratava-se sobretudo de adiar tanto quanto possível o que estava para vir neste dia da sua história, fosse o que fosse; seria porventura intenção da ladra de fruta e da sua história ir por desvios, uma e outra vez, para depois poder contar a história mais a direito, também com maior rapidez? A direito? Rapidez? Outra vez: quem sabe.

A barraca apalaçada do *kebab* não tinha esplanada, mas a porta estava aberta de par em par, a cortina de contas de vidro estava arredada para um dos lados e arranjaram uma mesa para Alexia e Valter meio em cima do passeio. A mesa era estreita e sentaram-se em dois bancos de plástico, ao lado havia espaço para os que entravam e saíam, que, ao contrário deles, levavam a comida para casa ou para o comboio. Nas suas costas, um canal da televisão curda no exílio, cujo som tinha sido baixado à entrada deles, e perguntaram-lhes ao mesmo tempo se queriam ver um canal francês; o não de ambos não foi pronunciado em unísono; o do rapaz seguiu-se ao dela. De qualquer forma, o que se dizia em curdo mal se ouvia, o trânsito na estrada diante deles, que atravessava a localidade, já em ritmo de fim de dia de trabalho, aumentou até se transformar numa barulheira e num rugido quase ininterruptos, nada esporádicos como se esperaria em princípios de agosto. Só quando, a certa altura, baixaram as cancelas do caminho de ferro, a uns passos de distância, é que se passaram a ouvir sílabas e também palavras inteiras da língua desconhecida, sons suaves, que soavam bem no meio daquele silêncio súbito na estrada, quase cantados, e talvez não fosse só pelo contraste entre aquele falar e o rugido e estrépito dos motores; no entanto, o que se ouvia na televisão curda eram praticamente só números a ser recitados, acompanhando séries de imagens de todos os produtos imagináveis, para o que não era necessária tradução: o canal era um canal de vendas, com sede em Düsseldorf, no Luxemburgo ou sabe-se lá onde.

Passado o comboio e depois de abertas as cancelas, podia ser um prazer estar outra vez sentado no meio do barulho do trânsito? Já antes tinha sido um prazer; um alívio não ter de ouvir nada isoladamente, nem uma voz nem um ruído, nenhum pigarreio, nenhuma tosse, nenhum espirro; nenhuma porta a bater, nenhum tacão a estalar, nenhum travão de mão a ser puxado, nem um só grito de gralha das alturas do campanário. Nada a não ser o rugido, o bramido, o estrondo, o estrépito uniforme e, por baixo dele, um bramido que enchia o lugar e, para lá de Chars, o vale, que em breve já quase não seria vale nenhum, não o vale do Viosne nem outro, tal como Chars já não era aquela Chars especial, mas sim uma caixa de ressonância gigantesca, sem nome, agitada, que não queria ter fim?, que não iria ter fim.

Ouvir agora alguns dos camiões, os pesados, sobretudo os que tinham reboque, e também alguns dos de grandes dimensões, muito compridos, fazer

soar as buzinas como apitos de transatlânticos, no meio desta devesa selvagem — embora, escutando atentamente, só meio selvagem —, era, no meio do bramido e do rugido, quase incomodativo: a ilusão que aquelas buzinadelas davam, tão longe do mar, ameaçava o benefício do barulho geral, diminuía o prazer de ouvi-lo, que era só barulho, aqui e agora, para lá de toda a ilusão. Para o diabo com este barulho aqui? Para o diabo com as ilusões, pelo menos destas. Esta era, por certo, a estrada que levava a Dieppe, pela costa atlântica, e também se chamava assim, *Route de Dieppe*. Mas para já o mar ainda ficava longe, a uns bons cem quilómetros a noroeste. E além disso: agora nada de mar, nada de sair daqui em direção ao mar. É aqui. É aqui que está a acontecer, aqui e agora, no interior do país. É verdade: a *Route de Dieppe*, a estrada departamental 915, depois de sair da Île-de-France, no troço que atravessa a extremidade ocidental da Picardia até à transição para a Normandia — Dieppe é o término —, tem, além disso, o cognome de *Route du Blues* e começa logo no cimo do planalto do Vexin, pouco depois da saída da localidade de Chars, uma milha americana e umas tantas verstás russas antes de chegar à aldeia de Bouconvilliers, onde, diante da casa de pasto «Cheval Blanc», junto à *Route du Blues*, os pesados estacionam um atrás do outro à hora do almoço, mais ou menos a meio caminho entre Paris e o mar. Porém, no tumulto que antecede agora o fim do dia de trabalho, na confusão ensurdecedora, por um lado e, por outro, como que apagando-se no meio da barulheira, não havia ponta de *blues*, nem sequer o resquício remoto da lamúria de um *blues*.

Nada que seja incómodo entre a ladra de fruta e o seu acompanhante, nenhuma palavra, nenhum olhar, nem outro olhar de Valter para ela, dissimulado ou de soslaio — o que fizera com que Alexia abanasse a cabeça em sinal de recusa; um olhar fixo que a fazia sentir-se, sem que se apercebesse verdadeiramente, fora do ritmo. Mas agora nada de olhares de lado. Sentados à mesa de plástico do *kebab*, ambos olham unanimemente em frente, em direção a sul, com as costas voltadas para a sua meta, seja esta a que tiver de ser; no plano médio, atrás dos automóveis, atrás da folhagem, as torres dos moinhos e, por cima, o céu azul sem uma nuvem. Porém, agora, sem contar, apareceu uma subitamente no azul, uma única, sombria, grande. Mas não: isto não é uma nuvem, é antes a imagem remanescente, escura, de uma árvore verde-clara de folha caduca. Mas ali, o único passageiro do autocarro da tarde, que acabou de passar à frente da fila interminável de camiões, não era a mãe? Não, não podia ser. Porque desde quando andava a mãe, a chefe, a banqueira, de lenço na cabeça e se sentava toda encolhida no assento, uma camponesa, se não uma serviçal? Por outro lado: a mãe não se incluía sempre entre os «prontos a servir»? E o sorriso vindo das traseiras do autocarro não era o sorriso incomparável da mãe, não contando com mais nada senão o sorriso puro e simples, e que sorriso!?

Depois uma mulher que ia a pé, do outro lado da rua, visível atrás dos carros só por instantes, e só em traços isolados, um braço balançando, um

brinco, um traseiro, uma mulher jovem a caminho de forma tão evidente como segura do destino, uma mulher das redondezas. E também ela lembrou uma conhecida à ladra de fruta, uma conhecida próxima, embora num sentido diferente do que a mulher mais velha no autocarro fizera lembrar a mãe. Ia ali seguramente alguém que ela conhecia, só não tinha consciência de quem era. Não passava de uma vaga sensação. Mas esta dizia-lhe: não é boa pessoa. Um adversário. Uma inimiga! E, ao mesmo tempo, levantou-se de um salto e acenou à pessoa que ia a pé, e esta, após olhar fugazmente para a barraca do *kebab*, estacou depois de um passo, acenou-lhe no mesmo momento, com ambos os braços, e dispôs-se a passar para a margem deste lado, no meio de automóveis e camiões que passavam a grande velocidade.

Um pé na estrada e, logo de seguida, antes do camião seguinte — não havia abrandamento possível naquela caravana densa, sem brechas, e muito menos uma travagem — saltou para trás. Mais uma tentativa, e outra, e assim sucessivamente: o mesmo procedimento, meio passo à frente, meio passo atrás. De momento não era possível atravessar a departamental 915, e isso deu a Alexia, depois de, também ela em vão, tentar ir ao encontro da outra, tempo para pensar: quem era aquela? De onde se conheciam?

Era isso: tinham frequentado a mesma escola em Paris, tinham andado na mesma turma, tinham feito os exames finais juntas, há alguns anos. E não: a outra não fazia parte do grupo das suas inimigas, pelo menos não do círculo que a sua maior inimiga tinha reunido em torno de si. Naquela altura parecia-lhe uma lei: a cada ano letivo, de ano para ano, uma nova inimiga. Desde o fim dos tempos de escola: nem uma só inimiga, em lado nenhum. Inimizades, sim, dirigidas a ela sem que ela percebesse porquê, mas não inimizades declaradas, exercidas, duradouras, como aquelas com que se vira confrontada ano após ano, ela para quem a inimizade era algo de fundamentalmente estranho. Mais nenhuma inimiga que estivesse literalmente, com unhas e dentes, virada para destruí-la: algo que continuava a parecer-lhe sinistro. Portanto, sentia falta das inimigas mortais do ano tantos de tal? Isso não. De maneira nenhuma. Salvo seja!

Não, aquela que continuava a fazer gestos com os braços, sempre com sorrisos, sem impaciência, pronta do outro lado da *Route du Blues*, saltitando de vez em quando sem sair do sítio, visivelmente de alegria, não era nenhuma inimiga de outros tempos. E, no entanto, durante os tempos de escola passados juntas, se dela tinha irradiado alguma coisa, lembrava-se Alexia agora, era uma indiferença nociva, sim, maléfica, e não só em relação a ela, a companheira de carteira: era um desinteresse agressivo por todos os colegas de turma; uma espécie de fogo defensivo ininterrupto, que disparava através dos cantos dos olhos, mas também dos cotovelos a apontar para fora, e dos joelhos em quilha. Mesmo quando uma vez, uma única vez, chorou, por uma razão qualquer, ou também sem razão — a ladra de fruta tinha agora aquelas lágrimas diante dos olhos, mais claras e próximas do que naquele momento, na situação real —, as lágrimas irrompiam dos globos oculares inalterados,

fixos, de olhar ameaçador, como parte do seu constante fogo de barreira, intensificando-o porventura: deixa-me! Ninguém se atreva a tocar-me! Fiquem longe de mim — todos! Fora convosco! Desapareçam-me da vista! Evaporem-se, vocês e os vossos cúmplices!

Foi preciso que a cancela baixasse outra vez, fazendo parar a fila de camiões, para que as antigas colegas de turma se pudessem finalmente encontrar. Numa época em que todos os dias quase todos abraçavam todos e os abraços faziam parte do automatismo de um cerimonial, Alexia estava agora a ser abraçada como já não era «desde tempos imemoriais» (os seus) — não, abraçada como nunca. Ao mesmo tempo, nada de mais natural, tanto para ela como para a outra, se calhar até de forma mais intensa. Não se trataram pelo nome, mesmo que ainda os soubessem ou por se terem esquecido; de momento não precisavam de nomes; não precisavam de endereços; nem sequer queriam saber o que as tinha levado, precisamente àquela hora, naquele lugar desconhecido tanto de uma como da outra, exatamente a Chars, embora não muito longe de Paris em linha reta, pelo menos dava uma sensação de distância, mas também, no mundo dos factos, Chars estava tão, mas tão longe de tudo, que a probabilidade de se encontrarem por acaso seria maior, digamos, no deserto de Atacama, no Chile, num fiorde desabitado da Noruega (se é que existe), numa cabana nas margens do Mekong, do que aqui, diante da barraca de *kebab* de Chars, junto à fronteira (de que quase ninguém se apercebe) entre a Île-de-France e a Picardia. Encontrarem-se ali de repente, uma em frente à outra, como duas que se conheciam de vista, é certo, há muito tempo — e, mais ainda, de afastar a vista — sem, no entanto, terem trocado durante anos uma só palavra a sério, espontânea, era uma coisa muito especial. Era um acontecimento, um acontecimento feliz. Num encontro casual, digamos, de novo, em Trafalgar Square, em Londres, ou diante do Kremlin, ou não, por favor, em Times Square, em Manhattan, teriam passado uma pela outra sem dizer nada, como sempre. Mas isso agora estava fora de questão, neste lugar afastado de tudo, mais afastado não podia ser e menos convidativo para uma permanência, por curta que fosse, um não-lugar: aqui, ali, para estas duas era natural dirigir-se imediatamente uma à outra e começar, pela primeira vez na vida de ambas, uma conversa, esta também, tal como o abraço antes, como nenhuma outra «desde tempos imemoriais», chegassem elas a verbalizar algo de transcendente ou ficassem por um balbúcio inicial e umas quantas palavras fúteis. Que alguém, uma pessoa conhecida apenas, e mal conhecida, se abra de repente a outra num lugar assim: natural? Natural e milagroso; raiando o milagroso; coisa que tinha de ser festejada. E foi isto que a antiga colega de turma disse depois, palavra por palavra: «Isto tem de ser festejado!»

Sentaram-se num canto, no interior do barzeco de *kebab*. A porta que dava para a barulheira foi fechada para permitir a conversa. Valter sentou-se primeiro a uma mesa afastada, fosse para não incomodar as duas ou por estar decepcionado pelo facto de a ladra de fruta ter uma conhecida, mesmo que

fosse só uma — como se para ela, a cujo serviço ele estava, fosse válido o princípio de que não conheceria ninguém, ninguém neste mundo, de que estava sozinha, sozinha como um cão. E agora, vista da mesa onde estava, ela apresentava-se como uma jovem comparável a todas as outras, na sua expressão, nos gestos, em toda a sua postura — uma jovem francesa como as que passavam aos milhares em frente à sua mota na *ville nouvelle*. Mas depois fizeram-lhe um sinal e sentou-se logo à mesa com Alexia e a amiga, via-a como tal. Só amigas muito próximas podiam estar sentadas assim tão perto uma da outra.

O cozinheiro curdo do *kebab* tinha mudado de canal para um canal desportivo, que transmitia, sem som, um desafio de futebol de África. Costa do Marfim-Mali. O estádio, que preenchia todo o ecrã, parecia bastante baixo, todos os lugares estavam ocupados, alguns até por duas pessoas, e também se via o enfunar das vestes coloridas ao vento da Costa do Marfim ou quando saltavam de repente das fileiras, ora os adeptos costeiros, ora os adeptos do Mali, os do interior. E, por cima deste estádio africano baixo, o céu africano, tão poderoso como suave! A princípio, Valter estava só a fazer de conta que estava interessado no jogo para se tornar invisível às duas jovens. Mas logo a seguir ficou de olhos fixos no jogo e no azul cerúleo do céu africano. Se tinha, em simultâneo, ouvidos também para a conversa das duas antigas colegas de turma não se sabe pela história da ladra de fruta. Aliás, só a outra é que falava, a que em tempos tinha, ao que parece, um olhar tão malvado.

Falava dos homens com quem tinha andado nos seis, sete anos depois do liceu. Não tinha andado com alguns nem com vários, tinha andado com muitos, ou, no francês dela, *«je suis sortie avec...»*, tinha saído com eles. Tinha saído com tantos homens ao longo do tempo que já tinha deixado há muito de contá-los — ou desde o começo que tinha prescindido de contá-los. Não falava de nenhum homem em particular, não descreveu nenhum em especial, não referiu um único pormenor. A sua voz era, ao contrário do passado — quando, caso se dignasse fazer ouvir, salmodiava ofensivamente sem tom nem vida —, uma voz que continuava a vibrar com o que tinha vivido de cada vez a dois. Era uma voz calorosa e o ritmo que imprimia à voz era seguro de si; o tom com que evocava a experiência — não eram experiências, era *a* experiência — não tinha nada de local, sobretudo não tinha aquela maneira de falar descuidada, desconexa e estridente de algumas raparigas da capital. Era o tom do orgulho. Não tinha por que ter vergonha da quantidade de homens com quem tinha saído, quer dizer, com quem tinha ido para a cama, o mesmo acontecia com o homem em relação a ela. Não sentia nem sombra de culpa, em vez disso irradiava orgulho, literalmente.

Isso era porque, com aquele homem — da maneira como contava, os muitos eram um, um único, o único —, viveu uma coisa que só era possível viver com ele, com aquele ali, o único, antes de os dois se encontrarem depois fisicamente. Nem uma palavra acerca do ato ou como se lhe queira chamar. A julgar pelo tom com que evocou o que o precedeu, já era a vivência, era a

experiência (boa e bela língua alemã)¹², e o que se lhe seguiu não era um ato, mas sim...? — faltava a palavra, mas isso não importava nada. O que era decisivo era o antes, e isso, tal como o dizia agora à amiga, era sempre um entusiasmo comum, do mesmo modo, *simili modo*, o do homem e o dela, da mulher. Entusiasmo por quê? Entusiasmo recíproco, daquele pela outra, da outra por aquele? O entusiasmo chegava mais tarde, muitas vezes muito mais tarde, no final, no finalzinho de tudo. Antes era o entusiasmarem-se juntos e o ficar entusiasmado com o que o outro dizia, às vezes, bastava uma única palavra, dita no momento certo, e já era a boa nova. Estarem entusiasmados juntos depois, num breve silêncio que passa e é substituído pelo longo silêncio da transformação. E depois disso simplesmente um período de um único entusiasmo dos dois por nada, pela noite à volta deles; pela chuva noturna que bate na janela; pela sombra das gotas que escorrem — lá dentro, a luz apagada — pelas paredes do quarto; pelo bater e gorgolejar da chuva em mil e três calhas; pelo disco — na época desta história, tocavam alguns aqui e ali —, que gira no vazio; por uma caixa de fósforos aberta, onde só há um único fósforo, queimado, a cabeça carbonizada e entortada, com forma de um arco quebradiço; pela gravura de uma natureza-morta que não tem nada senão um prato branco, em cima dele uma fatia de pão, ao lado um montinho de sal grosso; pela forma da lua na base da unha; pela cauda arrebitada de um gato vagabundo; pelos tempos intermédios entre todos aqueles nada e nada... E, por último, a encarnação, a que fazia naturalmente parte, que fazia parte como só alguma coisa pode fazer parte. Fome e sede, sede como fome, e o cair nos braços um do outro que fazia parte, sendo que às vezes era o homem que caía nos braços dela.

Neste ponto, chegou o dono curdo, serviu aos três, sem que lhe tivessem pedido, um prato com sobremesas que acabara de fazer, com mel e milho-miúdo, juntou-se a eles, também sem que o tivessem convidado, e explicou-lhes, também sem que lhe tivessem perguntado, que, como muçulmano da fronteira entre a Turquia e a Síria, pertencia à comunidade religiosa dos alauitas, cujas mesquitas e lugares de oração não eram edifícios, em geral, mas sim lugares onde a pessoa se encontrasse no momento, sobretudo em plena natureza, e, aqui no vale do Viosne, também era para lá que levava o seu tapete de oração sempre que lhe apetecia, de preferência em direção a norte, nos quase inacessíveis bosques virgens do ribeiro, perto da nascente. A seleção da Costa do Marfim tinha, entretanto, sob o céu africano no seu lento entardecer — na europeia Chars, os primeiros sinais da luz a esmaecer —, vencido a do Mali (3-1), e Valter perguntou ao dono se podia ver o tapete. O dono chegou com ele, de um quarto que ficava por trás da cozinha do *kebab*. Eram até dois tapetes, do tamanho dos tapetes de pé de cama, com ornamentos escuros sobre fundo escuro, não eram só escuros de fábrica. O branco que os salpicava de cima a baixo era dos fiapos das barbas de musgo seco omnipresentes nos prados do Viosne.

Hora de ir embora. Hora de se despedir de Chars (para sempre? Não era

essa a intenção); despedir-se da antiga colega (para sempre?). Quando chegou o momento de pagar, a primeira coisa que a ladra de fruta tirou da bolsa à cintura foi uma nota de rublo.

A outra jovem ficou sentada na barraca do *kebab* depois da partida dos dois, Valter e Alexia, sozinha, à mesa, enquanto aqui e ali, entretanto, estavam grupos a jantar cedo, famílias com crianças pequenas que ainda iriam ser deitadas antes do sol-pôr. Pode ser vista, absorta, olhando fixamente no nada. Por que razão acontece tão raramente encontrarmos — como é que se dizia — as pessoas que estamos fartos de conhecer num lugar onde nunca imaginaríamos encontrá-las e justamente ali, entre elas, entre todos nós, tudo, mas mesmo tudo, corre bem, e não só de passagem, mas sim de forma duradoura? Porque é que no mundo não tratavam de arranjar lugares destes, onde, se ali se cruzassem inimigos mortais, se daria o grande acontecimento da reconciliação duradoura? Por que razão — por amor à paz — não estava o mundo preparado para o acaso, para estes acasos pelo menos?! (Ponto de interrogação, seguido de ponto de exclamação.)

Não conseguia, não conseguia mesmo deixar de olhar fixamente, com cara de má, nem que quisesse, e como ela queria! Implorava, na verdade, que alguém lhe abrisse os olhos para qualquer coisa, fosse o que fosse, *para* qualquer coisa. Nada. A prece dela não teve eco. Tudo estava contra ela e, pior ainda, mais infernal ainda, ela estava contra tudo. Como as pessoas eram iguais entre si naquele barzeco, iguais sem tirar nem pôr. Se ao menos as caras e as cabeças do clã curdo, que andava atarefado no recanto da cozinha e no barracão por trás, mostrassem alguma diferença, outros ângulos, outras redondezas, outras ovais. Mas eram porventura ainda mais iguais entre si do que os clientes, confundia-se o sobrinho com o tio, a filha do primo confundia-se com o tio-avô, e assim sucessivamente. E então os rostos das criancinhas sentadas às mesas: cara chapada do pai e cara chapada da mãe, e daqui a vinte, no máximo trinta anos, os filhos iriam ser totalmente idênticos aos progenitores, cópias fiéis deles, tal como estes aqui o são agora, com os corpos exatamente iguais a ocupar o espaço, com as posições, atitudes e os gestos herdados ou copiados dos pais, acompanhados das mesmíssimas tremedeiras de pernas que o pai tem agora, dos mesmíssimos gestos a teclar no telemóvel da mãe agora, mesmo que o homem talvez nem fosse o pai biológico, e a mulher — era o que lhe passava para ela, sozinha à mesa —, na medida em que interrompia de vez em quando as conversas telefónicas por breves instantes, só estava a fazer de mãe, tal como a criança ao lado dela faria de mãe daqui a vinte, trinta anos, e como um dia, para lá da barraca do *kebab*, em todo o mundo, só haveria pais de domingo ou estranhos a fazer de pais e falsas mães.

Sentia vontade de chorar. E outra vez: nada. Em vez de lágrimas nos olhos, fogo infernal. Já era qualquer coisa. Em pequena, os outros chamavam-lhe «dragão», e aquilo magoava-a. Mas de momento estava em consonância com a sua condição de dragão. Dragão: está bem. Um triunfo inclusivamente: não

sou como todos vocês. Porque é que o homem do Curdistão não se sentava outra vez à mesa dela? Porque é que se punha, depois de servir cada uma das mesas, atrás do balcão de braços cruzados, de barrete absurdo de cozinheiro, para mais de papel, e se punha a olhar para longe, passando por cima dela? E por que razão, porque é que a alegria da hora passada com a antiga companheira de turma não continuava a produzir efeito? Como se tinha sentido aberta. Aberta para o mundo. E como a história lhe saía dos lábios facilmente. Como descobrira, ao falar, aquilo que tinha vivido e como, e quem e como era de verdade. Durante aquela hora, tinha-se tornado outra. Não, tinha-se tornado a que era. E logo a seguir outra vez sozinha: acabou. Como se nunca tivesse acontecido. Era aquilo a novidade, por assim dizer, o «insólito» na história da humanidade? A quantidade de vivências, acontecimentos, descobertas, um dia após o outro, se não hora a hora, momento a momento — e ao fim de uma hora, de um momento: como se nunca tivesse acontecido? Característica principal dos tempos de agora, do presente: efeitos posteriores fracos e cada vez mais fracos e, por fim: nenhuns de todo?

Ergueu o copo vazio — um copo de vidro num bar de *kebab* em vez de um copo de plástico?, mas neste era habitual — e estava a ponto de fazer o movimento para atirar com ele; em frente, tinha a montra com os pratos preparados para aquecer no micro-ondas ou onde fosse. Não seria a primeira vez. Já no tempo do liceu, durante um passeio escolar para ir ver o mar (não seria pela *Route du Blues*, até Dieppe? — para onde havia de ser?), num café do porto, mais bêbada do que as outras, calada, sempre calada no meio da conversa e das risotas das colegas, guardara um seixo da praia de Dieppe, maior do que um punho, porque tinha um buraco por onde dava para ver através dele, e atirara-o contra o vidro da frontaria do café. Depois aconteceu o que aconteceu, e com ela foi expulsa toda a turma do café. Agora, no Curdistão, apaziguada pela imagem que lhe chegou a voar de Dieppe, pousou o copo, cautelosamente, sem fazer barulho, e pediu outro. E por fim o dono sentou-se outra vez à mesa com ela.

Neste entretanto, a ladra de fruta e o seu acompanhante há muito que continuam o seu caminho para norte. O fim de tarde, que em agosto, com um céu azul quase sem nuvens, parece prolongar-se como num outro norte, por ser mais setentrional, estava quente, e lá em baixo, no vale do Viosne, entre as últimas casas de Chars, aquela ali e a outra acolá, construídas juntinhas, sem intervalos entre elas, por não haver vento, fazia um calor abafado. Aqui, Alexia tirou uma parte, a maior, a mais pesada, da sua bagagem ao portador, coisa que Valter, após uma troca de olhares silenciosa, deixou acontecer. Não estava habituado a caminhar, para mais tão longa distância, e as pernas pesavam-lhe; estava sempre a tropeçar, mesmo sem obstáculos. Como ela caminhava ligeira, a mais velha, ao lado dele, como tinha os pés leves com aquela carga. Sem dar grandes passos, seguia em bom ritmo, tanto entre casas como na natureza desabitada. Contrariamente a ele, não transpirava, por muito

que ele procurasse manchas de suor na camisa, nas axilas, como estava habituado a fazer com as estrelas femininas do cinema: nos filmes mais recentes, via-se às vezes aquilo a que estava atento; Alexia, pelo contrário, era um filme dos antigos. Também o rosto de quem avançava a bom passo como se subisse as sete colinas — que aqui no Vexin não existiam de todo — brilhava, mas não era de suor; a única coisa que destacava da pele da jovem que atravessava o país eram, numa das faces, antes invisíveis, algumas sardas, ou seriam sinais minúsculos, do tamanho de pontos, muitos juntos, em forma de constelação, três a cinco sardas ou sinais? — ele não conseguia contá-las — na face direita ou na esquerda? — confundia, quanto mais tropeçava ao lado dela, a direita com a esquerda, ou vice-versa. Onde estava, visto da sua posição, o lado direito e o esquerdo? Ou será que devia ver a direita e a esquerda a partir da posição dela?

A última casa de Chars, já nas profundezas do bosque da nascente do Viosne, era uma ruína. Portas e janelas entaipadas de todos os lados; a ruína, inacessível. As paredes exteriores, pintadas há não muito tempo com as figuras, sinais e contrassinais habituais em todo o mundo, com variantes pelo meio, como se calhar em todo o lado, que valia a pena observar mais de perto. Aqui havia ainda algo mais: vestígios de décadas passadas, quase cobertos pela pintura (não de séculos, que a tanto a ruína não chegava). Quando tinha sido a Guerra do Vietname? Há quase cinco décadas, não é? Aqui, nas paredes, em letra bem legível, a América ainda lançava bombas de *napalm* sobre o país estrangeiro e continuava a ser-lhe exigida a paz e que deixasse tranquilo o resto do mundo. Os buracos das balas, num dos pontos do muro especialmente juntos, eram provenientes de outra guerra — havia que retroceder outras três décadas — de uma batalha ocorrida aqui no país, até agora a última nesta parte da Europa; indestrinçável quem tinha atirado contra quem; por baixo da pintura não era possível distinguir nem uma cruz suástica nem qualquer outra cruz, muito menos restos de «Um povo, um *Reich*, um *Führer*», frase com que Alexia deparara não poucas vezes, e nem sempre escondida, nas suas viagens para leste.

O que tinha sobrado de uma época indeterminada eram, por outro lado, os restos dos cartazes que tinham ficado no antigo anexo da casa, um barracão de madeira do qual ainda sobressaía um pedaço de tabique de entre o matagal. Os cartazes tinham estado afixados à parede com agrafos e, nos sítios onde os agrafos ainda estavam pregados — era como se estivessem todos pregados, tão juntos que estavam que até brilhavam na madeira escurecida —, havia ainda pedaços minúsculos do papel dos cartazes. Num dos pontos da parede acumulavam-se agrafos e pedaços de papel, de forma totalmente diferente da dos buracos de balas na pedra dos muros vizinhos: deixavam perceber, no meio dos milhares e milhares de outros agrafos e pioneses também, enferrujados, um retângulo mais alto do que largo, com os bocadinhos de papel, também eles sobrepostos, a servir de quatro pontos de referência; o interior do retângulo, totalmente livre de agrafos, o único espaço nitidamente

vazio que chamava de imediato a atenção na parede de madeira: «O sítio onde antes se afixavam os cartazes do cinema!», de acordo com Valter, mas aquela exclamação também podia muito bem ter vindo de Alexia. E assim foi: nalguns dos bocados maiores de papel, os que tapavam os outros, ainda havia letras, duas, três, até metades de palavras, das quais não se podia adivinhar os títulos dos filmes, mas apesar disso podia-se imaginar e brincar com eles: *L'enfance nue*, «A infância nua», a história de uma criança abandonada pelos pais. O palpite de Valter; e o de Alexia?: *Les visiteurs du soir*, «Os visitantes da tarde». E, contudo, tanto o ano como a década dos filmes de então continuavam impossíveis de determinar; que eles tivessem sido exibidos «naquele tempo» tinha de bastar; e bastava.

Enquanto continuavam de pé diante do tabique de madeira, ora um, ora o outro, a folhear os pedaços dos cartazes quase da grossura de um livro, e se punham a adivinhar: de repente, uma detonação vinda da ruína emparedada, ao lado. Não, não podia ser uma detonação, para isso o ruído tinha sido demasiado abafado. E, apesar disso, tivera origem numa pancada, não de um fragmento de pedra que tivesse caído e batido com estrondo — de uma pancada interior, contra a parede entaipada — e a pancada tinha sido executada intencionalmente, e não por um animal encarcerado lá dentro, a escoicear (ouvira-se algo semelhante no primeiro momento), mas sim por um ser humano. Na ruína entaipada do prado junto ao rio vivia alguém, fosse lá como fosse que tivesse lá ido parar, através de algum cano antigo?, entrando pelo telhado derrubado (apesar de parecer inacessível)? Alguém tinha batido contra a parede pela parte de dentro, não com os punhos nus, mas sim com uma coisa dura, pesada, que pretendia dizer: «Vocês, aí do lado de fora, ponham-se a andar daqui!» A pancada tinha sido dada com intenção malévola, se não com intenções assassinas. Sem a parede de separação, os dois do lado de fora teriam levado com um maço ou com uma alavanca velha de mudar agulhas que lhes teria esmagado o crânio, sem aviso. Estranho que a coisa tivesse ficado por aquela pancada única contra a parede, claramente dirigida a eles e, além disso, com que fúria.

Depois, um silêncio, qual era o adjetivo que se usava antigamente?, tonitruante. Primeiro foi o rapaz que se pôs à frente da mulher, depois foi a mulher que se pôs à frente do rapaz, depois outra vez ele à frente dela, e assim sucessivamente, sobretudo sem fazer um único ruído. Veio à ideia da ladra de fruta de novo uma daquelas caminhadas com o pai, há muito tempo, perto do Yukon, no Alasca, de onde, na floresta em que caminhavam, se aproximou um estrondo brutal, vindo de um predador enorme, que só podia ser um urso, e como o pai também se tinha posto à frente dela, depois ela à frente dele, etc., até que, por fim, uma velha índia, frágil, saiu do escuro da floresta para a luz, com os braços cheios de boletos, mais para o pequeno, mas com aquele brilho como só os boletos sob o grande céu junto ao rio Yukon, no Alasca, têm. E quem saía agora da ruína nos prados do rio Viosne, a norte de Chars, praticamente em cima da fronteira entre a Île-de-France e a Picardia, uma

fronteira não traçada como uma simples linha de demarcação, mas sim como uma região fronteira especial, uma zona de fronteira que em breve atravessariam? Ninguém saiu da ruína. Ninguém lhes esmagou o crânio. Ninguém lhes arrancou os olhos. Ninguém os devorou inteiros. Nada que se seguisse à pancada vinda de dentro contra a parede. Mas depois, sim, afinal qualquer coisa: um murmurar que mal se ouvia, também incompreensível e, todavia, inequivocamente vindo de um ser humano. Significava qualquer coisa distinta da pancada, não o seu contrário: o murmurar por detrás das paredes não era nem hostil nem, isso de forma alguma, amistoso. Não era destinado a ninguém. Não era dirigido a ninguém, nem a uma pessoa nem a alguém ou a alguma coisa.

Antes de atravessarem o território fronteiro, sem caminho ou passadiço, os dois ainda quiseram fazer um desvio, sair do vale do rio e subir até ao planalto, onde os extensos campos sem bosques do Vexin eram atravessados na diagonal pela *Chaussée Jules César* (era esse o nome, desde os tempos antigos ou recentes, de uma via destinada aos caminhantes; não passavam automóveis).

Com efeito, foi um simples desvio. A calçada decorria, enquanto calçada, com um ligeiro relevo, sem curvas nem voltas, também não era orlada pelas árvores habituais nestas vias, pelo menos neste troço. Seguir assim em linha reta, por um caminho largo, de areia e gravilha, não era o sentido da expedição, embora os horizontes, graças ao ligeiro relevo da *Chaussée Jules César* em relação ao terreno plano em volta, fossem especiais; e também o mover-se como ao longo de um dique, sem rio ou mar, é certo, atravessando extensões abertas sem água, lhes desse por momentos asas, ímpeto para o que viria a seguir, fosse o que fosse.

De vez em quando, cruzavam-se com eles alguns caminhantes na *Chaussée Jules César*. Em direção a noroeste, para onde os dois iam fazer o desvio, não ia mais ninguém. Foram ultrapassados uma vez por um cavaleiro, que foi o primeiro a cumprimentá-los, como se fosse o comportamento mais adequado de quem, sentado em posição mais elevada, se balanceava por aquelas terras. Aqueles com quem se cruzavam a pé seguiam normalmente em grupos maiores e eram, na maioria, pessoas mais velhas; os mais novos entre eles iam mais isolados, como se tivessem ido ali parar por acaso, e também seguiam mais em silêncio, ao contrário dos outros, que falavam uns por cima dos outros, alto e bom som, talvez por causa da idade avançada, as suas vozes ouviam-se de longe pela calçada, como só acontece com os pelotões de ciclistas que falam aos gritos para conseguirem ouvir-se no meio do zunido dos raios.

Depois surgiu outro caminho a cruzar-se com a *Chaussée Jules César*, quase em ângulo reto, flanqueado por uma placa que indicava para sudoeste e tinha pintada a conhecida concha: era um dos inúmeros caminhos de Santiago destinados aos peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela, e que atravessavam não só esta região específica de França, mas todo o país, mais

ou menos para sudoeste, desde os Alpes suíços, desde o Reno alemão, desde a floresta das Ardenas para baixo, até Saint-Jean-Pied-de-Port, cruzando os Pirenéus por Roncesvalles. E estes caminhos tinham sido declarados e cadastrados como caminhos de peregrinação, certamente não desde tempos remotos.

Alexia e Valter viraram na *Chaussée Jules César* para o *Chemin de Saint-Jacques*, seguindo na direção oposta à que levava ao destino dos peregrinos na distante Galiza; em vez de irem para sudoeste foram para nordeste, de regresso ao vale do Viosne, ao recorte superior do planalto do Vexin. Estava na hora de terminar o desvio. Estava na hora de se despedirem dos extensos campos abertos sob o céu de meio do verão que, nos olhares de despedida — e não foi só uma —, se tomou cada vez maior e começou a arquear-se a olhos vistos até se abobadar em cúpula celeste, agora sim, de certeza, desde tempos remotos. Estava na hora de deixar para trás os milanos que davam voltas ao pares, juntando-se e separando-se, os milanos reais, e também o seu assobio monótono, longo, nas alturas, e o mesmo em relação aos trilos e trinados das cotovias, lançadas em ascensões verticais, saídas dos sulcos da terra, e assim, trilo após trilo, subindo pisos invisíveis, mas, em compensação, sonoros, piso a piso, para os ares lá no alto, durante um pedaço invisivelmente grande, elas, as «construtoras», tão pequenos que são estes pássaros, tão curtas são as suas asas, e quando finalmente se consegue distinguir uma delas no espaço aéreo vazio, de onde trila e canta com galhardia, já não é mais do que um ponto enegrecido, que talvez só trema aos olhos de quem procura a cotovia ali-acolá, lá no alto, e, num abrir e fechar de olhos, este ponto já estará de novo apagado e, ao mesmo tempo, o trilo seguinte ressoa uns pisos aéreos acima, em alturas de céu bem entendido, onde o cantor — será que se pode chamar sequer canto a este piar? — nem sequer se dará a ver como um mínimo ponto negro, ou, dito no tempo verbal do futuro perfeito, *futurum exactum*: se terá dado a ver.

Também neste recém-declarado caminho de Santiago, um entre setenta vez setenta outros, pelo menos, na rede que se estendia por todo o país, vieram no máximo alguns caminhanes ao seu encontro, e os dois eram de novo os únicos a caminho na direção contrária, com o destino da peregrinação longe e, a cada passo, mais longe atrás das costas. Os que se cruzaram com eles no caminho, que, em direção a nordeste, perto da escarpa que levava à garganta da nascente totalmente desabitada, se estreitava e se transformava num passadiço, estavam tanto um como o outro de facto em peregrinação. Pelo menos era isso que atestava o traje de um e outro, bastante semelhante: cajados da grossura de dois polegares, exageradamente altos, e duas ou três conchas de Santiago, como que sobredimensionadas, atadas com uma corda e bamboando da mochila ou outra coisa qualquer de peregrino, e um bater que se ouvia de longe e que se ouvia de cada vez, quando o peregrino, depois do encontro, já tinha desaparecido há muito atrás dos horizontes.

Os peregrinos, no caminho de Santiago, ao contrário dos grupos de caminhanes que seguiam na calçada com o nome de César, iam mais

sozinhos, calados. Dois juntos: as exceções. (Três juntos, nunca.) E os que iam dois a dois também iam calados. Aquele silêncio não se devia a um propósito expresso, não se devia a nenhum cansaço. O que era notório nestes peregrinos era que chegavam todos muito depressa e ainda iam embora porventura mais depressa. Eram, apesar do silêncio, peregrinos diferentes dos do texto antigo, que sonha acordado com uma Vida Nova, e em que os peregrinos chegam «devagar», «pensativos» e «parecem vir de longe». Estes peregrinos de agora vinham realmente — na realidade — de longe. Mas da maneira como caminhavam, apressados, repetindo-se uns aos outros, em botas de sete léguas, não dava essa impressão, com nenhum deles. É verdade que devolviam as saudações, quando deixavam que os saudassem, mas até nisso tinham pressa e, além disso, era como se não compreendessem que alguém pudesse movimentar-se na direção oposta — sim, como se a vissem não só simplesmente como a direção errada, mas, além disso, como uma direção não permitida. No entanto, ninguém pediu explicações aos dois com que se cruzaram durante o caminho, o seu, quando muito sorriam-lhes, incrédulos, com um ligeiro abanar de cabeça talvez. Uma vez, numa pista de esqui de fundo, por onde seguia ao engano na direção contrária ao sentido único, lançaram-lhe olhares daqueles, no entanto sem bocas sorridentes, em seu lugar: palavras.

Desviaram-se pouco tempo depois do caminho dos peregrinos, que continuava, bordejando o planalto, e desceram por um trilho secundário que levava à garganta da nascente do Viosne. Adeus, campo aberto. O trilho não era obra de homens, nem de caçadores. Era um carreiro de veado que, ao fim de alguns passos, se tornava impossível de percorrer, tapado por um matagal de amoras e, em poucos instantes, ficaram ambos envoltos nos picos. Mas que mal fazia? Bem, se os animais selvagens tinham passado por ali, também ela, também ele, e a meia dúzia de rasgões na roupa, nos braços e nas pernas não contavam. Tinham de continuar a descer pelo matagal sombrio, estava fora de questão voltar para trás, não havia autorização — não havia assentimento, estivesse esta palavra em desuso ou não.

Não havia um marulhar de água nem um rumor de nascente que os tivesse guiado. Nem sequer o som de pássaros, nem o mais leve piar. Estavam no meio do grande planalto, cultivado hectare por hectare, que, quando levantavam a cabeça, lhes piscava como de céus longínquos por entre o emaranhado de lianas e espinhos, através dos quais tiveram de abrir caminho encosta abaixo; uma selva, diferente das de África ou do Amazonas, por exemplo, uma selva no meio da Europa, onde não reinava apenas a calma, mas, além disso, a falta de ar — como se a vegetação selvagem sugasse todo o oxigénio para dentro de si —, um ar abafado e húmido, ao mesmo tempo frio de varar os ossos; um som de grilo, um único, breve, dando sinal do amplo espaço de verão, numa jaula natural daquelas não só tinha emudecido, como simplesmente se tornara inconcebível — inimaginável.

E, contudo, este ambiente, que não era um ambiente, era o contrário de um

ambiente, fazia bem; durante algum tempo, foi a coisa certa. Não se deram por prisioneiros da jaula da selva, em que uma parte da jaula se seguia a uma jaula parcial. Dar um passo atrás do outro, de olhos bem abertos perante todos os obstáculos, podia, agora, durante algum tempo, despertar todos os sentidos, e preenchia alguns momentos até com uma espécie de alegria de viver. E ao mesmo tempo, sem contradizer esta, teriam desejado, no meio do silêncio da selva, precisamente naqueles momentos, um tumulto perto deles, uma família de cervos que lhes saltasse da sua cama de matagal, um clã de javalis, em que a mãe se atirasse a eles das profundezas da terra com um grunhido.

Em vez de água brotando da nascente, depararam, no fundo do barranco, com meras concavidades oleosas, brilhando com as cores de um falso arco-íris, onde nada se movia, nada corria; nada a não ser estagnação. Ao menos o zunir de mosquitos como sinal de vida? Nem sequer isso. A garganta da nascente do Viosne até nem era assim tão profunda. Mas como nada de nada se mexia, nem um sopro de vento, nem uma libélula, nem alfaiates, nem sequer a sua sombra, aprofundava-se a sensação de estar num barranco, a ideia de um barranco profundo.

Algures, impossível de determinar o lugar, fizeram-se ouvir de novo, ao longe, os sons de gato imitados com que a voz de um homem, prestes a ficar rouco, continuava sempre, até aqui, a tentar chamar o animal doméstico fugido da *ville nouvelle*. E, de repente, aos pés destes dois aqui, uma resposta: algo com uma cauda, de quatro patas, rastejando para fora da cintura pantanosa, um gato?, sim, mas só quanto à forma aparente; resposta sem som; o animal tentava produzi-lo de boca aberta, em vão.

Esta boca escancarada, total mente silenciosa, continuava a responder sem parar aos gritos de miau com que o homem chamava o gato, ao longe, num ponto indeterminável da selva da nascente, se calhar já um pouco fora, na orla da selva, em cima, com uma voz entre o quebradiço e o persistente. Finalmente veio uma resposta — se é que o era —, mas não do animal que estava em baixo, no chão da selva, e sim vinda de cima, das copas das árvores enredadas nas lianas, que parecia ser uma resposta de um mocho, confundível com um miado prolongado de um gato. Grito de um mocho em pleno dia? Sim.

O homem invisível que procurava, no fundo do bosque, ou onde estivesse, reagiu ao grito do mocho ainda antes de ele cessar, chamando agora, a plenos pulmões, um nome, um nome incompreensível, provavelmente o do gato desaparecido. Gritou-o várias vezes e, depois de uma pausa, continuou; a sua voz, em vez de ficar mais rouca, ganhava cada vez mais sonoridade. O mocho continuou a piar e, de cada vez, de um sítio diferente, como se quisesse fazer troça de quem procurava o animal doméstico e, no matagal, em modo de resposta, o animal procurado, com maior fervor do que antes e continuando mudo, abria uma boca maior do que toda a sua cabeça. Incapaz de seguir o chamamento do dono, demasiado fraco para dar um único passo ou sequer segurar-se de pé nas quatro patas, o gato estava meio deitado, de barriga para

baixo, no lodo da selva. Tinha as patas recolhidas; a cara, sobretudo em volta dos olhos, salpicada de carrapatos a ponto de rebentar, do tamanho de bagas de zimbro, redondas, só que em vez de azuis tinham uma cor desmaiada, que, além do sangue, pareciam ter-lhe também sugado bocados de pelo; o gato tinha algo de um ser desconhecido, um mutante, para lá do reino animal.

Não tinha ficado nada das pupilas verticais, parecidas com ponteiros de relógio, dos olhos de gato: rodeado pelos corpos dos carrapatos, o negro das pupilas mais parecia uma forma redonda. A única coisa que tinha ficado da forma do animal gato era a dentadura, sobretudo os afiados caninos daquela boca que continuava a abrir e a fechar, muda. Mas não continuava também igual a língua na sua forma e textura inconfundível, como só a língua de um gato pode ser e fazer-se sentir? Era como se tivesse desaparecido daquela boca, nem vestígios dela.

Este ser estranho dava a impressão de já não ser capaz de viver, já não podia mais?, ainda não podia?, não estava morto, mas também não estava propriamente vivo; era como que uma forma primitiva de algo, já não um vegetal e ainda não um animal. E, contudo, tinha sobrevivido, tinha chegado longe, dezenas de quilómetros, no final já sem caminhos definidos — alimentado e hidratado pelas plantas e águas do pântano? E assim, desaparecido, já estava longe de casa e da sua existência de animal doméstico há semanas; as fotografias dos cartazes que o mostravam em todo o lado na região estavam há muito amarelecidas, enquanto o animal procurado já pouco tinha de gato, tinha mais de um ser indefinível.

Foi Alexia que pegou no animal ao colo. Não opôs resistência. Quando o ergueu, não era nem gato nem estranho. Tinha um calor animal e respirava sem ronronar; não tinha carne nenhuma, era só pele e osso e, contudo: que peso. E foi Valter que respondeu no mesmo instante à chamada de quem procurava o animal ao longe. O jovem era franzino, frágil. E, no entanto: que voz de repente. A que estava ao seu lado quase tinha tido um sobressalto de tão alto que soou, retumbante e penetrante como se viesse do peito de um gigante. «Quase me dava uma coisa», só? Sim, só quase. Porque, ao mesmo tempo, aquela intensificação não tinha nada de súbito. Não era assustadora e, além disso, era um estilo de voz a que estava habituada em pessoas frágeis, pequenas, não só em homens, ainda que estivesse menos habituada a ouvi-las na vida («*life*») do que na música vocal, e nesse domínio não só em *rappers* como Eminem, mas também, e sobretudo, em cantores de *blues*, e, nesse departamento, não só em Janis Joplin, que Deus a tenha.

Quem lhe deu uma coisa, em contrapartida, foi o ser que tinha nos seus braços. Ainda bem. Bom sinal. Estava vivo, voltava a transformar-se aos poucos num gato e, além disso, os gritos de interrogação do longínquo outro tornaram-se gritos de resposta. No meio dos gritos de ambos os lados, foram-se aproximando no meio do matagal.

Levou muito tempo até eles, Valter e Alexia deste lado, e o jovem que procurava o animal, de onde?, se encontrarem. Quanto tempo?

Demorou, demorou, como este dia e como a história deste dia. Estavam sempre a ficar presos nas gavinhas das amoreiras e não podiam avançar nem recuar, a não ser que rasgassem a roupa, viam-se enleados pelas lianas, das quais nem um Johnny Weissmuller, no papel de Tarzan, teria conseguido libertar-se. Claro que a ladra de fruta, que trazia sempre consigo qualquer coisa para quase todas as situações, também tinha uma coisa para esta, uma espécie de pequeno machete com que podia cortar as jaulas vivas. É verdade: na época em que decorre esta história, havia em plena Europa lugares em que estavam a crescer selvas mais impenetráveis do que em qualquer outro lugar do planeta. E, ao mesmo tempo, a tranquilidade do gato nos braços da ladra de fruta, uma tranquilidade da alma como só aquela, e os grandes olhos do animal com os carrapatos em volta, olhos de tamanho humano.

Olhando para o seu acompanhante, cujos chamamentos faziam ressoar constantemente pelo barranco no meio da selva, apercebeu-se de uma coisa nele que lhe passara inadvertida o tempo todo. Ou talvez o tivesse visto de imediato, embora não lhe tivesse prestado verdadeira atenção. Mas agora, de repente, parecia-lhe digno de atenção: a pessoa ao seu lado, o rapaz, tinha uma cor de pele diferente da dela. Não era branco, não era «um branco». O rosto dele, apesar de não ser «escuro», era mais escuro, bastante mais escuro do que o dela, muito moreno, e aquela tez morena não era um moreno do sol. No Antigo Egito havia aquelas estátuas duplas de homem e mulher: o homem era sempre bastante escuro, a mulher muito branca. E, contudo, pertenciam ambos ao mesmo povo ou tribo? Em todo o caso: aquele que, a seu lado, abria caminho pela selva europeia, tropeçando e tentando libertar-se, era oriundo, como se tornou evidente naquele momento ao fim de horas, se não muito mais, com ele, de outra parte da Terra, era, como se dizia na linguagem da polícia, um «tipo não europeu», «*un type non-européen*». Será que se apercebia disso por ele utilizar a voz de uma maneira tão diferente? Ou porque a sua cor de pele começava a brilhar de uma forma tão evidente só ali, no lusco-fusco da selva, com o suor provocado por subidas e descidas, o andar de um lado para o outro? Fosse por que fosse e fosse como fosse: ficou espantada com ele como ficou espantada consigo própria, sem que ele, ocupado com a gritaria e o esforço para avançar, se apercebesse de como estava a ser olhado com espanto por ela. Em todo o caso, «Valter» estava fora de questão para ele. Mas que nome, então? Ela foi tentando alguns, em silêncio: nenhum deles coincidia com aquele que ali estava enredado nos espinhos. Sob o rosto escuro, o fato claro de verão com alguns rasgões, tão pequenos que ainda se poderiam coser.

As costas das mãos, que o seu acompanhante levava à boca, as duas sempre, quando chamava o dono do gato, ainda brilhavam com um castanho mais escuro do que o rosto, mas tinham pelo meio manchas branco pálido, todas elas mais ou menos do mesmo tamanho, o que dava um aspeto malhado às costas das mãos.

A ladra de fruta desenhava agora este padrão no ar, com o indicador, diante

dela, tal como em criança, quando ia a alguma parte sozinha, desenhara às vezes no ar, letras soltas ou palavras inteiras; e pareceu-lhe que naquele tempo não só tinha muito mais ar à sua frente como dispunha de um verdadeiro espaço aéreo para aquela brincadeira, e isso não tinha que ver apenas com o facto de aqui, enquanto desenhava com a mão esquerda diante de si, ter de estar, ao mesmo tempo, constante mente a vergar e a afastar do caminho o matagal da selva com a mão direita.

E, uma vez mais, aquilo que ela fazia passava despercebido a quem ia ao seu lado. E, quando ele se apercebia, não se permitia, ou não lhe era permitido, perguntar o que significava aquele desenhar-no-ar. Ou entendia o significado e abstinha-se de lhe dizer o que quer que fosse. Depois das surpresas que o rapaz, agora ao longo de quase um dia, lhe apresentara, eram de esperar dele algumas coisas, se não tudo.

Mas será que avançavam sequer, abrindo brechas pelo matagal, para lá e para cá? Os gritos de pergunta-e-resposta do terceiro, uma das vezes quase de muito perto, ouviram-nos na vez seguinte de novo como que da lonjura inicial. Era como se estivesse à espera deles e do seu animal, sempre no mesmo sítio, e como se ali, onde estava, fosse impossível de dar um passo que fosse para entrar na selva, e como se eles, na tentativa de se aproximarem dele, estivessem a perder-se e a desencaminhar-se dele. Sim, era um território estranho de nascente: nenhuma corrente de água que lhes indicasse o caminho a montante, em direção a campo aberto. Quando havia água, eram águas paradas, pequenos charcos esporádicos que se pareciam uns com os outros ou que, na verdade, eram sempre os mesmos por que tinham passado ainda agora, e depois, parecia acontecer cada vez mais, já há muito, há muito tempo. E seguindo as paredes do barranco, afastando-se do fundo do vale, não havia passagem, nem com o machete, entretanto rombo, tão grossas eram as lianas.

Não que os dois perdessem o ânimo. Fazer meia-volta, ou sequer desistir da empreitada: impensável. Havia que atravessar aquela zona da nascente, uma selva emaranhada. Não havia outra hipótese que se colocasse. E o facto de a travessia demorar e demorar era o que correspondia ao esperado. Pelo menos, era disso que a ladra de fruta se convencia. Nunca tinha voltado atrás nas suas saídas solitárias. Ou, se tinha voltado por instantes, fora para melhor avançar. E isto tinha de continuar a ser assim, mesmo agora nesta caminhada a dois, a primeira desde a que fizera com o pai no final da infância. E o seu acompanhante?, ele era — imaginava, pensava, sentia ela — da mesma opinião. Não se aplicava a ele a frase, lida num livro de um alpinista, segundo o qual «tivera sempre maus acompanhantes». Olhou-o de novo de lado, por instantes, e pensou para consigo: «Tu és um bom acompanhante», a seguir ao que ele devolveu o olhar, como se tivesse entendido.

Depois, houve uma coisa que interrompeu, que durou e durou tanto: uma respiração ofegante, cada vez mais próxima, de uma pessoa. Não podia vir de quem procurava o gato, porque esse continuava a fazer-se ouvir, com voz persistente, uma vez de muito abaixo, de uma caverna, outra vez das alturas

do céu, como se estivesse num balão. A respiração era tão forte que enchia toda a selva, normalmente tão silenciosa e sem vida; não era possível distinguir se vinha de frente, se de trás.

Um momento depois: o corpo correspondente, a pessoa em carne e osso. Passou por eles a correr e, no momento seguinte, já tinha desaparecido entre o matagal. Como assim? Correr no matagal impenetrável da selva assim, atravessá-la sem mais? Sim, porque quem ia assim a correr e encontrara às cegas a única passagem possível era um homem em fuga. Orientar-se daquela maneira num lugar para qualquer outra pessoa intransitável só era possível para alguém que corria porque temia pela sua vida, ou, dito de forma menos dramática, alguém para quem tudo, ou, dito de forma menos dramática, para quem, naquele momento, e ainda que fosse só impressão sua, estava quase tudo em jogo.

Aquele que fugia só se tinha dado a ver um único instante; ele próprio não tinha olhado os dois caminhantes da selva que, visto de fora, contornou, dir-se-ia, com a elegância de um desportista. Mas aquele segundo, não, um décimo, não, um centésimo de segundo, bastara: andavam no seu encalço e, se o apanhassem, estava, de uma maneira ou de outra, perdido. O vermelho daquela cabeça, um vermelho fogo e escuro ao mesmo tempo, provocado não só pelo esforço sobre-humano, não, inumano. A respiração ofegante não era só uma respiração ofegante, era acompanhada de um tom surdo de estertor abafado, do sobretom de um silvo estridente, e o inverso, e de novo o inverso, continuando a encher o ar do matagal, longe e perto, quando o homem já tinha desaparecido da vista há muito tempo. Um jovem? Pelo corpo, sim. A cara, pelo contrário, era a de um velho. Como naquelas fotografias antigas, as caras de um grupo de jovens, que se perderam numa caminhada pelo deserto e, antes de morrer, certamente sem terem consciência da proximidade da morte, voltam a tirar um «retrato», e aparecem todos com cara de velhos.

Estariam os perseguidores agora no encalce? Como se tivessem combinado, os dois põem-se no caminho dos esperados, o acompanhante dela inclusivamente com as pernas bem afastadas, coisa aprendida, ou copiada, na tropa. Nada: os perseguidores não aparecem. Apesar disso, dá a impressão de que até o gato, tão fraco que parecia querer morrer, se tinha colocado a postos para defender o acossado — pelo menos, tinha tentado eriçar o pelo e bufar —, ainda que, novamente, não fizesse o mínimo ruído. Por um lado: decepção, outra interrupção seria bem-vinda. Por outro lado: estava bem assim, chega de ação para este dia, chega de acontecimentos, no sentido em que a ladra de fruta, de manhã, ao mexer no teclado do telemóvel, leu sem querer, na rubrica «acontecimentos», *événements*, tinha «assinalado» surpreendentemente poucos — não queria ela acrescentar alguns? Por hoje, basta de acontecimentos, destes pelo menos.

E depois? Aconteceu o que tinha de acontecer? Não propriamente: poucas coisas na história da ladra de fruta aconteceram como tinham de acontecer. De vez em quando, aconteciam como talvez devessem acontecer. No entanto, a

regra era que aconteciam como aconteciam.

Aquele que tinha fugido atravessando aos ziguezagues a selva do barranco — comparação com um jogador de rãguebi que abre caminho com a sua bola ovalada, na sua corrida de assalto entre as filas inimigas — também lhes tinha assim preparado a saída daquele matagal de lianas e espinhos. Seguiram-no fazendo como ele, só que mais devagar, decididamente devagar, de maneira que os seus passos em ziguezague, em comparação com os dele, se fosse agora um filme, eram feitos em câmara lenta. Uma por outra vez imitaram o fugitivo, correndo alguns passos, ora ele, ora ela. A fuga como brincadeira — impossível, a não ser aqueles poucos passos.

Um acontecimento depois, finalmente, sem contar, depois do longo tempo na escuridão do matagal — o chão que pisavam era ainda uns graus mais escuro na escala da escuridão; embora continuassem no meio do bosque da nascente do riacho Viosne, sair para um caminho — não um trilho de raposa ou de veado que se perde logo no meio da vegetação selvagem —, um caminho a sério, construído, coberto de gravilha, um caminho como estava no manual — era um acontecimento, um *événement*.

Finalmente ao sol de novo, debaixo do céu aberto, de repente um céu grande, palpável, quando ambos, o céu e o Sol, tinham estado como que para sempre desaparecidos, como se nunca tivessem existido, durante o tempo passado na selva. Mas a luz que subia do caminho também teria sido, ainda que sem raios de sol, igualmente material. O caminho por si só, com a areia, a gravilha, os charcos secos no meio do verão, irradiava uma claridade por baixo que se transmitia de imediato, logo ao primeiro olhar, ao ânimo; a claridade exterior tomava-se claridade interior ao mesmo tempo. A claridade de um caminho — o mesmo se passaria se fosse um caminho escuro, negro, semeado de grãos de lava —, depois de um longo vaguear por terrenos sem caminhos: uma manifestação particular de luz, de uma matéria ainda inexplorada, inexplorável, cuja particularidade incluía ainda o facto de aquele caminho ali, em vez de ser em linha reta, como por exemplo a *Chaussée Jules César* antes, fazia curvas ligeiras, que mal se percebiam e, além disso, subia levemente; no fim tinha um portal de luz mais elevado que conduzia à saída do bosque da nascente. Caminhos que, pelo menos em tempos passados, levavam a grandes propriedades, a castelos, se não mesmo ao palácio de um rei, eram traçados assim. Mas os caminhos que aqui conduziam a um palácio real e que permaneciam invisíveis até à última curva para se apresentarem só aí em toda a sua real magnificência palaciana: não eram eles verdadeiras estradas, avenidas largas como rios, como aquelas que, subindo em longas curvas, levavam até à esplanada em frente ao palácio de Versailles, que ocupava todo o horizonte? Mas agora aonde levava este pequeno caminho florestal? A ladra de fruta talvez pudesse descobri-lo num dos mapas, detalhados até ao ínfimo pormenor, que trazia consigo. Mas ela não queria saber e o acompanhante também não — era assim que estava pensado —, outra coisa estava fora de discussão. Ambos queriam, em acordo tácito,

deixar-se surpreender pelo caminho sem nome, sim, pois!

Ao mesmo tempo, a necessidade, depois do tempo passado na confusão selvagem não só sem nome, mas refratária a qualquer nome ou denominação, de voltarem de novo a mover-se num território em que, tal como nos mapas detalhados, quase tudo tinha nome, mesmo um regato há muito ressequido, mesmo uma sebe isolada que atravessava os campos, não importava se uma elevação praticamente impercetível se chamasse «Colina da Forca», uma clareira, «Prado do Homem Morto» e um pântano, «Buraco da Víbora». Necessidade, se não saudade, do mundo, pelo menos do mundo geográfico, o dos nomes. Sim, apesar de não se conseguir ver, muito menos ouvir, uma nascente: aqui estavam, por fim, estava ele, no território das «Nascentes do Viosne». Viosne: o nome do rio, há muito longe e de que sentiam falta, tinha regressado ao saírem ao caminho, a este caminho. E como consolava aquele nome, «Viosne». Como ele, juntamente com o caminho, iluminava o ânimo ou, porque não, a «alma»: como a animava.

Será que esta história se esqueceu do homem do gato e, com ele, do animal doméstico desaparecido e reencontrado? Não. Ali estava ele, onde o caminho terminava, diante da impenetrável — e não só para ele — barreira da selva (*clos*, a palavra eloquente para tal — fechada, vedada). E deixou que a ladra de fruta, como se fosse a coisa mais óbvia, lhe entregasse o gato; recebeu-o sem dizer nada, muito menos uma palavra de agradecimento, e enfiou o animal — que continuava sem fazer o menor ruído —, sem olhar para ele, nem de passagem, num cesto preparado para o efeito e desapareceu logo depois a seguir à primeira curva do caminho.

De longe, há muito longe da vista, ouviu-se então um soluço, um soluçar mais plangente e penetrante do que os gritos de pergunta e resposta durante todas aquelas horas. Exteriorizava, deste modo, soluçando, o seu agradecimento, dirigido a quem fosse. Era um soluçar que era, ao mesmo tempo, um berrar e clamar que ainda se intensificou e aumentou, se tal era possível, quando, no cimo do planalto, onde tinha estacionado o carro, ligou aos seus — finalmente podia chamá-los assim — lá para baixo, para a *ville nouvelle* de Cergy-Pontoise, com a boa notícia, num balbuciar que alternava com soluços e assim por diante, tudo isso se sobrepunha ao ligar do motor, ao pisar o acelerador, ao dar gás — ou lá como se diz —, e assim continuou, ainda durante um pedaço, e mais do que só um pedaço, um soar ou ressoar por todo o território da nascente do Viosne. Agora há que levar e pôr a salvo o animal perdido e reencontrado. Nada de ir demasiado depressa. Pensar que todo o animal perdido e reencontrado corre o risco de voltar a perder-se! Tirar os carrapatos com uma pinça, cuidadosamente, se possível não arrancar pelo! Já para o veterinário! Que raio: sábado. Fim de semana, além disso no meio do verão — onde ficará a clínica veterinária mais próxima que esteja aberta? Bem, alguma há de aparecer. Não, eu, vou ser eu a encontrá-la, não há problema. Finalmente sou útil, também eu, e perante os que mais contam para mim — é o que me parece hoje —, os meus. Como é que dizia aquele? «Sou

mundialmente famoso — para a minha mulher!»

Estranhamente vazias as mãos da ladra de fruta depois do longo transporte do animal perdido através da selva. Estranho também que os dois, finalmente a céu descoberto, finalmente num caminho, finalmente sem terem obstáculos ao mais pequeno passo, começarem por não continuar a caminhar — não caminhavam, não —, mas sim a ficar um bom bocado parados de cara voltada para o matagal. Inimaginável, agora que tinham conseguido sair daquele emaranhado, um emaranhado tão perfeito que, no entrelaçamento de arbustos de amoras, de roseiras bravas, robínias, espinhos brancos e cordas de lianas (estas, as únicas sem espinhos), acabava por formar um padrão claro e nítido, o de uma cerca natural, uma cerca incomparavelmente mais densa e protetora do que qualquer outra feita por mão humana. Uma espécie de arrepio de medo *a posteriori*, por terem estado ali atrás, aos ziguezagues, um susto posterior, ainda que apenas fugaz, não comparável ao do cavaleiro do lago Constança.¹³ Ou sim?

Colheu daquela barreira uma mão-cheia de amoras maduras de um negro intenso, e o acompanhante fez o mesmo. De novo era de espantar que as amoras maiores, também mais maduras — portanto, a sua doçura na boca —, se encontrassem escondidas, em geral, debaixo das folhas, na sombra, e que, pelo contrário, as que estavam a apanhar sol em cheio eram um pouco ácidas ou estavam tocadas. Entre as sebes das amoras e por baixo delas, havia framboeseiras mortas ou prestes a morrer: estavam, como parece que acontecia em todo o lado, não só aqui, quase a ser aniquiladas até ao último rebento pelas legiões de amoreiras.

Ao partirem, a ladra de fruta deu os primeiros passos a recuar, e uma vez mais o acompanhante imitou-a, desta vez quase em simultâneo, pensando o mesmo que ela: uma espécie de saudação de despedida à inacessibilidade, apesar de tudo, ao mesmo tempo um silencioso adeus.

Pelo caminho claro, curva após curva para sair do bosque da nascente e, após a última inflexão suave, para cima, uma pausa no alto, no limiar do planalto — por ora sem arbustos ou árvores até bem longe —, sob a luz do princípio do entardecer de verão. Por ora, não havia ali nada de árvores, arbustos e, sobretudo, sebes — graças ao céu, aqui o único grande.

Visto desde o limiar do planalto: depois da metrópole, depois da *ville nouvelle*, depois dos prados do rio, depois da pequena cidade no limite da Île-de-France, depois da selva da nascente como faixa fronteira, agora, até onde a vista alcançava, para já nada mais do que campo — o campo —, a Picardia. E apesar de o campo, à primeira vista, até aos horizontes mais longínquos — que, além do mais, deixavam imaginar e também sentir a lonjura, em todas as direções — estar vazio, pelo menos vazio de gente, e de o caminho que o atravessava com as suas curvas que mal se percebiam — eram campos, sobretudo campos — parecer um único campo secundário a abranger todo o território e não levar a nenhum lugar especial, nem a quinta nem a aldeia, e muito menos a um palácio, para não falar de «palácio real», o espaço aéreo

que cobria o planalto, o «Vexin» como parte da região da «Picardia», zunia de nomes, nomes e mais nomes. Ali, a fileira de colinas a oeste: La Molière, a seus pés, sem ser visível, as aldeias «Sérans» e «Hadancourt-le-Haut-Clocher» (a do campanário alto). À direita, no sentido dos ponteiros do relógio, a bifurcação, como desde a Idade Média, a estrada grande, a atual *Route du Blues*; uma que seguia em direção ao mar, para Dieppe, a outra para o interior, para «Chaumont-en-Vexin». E, continuando com a litania dos nomes de lugares, seguindo o ponteiro do relógio para norte, oeste e sul, fazendo um círculo em torno do planalto: ali, invisíveis, todas as aldeias e pequenas povoações, «Liancourt-Saint-Pierre», «Lavillette», «Monneville», «Marquemont» e depois, encerrando o círculo, a outra fileira de colinas, a sul, a mais elevada e longa aqui da região, as «Buttes de Rosne», a seus pés as aldeias e pequenas povoações de «Neuville-Bosc», «Tumbrel», «Chavençon», «Le Heaulme» (o elmo) e, nas colinas do «Rosne», a região das nascentes, com menos aspeto de selva do que as do «Viosne», o outro pequeno rio do território do «Vexin», o riacho com o nome de «La Troësne» (ligustro); além disso, ribeiros incontáveis, um deles de nome «Sausseron», outro de nome «Réveillon» (que também podia designar a passagem do ano), um terceiro de nome «La Couleuvre», a cobra. Nomes atrás de nomes que se elevavam zumbindo diante deles a partir da imensidão aparentemente vazia, dando-lhe ritmo e a eles os dois também.

Cansados como ainda há instantes estavam, foram a correr desde o limiar, como se fosse um bloco de partida improvisado, saindo disparados, em corrida com aposta (sendo que não está documentado quem venceu nem qual era a aposta). O território em que entraram a correr era, como se veio a ver, mas não de imediato, outra faixa de território depois da Île-de-France, uma outra região do Estado que se chamava «La France», a França: apareceu — doce ilusão, ilusão, mas o principal é que era «doce» — como se fosse mais, maior do que um país, do que outro país, ou simplesmente como outra coisa. Além disso — ilusão ainda mais doce? — o Estado, o francês, de resto tão omnipresente, ou, enfim, algo como «o Estado», parecia excluído desta extensão como que vazia e ao mesmo tempo a ressoar de nomes por todos os lados. Um Estado: onde quiserem, e como quiserem, mas aqui não, agora não, hoje não, e, Deus, ou seja o que for, permita, nem amanhã, não antes de amanhã à tarde, não antes de amanhã à noite, e, assim, não antes do final e desenlace sonhado desta história.

Numa das curvas do caminho que continuava, com exceção deles os dois, sem ninguém, a ladra de fruta e o acompanhante pararam a meio da corrida e, a partir dali, a andar devagar, lado a lado, a uma certa distância — no caminho, havia lugar suficiente para uma dúzia como eles. Tinha sido uma corrida suave e nenhum dos dois estava ofegante (o rapaz, pouco habituado ao andar-a-pé, ou talvez um pouco, mas não dava a perceber). Apesar de estar a anoitecer e, uma vez mais, não estar nada pensado para a noite, não tinham pressa nenhuma.

Agora era um percurso intermédio entre um lugar onde tinha acontecido algo e o seguinte, onde o próximo acontecimento os aguardava. Percurso intermédio queria dizer habitualmente: não acontecia nada a não ser percorrê-lo. E, contudo, a maneira como ambos se deslocavam entre os dois sítios dos acontecimentos — bastava vê-los de fora — francamente não tinha nada de um simples percurso. Vendo-os a caminhar assim entre lugares, davam a impressão, na repetição daquela antiga história, de que estavam «pensativos» e «pareciam vir de longe». A jovem dava passos lentos, propositadamente, que o jovem ao seu lado não imitava — passavam a ser seus com naturalidade. Ao mesmo tempo aqueles passos eram grandes, invulgarmente grandes, e não só para ela, a mulher. Aquilo era alargar o passo, era um medir do percurso intermédio com movimentos de géometras, associados a uma atenção a possivelmente todos os pormenores que surgiam no caminho, junto a ele e em volta dele. Não podiam ser descurados, os pormenores. Precisamente, percursos intermédios como aqueles podiam dar pistas que ajudavam à preparação para o que aguardava o viajante no local de destino — abriam para o que poderia acontecer lá. Sim, já ali, no percurso intermédio, agora, ao recolher os seus aspetos, também as suas imagens acústicas, era possível que isso acontecesse, em premonição; era possível, sob a forma de uma antecipação silenciosa, que acontecesse. Que acontecesse o quê? Que sucedesse o quê? Isso, o que fosse. E, portanto: nada de pressas nos percursos intermédios. Ai dos apressados! Pelo contrário, vocês, que tomam proveitosos e deixam frutificar os percursos intermédios, como também os espaços intermédios, como também os tempos intermédios, tornando-vos mais lentos e interiorizando tudo o que é humanamente possível: honra vos seja feita.

Uma só árvore no caminho: uma nogueira, as nozes mal se distinguem no meio da folhagem; no entanto, a cada olhar, aparecem mais, as cascas ainda sem relevo. Uma cruz de ferro no caminho, negra, assente numa base de betão; dentro da lata aos pés do crucificado magro, umas flores campestres murchas. Cortado pelo caminho, o campo de trigo ainda por ceifar, de onde irrompe de repente, primeiro com grande alvoroço, depois com tumulto, uma família numerosa de javalis, e depois passa de uma parte do campo de trigo para a outra, de repente desaparece durante um pedaço sob as espigas ainda em bulício, mas agora, dirigidos a eles os dois, que retrocederam uns passos, ouvem-se dali uns roncões e grunhidos ameaçadores, como que vindos de um cão enorme, e só se calam quando, por fim, o último dos javalis, não o maior, também não o mais pequeno de todos, um dos que estão em crescimento, se lhes cruza ao caminho em galope de javali. A tartaruga na erva das margens do caminho, morta?, não, está viva, avança pesadamente como só uma tartaruga. O silêncio noturno dos trinados das cotovias. O emudecer lá em cima, no espaço aéreo, do assobiar dos milanos, em compensação o assobiar do último comboio que regressa a Paris, ao longe, lá em baixo, como que afundado na concavidade invisível deste ponto do planalto. O vento do dia de verão mudando para um vento de antes do entardecer e do anoitecer, a brisa

ainda quente, como que flanqueada e pontuada pelo avanço do ar fresco. Na areia do caminho, que aqui e além chega aos tornozelos, as marcas isoladas de gotas de chuva deixam como que cicatrizes de varicela, grandes, secas, que caíram e se infiltraram há semanas, durante a estação das chuvas, em junho.

Uma coisa sucedia a outra e, ao mesmo tempo, ausência de acontecimentos. Um medir e caminhar em ausência de acontecimentos. Andar no vazio. Caminhar no vazio. Seguir no vazio como algo fundamentalmente diferente de rodar no vazio — pormenor a pormenor, rodeando-se um ao outro, entrelaçando-se um ao outro: um caminhar caleidoscópico. Caleidoscópio dos percursos intermédios e dos tempos intermédios. Um caleidoscópio assim também como passatempo? Sim, também — porque não?

A meio do trajeto veio um carro da polícia ao seu encontro, anunciado de longe por uma nuvem de pó, a luz intermitente no tejadilho, a sirene. Abrandou a velocidade, depois seguiu à mesma velocidade que eles, a passo. Eles ignoraram os olhares dos que traziam uniformes. Tratava-se de um retrato-robô, uma autoridade não entrava ali em consideração. E os polícias, mudos, com caras de manequins de montra, passaram por eles.

Mais à frente, o segundo encontro no percurso intermédio: uma mulher mais velha, professora na escola da aldeia, que queria aproveitar o tempo de férias escolares para escrever um livro, um romance policial, que mais havia de ser. Vivia sozinha; a mãe, com quem vivera, tinha morrido há uns anos. Só conseguia estar com gente na companhia dos seus alunos. Nas aulas, diante, entre e, sobretudo, no meio deles, sentia e sabia que estava no seu lugar. Desabrochava no meio dos seus muitos alunos, como se fosse sua colega de turma. Mas, já no recreio, começava a sua timidez. Fosse a fazer vigilância ou simplesmente a atravessar o recreio: não sabia bem onde se meter. O mero facto de ter de passar pelas crianças fora da sala de aula — tinham-se tornado uns estranhos — podia fazê-la tropeçar. E então ter de passar por entre todos aqueles adultos, lá fora, na rua! A timidez era uma coisa bela e podia, sobretudo isso, tomar uma pessoa bela. Mas a sua timidez fora de casa — «fora do redil», como ela se referia à sua casa — manifestava-se, de novo nas suas palavras, como algo «animal», em todo o caso não era humana — era uma timidez assustadiça que, em vez de torná-la mais bela, a tornava mais feia. Se alguém se aproximava dela, não importava quem, a cabeça¹⁴ virava-se subitamente, sem que fizesse alguma coisa, evitando a outra pessoa. Se a pessoa em questão era conhecida, de uma forma ou de outra, das horas de atendimentos aos pais, por exemplo, em que olhava os seus interlocutores nos olhos com toda a naturalidade, a sua faceta assustadiça ainda se manifestava de forma mais intensa: a cabeça era-lhe literalmente arrancada diante de quem vinha na direção oposta, mesmo que tivesse acabado de lhe apertar a mão amavelmente, ao sair de sua casa ou da escola.

Acontecia, e não era tão raro assim, ela ter visitas em casa, que antes fora a casa da mãe. É verdade que não tinha amigos, mas recebia convidados com entusiasmo. A hospitalidade — algo que na Picardia não era muito cultivado

— era, para a professora já entrada nos anos, uma parte da sua religião. Nunca um convidado saía de sua casa sem a sensação de ter passado ali um tempo em que a anfitriã o rodeou de todos os cuidados, por fora e por dentro, de forma exemplar, e de ter ficado contagiado com tanta hospitalidade. No entanto, bastava que se cruzassem no dia seguinte: ver mais acima. Nenhum cumprimento, por muito sonoro, dirigido àquela que ainda ontem era a mais amável das vizinhas era capaz de fazer fosse o que fosse contra a timidez da professora.

Por sorte, contudo, para ela e para a comunidade da aldeia, havia, a par da casa e da sala de aula, um terceiro lugar onde aquela timidez extrema perante outros perdia o seu caráter coercivo e se dissipava literalmente no ar. E esse lugar era a igreja, sempre que se celebrava, aos domingos, a eucaristia, a missa. Durante a hora que durava a cerimônia, a cabeça da professora ficava voltada para a frente, com os seus olhos bem abertos, que viam todos as outras pessoas presentes na nave da igreja, preparados para saudar cada uma delas com um leve erguer das pálpebras, com alegria muda, o que depois, lá fora, à porta da igreja, era acompanhado de palavras e passava à conversa geral de depois da missa em que ela também participava — aliás, até a prolongava o mais que podia, tanto quanto lhe era possível —: era inconcebível como, durante a semana, a mais estranha da localidade se afastava de todas as pessoas, em ruas e praças, e estava agora ali de forma festiva, e ia ficando, entre homens, mulheres, casais com filhos.

No entanto: era raro, e cada vez mais raro, haver na igreja a celebração da missa dominical. E agora, nos meses de verão, não estava prevista nenhuma — a próxima seria depois do recomeço das aulas, em setembro. A escola, fechada, não tinha crianças. E as pessoas que poderia convidar para sua casa: não estava ninguém, todos os que estavam nessa situação se encontravam de férias no estrangeiro, e ainda por umas boas semanas.

O romance policial que pensava escrever ia passar-se na região que lhe era familiar desde a infância, começando pela casa da mãe. Em tempos idos, aquela zona tinha má fama por toda a França pelos muitos assassinatos e, em certas livrarias parisienses, havia uma brochura ilustrada com o título «*Meurtres dans l'Oise*», assassinatos no departamento de Oise. E ainda agora, segundo o semanário regional, o *Oise Hebdo*, havia pouco menos pessoas, semana após semana, a perder a vida de forma violenta, só que, em geral, estas mortes, diferentemente do assassinato, aconteciam sem premeditação ou plano de assassinato, espontaneamente, de raiva, por homicídio, em cenas de pancadaria até à morte e, com maior frequência, a morte sucedia a colisões entre automóveis que seguiam em excesso de velocidade nas estreitas estradas regionais.

Poucos assassinatos, pois, no departamento de Oise. Mas, para ela, um assassinato devia ser longamente premeditado, anos a fio. O seu romance haveria de narrar um assassinato, um como nunca tinha sido cometido, nem no mundo dos factos reais nem em nenhum romance policial. De que forma

insólita o assassinato iria ocorrer ainda não sabia — só sabia que tinha de ser de facto insólita, o cúmulo de todos os assassinatos, o assassinato dos assassinatos, «a mãe de todos os assassinatos» (era este o título planeado). Quem lesse o seu romance teria, ao ler, de se transformar na vítima do assassinato e, se isso não acontecesse, ser uma e a mesma pessoa que a vítima, voando com ela no final pelos ares para ser despedaçado em mil bocados com ela, desaparecendo dos pés à cabeça, pelo menos haveria de ser infetado, através da leitura, com uma doença incurável e passaria o resto da vida a finir-se! Todavia, a única coisa que sabe até agora é que o local do crime será algures na zona da nascente do Viosne, o cadáver da vítima ou o que sobrar dela fica lá, na selva que ali existe. O onde, quando e como do assassinato ainda vai descobrir agora, ao sair de casa com máquina fotográfica, lanterna, instrumento de medição do ADN, etc., para, como se diz, investigar. E o porquê? Não há porquê. Também isto iria fazer parte do insólito do seu livro.

Quando a autora futura de um romance policial se cruzou com os dois no seu caminho através do planalto do Vexin, a cabeça virou-se de novo de lado, como poderia ser de outra forma, e agora ali, ao ar livre e em campo aberto, de um modo mais violento ainda do que na povoação, perto de casa; pouco faltou para que o crânio girasse a direito para trás e lhe fosse arrancado do pescoço e partisse a nuca (forma especial de assassinato). Porém, pelo canto de um dos olhos, de novo contra vontade, mas de maneira diferente de quando virava a cabeça, percebeu algo dos dois jovens, apesar de tudo, que se adentravam, avançavam, curvavam, deambulavam, vagueavam, erravam pela região, a sua, a da mulher velha. «Oh, juventude, oh, mundo rejuvenescido.» E, passando por eles, por quem, como poderia ser de outro modo, foi saudada, sem devolver a saudação, virou-se — agora não contra vontade, mas sim involuntariamente — para os dois e saudou-os por fim também, embora só a meia-voz, não se ouviu. Há muito tempo, na sua juventude, tinha ido sozinha, tal como agora nas férias, de comboio até ao sul de França, um longo percurso, da noite para o dia e de novo até à noite, tão lentos eram os caminhos de ferro (e agora: «ferro», onde?). A certa altura, adormeceu e depois, por volta da meia-noite, em Bordéus?, Biarritz?, Latour-de-Carol, na fronteira espanhola?, acordou com a cabeça encostada ao ombro do homem que ia ao seu lado, um desconhecido, um soldado. Desde então nunca mais dormiu tão profundamente, nunca mais acordou tão bem como nessa altura. Escrever uma história de assassinato? Destruir o silêncio do campo para uma história de horror? Estreitar a sua amplidão com terror? Fora com as coisas inquietantes. Histórias aquietantes, não inquietantes. Trair e vender o mistério da região, da paisagem, não só desta aqui, por uma *mystery story*? Tirar a dignidade e desfigurar os lugares com todo aquele criar-de-pistas-falsas? Disparate em cima de disparate. Um assassino, seja quem for, um assassinato, seja como for: coisa de mau gosto. Em contrapartida, um ataque de loucura... um ataque de um homicida louco... uma história sem motivo, sem razão... uma mulher no papel de homicida louca... a história insólita de uma homicida

louca... ai, este mundo... ai, esta vida!

Na sequência, podem ver-se os dois a seguir caminho por aquelas terras, pelo caminho sinuoso de areia clara, entre os campos de cereais, onde, na maioria, a ceifa já tinha sido feita, diante deles o céu de noroeste, amarelo escuro, pouco antes do pôr do Sol. De longe parece que continuam no seu ritmo certo de medição cuidadosa, quando muito um pouco mais rápido. De perto, pelo contrário, é perceptível que o rapaz saiu do ritmo. De um momento para o outro, fica com pressa e caminha agitado. Após alguns passos largos, vários curtos, depois mais um, dois mais largos, esforçadamente lentos. As espigas de trigo ceifadas, que leva diante de si, e as que fazem parte das tabuletas indicadoras, em número de três, o símbolo da região, o antigo «Celeiro dos Reis», não o ajudam a voltar ao ritmo.

De repente, de forma inesperada, o rapaz foi avassalado por um medo no seu interior, um grande medo, enorme. Chegaria demasiado tarde, os dois iriam chegar demasiado tarde. Demasiado tarde para quê? Demasiado tarde. Demasiado tarde aonde? Onde, demasiado tarde? Demasiado tarde. A catástrofe já não podia ser evitada. Que catástrofe? A catástrofe. Ele, os dois poderiam tê-la evitado. Mas agora era demasiado tarde. Ou talvez ainda houvesse uma possibilidade, uma possibilidade mínima, de chegar a tempo e impedir a desgraça que ameaçava, salvar no último minuto, no derradeiro segundo, no último dos últimos centésimos de segundo. Salvar quem? A si próprios? Outra pessoa, alguém em concreto? Salvar. Salvar. Pelo amor de Deus, salvar! E precisamente o pensamento daquela possibilidade ínfima, se calhar de se salvar a si mesmo como ao outro ou aos outros, era o que fazia aumentar o medo do jovem para proporções gigantescas. O Gigante Medo expulsava-o, um passo atrás do outro, de si mesmo; no caminho já não havia mais nenhum jovem a tropeçar, só o Gigante Medo.

Amiúde, e cada vez mais amiúde, o rapaz passava do tropeçar para um avançar apressado, cortando as curvas do caminho, indo a direito pelo restolho dos campos. Sempre que podia, a ladra de fruta, que continuava mais ágil do que ele, tentava, seguindo à sua frente e caminhando energicamente, a compasso, transmitir-lhe o ritmo e contagiar assim a tranquilidade ao seu acompanhante: em vão. Mudo no seu medo durante muito tempo, gritava-o agora cá para fora, soluçava como alguém inconsolável ou como alguém a quem a última esperança está prestes a desaparecer; chorava, gemia, choramingava, ao mesmo tempo que avançava aos tropeções pelo campo fora, sem parar uma única vez. Quem puder que entenda.

Ela entendia-o, fosse por se lembrar do seu próprio tempo de errância, embora diferente, pelos campos fora, vá-se lá saber porquê. Era esta uma das surpresas que esperara do rapaz? Não, isso não. Mas a noite, a noite partilhada, ainda estava por chegar e, com a choradeira nos ouvidos, diante da vista o ranho que lhe escorria como que de vários narizes ao mesmo tempo, ela, Alexia-de-debaixo-das-escadas, tinha a certeza — de vez em quando vinham assim certezas curiosas — de que, naquele mesmo dia, faria com que

aquele homem, que parecia perdido para sempre, se surpreendesse e, de tanta surpresa, se risse. Agora, porém, estava tentada a dar-lhe uma bofetada para o trazer de volta à realidade.

O que tirou o medo da catástrofe ao rapaz foi a tempestade que inesperadamente se aproximava, com o banco de nuvens escuras, que, viste, se levantou de um momento para o outro atrás das costas da colina chamada La Molière, quase como em câmara rápida. Logo ali o primeiro estremeção da faísca, seguida, com um pequeno intervalo, de um ribombar ainda fraco e breve. A trovada ainda estava longe. No dia anterior ela desejara-a, e agora o desejo cumpria-se e ganhava sentido: raios e trovões ao longe e aquele que estava ao seu lado, preso ao pânico, recobrou de imediato a serenidade. Com uma sacudidela, que ele não teve de provocar a si mesmo propositadamente, libertou-se do medo e voltou à calma. Depois, irradiava-a por todo o corpo. Um trovão amável, queridos relâmpagos: existia isso? Dependia de quem ali estivesse à escuta e a ver, e como, e em que momento.

Nisto, os dois põem-se a correr tudo o que pernas e pulmões lhes permitem. A frente do temporal, transportada pelo vento oeste, aproxima-se, a cada piscadela de olhos para o céu, «um ponto». O trovejar depois do relâmpago em intervalos cada vez mais curtos, e assim sucessivamente, é um facto conhecido; durante um bocado, os dois ficam a olhar e a ouvir, como se estivessem numa cena de aventuras. E, contudo, é preciso correr. Sair daqui, do planalto sem troncos, em forma de árvore só os raios que se despenham. Para já pelo menos não há chuva, mas só agora, e agora uma gota grossa na testa e nas mãos, depois da longa caminhada de meio do verão é quase uma carícia. Só rompe a chover quando o caminho começa finalmente a descer ligeiramente e desemboca numa estrada. Num instante, os dois «encharcados como uns pintos», como se dizia antigamente. Quase ao mesmo tempo chega a escuridão, profunda, como no mais profundo da noite. De vez em quando, um automóvel, todos com os faróis ligados. O rugir da chuva e o roçar do limpa-pára-brisas. Um automóvel que pára e os convida a entrar. Declinam; serem transportados está fora de questão neste dia, mas agradecem ao condutor, estendendo-lhe as mãos encharcadas pela janela aberta do carro — por Deus, ele que não deixe de parar se vir outros caminhantes da próxima vez.

Finalmente, os dois, meio às escuras, em frente a uma grande casa, isolada; uma única janela iluminada no andar de cima, acima da qual, agora de noite não se consegue ver, talvez ainda haja outra. Relâmpagos e trovões: já não tão dramáticos, entretanto apagam-se e calam-se no meio da bâtega de chuva, que aumenta de intensidade. Mas as caras dos dois, a escorrer água, ainda são iluminadas a intervalos breves pela luz dos automóveis da autoestrada próxima, ou serão, a julgar pelo ruído, duas estradas? Ladra de fruta e acompanhante estão no umbral da porta da casa, mesmo assim expostos ainda à chuva: a casa, como todos os edifícios antigos do planalto do Vexin, tem um telhado sólido, é certo, em pedra, porém os rebordos não ultrapassam as

paredes, ficam na mesma linha e fecham assim, de forma que o telhado que cobre a casa não oferece nenhuma proteção da chuva; não se pode falar de uma «cobertura».

Ela toca, primeiro brevemente, depois longamente, à campainha do portão, que ressoa de forma audível por toda a casa, como se estivesse vazia e as portas dos compartimentos todas abertas. Ao mesmo tempo, o rapaz toca, depois bate com o punho no portão. Nenhuma resposta. A ladra de fruta faz pressão no trinco, primeiro de forma hesitante, depois resoluto. E ao mesmo tempo o trinco é pressionado também pelo lado de dentro e, com o portão de repente escancarado, por um triz não caiu pelo umbral para dentro da casa, ao encontro do homem.

O homem que ali estava não lhes barrou ostensivamente a entrada, que era mais do que larga para passarem duas pessoas ou mais. Mas também não fez nenhum sinal aos dois para que entrassem. Sem dizer uma palavra, olhava para um e para outro, vendo como a chuva caía por eles abaixo, com tanta força que eles, tanto um como outro, tinham de lambê-la dos lábios. Era como se estivesse preso num sonho, que, sozinho em casa, sonhara há muito e que agora, perante aqueles dois estranhos recém-chegados, continuava a sonhar. A vestimenta que trazia, sem ser um roupão, tinha, nestes primeiros instantes, aspeto disso.

Continuou sem se dispor a fazê-los entrar. À luz mortiça que vinha de um dos andares de cima — o rés do chão por detrás dele estava praticamente na penumbra —, olhava-os fixamente sem pestanejar uma única vez e estava, todo ele, rígido, e era como se tivesse estado assim, há muito tempo, naquela rigidez total, atrás da porta.

Em certas regiões europeias, dizia-se das mulheres que nunca tinham tido um marido na vida, ou que nunca tinham tido alguém, que eram umas «solteironas encarniçadas». Não era o que irradiava o dono da casa naqueles momentos? Não parecia só encarniçado como, além disso, inteiriçado.

O seu inteiriçamento era só aparente. Quando a ladra de fruta, puxando o seu acompanhante atrás de si, cruzou o umbral sem hesitar, aquela rigidez desvaneceu-se de imediato, uma rigidez da solidão que desde as primeiras horas da tarde daquele miserável dia de verão o apoquentara, numa reverência perfeita que descrevia um grande arco, quase um passo de dança, e deu as boas-vindas aos hóspedes tardios. Apesar de continuar a não sair uma palavra dos seus lábios, falava no seu interior, em silêncio, pela primeira vez ao fim de dias, semanas.

«Chegaram os meus hóspedes, há tanto tempo esperados. Não me deixaram ficar mal — estes não! Passaram pelo meu umbral, vieram em pessoa e passaram pelo meu umbral; fizeram as honras aos desenhos das conchas pré-históricas, aos fósseis do meu umbral. Vieram para jantar e encontrar alojamento para a noite, e é uma honra para mim estar ao seu serviço. Foi de longe que vieram os dois, de tão longe que merecem ser servidos por mim, por todos os lados, todos! Finalmente posso ser estalajadeiro! Alegria,

cristalizas-me o calcário do meu umbral!» E foi, ágil como só um estalajadeiro e dono de albergue de longa data, buscar, em primeiro lugar, toalhas para os dois se secarem.

Até há pouco, a sua casa era ainda um hotel, e continuava a ser, era essa a intenção do estalajadeiro. De dia, na fachada que dava para a estrada, podia ler-se, em letras gordas: AUBERGE DE DIEPPE; mais abaixo, na estrada, que formava cruzamento com outra, duas placas de direção: uma, a maior, dizia: «Dieppe 100 km», a outra, em formato de tesoura aberta, tal como as duas estradas, indicava «Chaumont-en-Vexin». O «Auberge de Dieppe» estava no cruzamento das duas estradas nacionais, sozinho, sem vizinhos. No outono, o albergue iria ser demolido, e não era só por causa do barulho do trânsito durante toda a noite que não havia hóspedes. Para mais motivos, mais detalhados, da falta de rentabilidade, consultar a internet: Auberge de Dieppe ponto com, ou coisa parecida.

No entanto, o albergue, no triângulo das duas grandes estradas nacionais, mesmo sem ter um horário de serviço afixado, estava «operacional» às escondidas, aberto aos hóspedes, na imaginação do estalajadeiro, até à manhã em que chegassem as bolas de aço da demolição. A cave, a cozinha e os quartos estavam preparados para quem viesse, e a porta do hotel ficava destrancada dia e noite. Os dois caminhantes à chuva eram, na verdade, os primeiros desde..., que, precisando dos seus serviços, como competia aos hóspedes, lhe tinham entrado em casa. Ou não: tinha havido outra pessoa, sozinha, que tinha passado uma noite, ontem?, anteontem?, há uma semana? Teria o estalajadeiro perdido a noção do tempo? Ou viveria, entretanto, noutro tempo?

Fosse como fosse: num destempo ou noutro tempo, todo o rés do chão do albergue resplandecia a uma luz clara, contudo quente, uma luz de candeeiro, uma luz de candeeiro de mesa e de quadro, o único, não demasiado grande, não demasiado pequeno, o mais adequado a uma receção, também não demasiado clara, com os devidos recantos escuros e nichos sombrios. E, além disso, havia a labareda do lume que crepitava, estalava, estrepitava e rugia na lareira preparada há algum tempo, uma vez mais num fogão de sala não demasiado pequeno, não demasiado grande, do tamanho certo para esta noite — uma lareira no verão? E então? Não estava a mesa, que não era de ébano ou de mármore, mas também não de contraplacado ou plástico, posta, não com porcelana de Limoges ou cristal de..., mas também não...: tudo isto como só nas histórias antigas, muito antigas. «Só?» Queria isso dizer: contrariamente à vida?, à realidade? Não! Também na vida ocorriam coisas assim, de tempos a tempos, e justamente no momento certo, e também na realidade, e só assim a vida era, além do mais, acontecer, e acontecia realidade como realidade; o real contido na realidade. A mim, pelo menos, que estou aqui, mais do que a narrar esta história, a tentar antecipá-la para aqueles a quem diga respeito, ocorrências como a do «Auberge de Dieppe» sucederam-me na vida não muitas vezes, é certo, mas também não foram

muito raras — precisamente nos tempos sagrados, não tão raros assim —, sucederam-me e/ou fui presenteado com elas sempre, juntamente com o correspondente episódio desgraçado que as precede, para lá de trovoadas e tempestades, e, se li bem, também sucederam a não tão poucos narradores como isso, entre Wolfram von Eschenbach até ao meu tempo-da-atualidade, desde Miguel de Cervantes y Saavedra passando por Lev Tolstói e, porque não, Karl May, Raymond Chandler e Georges Simenon até, porque não, Isabel Allende, Zane Grey e Jerry Cotton.

Ninguém, nenhum viandante, passou naquela noite chuvosa pelo ex-albergue, rodeado pelas tangentes das grandes estradas nacionais. Mas se tivesse passado alguém diante da casa de fachada larga, meio perdido ou simplesmente um caminhante da noite, ao ver o que havia por trás das janelas agora iluminadas de trás para a frente e de cima para baixo, teria tido logo vontade de entrar.

Os dois hóspedes tinham ajudado o dono do albergue a preparar a comida, a tirar a rolha à garrafa de vinho e a servi-lo; e como o homem estava sempre a meio de uma tarefa, a meio caminho entre cozinha e sala, ou de regresso, a voltar à sua imobilidade, tomaram o acontecimento todo a cargo; insistiram para que se sentasse com eles à mesa — não com modos muito suaves, mas ele obedeceu de boa vontade —, e por fim foram eles que o serviram. Estavam habituados, de resto, tanto ele como ela sabiam fazê-lo perfeitamente e davam-lhes prazer servir. Em relação ao que houve para o jantar, apenas isto: foi composto e cozinhado a partir daquilo que a ladra de fruta e de frutos apanhou e arrancou ao passar por jardins das aldeias, sem que aquele que ia ao seu lado desse por ela; desde há alguns anos, em certos campos do Vexin, os cereais, dantes omnipresentes, davam lugar à plantação, que se estendia por grandes terrenos, de feijão verde, ervilhas e nabos, quem sabe de que longínqua instância tinham chegado aos antigos cultivadores de centeio e aveia estas diretivas, ou lá o que eram; milhas e milhas quadradas de cabeças de cebolas saindo, redondas, dos antigos sulcos de cereais — com o correspondente cheiro a espalhar-se pelas estradas —, e algumas das quintas, muitas delas medievais, cada uma delas uma povoação por si só, uma povoação fortificada nos arredores das aldeias da Picardia, estavam entretanto rodeadas de um mar de salsa — miríades e miríades de molhinhos de salsa, mas só na aparência — na verdade eram mares de coentros. Para que mercado eram aquelas cebolas e coentros? Consultar no jornal agrícola de periodicidade semanal.

A mesa levantada. A louça lavada, à mão. Um caminhante noturno que parasse agora, diante de uma das janelas de baixo, veria os dois jovens num canto da sala de jantar, perto do balcão, a jogar matraquilhos, e o estalajadeiro, definitivamente acordado da sua rigidez e de pé, a servir de público. Apesar do barulho do trânsito, os toques da bolinha e os gritos de aplauso depois de um golo teriam sido bem audíveis lá fora, sobretudo os gritos da jovem. Além disso, ela tinha mais vezes motivo para gritar de aplauso do que o rapaz, que, perante o jogo dela, não conseguia acompanhar

com o olhar, quanto mais reagir. Ela não lhe dava hipótese, a mínima hipótese. Ao menos um golo de honra havia de lhe conceder? Até isso estava fora de questão. E com o estalajadeiro, que, na partida seguinte, foi dar apoio ao rapaz, jogando à defesa, foi a mesma coisa. Um golo atrás do outro a sair do pulso da ladra de fruta, bastava um movimento pequeno, como que sem esforço, e já a bola ressoava no fundo da baliza adversária, com um eco que se expandia pelas estradas em todas as direções, através do barulho da chuva noturna.

Mais tarde, noutro canto da sala, a *jukebox* em marcha, iridescente com as cores de um arco-íris elétrico. Desta vez não saía um único som para o exterior; ali só se ouvia o bramir vertical da incessante cascata de água a cair da negrura do céu; na horizontal, o dos automóveis e camiões. Mas ali, na sala, teria sido possível ver os que dançavam em frente à *jukebox*, primeiro dois, à distância, depois três, enquanto a mulher, de repente muito juvenzinha, depois de puxar o mais velho dos dois homens para a pista de dança, pega nele pelo cotovelo e lhe ensina os passos.

Um *blues* não pode ser aquilo que os dois, o homem aos poucos a apanhar o ritmo, estão a dançar; o rapaz está a fazer de espectador, em silêncio, dança apenas passando o peso de um pé para o outro. É verdade que isto a partir daqui é a prolongada e alargada *Route du Blues*, por assim dizer o seu ponto de confluência. Mas um *blues*, na sua monotonia, por um lado, insistente, por outro, mal dando nas vistas, muito menos de pé pesado — o *blues*, no seu lamento e queixume, não é música para dançar, mesmo um *Summertime Blues*, não? Ou é? Uma dança saída do coração pesado, de pés pesados? Ou se calhar é só uma dança para se estar sentado, uma dança sentada, de acordo com o cantar do *blues*, que ressoa de forma mais pura e insistente quando o cantor está simplesmente sentado, possivelmente numa cadeira a abanar, talvez uma cadeira sem uma perna? Tal como o cantor de *blues* canta sentado, também aquele que dança o *blues* dança sentado?

A julgar pelo rapaz, que se pôs a um canto e se foi sentar num banco, balançando o tronco ligeiramente para trás e para diante, mas de resto imóvel, a *jukebox* podia estar a tocar, de facto, um *blues*. Pelo contrário, a jovem, a miúda, e o homem, uma com as mãos nos ombros do outro, dançam ao som de uma música, acompanham uma música que é impossível que seja uma canção de lamento, é impensável que seja um *blues*. Dançam animados, a dança deles tem qualquer coisa de uma dança de roda, de tal maneira se movem de um lado para o outro na sala, uma dança corrida, quase se diria que há mais pares, muitos, parecidos, também eles dançando em círculos, espirais, esferas, no meio uns dos outros. A dança de roda dos pares parece tão viva como dramática e não há nenhum cantor a dar aos dois o tom e os passos, só instrumentos, ou não, só um instrumento, pequeno, um que toca rapidamente, um violino?

Assim é: dançam ao som do violino, porque os dois, ambos membros da mesma grande família, estão em perigo, e, com eles, toda a família, todo o clã.

Dançam ao som do violino do filme *As Vinhas da Ira*, de John Ford, em que mãe e filho, cercados de inimigos mortais, dançam assim para se protegerem um ao outro. E quem faz de mãe aqui é a rapariga ali? E o filho, Henry Fonda no filme, é o velho estalajadeiro que faz o papel dele? Assim é. E a rapariga aqui, ao conduzir a dança, e de que maneira!, protege, dos inimigos, sejam eles quais forem, o homem? Os homens? Assim é. Assim terá sido.

O perigo que ameaçava não vinha de fora. Surgiu do jovem que ainda agora se balançava na sua dança sentada, com o tronco para trás e para diante, ao som do seu *blues*. Aos poucos começou a parar de balançar, sentou-se de repente muito direito e pôs-se a olhar em volta, movendo a cabeça toda de cada vez, enquanto os olhos ficavam imóveis, como um mocho quando olham em redor. Por onde podia começar? Em que direção, sobre quem ou quê iria lançar-se no seu ato de violência? Sobre o quê se precipitaria no segundo seguinte para se matar?

A ladra de fruta sabia o que passava pela cabeça do rapaz. Como é que sabia? Dos seus sonhos, e porque sim. Já há muito que ele queria cortar com o mundo, com este mundo. E agora era chegado o momento de desaparecer dele de uma vez por todas. Pôr-se a andar. Fora comigo. Para o paraíso, ou pelo menos para aquele lugar luminoso onde o Eufrates e o Tigre correm para o paraíso? Não havia lugar luminoso, nada a não ser negrura diante e atrás dos olhos — nada como desaparecer daqui pelos séculos dos séculos, amém.

O que ela não sabia a princípio: tentaria ele levar consigo mais alguém para a perdição? Ao pôr-se a andar deste mundo também iria acabar com ela?, o seu par na dança de roda?, acabaria com os três de um só golpe? E já olhava em volta, furtivamente, à procura de armas na sala: não havia sabres nem espadas ou o que quer que fosse nas paredes, quando muito cópias delas ou alucinações em forma de silhuetas tremulantes à luz do fogo da lareira.

E depois soube: só ele queria ir embora deste mundo. Ela e o estalajadeiro, o «dono do albergue», existiam talvez de alguma maneira, nalgum lugar; mas já não para ele. Já não contava mais ninguém. Ou então assim: o rapaz já não podia contar com mais ninguém ali. Não tinha ninguém a favor dele nem contra ele. Para mim, ao meu lado, à mão, não há mais ninguém, nunca houve alguém. Mas onde estão eles, os meus semelhantes?!, gritei eu desde sempre em silêncio. Onde param eles, esses gajos de merda, esses cães, essas galinhas, esses cabrões, esses abutres — os meus semelhantes? E era preciso chegar aos vinte e um anos — ou já terei vinte e dois?, esqueci-me da minha própria idade... — até que se fez luz: os meus semelhantes não os há, em lado nenhum, aqui também não, nem sequer aqui. Como fui burro. Burro como uma porta. Burro, burro.

O que ela sabia também: ele hesitava. Ainda ia continuar a hesitar durante uns poucos olhares de mocho. Iria cometer de imediato o ato violento contra si mesmo, um que o deixaria deitado no chão para sempre. Mas ainda estava indeciso. Em todo o caso, não queria cometer o ato discretamente, afastado, lá fora, algures na noite chuvosa; a cena iria passar-se aqui, à luz, diante dos

olhos de todos, com toda a pompa e circunstância. Ainda que tivesse só estas duas pessoas a assistir: o seu ato de terror contra si próprio tinha de ser apresentado ao mundo. A sala do «Auberge de Dieppe» continuava até lá ao fundo, até uma parede de grandes blocos de pedra por pintar, e o trajeto para tomar balanço e correr era suficiente para esborrachar o crânio. Por outro lado, o fogo que ardia na lareira era agora um monte de brasas, e se se regasse com o azeite que tinha ficado em cima da mesa...

Em nisto a ladra de fruta já tinha arrancado o rapaz do banco e puxado para a dança do par. Ele não sabia como aquilo tinha acontecido e, quando olhou os outros nos olhos, acabou por saber. Tinha vontade de chorar. Mas bastara-lhe a vontade. Tinha vontade de beijar a mão à dama, as duas mãos. Não beijou aquelas mãos. Bastara-lhe a vontade. Continuaram a dançar a dança de roda, a três, cada um com o braço em volta da cintura do outro e da outra, esqueceram o que acabara de se passar, esqueceram também os pés inteiriçados nos sapatos ainda molhados da longa caminhada debaixo da chuva torrencial.

O estalajadeiro tinha deixado que os dois escolhessem os quartos nos pisos de cima e retirara-se. Antes disso, ainda pôs alguma lenha na lareira. Os dois hóspedes do albergue ainda ficaram bastante tempo à lareira, em cujo calor o calçado secou. O rapaz perguntou à ladra de fruta como sabia o que lhe passava pela cabeça. Ela respondeu: «Eu sabia.» Ficou espantado, mas não com a resposta dela, e sim por lhe ter ocorrido que, depois daquele tempo todo passado a caminho, estavam a manter algo como um diálogo. Sentiu o impulso de acrescentar o nome dela na frase seguinte, o nome que ela tinha dado a si própria no dia anterior, mas estava tão cansado que se enganou e disse, em vez de «Alexia», «Alicia», e ela respondeu que se, na manhã e no dia seguinte, viesse a precisar de um nome, aquele seria um nome como que feito para ser gritado ao longe.

Que ele era órfão, não precisava sequer de adivinhar. Sabia-o; soube-o logo ao primeiro olhar, ele, montado na mota, numa curva da rua da *ville nouvelle* de Cergy-Pontoise, com a caixa metálica ou de alumínio amarrada atrás dele, com que distribuía as pizzas, o *sushi* ou o que era, e que, em comparação com ele, tinha um ar imponente, muito mais pesada, quase o ultrapassava em altura. Se um dia se visse obrigado a dar uma travadela brusca, que aquele caixote ou arca malvada não se soltasse e, batendo nele por trás, lhe partisse o pescoço!

Até há alguns anos, não ter conhecido nem mãe nem pai tinha sido a sua dor. Só em sonhos se encontrava com os pais. Quer dizer, nos sonhos nunca se dava um encontro: esperava sempre, em vão, durante todo o sonho, durante toda a noite. Estava sempre numa clareira, no meio de uma floresta imensa, e chegava-lhe, quem sabe como — não era pelos ouvidos, era sem voz —, uma mensagem vinda do ar, dos ares, dizendo que agora mesmo, pai e mãe viriam da floresta ter com mais ninguém a não ser ele, o seu filho. Até era indicado, de cada vez, o sítio de onde os dois saíam da floresta para irem ao encontro

dele, na clareira, pelo intervalo escuro entre duas árvores especialmente altas, que cresciam em direção ao céu especialmente a direito (eram, por via da regra do sonho, abetos). Assim estava — no sonho já há muito que não era uma criança ou um adolescente, mas sim alguém sem idade — na erva da clareira, à altura da cintura, a espera em pessoa. Um rejubilar infinito dentro de si. O coração queria saltar-lhe do peito de alegria. Finalmente viriam e estariam ali, agora, e agora, e agora... E ainda hoje, que contava o sonho, o coração fervia-lhe no peito quando o espaço entre os abetos ficava sempre vazio.

Depois, pouco a pouco, deixou de sentir tanta falta dos pais. Com o tempo, a sua existência foi-se perdendo nos sonhos. Já não sentia dor, por eles, por si. A princípio, afetava-o. Sentia-se culpado por não continuar, de dia ou durante o sonho, à procura de pai e mãe. Mas depois veio um período em que se sentia francamente orgulhoso de não ter pais. O orgulho converteu-se, seguidamente, em vaidade e arrogância. Sem familiares, o jovem sentia-se um eleito, um eleito entre todos os milhões enredados e asfixiados pelos parentes. Em contrapartida, a liberdade que nós temos, os que não têm pai nem mãe, o ar incomparavelmente livre por baixo das nossas axilas, nas nossas asas! Sim: sozinho como estava, pensava em si como um «nós»: nós, os que não temos pais, ainda vos vamos dizer como é, esperem lá. Nós, nós somos o mundo. Nós somos os futuros reis do mundo. E onde hoje reina a calamidade, amanhã virá de nós, os que nos livrámos de mãe e pai, a salvação. Nós somos os salvadores. Estamos destinados — sim, temos um destino — a salvar o mundo, o de hoje, da corrupção e da extinção que o ameaçam. Vocês, os outros, que se creem senhores do mundo e são, na verdade, seus escravos, já nos cederam a nós, os órfãos, o lugar, aos únicos seres humanos livres aqui neste mundo! Abram alas aos órfãos.

Porém, entretanto, estava de novo à espera, na clareira, no meio da floresta escura, menos em sonhos do que de dia, e aqueles por quem esperava tão ansiosamente como nos tempos de criança, apesar de não serem os seus pais, eram família, sim, família, mas não de sangue. Tal como os sonhos de infância se tinham dissipado, também a arrogância posterior. Aonde o levaria senão à mota, à *Vespa*, à motocicleta de marca *Piaggio* (ital.), para entregar comidas encomendadas por telefone na *ville nouvelle*? — apesar de este trabalho lhe trazer, entretanto, alguma coisa (dinheiro?, vamos deixar isso de fora), sobretudo, estranho ou não, de noite e no inverno, nas três etapas, desde a preparação e carregamento da caixa metálica, no restaurante, passando pelos trajetos intermédios muitas vezes longos, escuros, com um vento gelado, de gorro de lã especial na cabeça, copiado de uma miniatura de Saint Louis, o rei santo, até chegar à morada do cliente, não raro, aventureira, aventureira não só a morada. Como era o nome da mota, do seu veículo de distribuição? «Aujourd'hui», «Hoje».

E na manhã seguinte cada um deles seguiria o seu caminho. Assim estava pensado. E se estavam sentados um em frente ao outro pela última vez? Era o

que perguntavam a si próprios tanto um como o outro, sem precisarem de dizê-lo expressamente. Não, iriam voltar a ver-se, num dia não muito longínquo, talvez até em breve, e não seria a última vez. Por outro lado: quem sabe, quem sabe? E por isso ficaram ainda um pedaço sentados, em silêncio, junto à mesa arrumada, cada um numa ponta, e escutavam, com a mesma concentração, a chuva noturna a cair, cujo marulhar, a intervalos cada vez maiores, se tornava áspero e era ao mesmo tempo intensificado pelo trânsito automóvel; e no interior do albergue ouviam o dono lá em cima, nos seus aposentos privativos, a falar muito alto, tão alto como certas pessoas ao telefone?, não, alto de outra maneira, e só muito depois é que os dois lá em baixo se deram conta de que o homem falava durante o sono, e assim, a dormir, não falava senão consigo mesmo.

Apesar de a voz entoar por todo o edifício, clara e articulada, era incompreensível aquilo que dizia quem dormia. E, apesar disso, ouvia-se como uma língua sem igual, não uma língua estranha, estrangeira, mas sim uma língua antiga, conhecida há séculos, para não dizer das origens. Incompreensível? Sim. Sem sentido? Absurda? Não. Aquela voz, que se ouvia desde os andares de cima, sem interrupção e sem esforço, sem aumentar de volume, irradiava uma autoridade completamente diferente da de alguém que discursa numa praça central, até de alguém que chama para a oração. E aquela autoridade advinha do facto de parecer estar a ser entoada uma língua, por volta da meia-noite, que tinha sido falada antes de todas as línguas que viriam depois. Ao mesmo tempo, aquela voz que tomava a palavra nessa língua não tinha nada de autoritário. Nem aquela voz em particular, nem a língua que a comandava tinham pretensões à autoridade. Não eram dadas ordens, nem feitas exigências nem declarações. O sentido que se ouvia alternava constantemente, na realidade, entre a objetividade e a solicitude: a questão é esta assim assim, a situação é esta assim assim, e, por conseguinte, no que estiver ao meu alcance, assim será e assim será feito, e com todo o gosto. Mas de onde vinha depois, nos momentos intermédios, como que saída de um sono diferente, muito mais profundo, ao mesmo tempo correndo paralelamente e quebrando o tom de objetividade e solicitude, uma terceira voz, abrupta, completamente inarticulada, para lá de todas as línguas, um tartamudeio, de onde vinha ora um riso sonoro, depois um gemido, um choramingar de bebé, um choramingar sem remédio e que nunca mais poderia ser remediado?

Os dois acompanharam-se mutuamente até à entrada da porta dos respetivos quartos, primeiro ele até à dela, depois ela até à dele, depois ele de novo de volta até à dela. Agora era chegado o momento da despedida. Sim: apesar de a ladra de fruta e o distribuidor de pizzas, ou do que era, se terem conhecido só ao final da manhã deste dia, cada um deles tinha agora a mesma sensação de despedida. E tanto ele como ela tinham vontade de oferecer ao outro algo à despedida. Algo meu para ti e algo teu para mim! Tinha mesmo de ser assim? Sim, tinha de ser! E assim passou de novo algum tempo em que nada fizeram a não ser ficar de pé, no corredor do albergue, um em frente ao

outro, olhando um para o outro, a ver como o outro, de uma maneira ou de outra, procurava em silêncio uma possível prenda. Daquilo que o rapaz retirava de todos os bolsos nada se prestava: nem o canivete nem a esferográfica com o nome do restaurante impresso, etc., até que ela acabou por lhe tirar da mão uma coisa, um atacador rasgado, uma mola da roupa, um abre-garrafas, uma carga. E ela? Ela pediu-lhe o blusão, com o rasgão das silvas da selva, que ela iria coser de imediato e pendurar do lado de fora da porta do quarto.

Feito isto, Alexia/Alicia ficou ainda muito tempo acordada no quarto por ela escolhido para passar a noite. Tinha-o escolhido por causa de uma particularidade: ficava por baixo das escadas do albergue, não das escadas interiores, mas sim das de fora — não de madeira, de pedra — coladas ao velho edifício. O quarto que ficava por baixo das escadas exteriores, de pedra, deve ter sido utilizado em tempos como estábulo, e terá sido mais tarde transformado em quarto de hóspedes, com acesso pelo interior da casa, uma solução de recurso para o caso de todos os outros quartos do albergue estarem ocupados. E agora, que a casa estava quase vazia, tinha-se decidido por aquele lugar para dormir, o quarto por baixo das escadas. Já há muito que desejava passar um tempo num espaço assim, mesmo que fosse só por uma noite. E agora surgia a oportunidade. Era agora ou nunca. E que esperava ela de um lugar onde ficava deitada num espaço exíguo, quase encurralada, com uma janela não muito maior do que uma ameia? Ela queria simplesmente ficar deitada uma noite como, segundo rezava a lenda, Alexius, um dos seus epónimos, tinha vivido, anos a fio, num tabique debaixo da escada da casa paterna, sem que os seus o reconhecessem.

O seu quarto de agora não era um tabique. Acanhado como era, oferecia, no entanto, conforto, além disso uma sensação de proteção. Girar e virar-se num quarto o mais pequeno possível podia aumentar a sensação de liberdade e domínio, a cama estreita também ajudava. Aquele quartinho irradiava pureza e para isso não era necessariamente obrigatório que tivesse um cantinho com chuveiro.

Olhando-se ao espelho que havia ali — olhou-se nos olhos apenas, durante muito tempo —, apercebeu-se de que, ao contrário do que era habitual, não tinha pensado o dia inteiro uma única vez na família, nem na mãe nem no pai, nem sequer naquele que, por vezes, lhe era de todos o mais próximo, o irmão, o adolescente, o jovem. Não só se tinha esquecido de pensar neles durante o dia — pela primeira vez, os três não lhe tinham ocorrido por nada, nem de passagem. Era como se se tivesse esquecido dos seus completamente. Não tinham existido. Mãe, irmão, pai: tinham-lhe escapado.

E enquanto continuava a olhar-se nos olhos, o pensamento: está bem assim! Ao esquecer os seus familiares, tinham acontecido coisas boas, todos eles tinham arejado; a mãe, o pai e o irmão, dos três talvez aquele que corria mais perigo, tinham sido transportados como que por magia para um círculo quase seguro, pelo menos naquele dia, provisoriamente. Disso tinha a certeza. Como a tranquilizava ter-se libertado completamente dos seus um dia inteiro e como, além disso, a fortalecia, mesmo no que dizia respeito a si própria. Esquecer a família: uma ideia? E o que queria dizer ideia? Algo que valia e tinha de valer para além de um dia. «Já vais ver!», dizia a si mesma ao espelho, a meia-voz. «Vamos ver!»

Apesar disso, não conseguiu deixar de olhar para o telefone, para o *portable*, para o telemóvel, a ver se tinha mensagens. Tinha duas, uma do irmão, outra do pai. Irmão: «Anda daí! Tenho uma coisa para te contar.» O

pai dizia que se tinha adiantado e já estava na Picardia à espera dela, do irmão e, se o céu ou alguém lhes fosse propício, iriam encontrar-se também com a mãe de ambos, na tarde do dia seguinte, ainda não sabia onde, o local que imaginara já não existia ou então não o tinha encontrado, como acontecia com os locais queridos, ou ter-se-ia enganado no caminho até lá, geógrafo de trazer por casa que era, tal como o «geógrafo sem sentido de orientação», que poderia ser o lema de toda a sua vida. — Da mãe: nada. Nada também da amiga que vivia nas margens do rio siberiano. Ter-lhe-ia sabido bem uma palavra que fosse, mas a mensagem deixada de manhã ainda surtia o seu efeito, além disso lá no Extremo Oriente já era outro dia há muito tempo.

No cabide, o único que havia na parede do quarto, estava pendurada uma peça de roupa, aparentemente esquecida ali, um cachecol? Não, um lenço, um lenço de pescoço, de seda. E dava para ver que não estava pendurado ali há muito tempo. Dava para ver como? Pensando em todas as peças de roupa esquecidas, pendentes de cabides nos bares, tabernas, albergues: normalmente estavam ali há algum tempo, há muito tempo. Aquele cachecol, pelo contrário, aquele lenço: recém-esquecido, há um, dois dias: esquecido? Deixado ali pendurado de propósito?

Ao apagar o candeeiro, espalhou-se pelo quarto debaixo da escadaria um cheiro conhecido. Um aroma passou-lhe pelas narinas, não vinha de fora, nem da chuva nem dos campos molhados da chuva, nem das autoestradas. O perfume da mãe, uma nuvem suave, uma só, passando logo a seguir, chegou-lhe como que de baixo para cima, não da cama, mas do chão, um soalho com tábuas bem largas, pensado como que para um grande salão, mas que, naquele quarto minúsculo, tocava logo no rodapé. Portanto, ela tinha estado naquele mesmo quarto, a mãe. Mas não tinha passado ali a noite, dormir tinha dormido noutro lado. Para uma pessoa como a mãe, um quartinho debaixo das escadas como aquele estava fora de questão. (Ou não?) Além disso, a cama era demasiado curta para a banqueira, alta como era. Ou, quem sabe, para uma vez, por uma noite, especial, *una notte speciale*, precisamente o ideal? Não. Tinha apenas espreitado o quarto, aproveitava as férias do banco, decretadas por autoridade sua — tal era o poder da mãe —, as *bank holidays*, para fazer uma viagem de pesquisa a todos os quartos de hotel e quartos de hóspedes, *chambres d'hôtes*, debaixo de uma escada, *sous un escalier*, em todo o país, listados no *Google* ou noutro sítio qualquer.

Uma viagem de pesquisa a todos os alojamentos debaixo de escadas com que fim, objetivo, motivo? Para investigar o quê nos cobertos, nos antigos dormitórios, quartos de arrumos, esconderijos dos combatentes da *Résistance*, celas de castigo para encerrar crianças irrequietas, celas da morte para os que iriam ser executados ao amanhecer? Pesquisar o que fosse. Investigar, ver todas essas guaridas debaixo de escadas, investigar sobretudo dentro de si própria.

Ali estivera, a mãe alta, a mãe gigantesca nas noites de infância, no umbral da porta, um pé fora, outro aqui dentro, em posição muito abaixada — tão

baixa como a porta do quarto —, e com o olhar examinara o interior, *el interior de la morada* (o que, no espanhol de Teresa de Ávila, foi quase sempre traduzido por «aposenso»), ao mesmo tempo o seu próprio interior como o aposento mais pequeno, mais escuro, mais longínquo e recôndito aposento de todos os aposentos, *moradas do castillo*, do castelo, que, constituía no seu conjunto o edifício da sua alma, e não só da sua alma, *el alma*. Teria a mãe, na sua viagem de pesquisa, sido iluminada nesse aposento ou neste recanto particular da sua alma, precisamente por aquele branco do lírio, com que, durante um certo tempo, dizia ver brilhar todo o castelo da sua alma? Para mais, o riso infantil da sua filha, ladra de fruta, vinha do quarto escuro como breu.

Quando voltou a fechar os olhos, passou, desfilou, atravessou por detrás das pálpebras de novo a escrita, ainda e sempre manuscrita, regular, ilegível, se tanto piscavam algumas letras de vez em quando. Parecia-lhe que aquela caligrafia também continuava a avançar durante o dia, sem interrupção, invisível quando tinha os olhos abertos, e ela, a supersticiosa, via aquilo como um bom sinal para o dia seguinte. Ali estava ela, a escrita, ali andava, ali corria, ali cintilava e chispava, indecifrável, existente, patente.

Já meio adormecida, o ruído e o fragor do trânsito das autoestradas pareciam distanciar-se. Contudo, continuavam a predominar no quarto, penetravam pelas paredes de pedra que tinham fendas por todo o lado. Porém, a que estava meio adormecida ouvia outras coisas em primeiro plano, também com maior nitidez, e parecia-lhe que o tumulto dos motores constituía cada vez mais o tom fundamental para os outros ruídos, fazendo-os ressaltar. Tom? Sim, tom.

Os outros ruídos, os outros tons, eram os secretos, eram os ruídos e os tons do secreto. Também estes, à semelhança da caligrafia por detrás das pálpebras fechadas, apresentavam-se de novo, no meio do tumulto, mais novos do que nunca. Todos eles se faziam ouvir no quarto a grande proximidade, aos pés da que adormecia, ao lado, à cabeça. Estranho, ou talvez não, que fossem sobretudo ruídos normalmente desprezados, se não odiados, os que contavam agora. Mas não era um mosquito a zumbir ao ouvido? Não, um mosquito, não. O tamborilar da chuva na caleira? Não havia nada de secreto naqueles ruídos. Ruídos secretos eram sobretudo ruídos que lhe lembravam o dormir, por exemplo o ciciar da linha que enfiara pelo buraco da agulha quando, uma hora antes, cosera o blusão do rapaz, ou quando tinha sido? E secreto era para ela o ruído desprezado, senão ignorado, de um bicho da madeira, agora, que estava algures perto do seu ouvido, a raspar a estrutura da cama, em intervalos regulares, melódicos. O raspar e o roer do bicho da madeira, uma melodia? Naquela noite, sim, uma melodia secreta. O zumbido crescente e decrescente de uma mosca recém-nascida ou prestes a morrer. A acompanhar, a cortina, demasiado grande para o postigo minúsculo, a abanar ao vento chuvoso da noite, além disto os estalidos do ferro de passar que arrefecia, com que, meia hora atrás, aqui na Picardia?, ou há quinze dias na Sibéria, tinha passado o

vestido para o dia seguinte, como é que se dizia em tempos, «dado a ferro»... e, além disso, também... No meio do ruído, as coisas secretas alargavam o espaço do quarto, e não só esse, tocavam para ela, que adormecia, embalavam-na na melodia para que adormecesse. E isto também: o facto de o secreto ser novo para os ouvidos ao fim do dia era para aquela que, mesmo no limiar do sono, continuava supersticiosa, um sinal auspicioso para o dia seguinte. — Deixem lá ver. — Nós? Quem é nós? — Nós.

Sonhou. Durante toda a noite não sonhou com outra coisa que não fossem ela e ele. Quem era ele? Ele era ele. E toda a noite se aproximava de uma união entre eles. Reinava um dramatismo tão poderoso como suave entre ele e ela. Era um dramatismo em que nada de repentino ocorria, era um dramatismo uniforme, um constante crescimento, desenvolvimento, transição de um para outro, de outro para um. Não só não acontecia nada repentino como não acontecia nada, aliás absolutamente nada, e outra vez nada, e nada de novo. Nem ela lhe tocava a ele, nem ele lhe tocava a ela. Não iam, nem muito menos corriam, um em direção ao outro, não estavam um em frente ao outro, não caíam juntos de joelhos, não caíam nos braços um do outro nem se acariciavam, não se deitavam um ao lado, ou — salvo seja — um em cima do outro. A única coisa que se podia dizer acerca deles: que *eram* — não em pé, não sentados — um diante do outro, mais nada a não ser um em frente ao outro, eram um ser diante de outro. É certo que estavam destinados um ao outro e que se desejavam — sendo o destino ao mesmo tempo desejo e o desejo, ao mesmo tempo, destino —, mas um agir, uma ação, um ato estava fora de questão. Ou não, errado: uma união era desnecessária. Ou não, um equívoco: uma união habitual entre os dois sexos está fora de consideração. Qualquer tipo de união sexual, mesmo telepática, se ela existisse, encontrava-se agora fora do âmbito de ambos.

Os dois tinham, portanto, um âmbito próprio, um âmbito dos dois, muito seu. Mas o que tinha este âmbito de particular? Era um âmbito em que ela, a mulher, e ele, o homem, eram libertados dos seus corpos distintos, dos seus corpos recíprocos, e ao mesmo tempo totalmente corpos, puramente corpóreos e nada senão corpóreos. Os corpos de ambos, desejando-se um ao outro, tinham ascendido em simultâneo a seres, nada mais que a um ser, um único ser puro, e este único ser balançou a noite inteira num movimento sem fim, sem querer ter fim, para lá e para cá, desejava e satisfazia, satisfazia e desejava. O âmbito deles ficava além do tempo e dos lugares e também além de homem e mulher, e, contudo, devia o seu poder ao facto corpóreo de que eram homem e mulher, cujos corpos, sem fazer nada, passavam um para o outro toda a noite; corpo adicional, o terceiro, tornando supérfluos os dois primeiros. Como necessitavam disso os dois, como necessitava disso o único ser. Necessidade infinita. Necessidade de infinita doçura. Aleluia! Noite magnífica, noite-tesouro. Só era possível entre homem e mulher? Só entre homem e mulher! E, por sua vez, só em sonhos? Não, isso não podia ser.

O mais suave dos despertares pela manhã, como um despertar de domingo.

E, aliás, era mesmo domingo, mesmo no quarto acanhado debaixo das escadas. Ficar deitada e deixar que o sonho continue a produzir efeito. Sonhos destes eram demasiado raros. Ou isto só se applicava a ela? E o sonho desvaneceu-se logo, perdia-se aquilo que tinha gerado a sua força, o sentimento que lhe estava na base.

Nem sequer aproximadamente se realizaria na sua vida aquilo que ele e ela, aquilo que ela e ele, o homem, o dela, tinham sido-significado um para o outro, no sonho ainda agora, e não só um para o outro, mas para toda a humanidade. Para ela, para alguém como ela, não havia ninguém certo, não havia ninguém adequado para ela. Ou ela, a ladra de fruta, não era para nenhum homem, para nenhum homem certo, a mulher certa. Teria de ficar com o seu sonho até à hora da morte, amém.

Mas não, qual amém, qual «assim seja, assim se faça em mim». Nenhuma oração de consentimento com um suposto destino. Em vez disso, um murro na parede de pedra do quarto. E veio-lhe à memória uma frase de um sermão dominical, dita por um padre lá de cima do púlpito, num país distante, longínquo — aqueles sermões vindos das alturas ainda eram costume naquele lugar —: «O amor infinito que vibra entre a alma e Deus, é isso o céu!» Quem dizia, pois, que ele, o seu homem, um homem de verdade, de carne e osso, não estava já há muito a caminho de encontrá-la? Quem dizia que ele, o seu homem, não existia e nunca iria existir? Ela mesma, só ela o dizia. E não estava obrigada a acreditar no que dizia só para si mesma? Não, nada de convento. Nada de esposo celestial. Um terreno!

Aleluia. A luz da manhã diante dos seus olhos, numa fresta da parede de pedra, cinzento-clara. A chuva tinha parado, mas o Sol escondia-se atrás das nuvens. Puxou a cortina que ia do chão até ao teto e tapava o postigo pequeno como uma ameia. Nas grades de ferro, o brilhar das gotas de chuva. Abriu o gradeado. Um raio de sol fugaz no chão: quis recolhê-lo como se fosse pó. No parapeito, a maçã que lá havia pousado de noite, com o pé virado para cima, a cavidade do pé cheia de água da chuva até cima. Por cima da cabeça, na caleira, um melro arranhava à procura de material para construir o ninho. O brilho da manhã, dominical, no redondo da maçã como algo ainda inexplorado, que urgia explorar. Ah, tudo aquilo ainda por descobrir, além das supostas descobertas que revolucionam o mundo. Ah, pôr o vestido de domingo, passado a ferro de noite. Arranjar-se para o dia com os brincos atabascas do Yukon, no Alasca. Como o chão é firme debaixo dos pés naquele quarto estreito, exatamente ali, mesmo tendo de estar curvada, precisamente assim. Os sinos da igreja, vá-se lá saber de onde, apesar de ali já não se ouvir a Boa Nova há muito tempo, e se calhar nunca mais se ouvir. Ah, que interessa: aquilo não eram sinos de igreja a chamar para a missa. Era o relógio da torre. Hora oficial. Hora real. Real? Lá em baixo, ao nível da rua, das autoestradas. Fazer! Fazer! — Fazer, apesar de ser domingo? — Fazer! — Mas o quê? — De uma forma ou de outra: o céu cinzento, com as nuvens baixas, deu-lhe vontade de fazer coisas. Oxalá o cinzento se mantenha!

Encontrou logo o que fazer lá em baixo, na sala de jantar do albergue. O dono, o antigo e, segundo o seu próprio critério, também o futuro, estava lá sentado à mesa, e ela, a hóspede, serviu-o sem perguntar primeiro, e ele deixou que a jovem desconhecida o servisse com toda a naturalidade. Sabia pôr a máquina do café a funcionar, conhecia todas as manobras na cozinha como se tivesse trabalhado lá, não precisou de perguntar onde estavam os guardanapos, as colheres para os ovos, as bases onde se pousava o azeite, o moinho da pimenta, o saleiro (cheio de sal grosso, recém-saído da salina). O tilintar dos brincos enquanto andava de um lado para o outro, sem dar a impressão de pressa, entre cozinha e sala: também um ruído secreto no meio do trânsito atroador da manhã, sobretudo numa das autoestradas, a que conduzia a Dieppe, em direção ao Atlântico.

Tal como na noite anterior, o dono do albergue fez ouvir a sua voz, sentado à mesa comprida na sala de jantar; falava mais baixo, ainda assim de forma perceptível e, em comparação com a noite, o que dizia era compreensível, palavra por palavra, frase a frase. Não era certo a quem se dirigia, a si próprio?, à desconhecida? Sentado muito direito, olhava em frente, a cabeça erguida, como se quisesse ter a lonjura debaixo de olho e também o canto mais recôndito da cozinha, grande mesmo para um restaurante. Contrariamente ao que costuma acontecer quando alguém fala na sala de jantar para alguém que está na cozinha e que lida com louça, ela não precisava de ir à sala de cada vez e perguntar do que é que ele estava a falar; mesmo no meio do barulho dos pratos e das frigideiras metálicas, não lhe escapou nenhuma das palavras da verborreia vinda da sala.

O estalajadeiro tinha começado a contar como, ao levantar-se de manhã, ficara esgotado ao abotoar a sua camisa especial dos domingos. Só o ter de escolher entre os três botões de cada uma das mangas, tanto à direita como à esquerda: abotoar o mais próximo, o do meio ou o mais afastado, que, por outro lado, tinha a vantagem de que, graças a ele, a manga da camisa ficava mais esticada e adaptava-se ao pulso como uma segunda pele. E depois, tomada a decisão, o problema de conseguir enfiar à força o botão escolhido na casa correspondente. Sim, enfiar à força, porque, de novo, ou o botão era demasiado grande para a casa, ou a casa demasiado pequena para o botão; teria a camisa com o tecido especial de domingo encolhido ao lavá-la a temperatura demasiado elevada? Oito minutos inteiros — o número do azar, oito — e alguns segundos era o tempo que lhe tinha levado, com o suor do rosto, a tentar abotoar as mangas, e de cada vez o botão tinha escorregado da abertura da casa, saltado, escapado, exatamente no instante em que estava quase lá dentro. Esta indicação temporal só era válida, no entanto, para a parte mais fácil da tarefa, o abotoar da manga direita com a mão esquerda, em volta do pulso direito. O inverso, então sim: o dobro do tempo, o dobro do suor. Ou teria sido o inverso o mais fácil e a primeira tentativa o verdadeiro martírio? Já não sabia dizer agora. E, em seguida, abrir os produtos do hipermercado, «embalados a vácuo», a manteiga em doses de restaurante, o fiambre, o

queijo. Em todos eles a etiqueta: «*Ouverture facile*» (abertura fácil) — e depois: unha partida, e abri-los?, nem a manteiga nem o fiambre, nem o queijo. Ficava logo desencorajado e sem forças, e não era de hoje, quando lia nos produtos, fossem quais fossem, a etiqueta «*Ouverture facile*» ou, em aparelhos que era preciso montar «*Montage*» ou «*Installation facile*», ficava mesmo traumatizado; perdoe-se esta palavra, era assim que ficava, dizia, perante todos os supostamente fáceis-de-abrir e até-uma-criança-sabe-montar.

Ficou calado um pedaço e fez-se ouvir de novo: «Não vou abandonar o meu albergue. E para começar vou pôr um nome novo ao “Auberge de Dieppe”, vou rebatizá-lo, solenemente, com uma festa para todos, de perto de longe — o anfitrião, o que dá a festa, agradece uma presença numerosa —, vou rebatizá-lo “Auberge de l’Intérieur du Pays”, Albergue do Interior do País. Certo: no mar é que fica a lonjura. Mas no interior do país: a outra lonjura. E aqui, no meu albergue remodelado no interior do país, há de recomençar, esta lonjura, é aqui que ela vai ter início, vai ser aqui o ponto de partida. Como está no meu peito este lugar onde o meu pai já era estalajadeiro, e antes dele o meu avô. Bendito seja ele, e benditas sejam as autoestradas, a que leva ao oceano e a que leva ao interior. Como eu gosto do bramido dos automóveis que vêm para cá e vão para lá. E que saudades tenho de virem de lá, de acolá, para o meu caravancarai. Se soubessem como os acho bonitos nos seus automóveis, nas autoestradas que se cruzam, todos eles, os perfis diversos, as testas, os narizes, as carecas, os que não têm queixo: se lhes chegasse aos ouvidos como são bonitos, todos se transformariam em boas pessoas e, além disso, teriam a bondade de sair da estrada em direção ao meu parque de estacionamento e deixariam que eu os atendesse, esses fulanos, esses inúteis, esses tipos que não servem para nada. Mas para já tem de bastar eles levantarem o braço nos carros e cumprimentarem-me. Silhuetas cumprimentando! Sim, aqui no meu albergue vai começar de novo a lonjura, também para vocês, seus desconsiderados, desleais, seus patifes, seus trapaceiros, seus caloteiros, seus maus pagadores. Mas basta, nem mais uma palavra dirigida a vocês — voltemos ao lugar: ali, acolá, ali há uma poça de chuva a tremer ao vento dominical. Ali, o boletim de apostas para as corridas de cavalos em Enghien, como abana no triângulo entre as duas estradas. Ali, na vala, a espiga de junco de onde as esporas voam. Ali, o antigo pavilhão de cobrição das vacas, ah, como o touro escorregava uma vez e outra por trás da vaca! O preservativo na sebe. A decaída sentina para as necessidades. O cão que é levado a passear para cagar aos domingos no meio do restolho, mas não consegue — como ele se retorce. O cartaz da antepenúltima primavera com o anúncio da discoteca “Jules César”. A cruz torta em homenagem aos soldados caídos em 1944, em breve cairá definitivamente. E agora: o que acende um cigarro dentro do automóvel. A que solta os cabelos. O que insulta outro e grita “*connard*” ou cabrão. O que buzina para o outro lhe sair da frente. O que faz travar o outro. A criança atrás a acenar — mas a quem? —, ah, não via uma criança há tanto tempo... O que me traz de volta à vossa presença,

pedindo uma presença numerosa. Não, não me vou embora daqui. Não, não entrego o meu triângulo. Não, não vou deixar morrer o meu albergue. Amo o triângulo de caminhos mais do que o mundo. Aqui neste lugar não é o seu começo, o da lonjura — aqui está ela, diante dos meus olhos, a uma braçada de distância, que digo eu, a um cotovelo de distância, que digo eu, a um palmo de distância. O triângulo daqui: desde sempre um lugar de abrigo. E é isso que voltará a ser, e assim vai permanecer.»

Aqui o estalajadeiro, que todo o tempo olhara lá para fora, virou a cabeça para ela, que estava na cozinha, de porta aberta, e ela viu-lhe o rosto pela primeira vez ou ele deixou que ela o visse: de forma nenhuma tão velho como ela tinha imaginado, era quase juvenil, não — infantil, sobretudo os olhos. E ao mesmo tempo era um rosto onde agora mexia qualquer coisa que talvez só pudesse passar de imprevisto pelo rosto de um homem velho, um ar de zanga amável, uma amabilidade zangada.

Sentou-se ao seu lado, seguindo o seu convite silencioso. «Com que carinho se sentou ao meu lado!», queria exclamar ele, uma exclamação, literalmente assim, que escutara uma vez a um hóspede, a quem, para lhe ser amável — ao tempo que tinha sido — uma das jovens empregadas do estalajadeiro — tinha sido há muito, muito tempo — fizera o mesmo que a jovem forasteira agora. Mas manteve-a para si, como se não ficasse bem pronunciá-la. Em compensação, o que disse a seguir começava com uma exclamação. Uma exclamação! Ainda era capaz de exclamar, embora quando muito em sonhos, em sono profundo — algo de que tinha a certeza, de que estava convencido e não só desde ontem —, que era a melhor parte de uma pessoa, a par do respeitoso estremecimento. Estremecimento mudo e exclamação sonora.

E como saía forte agora a sua exclamação, mas sem voz de peito, sem sonoridade. Talvez também não fosse nada de excepcional: um corpo volumoso, «tipicamente de estalajadeiro», uma caixa torácica ampla, um pescoço largo, um crânio grande, redondo, com bochechas rechonchudas, como nos cartazes antigos — e a voz, em contrapartida, a voz exclamativa de agora, uma voz fina, fininha, como se estivesse ao mesmo tempo a fazer troça do que estava a exclamar; como se não fosse para levar a sério: possivelmente até queria dizer o contrário do que era exclamado — assim parecia — de forma imperiosa.

A exclamação — um pio lançado com a voz do aluno da primeira classe no primeiro dia de aulas — do velho estalajadeiro, ali no triângulo das autoestradas, dizia o seguinte: «Como sinto, apesar de tudo, a falta de vizinhos aqui, no meu lugar!» De tantas festas na vizinhança, já não havia nenhum vizinho a sério, um vizinho de verdade.

Ao continuar a falar, sem exclamações, tornou-se claro que não se referia tanto a vizinhos de carne e osso, mas sim a imagens de vizinhança que lhe tinham ficado da infância, de livros antigos ou sabe-se lá de onde. As imagens eram, em primeiro lugar, as das casas vizinhas e apenas das portas e janelas,

para não falar de figuras ou, pelo menos, silhuetas, mas sim quase exclusivamente dos telhados vizinhos e, destes, talvez uma telha de vidro que formava um padrão de telhas, intencional ou imaginário, e depois a linha da cumeeira no topo, uma telha encavalitada na outra, a telha dianteira ou chefe de fila, e assim por diante todas as telhas de cumeeira, umas a seguir às outras, como uma cavalgada em longa fila que um freio invisível mantinha unida, a caminho de um ponto cardeal sem nome, independentemente do eventual catavento e galo dos ventos que indicava Norte-Sul-Este-Oeste. Eram os telhados que davam a imagem e a sensação de vizinhança, ou tinham dado em tempos, e nos telhados, com mais intensidade do que qualquer outra coisa, as chaminés, as condutas de fumo, *les cheminées*, ou antes, o fumo tal como saía das respetivas chaminés.

O sentimento de comunidade e, ao mesmo tempo, uma ideia especial de comunidade, estar na própria casa à janela e olhar, com tempo calmo, em redor — que assim se transforma nisso mesmo —, todas as colunas verticais de fumo, em paralelo, sobre os telhados; com vento também todas as colunas de fumo, em paralelo, na diagonal; com tempestade, em paralelo, na horizontal, flocos de fumo dispersando-se em todos os sentidos, logo à saída da chaminé, da *cheminée*, no quase-furacão; e provavelmente a imagem-sentimento de maior vizinhança era a que se dava com tempo calmo, céu limpo, quando as colunas de fumo ficavam, todas elas, praticamente invisíveis e se faziam perceber — mais intuir do que ver — através do ar que revolteava e revolia sobre os telhados, sendo que o sentimento de pertença, havendo fumo nas chaminés mais pequenas, fosse em colunas ou em fumaradas, comparativamente ao das maiores, mais maciças e altas, era inversamente proporcional ao volume exterior, à «capacidade» dos fogões, estranhamente ou, de novo, não. Por vezes, um sentimento de quase ternura pelo telhado vizinho, até pela casa toda e, porque não, pelos seus moradores — desconhecidos, e que permaneceriam desconhecidos, sempre que uma chaminé era tão estreita como um tubo de fogão e não maior do que um vaso de flores, ou nem sequer tão alta como um barrete de cozinheiro. «Sempre que?» Sim, sempre, sempre que.

E, por fim, o estalajadeiro, depois de estar um pedaço em silêncio, voltou com a sua voz fina a uma exclamação, tão subitamente que a forasteira ao seu lado estremeceu como se tivesse ouvido uma palavra atroz: «Mas, na verdade, quantas vezes, mais vezes que muitas, vi eu, olhando sobretudo para uma coluna de fumo a subir direita como uma vela para o céu, o invisível outro da casa abaixo dela como um Abel, e a mim como o seu malvado irmão, Caim!» Depois de gritar estas palavras, voltou-se de imediato para um *sudoku* já começado e pôs-se a percorrê-lo com o lápis, para trás e para diante, como se estivesse a trabalhar num tear. Era como se estivesse a preparar-se para escrever uma carta a alguém! Só que não tinha ninguém a quem escrever.

Antes da partida, a ladra de fruta recolheu-se ainda um pouco no quarto por baixo das escadas de pedra. Era como se ali, precisamente ali, em que mal

havia espaço para mais do que três passos, em que mal tinha espaço para se virar, fosse capaz de ir buscar energia para o que aí vinha. Aquele quartinho desviado, assim o via, assim o definia, assim o queria a sua história e a dos outros, haveria de lhe servir de ginásio. Não era preciso aparelhos, nem pesos nem passadeiras, nem sequer expansores. E também se podia poupar ao treino matutino, o puxar o dardo como uma lança imaginária, mas sem lançá-lo, o fletir e esticar dos dedos ritmicamente para colher o fruto imaginário da árvore imaginária. Se havia um aparelho no quarto, um que fortalecia sem fomentar a força, esse era simplesmente um livro. Uma leitura fortalecedora e, porque não, fomentadora da força. Como assim? Um livro, um aparelho? Aquele que estava a ler agora, e continuava a ler, sim. Lia-se bem, como tantos livros? Não, não «se» lia; era ela que o lia. Havia uma decisão a tomar, a decisão a ser tomada ainda no dia de hoje. — Mas o que é que tem de ser decidido hoje? — Nenhuma resposta. — A página dobrada no dia anterior, a marca da página, alisada: era como se outra pessoa tivesse feito aquela dobra.

Ao ler, na cama de campanha, a história da quase criança, que passou um dia, uma noite e mais um dia noutro país, sem que, ao regressar a casa, os seus familiares tivessem dado pela sua falta, a narrativa passou a outra para a leitora, ganhou, ao fazer uma pausa, uma nova variante, uma que não estava no livro, mas que sem o livro não podia ter surgido. Lia de pé, na posição de uma corredora antes da partida, com uma perna adiantada.

Antes de mais, a história passou a ser a do irmão, mais novo do que ela uma década, que estava aqui, onde ela estava a ler, no Vexin, na Picardia, a aprender o ofício de *charpentier*, de carpinteiro, desde o final do inverno, depois de ter abandonado precocemente o Lycée Henri IV, de Paris, apesar de ter boas notas. No episódio que lhe passou pela cabeça como que espontaneamente ao ler, o irmão, ao contrário do que acontecia no livro, não ficava sozinho no outro país, no país estrangeiro, de noite, no abrigo do funicular que o rapaz tinha arrombado. A meio da noite recebeu a companhia de outro, supostamente um montanhista, que, segundo deu a entender, se tinha perdido na região dos Altos Alpes e só agora tinha encontrado a estação de montanha do funicular. Deitados lado a lado no chão nu — no abrigo não havia bancos, muito menos colchões —, os dois estranhos conversaram durante algum tempo, como era habitual em refúgios de montanha, às escuras, como se fossem velhos conhecidos.

De repente, o que chegara de novo interrompeu o palavrório, a meio da frase sobre as previsões meteorológicas para o dia seguinte ou lá sobre o que era. Teria adormecido? Não se ouvia qualquer espécie de respiração de quem estava a dormir, aliás respiração nenhuma. O silêncio no abrigo escuro como breu não era, contudo, um silêncio sepulcral, era um silêncio em que alguém retém a respiração só para preparar um ato e, em todo o caso, não era coisa boa. O herói da narrativa, a quase criança, o seu irmão muito, muito querido, estava em perigo, em perigo de vida. Nenhuma arma à mão, a não ser o pequeno canivete que tentava abrir no bolso das calças — a lâmina estava

encravada.

Mesmo ao seu lado, na escuridão, um estalido agora, que aumentava aos poucos e, ao mesmo tempo, como que vindo de cima, se aproximava lentamente do que estava estendido no chão. Porém, pelo meio o estalido parava várias vezes, diminuía, cessava por completo durante algum tempo, antes de regressar, mais forte do que o anterior, nitidamente mais próximo, já quase sobre a sua cabeça, da querida cabeça; no estalido, no seu núcleo por assim dizer, um estrépito cada vez mais localizável, ainda agora, um estrondo que iria estalar um momento depois e desabar sobre ele — o que a criança no refúgio de montanha, no país estrangeiro, até desejava: de tal forma os momentos intermédios anteriores tinham sido fantasmagóricos, com pausas ameaçadoras no silêncio, tão grande era a sensação de que lhe ia rebentar o peito.

Mas como é que ela podia ter-se desviado do livro, com o irmão no papel da criança abandonada, numa história de fantasmas, se não mesmo de terror? Assim o quarto onde estava sentada a ler não teria, contrariamente ao imaginado, a força protetora que lhe tinha atribuído?

De volta ao livro, para ler, palavra por palavra. Também ali o estalar na escuridão, o estrondo prévio, o grande estrondo. Mas aquilo que se despenhou sobre o jovem deitado, que desabou sobre ele, era, depois via-se à luz da lanterna de bolso, nada mais do que um saco de viagem, que estivera o tempo todo no chão, junto à sua cabeça, e depois, vá-se lá saber porquê, começou a inclinar-se devagar, muito devagar, até cair estrepitosamente. Fora com os fantasmas. Basta de terror. O rapaz estava a salvo e, no dia seguinte, iria regressar a casa, são e salvo, também salvo de outro modo, com o segredo que a partir de então haveria de acompanhá-lo ao longo da vida. Portanto, o quarto tinha sido afinal o lugar certo para a leitura. Livro e quarto.

E, além disso, tinha lido o livro no momento certo. Seria a leitura, de todas as variantes da sua superstição, a mais sólida? Aquela que conhecia melhor? Aquela em que confiava mais? Uma variante para lá e além de todas as variantes que lhe estavam entranhadas, demasiado entranhadas?

O facto de com a leitura, através dela, nela, graças e em virtude dela, poder proteger uma pessoa e protegê-la de facto, a ele, àquele que era importante para ela, eis a sua fé. Tanto era a sua fé como a sua certeza, uma «certeza da fé», como em tempos se dizia.

Com aquela certeza de que ao ler lhe havia dado proteção, a ele, ao irmão, telefonou-lhe de imediato. Sem lhe desejar os bons-dias, um bom domingo, etc., e, sobretudo, sem lhe perguntar como estava, a irmã ladra de fruta gaguejou qualquer coisa ao ouvido dele, que estava prestes a sair para ir ter com ele. Nem sequer lhe deu tempo para dizer uma palavra, porque era evidente: ele só podia estar bem-disposto, estaria muito melhor do que durante a noite e o melhor para ele ainda estava para vir. Só depois de desligar é que se perguntou porque é que ele não tinha começado a gaguejar também como ela, de tanta alegria antecipada. Que tinha querido dizer a sua respiração

intensa no meio do gaguejar dela, uma respiração que era quase um gemido? Não teria querido contar-lhe alguma coisa? Contar e gemer? — Um brilho de um amarelo intenso em vez da luz cinzenta da chuva entrava agora pelas frestas de pedra do quarto: o sol voltara. E estranho, ou não: ela não queria sol para este dia. Nada de raios de sol hoje. Mas o Sol ficou, brilhava e continuava a brilhar. Que pena pelo cinzento claro.

À despedida do albergue que ficava entre as autoestradas — de novo uma despedida —, mais uma olhada pelo quarto que o seu acompanhante do dia anterior tinha deixado ao amanhecer, de regresso à *ville nouvelle* para distribuir comida de mota, aos domingos um negócio bastante rentável, algumas pessoas de pijama ou roupão à porta, já de tarde. O quarto, bem arrumado, mesa e cadeira colocadas como que geometricamente, na cama, a coberta e os lençóis bem esticados: uma maneira de fazer a cama aprendida no serviço militar, no internato, no orfanato. Num dos cantos do quarto, na parte do chão que se percebia estar bem varrida — nisso era especialista —, havia qualquer coisa que se enrolava, uma coisa pequena, a borla que se devia ter soltado do gorro de lã de Valter (por um momento, voltou a ser o seu nome). Pegou na borla com todo o cuidado, guardou-a com mais cuidado ainda e tocou com um dedo na testa, fez tanta pressão e durante tanto tempo que ficou, bem a meio, até à tarde do mesmo dia, e talvez ainda durante mais tempo, uma mancha escura como se vê por vezes nas testas das mulheres indianas.

Ao abandonar o «Auberge de Dieppe», aliás, «Albergue do Interior do País», o estalajadeiro estava sempre a travar-lhe o caminho, de piso em piso, de patamar em patamar, e, na sala de jantar, de coluna em coluna. Aconteceu sem intenção, fez aquilo involuntariamente, por causa de uma falta de jeito passageira, e ela, que conhecia a mesma coisa por experiência própria, aceitou tudo com naturalidade, contornando-o de forma exagerada, como numa brincadeira.

O velho não estava a brincar. Nem sequer se apercebeu de que estava no caminho da jovem forasteira. Depois da hora da amabilidade zangada, o seu rosto não mostrava agora, com uns olhos incrivelmente grandes e redondos para a sua idade, nada a não ser seriedade. Amarga? Clamada, suplicante.

Já que ela o tinha servido como uma empregada ou criada, estava sempre a dar-lhe novas pequenas tarefas que protelavam a sua partida. Os filtros da máquina de café não só tinham de ser lavados até sair o último pozinho, mas também secados com um pano, «esse não, que risca, aquele ali!». Numa das placas do fogão, tinha-lhe escapado uma migalha do pão branco torrado de domingo. No quarto dela, a janelinha estava só entreaberta e a cortina não estava bem fechada. E ali: uma mancha de cera da vela no tampo da mesa da sala de jantar, e a ficha da *jukebox* não tinha sido retirada!

E quando chegou a altura de pagar, primeiro desapareceu durante muito tempo, sabe-se lá onde, nos seus antigos aposentos patronais, para ir buscar caneta e papel para fazer a conta. Como?, ele ia deixar que ela lhe pagasse a

pernoita? Sim, fora ela mesma a propor, o quarto debaixo da escada era mais precioso para ela do que o mero dinheiro, e ao antigo estalajadeiro, negócio é negócio, o seu «desejo» de pagar parecia-lhe evidente, ou fazia de conta que sim só para ganhar tempo. E depois o tempo que demorou para preencher a fatura. Desenhou os algarismos e as letras, desenhou literalmente, escreveu os números por extenso, até os algarismos da data, o dia, a que antepôs um «*dimanche*», domingo, o mês, o ano.

Levou tanto tempo que ela acabou por se sentar ao pé dele, ao seu lado, vendo-o escrever e desenhar, até que também o «Auberge de l'Intérieur du Pays» foi desenhado. Passado o que, depois de a jovem forasteira — não quis saber o nome dela — pousar a nota (uma soma pequena, mas dinheiro era dinheiro), desapareceu de novo durante um pedaço para ir buscar as moedas de troco, o que levou pelo menos três vezes mais tempo do que antes. Como arrastava os pés quando regressou por fim!, e, embora talvez intencionalmente, como continuou sério!, como antes todas as suas instruções e atos, não era nada a fingir.

Mas depois chegou a hora de sair do albergue para o exterior, de sair para o ar livre, de apanhar ar e, como lhe pareceu de repente, estava mais do que na hora. Senão seria demasiado tarde. O que seria demasiado tarde? Tudo. Tudo seria demasiado tarde.

Quando, depois de uma despedida prolongada, em silêncio, estava prestes a passar o umbral — era alto e largo, de outra época —, este escureceu. O estalajadeiro, o dono do albergue, estava do lado de fora, como que para impedi-la a ela, a hóspede, de sair do seu albergue, tal como na noite anterior parecia ter querido impedir, tal a primeira impressão, a entrada a ela e ao acompanhante. Só faltava que abrisse os braços para bloquear a porta. Mas não, os braços pendiam-lhe dos lados, como só braços podem pender, velhos ou novos ou braços de criança (talvez os braços de crianças pequenas sejam os que menos pendem), e desviou-se depois de um momento para o lado para deixá-la passar pela porta.

Ofereceu-se para lhe levar a bagagem e guardá-la pelo menos até à noite. Para que pudesse andar pelos campos de mãos livres. O que havia de mais livre, de mais benéfico para a alma? Ele, pelo menos, sempre tivera a ambição de viajar sem o peso da bagagem, quando muito com uma escova dos dentes. Ela respondeu que lhe fazia bem andar com uma carga aos ombros pelo país. Sem carregar um bom peso, faltava-lhe alguma coisa. Quando ia de viagem por mais tempo, o dia só começava a contar, por norma, a significar alguma coisa, a ter algum valor, quando punha aos ombros uma bagagem não muito leve — só assim o dia era dia, fosse já perto do meio-dia ou ao pôr do Sol. Sobre tudo ao atravessar países estrangeiros, vinha uma luz adicional, uma luz especial antes deste fazer-se dia no dia, no momento do primeiro passo com a carga. Sentia-se então situada no país estrangeiro, segura, o que não acontecia com o seu próprio país. Ele perguntou, por seu turno, se o planalto do Vexin aqui, a Picardia, sobretudo o departamento do Oise, era para ela um país

estrangeiro, e ela respondeu com um sim. Ele disse que tinha reparado que entre o seu acompanhante, o que tinha *la peau mate* (traduzir por «de pele escura» seria errado), e ela, apesar de todas as diferenças fundamentais, havia uma coisa comum, não, duas coisas comuns: em primeiro lugar, a risca do cabelo irregular, duas linhas em ziguezague extremamente irregulares, se não caóticas, que, em compensação, se assemelhavam «como dois cabelos», e depois as veias nas têmporas, também elas muito semelhantes, ela do lado direito, o rapaz do lado esquerdo, ou o inverso, em linhas sinuosas, várias, juntas, umas em cima e por baixo das outras, salientes na pele das têmporas, como se costuma dizer de quem tem «os nervos à flor da pele», inchadas até quando estavam calmos, provocadas talvez pelo cansaço comum, embora a veia da jovem serpenteasse ainda agora com toda a força pela têmpora dela, de forma tão plástica como de resto só se encontraria nas veias das têmporas em esculturas, e nelas apenas nas têmporas de cabeças masculinas. Ela perguntou se aquilo teria algum significado e ele despediu-se oferecendo-lhe, sem responder, uma pena de milhafre raiada, além disso um dente de javali, um canino ou presa, quase do tamanho de um dedo, pontiagudo, duro como granito.

Acompanhou-a até ao carreiro que levava para lá do triângulo de estradas e que só ele, o da terra, conhecia. Ela deixou que ele o acompanhasse, como se fizesse parte de um passeio dominical, até permitiu que ele lhe apoiasse o pé com as mãos, diante do muro de pedra que separava o caminho do terreno das autoestradas, «como em tempos passados», disseram ele e ela no mesmo instante, em uníssonos. Contudo, aquele apoio nem era necessário, o muro mal chegava à altura do ombro e estava a desmoronar-se. Sozinha, no caminho, voltou a dar uns passos de costas, sem se certificar de onde estava e aonde levava o caminho, com olhos apenas para o lugar que a tinha albergado durante a noite e até agora. Lugar? Localidade? Sim, ali estava. Era ali que tinha sucedido. Ali brilhava ela, na parede do quarto por baixo das escadas exteriores de pedra, a fresta pequena como uma ameia. Continuar o jogo!

Desejo repentino de montar um cavalo e sair a cavalgar pelo campo fora, o «nosso» domingo, o próprio, para lá ou para cá; no entanto, mal tinha montado alguma vez a cavalo. Em vez disso, começou primeiro a caminhar a passo rápido, sem erguer a cabeça, olhando para baixo, não propriamente nas pontas dos pés como o pai aconselhara, mas sim de forma intencional em direção ao chão, só tinha olhos para o chão a seus pés. Vista de trás e de longe, de cada vez mais longe, parecia uma pessoa mais pesada, mais desajeitada, quase corcunda, com um saco às costas que parecia um equipamento militar, num trote que balançava de um lado para o outro; mal dava para acreditar que era aquele mesmo ser que tinha acabado de fazer o papel de criada, dançando ligeira pelas salas do albergue.

De novo o que importava para ela era a força: ao manter, no caminho, o olhar exclusivamente no chão, esperava arranjar força ou recuperá-la a partir do subsolo. E conseguiu. Não olhar para outro lado, para já pelo menos, não

olhar para outro lado que não fosse o carreiro de areia, que percorria literalmente a passo de marcha. Fixar os olhos em mais nada a não ser o chão. Livrar-se de erguer a cabeça e procurar não importa o quê com a vista. Sobre tudo evitar levantar os olhos para o céu e também procurar o horizonte longínquo — perderia a força de imediato. Tinha a seu favor o facto de não haver poças de água no caminho, da chuva da noite, onde uma lonjura qualquer e, salvo seja, o céu, o pico do verão, poderiam refletir-se e desviá-la do ritmo forte da caminhada. O planalto do Vexin aqui na Picardia era composto, na base, de calcário poroso e gesso absorvente, e a chuva já tinha desaparecido para debaixo da terra com o sol da manhã.

Também isto ajudou ao fortalecimento: com os olhos permanentemente fixos no chão, movia-se sobre uma massa de terra que era atravessada em profundidade por inúmeros regatos que se cruzavam e desaguavam uns nos outros, antes de virem à superfície, muito longe, neste e naquele pé do planalto. Por momentos acreditou que os milhares de correntes sob a superfície da terra seriam audíveis cá em cima, no silêncio campestre de domingo, por onde avançava passo a passo, com nada a não ser o carreiro arenoso debaixo dos olhos, caminhando ensimesmada, sim, ensimesmada; um único ruído, uniforme, um murmurar vindo do interior do planalto. Ou o murmurar e sussurrar viriam antes, como indicavam os triângulos amarelos na berma do caminho, de tubos soterrados do gasoduto vindo da Rússia ou lá de onde era? Ou o petróleo murmuraria assim num oleoduto subterrâneo (não aquele que começava no limite do Ártico, em Point Barrow, Alasca, ah, Rússia, ah, Alasca)? Se fosse o murmurar do gás ou do petróleo em vez de água, tanto fazia: também tomava parte na força; sensibilidade nas solas dos pés, a sua elasticidade. Falar com a amiga siberiana, enviar-lhe uma saudação de domingo? Isso agora não era necessário; era como se a saudasse só porque sim, ao caminhar ensimesmada pelo planalto da Picardia.

Ao fim de algum tempo pôde atrever-se a parar, levantar a cabeça e deixar os olhos vagar acima do carreiro, que, de resto, tinha começado a alargar, entretanto, para se tornar um caminho salpicado com excrementos de cavalo (será que uma palavra como «esterco» ainda estava em uso?). A primeira impressão da paisagem, sem bosques, aparentemente plana — sentia-se o planalto —: a de se encontrar numa parte do todo da Terra, sendo que a parte representava, ao mesmo tempo, o todo; o seu centro. Uma impressão assim, como era a expressão?, não podia ter origem?, ser originada?, em todo o lado, num momento determinado, indeterminável, sob certas ou incertas condições? Não em todo o lado, mas, sim, aqui e além, e, por isso, também aqui neste momento.

A região, e com ela a Terra inteira, estendia-se até aos horizontes como uma placa, não totalmente plana; era uma placa onde a ladra de fruta estava de momento, marcando o centro, ligeiramente abaulada e descendo suavemente nos rebordos distantes, e a impressão seguinte era a de que se encontrava sobre as costas de uma baleia, no ponto mais alto, de uma determinada baleia,

aquela que, segundo a lenda, tragou o inconveniente profeta da desgraça, Jonas, atirado ao mar para ser comido pelos peixes, foi parar ao ventre dela, e que, antes de a baleia o cuspir para terra, teve tempo, durante dias e noites, para preparar os seus anúncios da desgraça, para Nínive ou outra qualquer das antigas metrópoles. Em vez do murmurar e sussurrar do subsolo, agora, das profundezas do ventre da baleia, os resmungos e ressabimentos conflituosos e mesquinhos de Jonas conducentes à proclamação do fim do mundo.

Mas basta de alusões cósmicas, quaisquer que elas sejam, na história da ladra de fruta e dos seus. Fora desta história, imagens da Bíblia, sobretudo do Antigo Testamento, aquelas que permitem associações a acontecimentos atuais, sejam quais forem, confrontar profeta da desgraça, confrontar fim do mundo. E, em geral, evitar todo o contágio com *stories* antigas, das quais se afirme que «continuam, hoje ainda, atuais», fugir delas como o diabo da cruz. Se tiver de surgir na história da ladra de fruta alguma imagem antiga da Bíblia, então no máximo que seja por exemplo a imagem, nem na altura nem hoje atual, que foi pintada de forma tão intimista como monumental por Nicolas Poussin (da pequena cidadã normanda de Les Andelys, perto do Vexin, na Picardia), em que Rute e Boaz se encontram no trigal durante a colheita de verão e, mais tarde, se tornam marido e mulher. Esta imagem ainda está pendente nesta história e tem de continuar pendente até ao final.

Continuou, com o sol na cara, a caminhar mais para leste, para a manhã, que em breve já seria meio-dia. O vento, suave depois da chuva, soprava de oeste pelo planalto, do lado do pôr do Sol, onde até ao ocaso ainda passaria quase um dia inteiro de meio do verão. O caminho, mais um caminho, descrevia curvas amplas, e desta vez dirigia-se de facto a um castelo, um dos muitos que havia no Vexin. Cada aldeia tinha um castelo, muitas vezes um escondido entre as casas das quintas de lavoura, era preciso procurá-lo. Este estava sozinho num raio de muitos quilómetros, e dizia-se que havia um castelo anterior, no mesmo sítio, mandado erguer por Guilherme, o *Conquistador*. Mas aqui também: fora com a História. Também aqui se deve considerar o seguinte: as coisas históricas, tocar-lhes quando muito de longe. Assim, a ladra de fruta deixou o castelo do conquistador à esquerda ou à direita e virou pelos campos cheios de restolho, por onde não havia caminhos, por carreiros tortuosos. Ao contrário da mãe, pouco lhe interessavam os castelos, a menos que estivessem escondidos. Tinha morado um ano perto do palácio de Versailles, sem ter sentido nunca o impulso de lá entrar. O pai que, enquanto jovem, como ele dizia, tinha lido «tudo», dizia a propósito que ainda não percebia por que razão o agrimensur, ou lá o que era, do livro de Kafka, fazia tanta questão de chegar lá acima, ao castelo que ficava na colina, e porque é que não tinha ficado lá em baixo, na estalagem da aldeia. No que lhe dizia respeito a ela: os castelos não atraíam a ladra de fruta porque regra geral não tinham pomares.

A História, a chamada História com H maiúsculo, não pode, diz-se, deixar escapar nenhuma das pequenas, com h minúsculo, tal como o corpulento e

brutal mestre carniceiro, naquela célebre peça de teatro, dizia à jovem e inocente esposa: «Não escaparás ao meu amor!»¹⁵ É assim? Era assim? Será eternamente assim? Ou não? Ou será que sim? Seja como for: a primeira pessoa com quem a ladra de fruta, a atravessar dominicalmente o campo, se cruzou foi uma pessoa que ia nada mais nada menos do que à procura de um antepassado desaparecido no Vexin, nos últimos dias da II Guerra Mundial, há mais de sete décadas.

Prestava-se a cruzar um dos milheirais, praticamente o único no planalto onde ainda não tinham feito a colheita; a ceifa iria acontecer só no outono. Um farfalhar frenético das folhas de milho chegava com o vento, um farfalhar próximo do crepitar, comparável com nada. No meio deste farfalhar depois outro, isolado, que mudava de lugar no interior do campo, aproximando-se, afastando-se, deslocando-se para lá e para cá, para a frente e para trás. Ficou parada em frente ao ruído, no terreno em pousio, e preparou-se para um animal gigante, como em tempos, quando estava com o pai diante de um matagal; seria no mínimo um cervo, um como os que estavam desenhados nas placas de aviso que havia nas margens dos campos, um cervo prestes a saltar. E era como se, por entre os pés de milho, mais altas do que um homem, erguendo-se densas umas contra as outras, saísse agora a mesma pessoa que em tempos, só que nos braços, em vez de frutos do bosque, trazia uns ossos sobrepostos, fêmures ou o que considerava que fossem.

Mas não eram aqueles ossos que faziam com que a pessoa desse tanto nas vistas. Era antes a luminosidade que emanava dela no momento em que saiu da escuridão profunda do milheiral, quase noturno, negro, apesar do Sol omnipresente. Não havia nada a temer daquela figura luminosa, que assim permaneceu quando, após um breve cumprimento, o homem se pôs a contar, sem qualquer transição, como se fosse a coisa mais natural do mundo, da sua procura do pai desaparecido, que durava já várias décadas.

O filho, o filho nascido na guerra, tinha envelhecido entretanto. Mas o pai continuava a aparecer-lhe em sonhos. Em tempos, e até havia pouco tempo, o filho procurara o pai como se ainda fosse vivo. Segundo os sonhos, o pai, fresco e saudável, continuava a viver, mas algures, escondido — algures, mas precisamente aqui, na região onde tinha sido visto pela última vez, num agosto como agora, há mais de setenta anos. Porém, ultimamente, quando o pai lhe aparecia em sonhos, era também uma pessoa diferente, e indicava a região inteira, o Vexin, a Picardia, em vez de um local preciso, como sendo o do seu túmulo. Para o filho, era como se ouvisse o pai no sonho, ou fosse quem fosse que estava diante dele, como se o ouvisse cantar com aquela voz, a voz de peito de Johnny Cash: «Não há túmulo que possa reter o meu corpo!»

Mas quem sabe: quem podia dizer que o seu pai não continuava vivo? Não havia cada vez mais centenários nos dias de hoje? E o filho, com mais de setenta anos, não tinha publicado no semanário do Vexin, que reservava a página anterior às páginas com os assassinados e queimados nos automóveis

aos poemas das pessoas da localidade, um poema com o verso, aqui traduzido livremente: «Inverosímil, põe-te a caminho e começa a andar!»? (*«Invraisemblable, mets-toi en route et deviens mobile!»*)

E, por conseguinte, depois de atirar os ossos de novo para o milheiral, um atrás do outro, por cima do ombro direito, do esquerdo, como num ritual, puxou da fotografia do pai muito jovem, tal como fazia há décadas, e pô-la diante do nariz dela, na certeza de que ela, a *randonneuse*, a caminhante, reconheceria assim quem ele procurava. Ela ali, ela havia de ajudá-lo a encontrar o pai. Tinha de ser. O desaparecido não podia continuar desaparecido até ao fim dos tempos. Nenhuma dor é mais dolorosa, nenhum desconsolo mais desconsolador do que o que se sente pelos desaparecidos. Não era o pai que ele chorava no seu desaparecido, mas sim o filho. E nada bradava mais alto aos céus do que o lamento por um filho desaparecido.

Via-o nos olhos da estranha: era sua aliada. Ela tinha memorizado seriamente as características do pai. Se a ele lhe caíssem agora as lágrimas, a ela também lhe cairiam. Mas ele não chorou. Fungou com força, mas porque tinha confiança (que era algo diferente da esperança, desprezada por ele como um invólucro vazio). Meio voltado já para seguir a sua busca, abraçou-a e ela deixou que isso acontecesse, sem lhe dar palmadas no ombro, como sempre lhe acontecera na vida, também nos abraços que se viam na televisão, para, tal como acontecia com a entrada musical, sacudir ou «canalizar» qualquer coisa, uma emoção.

Depois, durante algum tempo, continuou, não mais em direção a leste — com o sol a dar-lhe no rosto, ora do lado direito, ora do esquerdo — a atravessar o campo em todas as direções, sem que houvesse nada em particular para contar ou, segundo a fórmula das histórias antigas, «sem acontecimentos dignos de ser narrados». Mas ao mesmo tempo era um dado adquirido que, neste caminho sem acontecimentos, sem que se fixasse ou observasse nada, as imagens seriam transmitidas ou entrariam nela; imagens que não tinham nada em comum com quaisquer imagens fotográficas ou pintadas, muito menos bíblicas. Eram as imagens profanas dos lugares e sítios por onde se passava, de lugares que não se percebiam como tais senão assim, ao passar por eles. No que dizia respeito às imagens remanescentes, elas não apareciam se se fixasse a atenção no objeto ou observasse com especial intensidade; isto era igualmente válido para as imagens dos lugares do mundo por onde se passasse sem fixar a atenção em particularidades, sem que nenhuma singularidade saltasse à vista, sem «acontecimentos dignos de ser narrados». Tomavam-se imagens tão-somente porque quem as via não tinha consciência delas na sua presença. Elas surgiam apenas posteriormente; mas, ao contrário das imagens remanescentes habituais, não era logo a seguir, mas muito tempo depois, às vezes anos e décadas depois, e não através dos olhos, por detrás das pálpebras, mas sim por todo o corpo. Aquela que agora caminhava por aquela terra, sem ter olhos para nada em particular, numa manhã ou numa tarde dentro de, digamos, oito anos, dobraria o braço num

quarto algures e só aí iria tomar consciência da cruz de ferro no caminho, pela qual está a passar no momento presente; imagem do passado, imagem do presente e imagem do futuro ao mesmo tempo. Sim, estranho ou talvez não, imagem do futuro. Sairia do seu quarto para a varanda, perto da Porte d'Orléans ou noutro lugar qualquer, e da cova do joelho irá elevar-se, enchendo o seu ser, a imagem da torre de água de Gypseuil, que ela, com o pensamento noutro lado, deixara para trás. Vai dar um passo para a direita, na varanda, e a onda clara agora, com umas bolhinhas de espuma, no regato chamado Réveillon, um pouco depois da aldeia de Reilly, na fronteira com a aldeia de Delincourt, passará a ser a sua imagem, a da mulher na varanda, irradiando da sola do pé ou de outra parte do corpo para lhe faiscar através do corpo e da alma. Inclinará a cabeça e tomará consciência da coelheira há muito vazia, na aldeia de Tumbrel, de um burrinho, sozinho neste mundo, debaixo de uma árvore, perto da localidade de Vallangoujard, de um ninho de andorinhas debaixo do telhado da igreja de Montjavoult. Irá estender os braços e tomará consciência da antiga propriedade de Sarah Bernhardt nas «Buttes de Rosne», a elevação mais alta do planalto do Vexin, através da janela com vista para a estantes de livros, onde, retrospectivamente, se torna visível um volume de poemas de Antonio Machado, intitulado «*Soledades*». Pôr-se-á nas pontas dos pés a ver a imagem da lavandaria *self-service* que fica na periferia de Chaumont-en-Vexin, todas as máquinas de portas abertas e vazias, exceto uma, cujo tambor faz girar uma trouxa azul, como que de um fato de trabalho, para a esquerda, para a direita, gira, girou, terá girado. E estas imagens, imagens tardias dos anos e das décadas, se ela se deixasse envolver por elas, seriam diferentes das imagens remanescentes que aparecem hora a hora, diariamente, significariam de cada vez: «Continuar o jogo. O jogo não acabou. Estás em jogo, minha amiga, continuas nele.»

A ladra de fruta não seguiu pelo planalto erráticamente, mas sim em espirais cada vez mais amplas, como uma espécie de repetição, cá em baixo, no chão, das voltas que os milanos davam no céu uns em volta dos outros, avançando sempre. Numa dessas espirais, marcada por um carreiro, ultrapassou alguém que seguia numa bicicleta amarela, que lhe pareceu de início uma bicicleta dos correios. Podia ser uma bicicleta dos correios ao domingo? E na verdade era uma, e a pessoa que nela ia era uma carteira, vestida de uniforme, com um boné de carteiro de aba larga.

Quando a caminhante se pôs ao seu lado e cumprimentou, deteve-se, desceu da bicicleta e explicou, em jeito de resposta a uma pergunta muda, que o marido, o *facteur* habitual, estava doente há uma semana — nada de grave, uma gripe de verão —, e ela estava a fazer as vezes dele, só agora, ao domingo, porque era quando tinha arranjado tempo. No entanto, não levava uma única carta no meio da correspondência. Os impressos oficiais e os formulários para os impostos, que preenchiam as duas bolsas, uma de cada lado da bicicleta, tomando-a tão pesada, faziam com que o pedalar fosse difícil, um trabalho cansativo com o tempo, para mais naqueles carreiros

acidentados e com as grandes distâncias entre aldeias — podiam ser chamadas «cartas» ou só «correio»? Pelo menos tinha alguns postais ilustrados para distribuir, alguns, não eram muitos, enviados pelas pessoas da região, não eram muitas, que podiam dar-se ao luxo de fazer umas férias algures fora de casa — era verão, época de colheitas — , a maioria em lugares onde não havia postais, só alguns de lugares turísticos mais longínquos, ou simplesmente de monumentos de Paris, Sacré-Cœur, Notre-Dame, Torre Eiffel; eram imagens que serviam para enviar cumprimentos. Quase todos os postais vinham do interior do país, o que a carteira lamentava, porque o marido e ela colecionavam selos, só de países estrangeiros. Por outro lado, os postais do país, os postais franceses, não tinham carimbo, de forma que os selos, descolados, continuavam a poder ser utilizados. Só em três das aldeias do Vexin os postais vinham de outros países, de outros continentes até, e todos com selos de cores infinitamente mais alegres do que os franceses, também eram precisamente daqueles países de que nunca tinha ouvido falar na vida; eram pelo menos três vezes maiores (iria pedir aos destinatários, também em nome do marido, que os descolassem com cuidado, de preferência com vapor de água). Um dos postais, do «Reino do Lesoto», ia para Monneville, o segundo, da «República do Kosovo», que, segundo o selo — de uma só cor, vermelho escarlata, em forma de bandeira estatal, com uma águia bicéfala —, estava a celebrar o seu primeiro ano de existência («*since...*»), destinava-se de certeza à aldeia de Montherlant, perto do castelo de nome «Marivaux», e a terceira, que tinha como motivo duas equipas de rãguebi encaixadas uma na outra, era proveniente de uma das ilhas Fiji, que havia pouco se tinham tornado independentes, cujo nome aparecia com caracteres desconhecidos (se é que era realmente escrita?), dirigia-se ao grupinho do bar «Chez Pepone», em Lavillette; «Pepone» com 1 «p».

Na sequência, era como se a carteira, também ela, conduzisse em espirais, de aldeia em aldeia; seguia à frente, como que para indicar o caminho à forasteira. De vez em quando, sempre que parava junto a uma das casas da aldeia, parecia que estava à espera da caminhante; como se lhe antecipasse, espiral atrás de espiral, uma parte do caminho. Na realidade, as aparências enganavam, pois a *factrice* parava sempre para deixar o correio, quase exclusivamente os impressos das autoridades, exigências, ameaças, avisos — também ali, o Estado fazia-se onnipresente, tão agradavelmente, no campo: no entanto, aqui só na aparência — , e para ela era bom não ter de cruzar-se com praticamente nenhum dos habitantes das casas e quintas em carne e osso, ainda por cima ao domingo, para não ter de contrariá-los em pessoa com aqueles envios postais.

A seguir aconteceu a forasteira ultrapassar uma vez, a pé, a carteira da região, que estacionava a bicicleta de casa em casa, após o que a ciclista ultrapassou de novo a que seguia a pé, após o que de novo..., e assim sucessivamente, de uma aldeia, de uma parvónia, como se dizia, à outra. As duas não trocaram mais nenhuma palavra, por fim nem sequer olhares

trocavam. E, todavia, era nítido que, durante o caminho, havia entre elas uma espécie de pertença; uma pertença que cada uma delas vivia pela primeira vez daquela maneira, uma pertença que era, em vários sentidos, única. Este sentimento comum alegrava, contudo, a carteira no seu pedalar pelo planalto, com as muitas subidas que o olho mal percebia, mas que os ciclistas, até os da Tour de France, temiam como um *faux plat*, um «falso plano», e para ela se tornava uma agrura. E ainda assim: ela e a jovem desconhecida formavam, espiral atrás de espiral, um duo. E a carteira suplente lembrava-se de que, em jovem, já há muito tempo, tinha andado à boleia pela Escócia, e uma noite, num hotel de estação — ah, os hotéis de estação, incorporados nas estações! — em Glasgow, ou lá onde era, das águas-furtadas, olhara para o posto dos correios da estação — ah, todos aqueles postos de correio nas grandes cidades — e ficara a olhar horas e horas para uma sala ciara como a luz do dia, muito depois da meia-noite, onde havia um exército inteiro de homens de alguma idade — via as carecas a brilhar — a distribuir correio, vestidos com longas batas cinzentas, um correio, tinha a certeza, que era muito diferente do atual. E a que ia a pé, ultrapassando-a, ou ultrapassada por ela, pensava, por seu turno, naquela bicicleta, também amarela, a bicicleta dos correios, que estava há mais de um ano presa a cadeado, dia e noite, no resguardo de ferro que dava para a entrada do metro, na Porte d'Orléans, e que ainda havia três dias, tão pouco tempo tinha decorrido desde então?, após o regresso da Sibéria, ali tinha visto, uma bicicleta amarela dos correios, uma bicicleta de carteiro como esta agora aqui, só que na outra a roda traseira, ou seria a da frente?, faltava, e continuava ali a bicicleta, com uma corrente vermelha-verde-cinza-azul-preta enferrujada, o selim rasgado, os pedais bloqueados. Mas por que razão é que aquela visão fortalecia, dava confiança? Só por causa da cor? Do indestrutível amarelo?

À despedida — de novo uma despedida... —, a carteira suplente perguntou à outra se não teria uma carta ou ao menos um postal que lhe quisesse dar; no dia seguinte o correio seguiria logo de Chaumont-en-Vexin. Mais do que a um pedido, soava a uma pergunta. E, veja-se lá, a caminhante levava uma carta consigo, tinha-a escrevinhado a caminho, enquanto andava, parava, voltava a andar; o endereço estava escrito em dois alfabetos, latino e cirílico, o selo já estava colado e o autocolante de via aérea também. Olhando para trás, depois para a carteira, que já era uma pessoa quase velha, de cabelo grisalho, viu-a com os filhos, todos pequenos, quase recém-nascidos.

Depois, mais um pedaço de caminho, porque na história da ladra de fruta, como é que era a fórmula, não acontecia nada «digno de ser narrado», ou pelo menos nada do que acontecia se narrava por si próprio. Mas então antes os acontecimentos tinham-se narrado a si próprios? Não. E os acontecimentos seguintes, vão narrar-se a si próprios? Não e outra vez não. Os acontecimentos que esta história narra só chegam a tal por intermédio do narrador. Sem ele não funciona. As histórias que se narram a si próprias, a mim, enquanto leitor, não me interessam nada.

Assim, descrevendo espirais cada vez maiores, a ladra de fruta ia-se aproximando lentamente do extremo nordeste do planalto, em cuja encosta e em cujo pé fica Chaumont, a única cidade do Vexin.

Havia muito poucos automóveis na estrada estreita que bordejava o cimo do planalto, mas iam em velocidade excessiva, prego a fundo, como se fossem a perseguir alguém, ou o inverso, como se estivessem a ser perseguidos. Parecia que eram mais rápidos do que os aviões no azul do céu, embora estes fossem mais numerosos, levantando voo em sequência vertiginosa, a ver pela companhia aérea, do aeroporto de Beauvais, que ficava nas redondezas, especializado em voos de férias e voos para países longínquos, que não fazia parte dos voos programados na rede dos grandes aeroportos e das grandes companhias aéreas. Durante um pedaço do caminho, entre a aldeia de Liancourt-Saint-Pierre e a povoação de Le Vivray, a vista alcançava desde o rebordo do planalto, em direção a nordeste, ainda para lá de Beauvais, da sua catedral e do aeroporto. Tinha ficado parada no bordo da estrada e imaginava que conseguia ver por cima de todas as fronteiras da Europa, e teve de facto os Urais à vista e, por detrás das suas montanhas, toda a Sibéria; nenhum avião voava para lá agora, mas sim uma águia siberiana, uma águia-pesqueira. Não havia asas de aviões a subir e a descer sobre o horizonte terrestre, mas sim asas gigantes de aves que ultrapassavam qualquer outra envergadura. Ao aproximar-se, a águia transformava-se num avião, é certo, num avião um pouco estreito, em voo rasante, mas em compensação o piloto, lá em cima, vigiava-a única e exclusivamente a ela, à jovem que estava lá em baixo e olhava fixamente para aquele avião; balançou com as asas de avião, a esquerda, depois a direita, acenou-lhe, embora uma vez mais fosse imaginação sua.

Como era corcovada a estrada que bordejava o planalto, como, de resto, as estradas pequenas da região. Sempre que não passavam carros durante um período maior de tempo, ela avançava sobre o cume e era como fazer equilíbriismo, não exatamente como em cima de uma corda, mas como sobre uma barra de ginástica. O velho pai veio-lhe à ideia — agora mesmo, não muito longe dali, de onde ela estava, imaginava ela —, meio desorientado, ao mesmo tempo bastante divertido, a tropeçar pela planície — para ele, quase todos os lugares eram uma planície — enredava-se, atrapalhava-se (imaginava ela). Desde sempre se convertera, na sua imaginação, na testemunha ocular dos familiares ausentes, estava presente durante o seu sono, as suas idas, quando lavavam os dentes, apertavam os atacadores, giravam o botão do rádio; quanto mais ausentes estavam a mãe, o pai, o irmão, quanto mais inacessíveis ao telefone ou outro meio, mais tangíveis estavam na sua imaginação os que dela estavam distantes; era um jogo involuntário, que podia, contudo, converter-se bruscamente em medo e temor pelos outros.

Agora, ao imaginar o pai a andar perdido, tomado por uma tontura, no meio de uma estrada parecida, possivelmente ainda mais acidentada e corcovada, via-o a perder o equilíbrio, com que de resto não fora abençoado, a partir o

peçoço ao cair num fosso. Uma queda mortal numa estrada plana, seria possível? Na sua imaginação, era, tal como muita outra coisa. De maneira que agora voltava para o meio das pessoas que, na véspera, se tinha vangloriado de ter esquecido: os seus familiares. Numa ocasião, alguém da mesma idade tinha-lhe contado a sua dor: «A história do pai e da mãe, porque é que ela nunca acaba?» Devia acabar?

Uma buzina: repetia-se, a intervalos bastante grandes, sempre vinda de outro canto, e ganhava qualquer coisa de melódico. Não lhe era dirigida, mas mesmo assim sentia-se atingida — até lhe ocorrer que já tinha ouvido uma coisa semelhante, no dia anterior, na periferia da *ville nouvelle*, vindo do carro do padeiro. E já estava a correr em direção ao toque da buzina, que, entretanto, se afastara como que por caminhos laterais. Tinha, sim, tinha de alcançar o automóvel, tinha de ver o carro do pão ao domingo, tinha de comprar um pão ou qualquer coisa. E, além disso, estava outra vez com fome, de manhã, de tanto se dedicar ao serviço no albergue, esquecera-se de comer (mais um dos seus esquecimentos).

Apesar de seguir em caminho aberto, sem casas de habitação nas redondezas, o carro continuava a buzinar, mais ainda, como se o padeiro tivesse pegado no carro só por causa dela. E também parou de imediato — ao seu lado uma criança, o filho — e deixou-a ver o que levava, a mercadoria exposta numa superfície de venda, aberta e rebaixada na parte de trás do carro, depois de aberta a porta. Ao ver aqueles pães redondos, ovais, quadrados ou octogonais, as baguetes, grossas, finas, algumas finas como cordas, nem sequer era preciso entusiasmar-se com a frescura do pão, o seu cheiro, o seu aroma: o próprio pão, a coisa, as coisas aqui, num lugar tão pouco habitual, num caminho lateral, como que afastado no meio de uma estepe desabitada, com o ventinho da estepe a soprar, bastava: era como se alguém estivesse a ver pão e pães assim pela primeira vez, o pão «pão», coisa, forma, nome, tudo numa só coisa. E tudo junto produzia um aroma, ainda que o pão, os pães individualmente, não tivessem sido confeccionados necessariamente por um mestre padeiro excepcional, ainda que no caso dele não se tratasse do melhor padeiro de baguetes do cantão de Chaumont, do melhor padeiro de *ficelles* do departamento, do melhor padeiro tradicional da Picardia.

Não obstante, também aquele padeiro tinha agora a sua especialidade. Aquilo que para os outros era pão com passas, figos, kiwis, ou só com nozes ou avelãs, para ele era pão, pão de trigo, com sementes de faia. «Sementes de faia»¹⁶, isso é o quê? Como o próprio nome indica, ou não indica, as sementes de faia são os frutos das faias, parecidas com nozes, mas muito mais pequenas do que as nozes, mais pequenas ainda do que as avelãs, mas também não são redondas como estas; são, uma vez mais como diz o nome, angulosas, triangulares, pontudas, pirâmides minúsculas, encerradas em cascas igualmente finas, e estas, por sua vez, estão dentro de uma casca-mãe muito espinhosa; para mais pormenores, também há fotos na internet. O pão de

sementes de faia, disse o padeiro no caminho lateral da estepe, era uma novidade a nível mundial, embora não tivesse sido ainda testado pelo mercado. Um problema: para um único pão eram necessárias centenas, ou pelo menos muitas mãos-cheias de sementes de faia. Só assim, com as sementes de faia demolidas e depois torradas, é que o pão ganhava o seu incomparável sabor, um sabor desconhecido no mundo do pão, que ficava no palato dias depois, como nenhum outro pão de frutos, uma persistência que ia para lá do palato e da boca como só provavelmente alguns dos melhores grãos de café do mundo. Só que apanhar as sementes de faia era um trabalho árduo, muitas das cascas saíam vazias, e até se obter as centenas de sementes necessárias para um único pão... Mas ele tinha confiança. «É preciso introduzir um pão destes no mercado. O mercado grita pelo meu pão de sementes de faia. Nunca houve um pão como este! Veja, prove lá!» E ela provou, em silêncio, e voltou a provar, deu-lhe razão e queria dizê-lo ao padeiro de pão de sementes de faia, mas ele já há muito que tinha ido embora, a buzina do carro do padeiro já só se ouvia muito ao longe.

Só mais tarde é que viu que o volante do carro de distribuição de pão estava polvilhado de farinha. E também foi só depois que tomou consciência da farinha nos dedos do padeiro, no aperto de mão à despedida (de novo uma despedida) — só agora sentia o efeito duradouro nas próprias mãos, uma sensação «granulosa» — portanto, o padeiro tinha saído do trabalho diretamente para o carro; lavar as mãos?, não era preciso. Quantas coisas dos outros lhe chegavam só depois passado algum tempo, mas em contrapartida causavam uma impressão mais nítida, aproximando-se como uma nuvem que enchia a alma.

Mas ao mesmo tempo, disse para si própria: «Como todos estes desconhecidos com que me tenho encontrado nestes três dias em que estou a caminho me mostram confiança! Como todos eles se confiam a mim de imediato e dispõem de mim como se eu fosse a disponibilidade em pessoa, e única e exclusivamente isso. Ninguém que, para lá disso, queira saber alguma coisa acerca de mim. Ninguém que me pergunte alguma coisa, muito menos que me pergunte alguma coisa acerca de mim — sobre mim, como sou e vivo. De onde venho, para que ando a vagabundear por estas paragens com esta bagagem pesada às costas: ninguém parece interessado nisso. E sinto falta, cada vez mais, de maneira intensa e até dolorosa, que me façam perguntas sobre mim, nem que seja só uma, por exemplo, sobre os meus brincos. Onde os comprei. Se alguém mos ofereceu. E, porque não, quanto valerão. Nos outros lugares onde estive pelo menos perguntavam-me pelo meu “sotaque”, em todas as regiões, em todos os países, mesmo no meu próprio, dava logo nas vistas com o meu “leve sotaque”, como se diz, e pela minha procedência, porque este sotaque nunca foi o de casa em parte alguma. Aqui, pelo contrário, ninguém me faz sequer perguntas sobre o meu sotaque, como se o das pessoas da região também não lhes fosse totalmente familiar. Será que me transformei, ao longo destes três dias, num fantasma, um fantasma agradável,

bem-vindo, é certo, senão não confiavam em mim com tanta naturalidade, mas apesar de tudo um fantasma, um espectro também para mim própria? É verdade: não foram poucas as vezes que me cumprimentaram dos comboios e dos autocarros que passavam ao atravessar estas terras, muito mais vezes do que alguma vez, como ainda agora fez o piloto da sua cabina, e senti que comunicavam comigo, senti-me reconhecida, eu, em especial, em particular. Mas porque é que isto não me aconteceu cara a cara, e, ao longo destes três dias, quando aconteceu foi cada vez menos? Serei para os outros apenas um meio?»

Junto ao sopé do planalto do Vexin, na vasta pradaria de Chaumont, atravessada pelo rio Troësne, a ladra de fruta foi parar a uma missa celebrada ao ar livre. O irmão iria ter de esperar no seu barracão das obras. Ela sabia, é certo, ou julgava saber, que ele não se importava de ficar à espera, até gostava de uma certa espera. Quando era pequeno e a irmã o ia buscar à escola, atrasava-se de propósito, às vezes tanto que ele era o único aluno da turma à espera na sala de aula ou no recreio. Mas mesmo assim acontecia ele perguntar-lhe, com os olhos a brilhar, se é que não lhe ralhava, porque é que «já» tinha chegado.

Poderia ter torneado a celebração da missa. Mas ao ver de cima, do rebordo do planalto, as pessoas que estavam reunidas à volta da mesa e do padre, lá em baixo, junto ao rio, e ao ouvir, além disso, o cântico de entrada a entoar lá em cima, aconteceu-lhe como com a buzina do carro do padeiro: tinha de se juntar aos outros. Tinha de ser, tinha de participar na celebração da eucaristia. Esta chamava-a e ela respondia à chamada. Era uma chamada da fome e da sede, e uma chamada do prazer. Descer a correr, encosta abaixo, mergulhar de cabeça para o meio dos que estão ali reunidos, distribuídos num semicírculo irregular e amplo à volta da mesa e não perder uma única fase, uma única palavra, sobretudo do Antigo, do Novo e do Eterno Testamento. Com a precipitação, caiu, enredando-se numa raiz, levantou-se como pôde e continuou a correr a toda a pressa. Não lhe tinha acontecido nada, ou, de acordo com o seu lema, não lhe podia acontecer nada. Ou podia? Já há muito que não tinha certeza disso. Não seria, em vez disso, mais uma divisa do que um lema?

Nem o padre nem os fiéis que participavam na missa olharam quando ela chegou, mas deram-lhe lugar, em silêncio, no semicírculo, o que, de resto, não era necessário de tão poucas pessoas que eram. Era o único domingo do ano em que se dizia missa naquele lugar. Esta tradição secular estava a desaparecer. (Quantos domingos depois do Pentecostes? Não contes!) Continuavam a chegar pessoas de toda a região, até do outro lado das fronteiras do departamento. Mas podiam contar-se pelos dedos das mãos, ou, fantasiava ela, pelos degraus de um escadote de apanhar fruta, além disso eram, na maior parte, velhos, gente muito velha, anciãos, que precisavam de ajuda para todos os movimentos, de gente também velha, só que menos frágil, sobretudo para passarem da posição de pé para a genuflexão e para se

levantarem de novo. Pelo meio, pareciam todos adormecidos, sentados nas suas cadeiras dobráveis, abraçados às muletas, mas acordavam de imediato quando se tratava de terem de se levantar ou ficar de joelhos. Naquele círculo ela era de longe a mais nova. Num sonho acordado, um daqueles particularmente claros, favorecido e talvez até provocado pelo ritmo da missa, da leitura do Evangelho, do «corações ao alto!», da transubstanciação do pão e do vinho no corpo e sangue, viu-se transformada naqueles seres esforçados e cansados à sua volta, frágil como eles, se não mesmo a ponto de partir. Parte-te, coração. E, no sonho acordado seguinte, estava de volta à Sibéria, numa missa ortodoxa; tal como todas as mulheres no espaço exíguo da igreja, tinha posto um lenço na cabeça e recebeu do pope, no final, um sinal da cruz com óleo sagrado, desenhado na testa com o polegar. Tinha chegado agora o momento de fazer o sinal da cruz. Tinha chegado o momento? Aos seus pés, a erva ondulava. Os campos atrás do rio Troësne, em pleno interior do país, brancos das gaivotas, de patas altas, bicos compridos, e, no meio delas, maior e de patas mais altas, um cormorão negro-acinzentado. Ou era um albatroz que ali estava? Mas os albatrozes eram negros?

Depois da missa, ficou ainda um pouco no meio daquele círculo. Ninguém lhe dirigiu a palavra. Ninguém dava a entender que se confiaria a ela, nem lhe perguntaram de onde vinha ou para onde ia. Mesmo entre eles não se falava de nada, quando muito falava-se de trivialidades: do tempo, onde e o que iria ser o almoço. Também já não era preciso falar, perguntar, informar-se, contar mais coisas. Depois da leitura dos textos e do ritual, reinava entre eles, mesmo os que talvez amanhã, ou até hoje mesmo, estariam a morrer, para já o que interessa é o puro presente, uma alegria cheia de vida, transbordante, coletiva, que, se Deus ou quem o que quer que fosse quisesse, ainda continuaria com aquele ímpeto, até à próxima celebração da missa, se eu, se tu, se nós ainda cá estivermos para vê-la. Uma centenária deu uma palmada no traseiro a um homem de noventa e nove anos. Outro casal de anciãos esteve a cheirar-se até que os pares de lábios floresceram de novo e as faces murchas enrubesceram de novo. Um paralítico ergueu-se de um salto da sua cadeira de rodas, voltou a cair, é certo, mas já era alguma coisa. Um mudo recuperou a fala, é verdade que disse só uma palavra, mas já era alguma coisa. O riacho, afluente do Troësne, marulhou por um segundo, trémulo como o rio Jordão — se é que este rio tinha alguma vez bramado por lá.

Aqui as despedidas eram supérfluas, formais ou informais, da mesma forma um «adeus!» dito expressamente. Sem se ter sido acolhido de modo explícito nesta comunidade dos outros, pertencia-se a ela, e não só por algum tempo.

«Será que me chega uma comunidade assim?» Fez a si própria esta pergunta quando já tinha ido embora, de pé sobre uma trave de madeira, uma ponte sem corrimão, sobre o rio da pradaria, algo estreito, mas tanto mais profundo, de nome Troësne. E a resposta: «Uma comunidade assim pode ser a alegria, alegria em estado puro. Mas não me chega.»

Com isto começou aquilo a que chamou muito depois, quando finalmente

lhe veio à mente uma palavra a condizer, «a hora insanável». O Troësne corria tranquilo e rapidamente aos seus pés; nas profundezas, plantas aquáticas entrelaçadas, com reflexos verdes e serpenteando constantemente. Uma lontra nadava rio acima, da cabeça eriçada só se viam os pequenos olhos negros acima da água, ao passo que a cauda, que servia de leme, deixava ondas atrás de si, praticamente invisíveis. Quando a ladra de fruta avançou com um pé na trave, a lontra mergulhou de imediato e pouco mais de um instante depois já não se via à superfície da água o mínimo vestígio do animal, que, apesar de tudo, era maior e mais pesado do que um castor, e que ainda agora atravessara as águas. Antes da viagem, o pai prevenira-a quanto ao perigo de caminhar pelas águas do Troësne: uma vez, um único passo bastara para que se afundasse até às costelas e só graças a um ramo pendurado, «se não foi no último momento, foi no penúltimo», conseguira voltar a terra, içar-se de volta à pradaria. Em geral, sempre que se apresentava um local perigoso, a ladra de fruta sentia-se tentada a pôr-se à prova.

Só sentia algo parecido com medo em relação a outras pessoas. Agora, porém, embora estivesse em cima da trave de madeira segura, bastante larga, sentiu medo de repente por si e refugiou-se literalmente na outra margem, uma salvação, pareceu-lhe, mesmo «no último momento».

Vamos ter com os animais terrestres e aéreos, com as gaivotas, o cormorão (ou estava ali um *héron*, uma garça?)! A caminho, de repente, no meio das ervas altas da savana, todos os animais do interior do país, tal como todas as espécies e os géneros reunidos ali, para lá do Troësne, não somente as lebres, as raposas, os cervos, os javalis, os faisões — infelizmente, não havia nenhum faisão-dourado —, codornizes, perdizes, gatos bravos, cães selvagens (que estavam a converter-se, mais uma ou duas gerações até lá?, em lobos), mas também um (1) lince, dois (2) texugos, uns guaxinins, além disso, aqui e além, de forma semelhante às plantas de jardim que migravam, havia os chamados «fugitivos dos jardins», um peru e um papagaio «fugidos de casa», veja-se também no alto, na copa desta sequoia (havia algumas árvores destas no meio da pradaria do Troësne), o pavão com a coroa na cabeça e o leque de muitas cores bem aberto. E todas aquelas espécies animais estavam deitadas, agachadas, de pé, pernilongas no meio da pradaria, algumas vezes dispersas, outras vezes quase apinhadas, pelo menos de dia — quem sabe se ao cair da tarde aquela raposa e a serpente enroscada ao seu lado, quieta, não se atacariam mutuamente, de uma forma ou de outra. Os caçadores, e não só os dos próximos outonos, também os dos anteriores, também os dos séculos e milénios anteriores, estavam, de novo, de uma forma ou de outra, longe.

Ela era a única agora que perturbava esta comunidade, era a intrusa, era a estranha, o inimigo. No entanto, movia-se na pradaria com extremo cuidado. Nada de movimentos bruscos, e de preferência sem ruídos, a não ser que fosse uma saudação sussurrada, um sinal com a mão a acompanhá-la. E, contudo: debandada geral assim que ela deu um único passo, pequeno, ou, fosse por

que motivo fosse, entrou demasiado no território da comunidade aqui-ali. Até a serpente desapareceu a toda a velocidade, o texugo fugiu e foi enfiar-se no seu esconderijo de areia da pradaria, levantando grande poeira, fugiram todos os animais com exceção da raposa, que levou o seu tempo até desaparecer, de cabeça para trás, voltada para ela, a que se dava ares de querer fazer parte da comunidade, espiando; fugiram as lebres, os faisões, com gritos estridentes, fugiu o papagaio, fugiram os javalis, a galope de javali, fugiu por fim o mocho, que se tomara o seu animal de companhia na viagem pelo interior do país e que dormira o seu sono diurno nas ervas fundas da estepe, de golpe de asa pesado, é certo, e inaudível como só um voo de mocho; mas também era uma fuga, fugia dela, a que não pertencia à comunidade, a que desrespeitava a fronteira, a ilegal, aonde quer que chegasse. «Fiquem!», gritou ela, «fiquem, seus estupores de merda!», bradou ela, o que acelerou ainda mais a fuga, até que todos os animais pareciam ter desaparecido da savana, mesmo o pavão na copa da sequoia. Ou ter-se-ia enganado: havia ali um ramo mais farfalhado que tinha a forma de um pavão? E as gaivotas, juntamente com o cormorão, a garça e o albatroz? Era outra vez um dos sonhos acordados? O único animal que ainda se via era a mosca nas costas da sua mão, com as antenas ou lá o que era aquilo, ali a agitar-se com movimentos minúsculos, como se quisesse escrever no ar, fazendo troça dela. A mosca brilhava como o ouro, supostamente era igual às moscas da carne, e a ela parecia-lhe naquele momento, de olhos postos nela fixamente, a «rainha dos animais». Bela rainha dourada. Teve de se dominar para não matar aquela rainha dos animais. «De qualquer forma, não lhe acertaria.»

Não havia aquelas representações da morte do Buda, em que todos os animais da Terra choram o Mahatma, rios de lágrimas de elefantes, leões, tigres, águias, até aos ratos, minhocas, inclusive quiçá os escaravelhos, os besouros, os de maio, os de junho: mas como tinha sido a relação de todos aqueles animais com o Iluminado durante a sua vida? Representações: nenhuma. Chorado, lamentado, respeitado só no momento da morte?

Saiamos do mundo dos animais. Voltar à civilização, voltar, bem-comportada, à cidade ao longo do rio controlado. Como é que se chamava aquela canção do outro século, cantada pela Petula Clark, para a América e, além disso, para o mundo inteiro? «*Downtown*». Será que Chaumont-en-Vexin tinha algo como um *downtown*? Além disso, como ladra de fruta, estava fora do seu meio num *downtown*, nunca lá fora o seu meio, nunca sentira que a sua presença ali fosse desejada. Aliás, como traduzir *downtown*? Por «centro da cidade»? Não. *Downtown* era intraduzível. (Mais uma daquelas palavras intraduzíveis.)

Enquanto andava, distraiu-se durante um pedaço, carregando o peso da bagagem na cabeça em vez de levá-la aos ombros; primeiro, segurando o saco de viagem no cocuruto com ambas as mãos, depois só com uma mão, e, por fim, equilibrando-a sem mãos pela savana fora, que desembocava diretamente na pequena cidade. Uma testemunha ocular benevolente teria achado a sua

passada — interrompida de vez em quando por um passo ao lado como se fosse um passo de dança — bela, cheia de graça; uma pessoa menos benévola, pelo contrário, acharia aquilo uma confusão, os movimentos de uma bêbada, se não mesmo de uma louca; um mal-intencionado puro e simples veria ali os movimentos de um inimigo, de uma pessoa a caminho da guerra contra ele, o espião em pessoa, para uma luta de vida ou morte.

E os três teriam visto bem. O impulso principal da sua passada marcial vinha-lhe da guerra dentro dela, não da guerra contra um outro em particular, mas antes de uma raiva interior profunda contra o mundo, tal como o representava, pelo menos nesta hora insanável, e que via como o seu, da jovem, da pessoa jovem, o mundo muito seu, muito próprio, e ao qual tinha pretensões, porém num sentido completamente diferente de qualquer sentido de propriedade.

A que se devia, perguntava-se enquanto seguia naquele cambalear confuso, que o acesso ao mundo tivesse agora sido fechado, a ela e aos seus semelhantes, por longo tempo, irrevogavelmente? O pai tinha-a obsequiado em tempos com a sua história de infância, em que os pais dele, refugiados num país estrangeiro, tinham sido considerados «apátridas» longos anos, e por isso o mesmo acontecia com ele, nos boletins de notas na escola — «Nacionalidade: apátrida» —, e por esta ausência de nacionalidade sentia vergonha perante os colegas de turma.

Ela, pelo contrário, não queria pertencer a nenhum Estado; não queria ter nada que ver com os Estados do mundo; não esperava nada de nenhum Estado e também não esperava nada de nada de qualquer país, mesmo que fosse um desses que são elevados aos céus. Sentia apenas o impulso de colaborar com os outros, agora, no mundo. — «O mundo?» Uma definição, por favor. — O mundo era o mundo era o mundo. Ou, afinal, talvez uma definição: o mundo era a história do triângulo entre o próprio, a natureza e os outros. Oh, os outros! Os divinos outros. E ela, a comprovada ladra de fruta, considerava-se, sabia-se, já há muito tempo, para lá da arte de furtar fruta, as suas viagens, a sua capacidade-de-intervir-e-ajudar-em-todo-o-lado, uma especialista do mundo, uma das especialistas que davam o tom ao mundo, embora um tom diferente. — «Especialista» de quê? — Especialista. Ela, a jovem de hoje em dia, o que tinha ela para dar, dádivas matinais, dádivas ao meio-dia, dádivas à noite; mas de todas as dádivas, as mais ricas eram as matinais. Só que até hoje as suas dádivas nunca tinham sido precisas e, em caso algum, apreciadas. O mundo, o mundo dela, não sabia sequer das suas dádivas, e se calhar não queria saber delas até ao dia de São Nunca. Ou será que um dia as descobririam, a elas e a ela? — Descobertas? Como uma *star*? — Descobririam, descobririam finalmente, nada mais. Como ela tinha procurado desde sempre, em silêncio, o sucesso. — Sucesso? Ficar debaixo dos holofotes? Dos holofotes do público? — Não, longe de tudo isso, nada de «público» e os seus «holofotes». Apenas sucesso. Dar aquilo que tenho para dar. O que eu poderia ter dado ao mundo para que me imitasse, a dançar, a

cantar, a contar, a cozinhar, a provar, a subtrair, a surripiar. Também eu sou uma protagonista. E agora: expedição falhada. Regresso? Impossível. Tantos me confiaram coisas. E ninguém confiou em mim para nada.

A sua caminhada ao longo do canalizado Troësne tomou-se também um tentar pela várzea do rio, como por um labirinto. Temera por si antes? Agora sentia medo de si própria. «Vai correr sangue»: aquele antepassado da família, o alegado assassino que, como tal, se aproximava ferozmente sempre só em sonhos, aparecia agora num sonho acordado, em pleno dia, e disse isto com a própria voz, a de um ventríloquo. Por instantes, viu-o mesmo diante de si, no sufocante espaço aéreo sem vento aqui da várzea: tinha os olhos de alguém que não tinha matado só uma vez, olhos de vidro.

Puxou o cabelo do pescoço para cima, várias vezes, e a última com tanta força que se magoou, e ela, em vez de gritar de dor, desatou a rir. Desejava, desta forma, ser puxada dali para fora, para um lugar completamente diferente, para uma barca que atravessava o Ienissei, na Sibéria, onde ela fosse a timoneira e ficasse assim a salvo toda a vida, ou simplesmente para sul, até ao Oise, e dali até à eclusa de L'Isle-Adam, do outro lado desta região, o Vexin, na Picardia: também lá estaria a salvo de si mesma como funcionária da casa da eclusa, lá em cima, na sala de comando envidraçada a toda a volta, onde desempenharia a sua função dia e noite — o que já tinha feito uma vez, no verão, como trabalhadora ocasional — como operadora da alavanca da eclusa, também ali estaria refugiada e protegida da descendente de assassino de aqui.

Andar às cegas para encontrar a saída do labirinto. Olhos fechados: será que continua ali aquela escrita, a fiável, por detrás das pálpebras? Ali aparecia outra vez a escrita, só que as linhas se congestionavam numa confusão infernal, sem que se pudesse decifrar uma letra, em todas as direções, sob a forma de uma pira em fogo. Deitou-se na erva da pradaria para uma soneca, era uma coisa que a ajudava sempre a regressar às cores e formas do dia. O sono chegou prontamente, só que arrancou um pé de erva e, com ele, ameaçava desenraizar a savana inteira: além disso, nos ouvidos o som dos grilos por toda a pradaria, um som estridente e confuso em que já nada havia de secreto.

De novo algo que o pai lhe tinha transmitido atravessou-lhe a mente como um lampejo: um jovem que em tempos entrara no fosso dos leões, despira-se e atirara água aos leões até que —. Não havia leões à mão, quando muito um par de touros inacessíveis, atrás de grades de arame farpado, além disso eram vitelos, pequenos. Quando muito era-lhe acessível uma manada de vacas, da qual um dos animais com úberes se aproximou e lhe lambeu a mão com a língua áspera; pelo menos, a vaca apanhou a seguir o lenço de cabeça que lhe tinha sido dado de bom grado e comeu-o. Nenhum raio que, como desejava, lhe caiu em cima dos céus aos trambolhões. Mas, apesar de tudo: uma nuvem gigante, escura, em forma de tubarão — no instante seguinte, desfez-se. Às voltas pelo labirinto da pradaria, sentiu-se um animal selvagem, um que

ansiava por ser caçado, a qualquer custo! Pensou, vendo a lebre morta a flutuar no Troësne: «Aquela sou eu!» A Grande Queda estava iminente ou já tinha acontecido e ela andava pelo mundo só aparentemente? — E ela, que quando era preciso, sabia cantar com tanta suavidade e manter o tom sabe Deus como, pôs-se a cantar mal com todas as forças, e pior ainda, o seu canto parecia um vociferar masculino a várias vozes com um gemido pelo meio. Enquanto avançava em passo militar e em ritmo de marcha, vociferava e gemia.

Mas para semelhante insanabilidade interior não valia a regra de que tanto as grandes como as pequenas adversidades — quanto mais adversas, mais eficientes — opunham à insanabilidade algo que, em caso de sorte, como contrafeitiço automático, abençoado, até a faziam desaparecer do mundo? Pode ser: no entanto, no caso da ladra de fruta, aquela regra agora não tinha força; aquilo que lhe chegava de fora como algo maléfico, ou simplesmente incomodativo, funcionava, pelo contrário, como um reforço do seu tumulto interior. Assim, pisou um ninho de vespas e, ao correr para fugir, foi logo alcançada pela tropa e, ao mesmo tempo também, picada com uma pontaria admirável; as picadas pareciam os buracos dos tiros num alvo de cartão para fazer prova de pontaria. Depois, nos arrabaldes da cidade, de jardim em jardim, os cães saltavam-lhe por trás das vedações, o cascalho e a gravilha que detonavam contra os portões, o constante alvoroço e ladrar saindo das fauces, cortante, disposto a despedaçá-la ali mesmo (confrontar a sua imaginação que, segundo a mãe, se devia ao facto de, em estado avançado de gravidez, ter sido atacada por um cão gigante). Excetuando o ladrar e o rugido destes cães agora, ao contrário dos silenciosos cães selvagens de antes, na savana, os ruídos de todos os animais, o bater dos bicos das cegonhas, o cacarejar das galinhas, o grasnar dos gansos, não podiam transformar-se num som, numa melodia até? Por outro lado: não podia o ladrar de um cão, ou o ladrar de vários cães, de noite, no campo, um de longe, outro do vale, outro algures a meia altitude, dar o tom a um caminhante perdido, um tom acolhedor? Verdade. Mas passou uma hora sem que houvesse uma tomada de consciência, uma única — ainda que fosse consciência de nada, e outra vez nada —, que a tivesse ajudado, no meio do pânico, ao avante!, à correspondente paragem. Mas escuta, querida, a doce música, o som longínquo que vem daquela casa, e agora de outro lugar, muito, muito longe! — Ela bem captava os tons, uns como os outros, tal como agora um terceiro, e todas aquelas melodias suaves, distantes, penetravam no mais profundo do ouvido e continuavam a tocar lá dentro, mas, entretanto, ela pensava: «Nunca mais regressarei a casa!»

O labirinto da pradaria passou para o labirinto da cidade, diferente do da *ville nouvelle*: enquanto ali, nas espirais cada vez mais apertadas das novas urbanizações de Cergy, não havia saída possível para o ar livre, para o campo, aqui as ruas tinham um trajeto bastante a direito. Em perspectiva, o centro da pequena cidade de Chaumont era visível de todas as partes; e, contudo,

parecia-lhe que tinha de lá chegar, tal como antes, na savana, passo a passo, tentando.

No entanto, não havia qualquer espécie de obstáculo. Nenhuma ruela a terminar em frente a um muro. Ninguém a impedir o caminho. Era o princípio da tarde de domingo e não havia viva alma à vista, nenhum gato. Pelo menos um pardal, por favor. Se ao menos fosse agraciada com excrementos de pássaro caídos do céu azul do meio do verão, uma bâtega generosa se possível, se possível bem no meio da testa! Não havia gente que atraía esse tipo de coisas com toda a certeza? Porque é que, nesta hora, não lhe podia calhar isso também em sorte?

Ninguém que pudesse cumprimentar e que a cumprimentasse também. Na insanabilidade prolongada, declarara-se nela, para mais, aquela falta de jeito que, inata ou não, fazia parte dela, a menos que se dedicasse à sua arte de furtar fruta e respetivos atos. Tropeçou nas próprias pernas, foi de encontro ao retrovisor de um carro estacionado, escorregou onde não havia nada para escorregar, apalpou todos os bolsos da roupa à procura de uma coisa que já tinha na mão. Era cómico de ver só de longe talvez. De perto, pelo contrário: o seu rosto insanavelmente deformado. «A falta de jeito manda cumprimentos», belo ditado — mas aquela falta de jeito não cumprimentava; o que exprimia era o contrário de qualquer tipo de cumprimento.

Princípio de tarde de domingo e algumas casas desta maldita Chaumont — todas elas, mesmo as que havia perto do centro da cidade, sem espaço entre si, enfileiradas, pareciam isoladas — já estavam a fechar os estores: um estalido aqui, um estalido ali, e tanto aqui como ali via-se, por um momento sovinaamente breve, só aquela mão a fechar. Depois, o supermercado no centro: fechado, a única luz era a «luz de emergência». Os dois bares: um deles não abria ao domingo, no outro, que também vendia tabaco, estavam as persianas metálicas a acabar de ser puxadas para baixo, com um eco que percorria toda a cidade de resto silenciosa; se não fora por estar a fechar, poderia ainda ter comprado uns cigarros rapidamente, pelo menos para entrar em qualquer lado, não para si, para outra pessoa qualquer. O único restaurante, fora de serviço e já há um ano. A pizaria: só abria ao final da tarde. A nobre igreja renascentista, à subida para o planalto, estava fechada. Da linha de caminho de ferro ouviu-se o assobiar de um comboio, só um, mas prolongado, como se aquele comboio fosse o último e não só no dia de hoje.

Siga! Para longe de Downtown-Chaumont-en-Vexin, não interessa para onde. Porque não ir até ao lugar onde ficava o barracão do irmão, na periferia da cidade? Não, tal como estava, insanavelmente perdida, não podia apresentar-se diante da vista dele.

Para já, rumo a norte, a sua direção com provas dadas — só que, indo por ali, seguia a sua sombra, encurtada e engrossada no verão, pelo rabo do olho. Em cima de todo o tédio, só faltava ainda ter de ver a própria sombra. Mas agora ali: por trás da cerca, a árvore carregada de cerejas. E já tinha virado, ou melhor, já lhe tinha dado a volta, com a graça que a caracterizava; e andava

para trás e para diante no vau entre a cerca e a árvore, e espiava-a como só ela, a mão de ladra de fruta a abarrotar de cerejas. Como? Cerejas em agosto em vez de ser em junho? Eram cerejas ácidas, ginjas, de um vermelho mais claro, transparente. E ao continuar o caminho, tinha uma das ginjas já na boca, e mais outra, na esperança de que a acidez, concentrada naqueles frutos, a ajudasse.

De novo, não havia nada ali: é claro, evidentemente, que aquelas ginjas eram ácidas só como as ginjas. Mas na boca dela não tinham agora nada de ácido; não tinham, aliás, nenhum tipo de gosto, por muitas que comesse e continuasse a comer. Era como se tivesse perdido, nesta hora insanável que durava e durava, o sentido do paladar. Ainda tentou com um agrião, num dos braços do Troësne que se ramificavam rio abaixo em Chaumont: a mesma falta de gosto naquelas folhas enroscadas, normalmente tão apimentadas, e o mesmo com as bagas de zimbro, de reconhecido sabor amargo. Depois mordeu inclusivamente as partes podres da fruta caída que se amontoava para as bandas de fora da cidade, encheu a boca de fruta podre e mastigou-a, sorveu-a, engoliu-a: nada a não ser aquela grande falta de gosto que abarcava tudo, fora como dentro. Nem sequer se sentiu enjoada. Se ao menos tivesse ficado doente com aquela podridão toda! Mas nada: no tocante ao corpo, a ladra de fruta sentia-se de boa saúde, com uma saúde indestrutível, com uma saúde quase maligna.

Embora a rua levasse para fora da cidade em linha reta, ela andava, parecia-lhe, torta e cada vez mais torta, fazia curvas, inclinada. Mas não, não cairia, desta vez não, hoje não. Ficou em pé no meio de uma praça circular relvada, ao mesmo tempo uma baía na periferia da cidade, e ergueu-se com o peso da bagagem. Nunca na vida tinha estado assim, tão parada e erguida.

Porém, não sabia como continuar e não podia continuar. Tinha-se perdido definitivamente e isso era para já tranquilizante. Olhava as árvores da praça, algumas com cartazes colados, a maioria desbotada, com anúncios de festas, concertos e, sobretudo — o que era típico das aldeias do Vexin —, feiras, *braderies*, *vide-greniers*, que já tinham tido lugar há meses, anos. Um cartaz, contudo, anunciava um concerto do Eminem que iria ter lugar no verão do ano seguinte, muito longe de Chaumont, para lá das fronteiras francesas, em Bruxelas. Num dos bancos da praça, uma mala como que esquecida ou propositadamente ali deixada: ia explodir daqui a nada, mais o caos de pregos pequenos e grandes lá dentro, e para ela estaria bem. Moscas pretas zuniam-lhe diante dos olhos e, ao tentar afastá-las, tomavam-se cada vez mais. Pelo rabo do olho viu uma mota a cruzar a praça com um ruído atroador, uma mota pesada, vistosa, não era uma *Harley-Davidson*, mas apesar de tudo uma *Mitsubishi*, com um «Valter» em cima ou alguém com o seu perfil, e, se tivesse tido forças, teria ido a correr atrás dele para se sentar atrás, e fariam juntos uma viagem pelos Balcãs até ao Peloponeso. Insanável, insanável, insanável.

O sítio onde estava parada, bem erguida, imóvel, na praça da periferia da

cidade, tinha um redondo marcado na relva, acinzentado; nas árvores, a maioria dos cartazes estava desbotada. Uma tenda de circo, mais para o pequeno, tinha estado ali montada, há muito tempo já. E precisamente naquele sítio agora — assim estava definido em pensamento ou num sonho acordado da ladra de fruta — iria correr sangue. Acontecera ali uma luta, talvez não de vida ou morte, mas pouco faltaria. A história assim o quis e viu.

Uma mulher, mais ou menos da idade da ladra de fruta, sai a correr de entre uma das últimas casas pequenas da cidade, ou de uma casa propriamente dita?, e já está a atacar a perdida. Enquanto desfere os primeiros golpes, diz qualquer coisa, não é certo o quê. É mais um murmurar e quem quiser consegue ouvir que a outra lhe roubou o marido, ou qualquer coisa assim. Mas aquilo que intervém claramente na cena é outra vez o rabo do olho. Mesmo antes do primeiro golpe, a atacada vê por ele que conhece a agressora. É uma das suas muitas sócias, parafraseando Anna Akhmátova, com quem «desde os cinco anos se ia cruzando em todas as esquinas», e isto é algo que a ladra de fruta não está a inventar agora: é assim. Estranho, ou não, que, após uma fase inicial de encantamento destas crianças, meninas, mulheres depois, um encantamento quase impetuoso, apaixonado, incondicional — como se fossem duas eleitas, feitas uma para a outra para serem amigas íntimas e confidentes até ao fim dos tempos —, logo a seguir aquele encantamento voltava-se de cada vez contra ela, a ladra de fruta, convertendo-se subitamente num ódio fulminante. E de cada vez parecera-lhe que tinha merecido aquele ódio — por muito inexplicável que fosse, não era explicado, nunca era verbalizado pela outra. Sentia uma vaga culpa. Prometeu às sócias algo que não cumpriu. Fingiu algo diante delas. Estão muito dececionadas com ela. Aos olhos delas, ela é uma aldrabona. Uma falsária; falsa da cabeça aos pés; falsa até à medula. Merece que elas, as enganadas, a odeiem.

E agora, na praça da periferia habitualmente deserta, o ódio tornou-se pela primeira vez explícito. O ódio daquela sócia ali chegou a vias de facto. Mas porquê justamente ali, quando, para lá desta história, vale a regra segundo a qual as pessoas que estão desavindas no seu meio, quando um acaso as junta em terras distantes, aproximam-se sem querer, pelo menos cumprimentam-se, coisa que no dia a dia já não faziam há séculos, ou reconciliam-se até e, de facto — isso também faz parte da regra —, por muito tempo? Será que este ódio entre sócias é um tipo de ódio que nada consegue atenuar e, ao haver um confronto inesperado num lugar estranho para as duas pessoas desavindas, estala, pelo contrário, mesmo a sério e de imediato, num abrir e fechar de olhos, e chega, mesmo sem um pestanejar, a vias de facto? É assim? É assim. Assim foi.

Também é a primeira vez na vida que a ladra de fruta tem de lidar com violência. O boxe, que na época do liceu esteve durante um certo tempo na moda entra as raparigas, era uma coisa diferente: um benefício e um fortalecer da presença de espírito, sempre com os olhos da oponente na mira. Aqui, no entanto: não tem olhos à frente, nem sequer uma cara. Esta, a pessoa que a

ataca, caiu-lhe a cara literalmente, não tem já qualquer parecença com ela, a atacada.

Depois contra-atacou. Atacou — e de que maneira! —: também pela primeira vez na vida. A luta entre ela e a sósia demorou. Na narrativa, pelo contrário: brevidade. Sangue do nariz empapando o serrim no redondel de relva murcha: manchas de sangue do nariz, sem comparação com nada. Instintos assassinos em crescendo por parte daquela de quem tinha partido a violência — uma fúria homicida, só por um momento, por parte de quem contra-ataca, mas que nunca esquecerá para o resto da vida. Em retrospectiva, pareceu à ladra de fruta que não tinha tocado na outra uma única vez, tinha-se transformado, isso sim, num meteorito caído de repente dos céus aos reboleões, chocando na vertical com a Terra, e que, com a violência da queda, continuou sempre a rolar sozinho; por fim, a adversária só conseguiu fugir dele, das suas arestas e saliências, entre prantos e ranger de dentes.

Depois, sozinha com as gotas de sangue, uma, duas, ainda frescas, as outras secas, como se já tivesse passado muito tempo; de resto, não eram assim tantas e tão grandes como lhe tinha parecido no meio da luta. De qual das duas contendoras era o sangue? Não importa. Estava a chorar? Não estava a chorar, mas de repente ficou perto das lágrimas, isto também pela primeira vez, não, não pela primeira vez na vida, mas pela primeira vez nesta viagem. Já era qualquer coisa. Que mais queria ela para já? Pela primeira vez também, pensando na sua sósia «em todas as esquinas», nenhum sentimento de culpa. Não, não tinha fingido nada perante elas. Estava bem assim como era, e continuaria a ser o que era, a ladra de fruta. «Aquele praça ali, vou fixá-la, com nome e tudo!», pensou. Mas os nomes na sua história não vinham ao caso, não era? — Este sim. O nome aqui vem ao caso. — O nome, por favor? *Derrière les jardins*. Atrás dos jardins. E ao mesmo tempo, outra vez: «Caminha, pois, indefeso pela vida e nada temas»?¹⁷ Pela primeira vez, tinha-se defendido e sentia medo.

Do outro lado da estrada de circunvalação, no meio da pradaria que continuava depois da periferia de Chaumont, com o Troësne, o rio da pradaria, a correr pelos seus múltiplos braços, a colónia de barracões dos trabalhadores. Também ali uma cidade nova, uma *ville nouvelle*, em construção? É possível. Para a nossa história, porém, tem de ficar de parte. Basta de *villes nouvelles*, de cidades novas.

Uma passeadeira para peões, controlada por semáforos, atravessa a estrada de circunvalação, com várias faixas, quase tão larga como uma autoestrada. Agora, domingo de tarde, praticamente não havia trânsito, havia bastante tempo para atravessá-la, também para imitar lentamente, uma atrás da outra, as grandes passadas com que, há meio século, John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr tinham atravessado as riscas da passeadeira de Abbey Road, para a fotografia de capa do disco.

Mas a ladra de fruta deteve-se do lado de cá das riscas. Havia uma fila de postes de metal, alinhados, para impedir que os automóveis do centro da

cidade virassem sem mais nem menos para a estrada larga ou sabe-se lá porquê. No cimo dos postes, entre a altura da cintura e a altura do peito, esferas pintadas de branco, também de metal; a tinta das esferas, não poucas, estava parcialmente, nalgumas por inteiro, raspada, arranhada, lixada, descascada, das mãos, das unhas ou de outra coisa qualquer de todos os peões que ali tinham esperado, ao longo dos anos, pelo semáforo verde para atravessar a estrada.

Um homem andava para cima e para baixo, de bata de pintor, junto à barreira de postes. Tirava fotografias e desenhava, alternadamente, os vestígios deixados nas esferas pintadas de branco pelas mãos, e decerto também outras coisas além das mãos dos peões, quando paravam no semáforo. Seria um fotógrafo de domingo? Um pintor de domingo? Não tinha nada nem de uma coisa nem de outra. A rede de imagens na tinta das esferas, que, de resto, pareciam feitas de propósito para apoiar a mão durante a espera obrigatória na orla da estrada larga, feitas também de propósito para apoiar as covas das mãos, apresentava em todo o mundo, apesar das diferenças de esfera para esfera, os mesmos ritmos e sequências. Andava há muito de continente em continente, anteontem em Pequim, ontem em Abu Dhabi, hoje em Chaumont-en-Vexin, para documentar e arquivar. Para ele, Chaumont, a sua cidade natal, tinha uma importância especial: estas marcas e arranhões, estas raspadelas, riscos e esfoladelas dos peões que aguardavam junto ao semáforo eram, achava ele, a única coisa que ligava Chaumont ao resto do mundo, ao globo terrestre, pois, no seu entender, a sua cidade não só estava mais longe da lua terrestre, mas também das luas de Marte e Neptuno; em todo o caso, estava mais longe de Paris do que Vladivostok e Ushuaia. Além do mais, sucedia que as esferas tinham a forma de um globo, de um globo de criança, e os vestígios de arranhões e raspadelas dos peões mostravam em todos os globos os contornos de mares e continentes, em cada um deles contornos diferentes, oceanos, continentes. E outra particularidade ainda era que o topo do globo, que representava o polo, estava sempre a ser raspado e ali reinava negrura em vez do branco predominante das esferas — como se o polo, o Polo Norte, tivesse derretido, ao passo que em todo o lado, nos planetas, havia eternamente gelo e neve. Que série de fotografias e desenhos aquilo iria dar, não hoje nem amanhã, mas daqui a dez, vinte anos, quando tivesse organizado uma antologia do trabalho manual dos peões nos globos ao pé das estradas *urbi et orbi*! De quando em quando, um trago da garrafa aos seus pés prolongava ainda mais a perspetiva. E, além disso, cada uma das esferas ou globos do mundo tinha uma variante particular — como o globo inteiramente branco, como se nunca tivesse sido tocado por uma mão humana: o Pequeno Globo de Chaumont-en-Vexin.

Continuava sem atravessar a estrada; continuou a olhar para ele até que ele, por fim, levantou o olhar para ela. Ela tinha sentido necessidade disso. Precisava agora de alguém que lhe dissesse ou adivinhasse o que tinha ainda pela frente: um oráculo. E agora, como vai continuar a ser comigo?, queria

perguntar ao oráculo, sem ter de colocar a pergunta de forma expressa, simplesmente plantando-se diante dele em silêncio. E aqui estava no lugar certo, com o desenhador de globos tinha dado com a pessoa certa. Depois da luta «Atrás dos jardins», a aventura que a tinha trazido a estas terras acordara de novo. Também era impensável que a sua história terminasse com a hora da insanabilidade. Não podia nem devia acabar assim. Tratava-se de uma história de aventuras, e a aventura tinha de continuar com ela até ao fim da história. E, naturalmente — outra coisa seria contra a natureza deste género de histórias de aventuras —, estaria para lá dela.

Ao vê-la, o desenhador da periferia da cidade levantou-se e, a princípio, observou-a durante um bom pedaço, só olhou para o rosto dela e talvez só mesmo para os olhos. Ao tirar os olhos do que estava a fazer, não pestanejou nem uma só vez, nem tinha tido de mudar o foco da atenção para olhar a desconhecida. Depois disse: «As picadas de vespa doem muito no momento, é verdade, mais do que as das abelhas, mas a dor passa depressa, e além disso, exceto se a picada for nos lábios, não há perigo de inchaço. — O que é mais evidente é que vens de uma luta, vens da guerra, de uma guerra dupla: física, em que tiveste de te bater, e de outra, em que ninguém pode bater-se, nem bem nem menos bem, e isso é, como está escrito, a grande guerra, a verdadeira: a guerra contigo mesma. Mas para já sobreviveste à primeira, parece-me, e as duas coisas juntas, a luta física e a luta contigo mesma, fizeram-te desabrochar. Que olhos! Que cor! Está escrito aquilo de “a frescura dos olhos após a oração” — ou será “durante a oração”? —: E porque não também a frescura dos olhos depois da luta? — Vais regressar — não morrerás na guerra; regressar sim, porém quem sabe aonde. — Quantas vezes a intenção é maléfica, quando uma pessoa diz a outra: eu conheço-te. Reconheci-te. Não há dito mais maldoso. Uma maldição. Uma condenação. Mas se eu te disser: reconheci-te, conheço-te, quero dizer outra coisa com isso. “Ninguém me reconhece”: basta destas queixas. Já foste reconhecida e não só por bebedores como eu, serás de novo reconhecida no futuro, e aí ainda mais a sério. Feliz daquele que te reconhecer. Pode dar-se por contente como um rei. E terá orgulho de ti como Luís, *o Santo*, tinha orgulho da sua rainha, como é que ela se chamava? No entanto, é importante estarmos preparados para algumas coisas. Para a nossa sorte. — O nome próprio “Pura”, porque é que só se encontra em velhas lápides ou muito longe, no Canadá? Conheci uma mulher em Edmonton que se chamava Pura. Podes poupar a sombra para os olhos. — Conto seis sardas no teu nariz. Ou estarei a ver a dobrar? — Os cabelos, depois de lavá-los, deves passá-los por uma solução à base de cascas de nozes, dá um brilho muito especial a cabelos castanhos como os teus. — A minha mãe foi picada uma vez por vespões em criança, no espaço entre os olhos, e ficou cega uns dias depois. Disse-me que três ou quatro vespões bastavam para matar um cavalo, mas como é que ela sabia isso?»

Não foi o irmão que esperou por ela no espaço comunitário da colónia de barracões dos trabalhadores; pelo contrário, foi a irmã que ficou à espera dele.

Tinha saído ao encontro dela, disse-lhe um dos colegas do irmão. Mas como podia saber ele de que direção ela vinha? E, na lembrança da irmã, uma variante: o irmão tinha tido desde sempre, ao fim de algum tempo de espera, o impulso de ir ao encontro de quem quer que fosse.

Para esperar ofereceram-lhe uma cadeira que um dos trabalhadores tinha acabado de limpar só com a mão. Ficou sentada ao pé da porta, onde havia sempre gente a entrar e a sair. Depois do tempo passado na cidadezinha deserta na tarde de domingo, aquilo era um alívio para ela, sobretudo porque nenhum dos trabalhadores andava de um lado para o outro por ter um encargo ou uma tarefa a cumprir. Embora andassem todos sempre fora e dentro, não tinham nada que fazer, pelo menos nada de definido ou que lhes tivessem ordenado que fizessem, e embora um deles andasse talvez mais apressado do que o outro, nenhum deles andava com pressa nem dava a impressão de andar à pressa. A expressão «estar em festa» combinava com eles, no sentido de inatividade, uma inatividade animada, não era como «tirar uns dias de férias» — era uma inatividade saudável. Também era curioso todos os trabalhadores andarem sem uniforme, com traje civil, coisa que lhes dava um aspeto particular de domingo, pareciam-lhe bonitos, irradiando elegância, uma elegância diferente da de quaisquer manequins que percorriam as passarelas, coisa que se intensificava ainda mais porque, de olhos fixados na porta para ver alguém em concreto, o irmão, via de cada vez aquele que não era o esperado e que, por contraste, tinha uma presença particularmente física, cada um deles era alguém muito especial, na sua figura única, com a sua luz pessoal, o seu carisma.

O único que cruzou a porta e, literalmente, irrompeu pelo barracão, foi o seu irmão. O primeiro que se notou nele foi a preocupação, a preocupação por ela, a irmã, e ao mesmo tempo também o estar enfurecido por ter tido de se preocupar com ela.

Seria uma doença de família o preocuparem-se uns com os outros? Também o ir ao encontro do outro, quando a espera contente da pessoa próxima de repente se converte na terrível preocupação? E do mesmo modo o chamar pelo outro do fundo da alma, como se se sentisse a sua falta desde sempre — irmão, irmã, mãe, até o pai —, quando o outro na realidade só tinha estado longe da vista por um breve momento, para ir dar a volta à esquina, ou para ir só ao quarto ao lado?

Revelou-se ser uma ilusão que ele estivesse zangado com a irmã. A ilusão vinha do rosto transformado do irmão, que não vira durante aquele ano. Não só tinha deixado crescer um bigode como também as sobrancelhas pareciam também ter ficado mais espessas, convergiam para a base do nariz. Sem dizer palavra, pegou nela pelo braço e levou-a para o seu barracão individual, onde se sentaram à mesa, frente a frente.

Também a voz, quando finalmente abriu a boca, soou-lhe áspera a princípio, se não mesmo antipática: havia um ronco estranho, como já tinha reparado de manhã, ao telefone — até que lhe ocorreu que era a mudança da

voz; pouco mais tinha da voz de criança que lhe era familiar, e ainda não era a de um homem.

Antes, ele tinha ficado a olhá-la fixamente durante um bom bocado com uma expressão impassível, como se estivesse à espera de uma palavra dela, uma única, uma de que tudo dependesse. Enquanto ela a procurava, e procurou — tinha de encontrá-la! —, olhou como que hipnotizada para os dois, três pelos ruivos na barba escura, ainda rala, que se repetiam, na mesma quantidade, nas sobranceiras do irmão, aqueles pelos ruivos isolados que, em criança, observara no pai — entretanto tinham ficado grisalhos, já há muito tempo —, e que supostamente tinham sido uma característica do pai, etc.; de volta à noite dos tempos?

«Como estás?», perguntou ela, num tom em que, claro, só ela, a ladra de fruta, podia perguntar este tipo de coisas. «*Comment vas-tu?*» Ao que o irmão nada respondeu, de início, apenas sorriu para ela, com um sorriso que, a princípio, só mostrou dois pontos, à esquerda e à direita, no meio das faces, abrindo-se depois num espasmo doloroso, mas depois irradiando por todo o rosto, e ela viu diante de si aquela máscara de índio do rio Yukon, no Alasca, em cujas faces havia dois ratos pendurados a agitar-se, que, segundo a lenda, estão ali a «devorar a alma» de um ser humano. Se nas faces do irmão tivesse havido ratos a agitar-se assim, teriam desaparecido agora.

As histórias de Wolfram von Eschenbach que, tal como esta aqui, se passam em França, mas escritas verso por verso, rima a rima, em alemão, pelo meio vão intercalando, nas passagens adequadas, palavras em francês, e a mim, que escrevo em alemão na baía de ninguém francesa, *la baie de personne* (em tempos uma terra de imigrantes, se é que houve alguma algum dia), chegam-me a luz, / que agora irradia do rosto / do irmão, da heroína / uma palavra de Wolfram agora na mente / uma palavra como nunca nele li, / e esta palavra é: *fleuri*. / E, de novo: intraduzibilidade.

O irmão, disse ele depois com voz titubeante, também ainda estranha para ele, tinha-se sentido, na longa ausência, traído pela irmã, sim, também por ela, a irmã mais velha. O facto de, «nos tempos de hoje», como ele dizia, os pais traírem os próprios filhos já se tinha tornado há muito uma certeza para ele — embora esta se tivesse diluído desde que vivia longe de pai e mãe, trabalhando como artesão no meio de mil outros artesãos, no campo. «Para o diabo com todas as certezas!» Mas naquele tempo vira os pais como traidores muito particulares, particularmente condenáveis e criminosos, um «bando de traidores» literalmente, «um casalinho velhaco de traidores», cuja traição consistia em não confiar no próprio filho, absolutamente nada — dando-o à partida logo como perdido «para o mundo atual», primeiro ainda com um olhar compassivo, à distância, uma distância depois cada vez maior, para lá da mesa de jantar, para lá da escrivaninha do escritório, para lá e, de cada vez, mais para lá, um olhar de compaixão, que era de cada vez um olhar passageiro, até que aquele olhar se tomou cada vez menos compassivo, um olhar impiedoso, verdadeiramente de desprezo por ele, o filho dos seus pais, o

condenado ao naufrágio, o olhar de uns traidores que ao mesmo tempo colaboravam na execução da sentença ou que, em todo o caso, lavando dali as mãos, com coração de pedra, a permitiam. «A traição dos pais exercida sobre os filhos, a traição no século xxi!» Pelos seus filhos, disse o irmão à irmã, iria, como cabia a um pai, sacrificar-se. Fossem eles como fossem, acreditaria neles até ao fim, acreditava naquele tipo de sacrifício. No século xxii: já não haveria traições, ou haveria outro tipo de traição. «Mas ainda não chegámos lá.» E a mãe dos seus filhos praticaria um ofício, *un artisanat*, igual ao dele. «Na obra onde estou, não trabalham poucas pedreiras mulheres, telhadoras, eletricistas, carpinteiras, todas jovens, mais ou menos, todas elas mais ou menos desejáveis, *désirables*. Mas como designá-las? *Maçon* ou *maçonne*? *Charpentier*, *charpentière*?»

Contudo, o pai tinha-lhe escrito uma carta, entretanto. Que estava orgulhoso dele e que lamentava ter perdido, em jovem, a oportunidade de aprender um ofício; que fora um *touche-à-tout*, é certo, mas que o «tocar todos os instrumentos», no que dizia respeito ao trabalho físico, tinha sido puro fingimento e embuste. E ontem, aqui, «*chez nous*», disse o irmão, no acampamento de barracões, tinha aparecido a mãe e tinha dormido na cama dele; ele tinha-se mudado para outro barracão, onde havia uma cama vazia.

Tinha acabado de limpar as suas ferramentas no pátio comunitário, como era hábito todos os sábados, quando um colega carpinteiro chegou e lhe disse: «A tua mãe está aqui.» E ali estava ela, diante da janela do barracão, com as costas viradas para a parede, e era ela de verdade. Parecia cansada, morta de cansaço, como depois de uma longa viagem através dos continentes, e ao mesmo tempo ria baixinho «como uma menina». E «como uma sem-abrigo», como uma SDF, «*sans domicile fixe*», a banqueira pediu-lhe — foi a primeira coisa que disse — uma cama para dormir. Não era só por causa do lenço na cabeça que fazia lembrar uma mulher dos Balcãs. Ter-se-ia ela disfarçado como uma delas? Pelo contrário: tal como se estava a mostrar ao filho, apareceu-lhe com o seu verdadeiro aspeto. Mais tarde, porém, durante o jantar conjunto com alguns outros da obra, a mãe voltou de novo à pose de soberana, distribuiu os papéis, tratou da ordem dos lugares à mesa, deu conselhos a todos (que não tinham que ver com mercados financeiros), mesmo sem que lhe pedissem. No fim de tudo, mãe e filho ficaram ainda sentados, já noite, no banco de madeira feito por ele, diante do barracão, e ela comunicou-lhe que aquele jogo de andarem à sua procura tinha sido anunciado por ela para reunir marido e filha e filho aqui na região, aqui no campo, no Vexin da Picardia, para a festa de família, que — no seu entender, cada um deles já vivia há demasiado tempo sozinho, de forma triste e vergonhosa — estava por celebrar e bradava aos céus, e que tinha de ser festejada agora ou nunca; a tenda para a festa já estava montada; o início da festa estava marcado para o dia de domingo (quer dizer: hoje), ao pôr do Sol; local: o consabido. — Depois, mãe e filho ficaram ainda um pedaço sentados no banco, em silêncio. A oeste, onde passava a *Route du Blues*, relâmpagos, depois raios sem trovões. Em volta da

colónia de barracões, o cantar dos grilos a povoar a noite. Na erva da pradaria, ao fundo, um par de pirilampos que davam a volta um ao outro, sem levantarem voo uma só vez. Embora o banco estivesse junto ao vale do rio, a fantasia de estarem num cume. Filho e mãe com as mãos pousadas da mesma forma, nos joelhos, com as palmas das mãos ligeiramente voltadas para cima, tal como os camponeses, nas fotografias antigas, ficavam sentados no banco, em frente à pequena casa de lavradores, depois do trabalho.

O irmão hesitara muito tempo antes de falar da visita da mãe de ambos. A princípio, titubeou. Quase parecia que contar aquele episódio o deixava relutante, de tal maneira as primeiras frases saíam apagadas, forçadas como uma obrigação. Mas depois, ao continuar com o relato: «de vento em popa». A sua voz em mudança transformou-se na voz de um adulto e, na verdade, como que para durar: a partir de agora, a partir do momento em que encontrou um ritmo, acabariam para sempre as oscilações de tom e as dissonâncias de um adolescente. Ao começar a falar, aconteceu, além disso, uma coisa com ele que, no momento em que a viveu, lhe passara despercebida. No meio do relato, descobria e fartava-se de descobrir. E aquilo que ia descobrindo, mesmo quando era algo de doloroso, ou até de partir o coração, deixava-o alegre e entusiasmado. Tanto as coisas dolorosas como as alegres eram, de uma maneira ou de outra, valiosas. (Palavra esta que poderia ser da mãe *banquière*.)

Enquanto o irmão narrava, a ouvinte abria muito os olhos — uma coisa levava à outra — para escutar o que dizia acerca do interior do barracão, do seu «sistema de habitação e dormida». O núcleo principal consistia nas ferramentas, bem alinhadas ao canto da porta, preparadas para pegar nelas de imediato e levá-las para a obra. Ali estavam elas, as ferramentas clássicas de um carpinteiro. Ali estava o nível com a água e a bolha de ar no meio para indicar a horizontal. Ali estava o lápis grosso de carpinteiro com a mina vermelha, especial; ali, a lata de tinta vermelha especial para carpintaria com o fio de prumo para fazer as marcações nas vigas e tábuas de madeira. Ali estava a enxó de cabo curto, de carpinteiro. Acolá o metro dobrável ou metro de carpinteiro. Ali... e ali... e ali... E por cima estavam penduradas, num gancho na parede, as calças de carpinteiro, as «calças de trabalho», azuis, para vestir por cima das calças normais. Também seria tema nas fotografias antigas? Não. Porque o que o determinava eram sobretudo as cores, o vermelho e o azul. O preto-e-branco de uma fotografia não «mostrava o efeito». Ah, o azul internacional, intercontinental, das calças de trabalho. Estas internacionalidades: mais!

Estas ferramentas de carpinteiro não apareciam, é certo, como nas fotografias antigas, mas, em compensação, apareciam como nos velhos tempos. E, como os velhos tempos podiam ganhar vida em cada caso, como podiam estar vivos, justamente eles. E a ouvinte fechou os olhos e viu, na imagem remanescente, a mãe entre as pessoas que assistiam à missa, junto ao Troësne, de lenço na cabeça. Ou seria uma imagem remanescente da missa

ortodoxa, junto ao Ienissei, na Sibéria? Estaria a confundir, entretanto, todos os lugares e os tempos? E se estivesse.

E, por fim, o irmão ainda disse que os dias de trabalho lhe davam alegria. E a imagem dessa alegria? Enfiar as calças de trabalho. Mas o que é que o trabalho tinha de bom? O que é que lhe provava que o seu trabalho era bom? Que era «um bom trabalho»? — «O facto de, sem querer, levantar os olhos do que estou a fazer, olhar em volta, ouvir em volta, por razão nenhuma. Pelo menos, por nenhuma razão que tenha que ver com o meu trabalho, nem um bocadinho. O facto de fazer uma pausa sem estar a fazer uma pausa de propósito. O facto de pensar no trabalho e, paralelamente, em coisas muito diferentes, graças ao trabalho.»

Ainda faltava muito para o pôr do Sol, e irmão e irmã prepararam-se, como era hábito noutros tempos, pelo menos um domingo por mês, para ir ver um jogo de futebol. O estádio ficava fora de Chaumont, não muito longe de um hospital e de um cemitério, entre os campos. De longe ouvia-se muita gritaria que, como se veio a mostrar quando os dois chegaram, vinha dos cinco a sete espectadores sentados a uma certa distância na pequena bancada descoberta, e mais ainda dos vinte e dois jogadores no campo. Era um jogo amigável, mas que todos, jogadores e público e árbitro, levavam a sério, e havia grande alvoroço. Quem gritava mais alto era uma criança, sentada na bancada ao lado da mãe, que tricotava coisas para bebé; um dos jogadores, quase careca e, para um avançado, como é que se dizia?, bastante redondo, era o pai, e o filho pequeno não parava de puxar pelo pai para que marcasse um golo. O que ele gritava foram as únicas palavras perceptíveis durante o jogo; de resto, só se ouvia a berraria e o apito estridente do árbitro, quase tão ininterrupto como os gritos da criança para o campo, com voz cada vez mais fraca. E o que o filho gritava da bancada para o pai, lá em baixo no campo, era sempre a mesma coisa: «*Allez, papa! Allez, papa!*» (Como traduzir, mais uma vez, estas quatro sílabas?)

Em cima, havia outro espectador numa janela aberta do hospital da pequena cidade. Era um paciente com cânulas nas narinas, apoiado num carrinho. Estavam sempre a tirá-lo dali, sem que se visse quem fechava a janela. E de cada vez ele voltava e punha-se a assistir ao jogo. Finalmente, porém, ofereceu resistência, debateu-se e queria à viva força continuar junto à janela aberta para ver o jogo de futebol. Foram precisos mais do que dois braços para puxá-lo dali para fora.

Já não era um puxar, mas sim um arrancar, e não de uma só vez, mas pouco a pouco, palmo a palmo, tal era a força com que o doente se defendia, eram as últimas forças, mas que forças. Foram precisos todos os auxiliares do hospital para dominá-lo, a avaliar pela quantidade de dedos que puxavam por ele por trás, da cabeça aos pés. E foi definitivamente arrancado dali, afastado para sempre da condição de espectador, excluído do jogo. Nunca mais iria ver um penálti, uma jogada de cabeça ao poste, um passe rasgado a cobrir o campo todo ou mesmo um simples lançamento, ali-acolá junto à linha central. E o

seu rosto ainda foi visível durante uma fração de um décimo, de um centésimo de segundo, antes de desaparecer na escuridão da enfermaria e a janela ser e ficar fechada. E o que exprimia o rosto nesse instante? E os olhos esbugalhados? Puro pavor. O terror da morte.

No intervalo, o irmão falou à irmã de um futebolista e disse-lhe que, quando o via, mesmo que fosse só na televisão, na cantina, o coração lhe batia mais forte. O jogador chamava-se Javier Pastore e jogava atualmente no Paris Saint-Germain, PSG. O irmão andava doido com o jogo dele, porque Pastore, quando tinha a bola, era a graça em pessoa e ao mesmo tempo a falta de jeito. Mas não era um mágico consciente da sua magia. Tanto na graça como na falta de jeito não sabia o que lhe acontecia. Tanto agora como no seu lendário golo contra o Chelsea, tirando do caminho quatro, cinco adversários junto à linha de canto antes de rematar, como nas ocasiões em que achava que estava sozinho com a bola e lha tiravam sem mais, sem que o adversário precisasse sequer de atacar minimamente; roubavam-lha, tiravam-na da frente da chuteira como se ele fosse um amador: de uma forma ou de outra, limitava-se a admirar, como sempre, o que lhe estava a acontecer sem que fizesse nada por isso. E a isso juntava-se o facto de ninguém fazer passes aos companheiros de equipa como ele; punha-lhes a bola no ponto exato do pé para rematarem, aos esquerdinos no pé esquerdo, aos destros no pé direito, aos especialistas em jogo de cabeça, entre os avançados, tanto do lado esquerdo como direito, com toda a intencionalidade. Só que os companheiros de equipa, mesmo os que conheciam melhor Pastore, ficavam surpreendidos com aquele passe, que um passe daqueles fosse sequer possível, e depois em geral rematavam ao lado, se é que reagiam sequer à bola colocada a seus pés ou na cabeça.

Javier Pastore só exceccionalmente era compreendido pelos companheiros. E, no entanto, nunca jogava para si, mas sim para a equipa, embora fosse uma equipa que não existia, ainda não?, já não? Contudo, quando, exceccionalmente, comandava o jogo, parecia deslocado; jogava o jogo errado. E era sobretudo isso que atraía o irmão. Fazer maravilhas, mas ao mesmo tempo como se fosse outro a fazê-las e, além disso, ser compreendido só exceccional mente, até por aqueles que nos estão mais próximos: incrível.

Do outro lado do campo desportivo, diante do muro do cemitério de Chaumont, havia uma única árvore que ambos os irmãos tinham tido debaixo de olho durante o jogo. Era uma daquelas macieiras temporãs que se tinham tornado cada vez mais raras — embora a França tivesse sido em tempos considerado o país pioneiro das árvores de fruta europeias —, carregadas de maçãs, bolas brancas de bilhar, já maduras do verão. Outro sonho recorrente da ladra de fruta, oposto ao sonho do assassino fundador do clã, tratava de uma destas macieiras temporãs. A família, muito maior do que eles os quatro, estava sentada por baixo dela, a uma mesa posta ao sol, sob um céu sem nuvens, de um azul sideral, e tinha os pés pousados num campo nevado que cintilava como o cristal de resto intacto até ao horizonte do sonho; e isto foi o

sonho todo, que durou, porém, mais do que uma noite só. E agora, em plena luz do dia, a macieira verdadeira, real, a macieira atual — a palpável: em silêncio, sem tão-pouco trocarem um olhar entre si, irmã e irmão sabiam o que iriam fazer a seguir ao desafio. E a escada feita com as mãos, foi ela, desta vez, que a fez, a irmã ladra de fruta.

Depois separaram-se até à festa. Irmão e irmã despediram-se com um breve aperto de mão; ambas calosas — qual das mãos a mais calosa? —, um jogo que ninguém ganhou.

O lugar previsto e consabido para a festa ficava no planalto do Vexin. Portanto, outra vez de volta ao topo, em direção a oeste, com o sol do fim da tarde na cara. Ao subir, durante muito tempo não houve uma ponta de vento. Em compensação, lá no cimo, por cima das suas cabeças, um bramido, um zunido que aumentava de intensidade a cada passo, como uma correria selvagem nos ares, que deixou, todavia, a terra intacta mais abaixo. Nenhuma árvore, nenhum arbusto se mexeu até meia altura da encosta escarpada, nem sequer um pé de erva. Depois, todavia, ao chegar o extremo cimeiro do planalto: um vento de verdadeira tempestade que os assolou de um momento para o outro. E no momento anterior, a um passo de atingir o rebordo: o avião que parecia subir completamente na vertical, em direção ao zénite, uma nave espacial que acabara de descolar da planície. Mas o que queria dizer «espaço sideral»? Onde estava ele?

Depois um balão de criança, soprado para dentro de um arbusto, com os dizeres: «*Frère et sœur pour toujours*», irmão e irmã para sempre. Um sinal? Estranho, ou não, que se apresentassem tantos «sinais» quando não eram precisos para nada. Em contrapartida, a frase de Vladimir Maiakovski, tão necessitado deles antes de deixar este mundo, dirigindo-se ao amor da sua vida: «Lili, dá-me um sinal!»: o sinal, tão necessário, ficou por dar.

Atrás do balão infantil, as respetivas crianças. Também já era tempo. Em todos aqueles dias de caminho no interior do país, seria por causa das férias?, nem uma única criança lhe tinha aparecido diante dos olhos (exceto aquela criança no sonho — de novo um sonho...), e só agora se apercebia como, durante a viagem — em retrospectiva também sentia a caminhada como viagem —, sentira a falta de um rosto de criança, de uma figura de criança, dos braços a bambolear. No entanto, começou por tomar as crianças, vistas agora de longe, a aproximar-se em contraluz sobre o planalto corcovado, por adultos, grandes, gigantes. Depois, vistos de perto, pareciam crianças mesmo minúsculas, escuteiros dos primeiros graus, que talvez estivessem no seu primeiro dia de caminhada, com farda e lenço de escuteiros incluído. De que temporal viriam, todos esparrinhados de lama até à ponta dos cabelos, quando estava um céu radiante? Ainda eram quase crianças pequenas e já andavam em busca estes aprendizes de escuteiros, como eles olhavam para todo o lado a ver se encontravam objetos escondidos a dar pistas para o caminho. Para ela, a ladra de fruta, pelo contrário, o que valia era: acabou-se a busca. Acabaram-se os enganar. Tudo era o que era. O ramo que balançava para lá e para cá não

era nada mais que um ramo que se agitava ao vento das terras altas. O farrapo de roupa que adejava sobre o restolho dos campos nada tinha que ver com ela. O sapato na valeta era um sapato na valeta. E isto agora é isto, e isto agora, isto, e assim sucessivamente.

Com o Sol a pôr-se, o vento amainou e ficou uma brisa como o vento do mar no Karst, aquele outro planalto ao norte de Trieste. Pelas aldeias do planalto, estava sempre a encontrar-se com pessoas que, como ela, estavam a caminho, não apenas sozinhas mas também em grupo, nas estradas, nos caminhos de terra batida, atravessando os campos, também em bandos, como se o hábito do passeio dominical se tivesse estabelecido de novo sob forma de desfile em campo aberto e, em vez de ser ao anoitecer, era ao entardecer; também as pessoas que corriam, a princípio figuras estranhas no meio rural, seguiam em grupos, mas não precisavam, ao contrário dos outros pelotões de corredores, de falar aos gritos, e o que tinham a dizer uns aos outros nem sequer era exclusivamente o habitual: «Quando o meu pai estava para morrer...», ouviu um deles dizer, e outro: «E que sabor tinha antigamente o leite azedo, que saudades tenho de bebê-lo...» Havia um que lia um livro enquanto corria. E uma que, ao correr, olhava constantemente para o céu. E não havia poucos que, em vez de ficarem ofegantes, lançavam suspiros durante a corrida. E, em geral, as vozes: fossem as dos que estavam parados de pé, fossem as dos que caminhavam ou as dos que corriam, iam subindo de tom sem o menor esforço — sobretudo dentro das aldeias, que continham o vento —; não só levavam mais longe, mas também pareciam encaminhar e, sobretudo, transformar aquilo que se dizia, como e com que palavras e expressões; aquela elevação natural das vozes parecia, antes de mais, mudar o tom às palavras e depois pôr outras palavras em seu lugar, libertar uma outra forma de falarem uns com os outros. Havia uma paz poderosa que se desprendia das vozes e fazia-se ouvir também, em seguida, palavra por palavra. Ou será que as vozes o fingiam apenas? Fingiam elas que nunca mais estalaria uma guerra, e não só aqui? Abençoado um fingimento assim. Vozes pacíficas e palavras que geravam paz, continuem a fingir, sempre e cada vez mais.

No entanto, no meio da paz, uma hostilidade: um automóvel passou pelo campo a todo o gás, como que disposto a matar, conduzido por um ancião que ainda havia pouco estava na missa, apoiado por todos os lados? Ter-lhe-ia acontecido um milagre? Que o destinava agora, de facto, a ir parar às letras gordas da manchete do *Oise Hebdo* como o condutor domingueiro assassino?

E mais tarde ainda outro ato de guerra: um drone caiu de repente dos céus e zuniu tão perto da cabeça dela que lhe despenteou o cabelo. Ou seria aquilo uma mensagem de paz?

Ela não cumprimentou ninguém e também ninguém a cumprimentou. Era invisível de novo? Nada disso: dos grupos com que se cruzava saía sempre um «oh!», muitas vezes até em coro. Às vezes seguia às arrecuas, andava assim, corria às arrecuas, e uma pessoa que a observava disse mesmo às

pessoas em volta que não iria levar muito tempo até aquela modalidade de corrida de costas ganhar o estatuto de disciplina olímpica, ou pelo menos teria a possibilidade de se tornar um desporto da moda; a corrida às arrecuas dava o impulso para a corrida em frente, para o *sprint*; na transição da corrida em marcha atrás para o «em frente» havia uma energia inexplorada (dizia o especialista).

Depois foi observada a sair de uma tapada com os braços cheios de cachos de uvas que, apesar de se terem extinguido no Vexin após a Idade Média — em quase todas as aldeias só restava a *Rue des vignes*, a rua das vinhas —, se tinham enredado na vegetação rasteira e sobrevivido. Foi vista uma segunda vez num bosque, no meio de uma encruzilhada de seis caminhos, parada durante muito tempo, tomando, por fim, a sétima direção. E uma última vez espiaram-na em campo aberto (agora tinha juntado às uvas uns arandos das «Buttes de Rosne» e espargos selvagens da estrada entre Marquemont e Monneville), e viram-na atirar o saco e respetivo conteúdo para um matagal; antes retirara apenas o estritamente indispensável e metera-o debaixo da camisa de caminheiro do Alasca — embora noutra versão da história já o tivesse feito muito antes, logo no início? De uma maneira ou de outra, a bagagem era só carga, uma carga necessária para a sua viagem, a caminhada, mas agora tornara-se desnecessária.

Portanto, não mudaria de roupa para a festa? Não tinha vestido de festa? — Olha: está agora mesmo a pôr uma fita no cabelo, que a seus olhos é suficientemente festiva. — Mas que tipo de fita? — Estou demasiado longe, só vejo que é amarela. — Uma fita amarela? — Sim, claro: *a yellow ribbon*. *She wore a yellow ribbon*.

Ainda tinha tempo, muito tempo, e ela foi adiando a sua chegada, adiando cada vez mais. Era como se, ao mesmo tempo, o pôr do Sol também fosse sendo adiado como na história do Antigo Testamento, mas com a diferença de não ser para vencer uma batalha. Um silêncio que se ouvia como uma vela a bater ao vento. O zumbido de um zangão ou de vespões como acorde inicial, o primeiro compasso de um *blues*. Uma pomba perseguia um falcão que dava gritos estridentes de medo.

Numa estrada de aldeia, estava um cão deitado ao sol e contagiou-a, quando passou por ele, com os seus bocejos. Na aldeia seguinte, o ramo de uma macieira, carregada de frutos, pendia por cima do muro do cemitério. Todas as estradas da aldeia eram ladeadas de frutos campestres (ela nunca fora uma ladra de fruta campestre, e tinha quase sempre furtado fruta no singular, quando o fruto era difícil de conseguir e mal se via nas copas das árvores). No povoado seguinte, um desconhecido beijou-lhe a mão e, em frente a uma quinta isolada, um senhor vestido com um traje preto de festa e camisa branca, as calças adejando ao vento da tarde, fez-lhe uma reverência. Olhando as «Buttes de Rosne», onde estivera deitada no musgo a apanhar as amoras silvestres, aliás os arandos, como oferenda para a festa, pensou, olhar para as bagas de baixo para cima era diferente de... olhar para as nuvens a passar

como peles de ovelha acabadas de lavar pelo céu azul. Um campo de nuvens em forma de favo de mel. Uma frota organizada de nuvens vindo na nossa direção, para o interior do país. Depois nada mais a não ser o puro azul por cima das nossas cabeças e, no azul, um bando que passava e passava — um bando de pássaros? —, o azul em si mesmo era o que passava. O vento na folhagem: um revirar que punha ordem. Dois melros, ou lá que pássaros eram, em canto alternado, um dos pássaros interrompia o outro: aquilo era possível? Sim. E, logo a seguir, um pássaro a chamar, de uma forma tão premente como se se dirigisse não a um dos seus semelhantes, mas sim a nós, pessoas. Num trajeto intermédio em que havia caçadores, um javali bebé perdido virou para o lado protegido do vento dela, da ladra de fruta, e seguiu-a, abanando a cauda, com ela como sua escolta. As folhas que o vento tinha varrido para a estrada, ao sol-pôr, todas guarnecidas de penas, mesmo as folhas de carvalho, e até as do milho, e até mesmo os sacos de plástico rotos na areia do caminho vinham com penas. E, por fim, ficámos parados e ficámos a olhar para o único diospireiro, aparentemente despido, que havia numa das orlas das aldeias do Vexin, a ver se encontrávamos aquele fruto, e lá estava ele, lá apareceu, dando a ver-se como corpo no meio da folhagem, o corpo de um fruto, de um só, o único.

No lugar consabido, os seus pais esperavam-na na tenda festiva. Já não via a mãe há um ano, o pai não o via nem chegava a três dias. Apesar disso, era como se não os visse, a nenhum dos dois, passado o mesmo tempo; há muito tempo; há mais tempo do que apenas um ano. Era igualmente incontável o tempo que passara desde que vira pai e mãe juntos. Apesar de haver muito espaço na tenda, tinham-se aproximado inclusivamente um do outro e mal saíam de perto um do outro. O irmão já lá estava, acompanhado por alguns dos amigos carpinteiros, também de um pedreiro e de um telhador, todos eles convidados pela mãe na noite anterior, na colónia de barracões. Levava, como adorno festivo, o chapéu de carpinteiro, baixo e de aba larga, o lápis de carpinteiro na orelha. Não era para ser uma festa puramente familiar. Havia, por exemplo, uma mota encostada a uma bétula, o velho de Chars apresentou-se com a sua festiva camisa amarelo canário, e um gato andava furtivamente por ali, em silêncio, preso a uma corda, mais comprida do que uma liana.

Por ordem da banqueira, os convidados saíram da tenda para contemplar o pôr do Sol. Não era preciso proteger os olhos. O Sol, prestes a desaparecer no extremo ulterior do planalto, ficou semicoberto por uma longínqua filigrana de árvores. Assim, os olhos dos espectadores, os nossos olhos, podiam continuar abertos e abriam-se mais ainda, possivelmente, sem um único pestanejar. E precisamente por isso, através do filtro das copas das árvores diante dele, via-se o redondo da esfera solar de forma tanto mais clara. A folhagem, os galhos e a ramagem das árvores diante dele fez com que a última luz do Sol tremeluzisse. A luz do Sol faiscou em tons amarelo-escuro, depois cor de laranja, depois vermelhos por detrás da folhagem, com uma cintilação, para cima e para baixo, de um lado para o outro, como um reflexo em águas

longínquas. Ao fazer meia-volta e no regresso à tenda, ainda ficámos todos durante algum tempo com um halo de luz nos olhos, saltitando em todas as direcções, a imagem remanescente do Sol, maior do que antes, quando estávamos a olhar para ele.

A música começou a tocar. Vinha de um aparelho que trabalhava a pilhas — o nome é impossível de lembrar, parecia mais um insulto com qualquer coisa de «gueto» lá dentro —, o seu som era mais metal do que som. Mas a música era o que estava a faltar aquele tempo todo. Não importa que música tocou. Cada leitor imagine a música que deseje no momento em que está a ler. A música que agora soava, juntamente com a barulheira metálica, também com a intensidade do volume, vinha de uma carência inconsciente, um desejo também, que logo o primeiro compasso, e mais ainda os compassos seguintes, iam satisfazendo; satisfação total, como só é possível obter pelo tempo, tempo miserável, a miséria de sentir como é estar sem ela, a música. A música era matéria neste momento, matéria entre as matérias, e a sua materialidade apaziguava uma fome antes insuspeitada e, ao mesmo tempo, despertava-a, uma fome abrangente, elementar. Música que acalmava? Sim, acalmava. A mãe acompanhou-a, cantando, com aquele vibrato que fazia com que irmão e irmã, em tempos, preferissem tapar os ouvidos. Naquela noite, porém, não incomodou os irmãos, nem sequer o pai, que habitualmente saía da sala à primeira vibração de som.

Foi a mãe que, para apaziguar a outra fome, tratou de contratar um cozinheiro como deve ser. Este, falido, fugido das autoridades — que, todavia, nesta região, deixavam que as coisas tivessem mais o seu curso natural do que na capital —, tinha-se escondido numa cabana perto do lugar consabido. Ela tinha conseguido levá-lo ali com a promessa de ajudá-lo a sair da sua situação com um crédito sem juros — «Crédit du Nord» —, convencendo-o a preparar o jantar de festa. O que aconteceu à vista de todos nós e continuava a acontecer, sobre a mesa de trabalho, também conseguida pela banqueira. O cozinheiro, sem barrete de cozinheiro, mas vestido com roupa limpa, não branca, mas escura, como na Ásia? No Japão? E também estava bem barbeado. Não levantou os olhos uma única vez dos alimentos. O que cortava, cortava com uma faca do tamanho e da largura de uma espada, e atirava a seguir pedaços cortados para o lado e também para trás de si, como que numa brincadeira petulante. E de cada vez acertava, por muito longe que atirasse. Tinham acontecido muitas coisas ao cozinheiro, por culpa dele ou não — mas ninguém, naquela noite, tinha vontade de que a conversa fosse parar a qualquer coisa como «culpa» ou até «castigo» —, incluindo aqui os meses passados no esconderijo da cabana onde chovia, na companhia de um fogão a gás. Mas a partir de hoje isso ia acabar. Tinha sido chamado de volta ao mundo; na realidade, fazia parte dele pela primeira vez por causa da sua expulsão temporária, só na condição de filho pródigo que regressava bem a casa. Como as suas maçãs do rosto brilhavam. Como o avental de cozinheiro se enrolava à volta dos quadris. Sem levantar os olhos da mesa, via tudo o que

se passava na tenda, como se visse com as mãos que trabalhavam. Sobre os pratos e o menu: só para dizer que nada era acompanhamento, tudo eram pratos principais, até as nossas pequenas oferendas.

A luz do dia lá fora durava. Mas nós desejávamos que se prolongasse mais e mais, mesmo se, ao contrário do narrado no Antigo Testamento, não fosse para a vitória numa batalha entre povos. As andorinhas não deviam dar lugar aos morcegos. E, ao mesmo tempo, estranhamente, ou não?, não, era estranho, muito estranho, ansiávamos pela noite, pelo surgimento da Lua, das estrelas que, nas terras altas do Vexin, brilhavam de uma forma totalmente diferente do que em Paris; como se lá, nas noites claras de verão como esta agora, só as estrelas projetassem sombras com a sua luz. Além disso: agosto, o mês das estrelas cadentes. E o vento noturno! Mais mundo não podia haver do que no rumorejar, bramar e murmurar das árvores.

Fez-se noite e chegou a hora de um de nós se levantar e, fosse como fosse que saísse, fizesse um discurso — um discurso solene de banquete de tenda. E quem se levantou para o discurso solene de família foi justamente o pai, que toda a sua vida pouco quis ter que ver com família e coisas semelhantes. Ele, o independente, o solitário, o solteirão convicto, começou, sem utilizar de forma expressa uma palavra como «família» ou «clã», com um «nós», insólito saindo da sua boca, e ao primeiro «nós» seguiu-se toda uma litania. Via-se no homem velho que, durante o dia e talvez também na noite anterior, o investigador da Terra por que se fazia passar, se tinha perdido, embora conhecesse a região há muitos anos, e não era a primeira vez que se perdia. Ao mesmo tempo, o ter-se perdido, juntamente com os botões arrancados e o atacante perdido, causou bom efeito: a sua expressão facial era a de um perdido feliz. A sua voz, pelo contrário, depois de toda aquela errância, tremia. No entanto, isso tomava-a tanto mais perceptível. Pelo meio tinha, como habitualmente, uns percalços. Mas, diferentemente do que era costume fazer — insultava os objetos insidiosos de «cabrões» e «filhos da puta» —, desta vez pediu desculpa às coisas, disse «oh, perdão!» à mesa contra a qual chocou, deu palmadinhas à cadeira que caiu ao chão. Como o pai parecia cinzento, com as sobrancelhas emaranhadas pela idade, no meio das cores do verão.

O discurso dele foi mais ou menos este: «Nós, os que não temos Estado, aqui e hoje livres do Estado, inatingíveis pelo Estado. Tudo se converteu em seitas, Estados e Igrejas e... e... E nós? Fugitivos do tempo, heróis da fuga. Nós, que não temos um papel, enquanto os homens do Estado continuam, imperturbáveis, nos seus papéis. Nós, os eternos destemidos cheios de temor. Os eternos hesitantes e procrastinadores. Os que escolhemos os desvios. Os que andamos em círculos e espirais. Os-que-olhamos-por-cima-do-ombro para o vazio. Os herdeiros da culpa. Os amantes do amargo. Nós, os prestáveis, dinastia de serviçais, nobreza hereditária de obsequiosos. Nós, os rotos, marquesas e condes hereditários “von Roto”. Nós, as figuras marginais.» (Exclamação: «Viva o roto! Vivam as figuras marginais!») «Nós, os ilegais e

os desesperados. Que temos, contudo, uma lei. Nós, os lutadores por causas perdidas.» (Exclamação: «Vida longa aos que lutam por causas perdidas!»)

Neste ponto, o pai perdeu o fio à meada — se é que tinha tido algum. Continuava a falar, é certo, mas numa grande confusão, começou a gaguejar — um homem velho que gaguejava —, começou até a balbuciar e a sua voz ganhou um sotaque estrangeiro, tal como toda a família, na verdade, mesmo a arquifrancesa mãe banqueira, falava com sotaque estrangeiro:

«Livres do Estado? Livres do tempo, do tempo atual? Nunca estivemos fora de perigo, nem agora. Vivemos no fio da navalha, desde sempre. No fio da navalha, e somos nós mesmos a navalha. Já em bebês, vocês, filhos, procuravam ajuda com o olhar. Ah, os vestígios secos de suor de morte que vocês tinham, sobretudo nas pernas. Gostaríamos de amá-lo, o destino, mas o que é isso, o nosso destino, e onde está? Escreviam no ar, vocês, ainda antes de aprenderem a escrever. E onde estão elas agora, as crianças que escrevem no ar? Passar o rasto prateado de um caracol pelo buraco de uma agulha. Viva o inútil — tem de ser praticado. Fazer coisas sem sentido e ver o que sai daí.» (Exclamação: «O que *salta* daí!») «Sim, a minha mulher e eu: somos dois incapacitados, de uma maneira ou de outra, e foi assim que nos encontramos, em tempos. Somos moscas de um dia. Mas como são belas as moscas de um dia. Ah, a filigrana das asas, translúcidas, e então as antenas, delicadas, que tudo tateiam.» (Exclamação: «Vida longa às moscas de um dia!») «Ah, a canoa encalhada, ninguém nos remos, sem remos sequer! Nós somos os loucos, que imaginam que, dando um espaço mínimo, estão a dar o universo. Estar nas pontas dos pés não é estar em pé? Às vezes é. Tive entre os dedos o tempo todo aquilo que pensava perdido e, quando os abri para procurá-lo, perdi-o mesmo. Como vocês, filhos, se sentavam em terras estranhas sempre na borda das cadeiras — mas nunca direitos! Abençoadas as riscas do cabelo tortas! Sem a fonte homérica não há história. Wolfram, raspa a ferrugem do fio da história, confronta as versões oficiais da história com o teu fio torto e passa-lhes teu o fio pelo pescoço! O casamento como sacramento — porque é que só hoje, quando já é tarde de mais, sou capaz de levar isto a sério.» (Exclamação? Silêncio.) «Na cidade ouço a sirene das ambulâncias como o piar dos mochos e aqui, no campo, ouço agora o piar dos mochos como ambulâncias. Estar no estrangeiro: de tempos a tempos não há nada melhor. Toda uma vida, no entanto... Que grande diferença entre “estou a ser observado” e “sinto que me estão a olhar”. O meu jogo favorito: onde começa o fio no carrinho de linhas por estrear? O polícia disse ao ladrão: “Agora apanhei-te!”, mas há um outro “Agora apanhei-me a mim!” Céu visto através da pena de um pássaro. Como vocês eram indefesos, filhos, com os vossos braços a bambolear — tremendamente indefesos. Nós, os indefesos. Qual é a fruta que se come com o pé e o carço?» (Exclamação: «As peras!») «Qual é a composição química da pele azul das uvas, das ameixas?» (Exclamação com a fórmula química) «Esta fórmula irá um dia salvar o mundo — ou não. A aventura espera por nós. A todos os falsos aventureiros e falsas aventureiras.

Aventureiros a sério! Do lado de fora, aí está. Tudo menos histórias familiares, foi o que sempre pensei. Mas agora, contra a minha vontade — O que eu sabia, e continuo a saber. Não quero saber mais nada! Espaço intermédio e tempo intermédio: matéria sempre utilizável. Dor, e de novo dor. Sobre um chão de dor, sofrimento e preocupação: o veículo luz. A nossa cicatriz é antiquíssima, mas ainda lateja e de que maneira! Lateja e não pára de latejar. Desesperança, tu, força nossa, arma nossa, nossa armadura.» (Exclamação: «Nosso capital!») «A mãe é responsável pelos meios, e o pai? Pelos lugares. E se os lugares escurecerem, se se perderem? Permanecer neles, persistir neles. E de quem é a frase: Como somos ricos! — Deixai que a riqueza dê frutos!?» (Exclamação: «É minha!») «Não fazer parte de — só assim se consegue alguma coisa. Desejo dos Balcãs. Desejo de escrita árabe, da direita para a esquerda. Rússia? Hoje a Rússia, hoje Púchkin, Tolstói, Turguéniev e Tchékhov estão aqui entre nós, no Vexin, na arquifrancesa Picardia, mesmo que já não sejam tempos para histórias como as que contaram na Rússia e no século XIX, embora ainda sejam tempos para o seu tom. E, da mesma maneira, também está hoje a América na Picardia, através das canções dos perdidos, como só existem nos hinos americanos, sim, hinos dos perdidos, graças aos quais a América subsistirá. Vencerá também? Não: subsistir e perdurar — a América? O mundo. Porque é que não há canções russas de um perdido, de um único perdido? Porque é que não há um *blues* russo? Abençoado o antepassado assassino em nós. Não devemos exorcizá-lo.» «Como os povos se tornaram ruidosos. Sejamos um povo hoje, um povo diferente, o povo sem poder, diante do mostrador do Outro Tempo. Quem semeia ventos colhe tempestades? Não: quem semeia ventos colhe ventos. Nenhum livro nos deixa tão sós como às vezes um livro sagrado. E que regresse a vergonha. Os falcões, escreve o imperador Frederico no seu tratado de falcoaria, tornam-se irrequietos e têm medo à noite, e aquilo que mais os aterroriza é a cara de um ser humano. Já era assim no século XIII. Ah, como este lugar me preenche, esta região, como se fosse um livro! Doce susto do amor. Nós, os ilegais. Mas antes ilegais do que os estafermos legais pelo mundo fora. As seitas por todo o lado. O ninho vazio dos pássaros torna-se trono do pavão. Esmagado pela gratidão. De tanta gratidão, esquecer de agradecer. Na gratidão, agarrar as coisas, mesmo as mais pequenas, com ambas as mãos. Ou a ti e a ti, um toque ligeiro no pulso. Para saber as horas? Sim, mas não a hora atual. Quando nos perdemos também aprendemos. Ainda existem os marca-passos que dão saltinhos?» (Exclamação: «Existem!») «Um brinde à festa do vosso nascimento, filhos, demónios ternos, bons. Sem demónios, nada feito. Sem demónios, não há uma história de verdade. Traduzido do grego, embora seja intraduzível, mas enfim: para um ser humano, as crianças são a alma. As aparas dos lápis numa teia de aranha. Vejam tudo aquilo que pode ser um tesouro! *Sueno y trabajo*. Sonho e trabalho. Uma das portas basculantes de saída para o ar livre: sair da cidade por uma das estradas principais quando começa a cair neve — mas,

infelizmente, o inverno ainda vem longe.» (Exclamação: «Disparate!») «E o livro sagrado do Apocalipse, depois de, página após página, choverem torrencialmente, de todos os céus negros, maldições e imprecações, não acaba e termina, nas suas últimas palavras, com “A graça esteja com todos, *meta pántōn*!”?»

E a mãe, que disse depois? Ela, que tinha organizado tudo, mantinha-se calada e continuava calada. Pela primeira vez, aplicava-se a ela, a banqueira, a antiga palavra «maternal». Maternalmente calada.

Música. Dança. Dois que dançavam um em volta do outro, pareciam que eram três. Alguém se pôs a cantar entre os outros, sem que ninguém notasse que estava a cantar. Todos os lábios estavam fechados. O canto vinha, em todo o caso, de uma mulher. Era uma voz de mulher, ou seria a de uma criança?

Mais tarde, por volta da meia-noite, a ladra de fruta ainda estava sozinha diante da tenda, no lugar consabido. (Onde ficava ou onde fica, a propósito? Nome? O nome, ali, não importava.) Da longínqua autoestrada, ou da *Route du Bines*, chegava um barulho de fundo. Também ele fazia parte agora dos ruídos do secreto. No céu noturno sobre o planalto, perto, a trepidação de um helicóptero, que produzia um som parecido ao de uma máquina da roupa a centrifugar, faróis dirigidos para o solo. Um helicóptero de busca? De quem andariam à procura? De muito longe, ouviam-se os sons vibrantes de um berimbau siberiano: uma ilusão auditiva?

Pôs os braços em volta de si; apertou-se contra si mesma. Fechando os olhos, a escrita voltava de novo, uma caligrafia clara sobre fundo escuro, repetição da via láctea com os olhos abertos. Depois os caracteres tornaram-se negros, enquanto o fundo se tornava branco: muito espaço em branco sob forma de baías claras em torno das palavras indecifráveis. Embora, no momento, não houvesse nada mais a desejar, ela, a supersticiosa, fazia e desfazia lentamente o laço da sua fita amarela. Um ato supersticioso na posterioridade? Uma maneira, uma forma de agradecimento?

Sentia a falta da sua arte de furtar fruta, ou antes, o desviar-se para os pomares alheios; o movimento de sair da linha; de dispersar; de se deixar ir. Era possível uma pessoa só dispersar? Era possível. Quando fosse mãe, e também avó, iria sonhar com a sua época de ladra de fruta. Fundar um partido? O partido dos ladrões de fruta? Mas não existia já?

O que ela tinha vivido nos três dias de viagem no interior do país, e como cada uma das horas tinha sido dramática, mesmo quando não acontecia nada, e como, em cada momento, tinha havido qualquer coisa em jogo, e ao fim de escassos três dias, aquela melena, a melena clara de verão no cabelo escuro: estranho. Ou talvez não? Não, estranho. Permanentemente estranho. Eternamente estranho.

Notas de Tradução

¹Tradução literal de Bucklige Welt, nome dado a uma região do sudoeste da Baixa Áustria, também conhecida como a «terra das mil colinas».

²Designação de uma capa ou poncho de oleado ou outro material.

³Corruptelas das palavras *Markthalle*, *Auspuff* e *Schraubenzieher*, respetivamente, mercado (edifício), tubo de escape e chave de parafusos.

⁴Alusão a um texto breve de Franz Kafka, editado por Max Brod no volume *Beschreibung eines Kampfes* (Descrição de Uma Luta), em 1936. Escrito em 1922 e mais conhecido pelo título «Gib's auf!» («Desiste!»), na realidade Kafka deu-lhe o título «Ein Kommentar» («Um Comentário»). Encontra-se em tradução portuguesa, por exemplo no volume *Parábolas e Fragmentos*, com seleção, tradução e prefácio de João Barrento, Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

⁵No original *zirpen*, verbo também traduzível por «chilrear», acentuando a estridência do cantar dos grilos.

⁶No original *Morgengabe*, termo que surgirá também adiante, num jogo com a literalidade da palavra. Refere-se a uma oferta que, tradicionalmente, o noivo fazia à noiva na manhã após o casamento e que se manteve na lei austríaca até 2009, a par dos dotes que o marido (*Widerlage*) e a mulher (*Mitgift*) traziam para o casamento.

⁷Em espanhol no original, várzeas.

⁸Alusão ao título do romance *Stern der Ungeborenen* (A Estrela dos não Nascidos), de Franz Werfel (1890-1945), publicado em 1946.

⁹Em alemão, *Vogel* significa «pássaro».

¹⁰*Au* ou *Aue*, aqui como sufixo de outras palavras, significa prado, várzea.

¹¹Alusão a um poema de Jan Skácel, poeta checo (1922-1989), intitulado «Onde temos o sal em casa».

¹²Esta referência à beleza da língua alemã é precedida pelas palavras foneticamente aparentadas *Erlebnis* (vivência, experiência) e *Ereignis* (acontecimento), traduzidas aqui, respetivamente, por «vivência» e «experiência».

¹³O cavaleiro do lago Constança alude a uma balada de Gustav Schwab (1792-1830), *Der Reiter und der Bodensee*, que deu origem a uma peça de Handke, *Der Ritt über den Bodensee* (A Cavalgada sobre o Lago Constança, 1971). Na balada de Schwab, um cavaleiro atravessa o lago Constança, de noite, e não se apercebe de que está a passar por cima da sua superfície gelada. Ao ter consciência do risco que correu, não consegue sentir-se com sorte e sucumbe, avassalado por um pavor de morte.

¹⁴Em alemão, o adjetivo *kopfscheu* (composto de *Kopf*, «cabeça», e *scheu*, «tímido/a») exprime a timidez, o facto de uma pessoa ser assustadiça. No seguimento do texto, surge por vezes simplesmente pela referência à cabeça.

¹⁵A citação refere-se à peça *Geschichten aus dem Wiener Wald* {*Histórias do Bosque de Viena*}, de Ödön von Horváth (1901-1938).

¹⁶Em alemão, a palavra traduzida por «semente de faia» é *Buchecker*, composta de *Buche* (faia) e *Ecke* (esquina, ângulo).

¹⁷Citação, com uma pequena variação, de versos iniciais do poema «Dichtermut» («Coragem do poeta»), de Friedrich Hölderlin (1770-1843).

Table of Contents

Capa	
Ficha Técnica	
Folha de Rosto	
Viagem de Ida ao Interior do País	
Epígrafe	
A Ladra de Fruta	
Notas de Tradução	